

65
1,31
35,0
351
350

Dino Fratocchi/Alamy/Fotostorena/Cosimo Cherone - Califfa

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

1

Múltiplas artes

Você já percebeu que a arte mudou ao longo da história da humanidade? Que a noção de beleza não é a mesma quando olhamos para períodos e sociedades diferentes? E hoje, como se manifestam as linguagens artísticas? Essas são algumas das questões a serem discutidas neste capítulo.

A arte e suas linguagens

A concepção do termo “arte” passou por diversas transformações ao longo da história da humanidade. Ainda hoje não existe um consenso a respeito do que é arte, ou seja, não há uma ideia única sobre aspectos que fazem com que um objeto ou uma manifestação sejam considerados arte e sobre qual é o papel dessa arte na sociedade.

Em geral, chamamos de arte as manifestações humanas que envolvem, basicamente, produção, fruição e reflexão relacionadas à estética. Hoje, entendemos a arte não apenas com base nos **cânones**, mas como algo vinculado à cultura que é capaz de transmitir simbolicamente os traços espirituais, materiais, emocionais e intelectuais que caracterizam um grupo. Algumas linguagens que fazem parte dela são as artes visuais, a dança, o teatro e a música, como veremos a seguir.

- **Artes visuais:** linguagem que inclui as manifestações artísticas constituídas pela exploração de aspectos visuais, como pintura, escultura, desenho, fotografia, arquitetura, colagem, vídeo, entre outras. Alguns de seus elementos são o ponto, a linha, a forma, a cor, a luz, a textura, a sombra, o espaço, o volume, o movimento etc.



Cores e texturas são elementos essenciais de manifestações artísticas visuais.

- **Teatro:** manifestação artística que envolve a ação física. Suas narrativas são construídas por meios verbais e não verbais, como gestos e ações do cotidiano ou de outras matrizes estéticas e culturais. Normalmente, o teatro é desenvolvido de modo coletivo e colaborativo, embora também possa ser individual. É composto de elementos, como as personagens, o espaço cênico, a ação e o público. Em geral, a constituição da personagem é feita por meio de expressão gestual e vocal, figurino, maquiagem e adereços. O espaço cênico é onde a ação acontece, seja ele um ambiente fechado ou uma rua, que pode ser caracterizado pela iluminação, pela sonoplastia e pela marcação de cena. A ação é constituída dos movimentos das personagens, o que elas fazem, o que as leva a agir de tal forma e as consequências desses atos. O clímax, por exemplo, é o ponto alto de tensão em uma peça, construído por ações. O público

cânone: modelo de obra ou artista a ser seguido. Por exemplo: Leonardo da Vinci é comumente considerado o cânone das proporções humanas.

é quem assiste à apresentação. É importante destacar que existem variados tipos de teatro, como o de bonecos e o de sombras. Atualmente, o teatro pode ter um caráter mais interativo, com participação ativa do público da peça, que a modifica. A linguagem teatral pode surgir de um texto teatral ou da improvisação livre ou dirigida.



A caracterização dos personagens e do espaço cênico é um elemento importante no teatro.

- **Dança:** linguagem que explora a articulação de movimentos do corpo significativos na cultura em que são produzidos ou em outras matrizes culturais, em um contexto específico, e dão origem a diversos estilos, como o balé, a valsa, a salsa, o jazz, o breakdance, o funk e o frevo, entre outros. Os elementos/fatores do movimento são fluência, espaço, peso e tempo. Esses conceitos foram definidos por Rudolf Laban (1879-1958), em seus estudos do movimento. A fluência abrange a projeção de emoções com os momentos em que nos retraímos ou nos expandimos. O espaço envolve linhas, volumes e formas, que podem ser retas ou sinuosas, por exemplo. O peso está relacionado com a tensão corporal e a energia depositada nos movimentos. O tempo envolve ritmo, duração e pulsação. Existem inúmeras formas de expressão dançadas. No Brasil, essa manifestação artística é marcante na cultura popular como forma de expressão e comunicação social.



O frevo é uma manifestação popular brasileira, caracterizado por movimentos corporais específicos.

- **Música:** manifestação artística materializada por meio de sons, de acordo com valores estabelecidos nas culturas em que são produzidos ou explorando outras matrizes estéticas e culturais, que dão origem a diversos estilos musicais, como o samba, o *rock*, o sertanejo, o *hip-hop*, o *jazz* e o *funk*, entre outros. Os três elementos principais dessa linguagem artística são a harmonia, a melodia e o ritmo. A harmonia é a sequência de acordes, a sonoridade que serve de base para a melodia. A melodia é a sequência de notas musicais. O ritmo é a marcação de tempo da música, geralmente feita por instrumentos de percussão, como a bateria. Também é possível analisar as propriedades dos sons de acordo com a intensidade (sons mais fortes ou mais fracos), a duração (sons mais curtos ou mais longos), a altura (sons mais agudos ou mais graves) e o timbre. O timbre é único e singular de cada objeto, material ou pessoa, e é por meio dele que reconhecemos a voz de uma pessoa, por exemplo. Em relação à intensidade, à altura e à duração, é importante notar que seus valores não são absolutos. Eles se constroem com base em referências, ou seja, para classificar um som como fraco, precisamos ter outro som que seja forte em relação a ele.

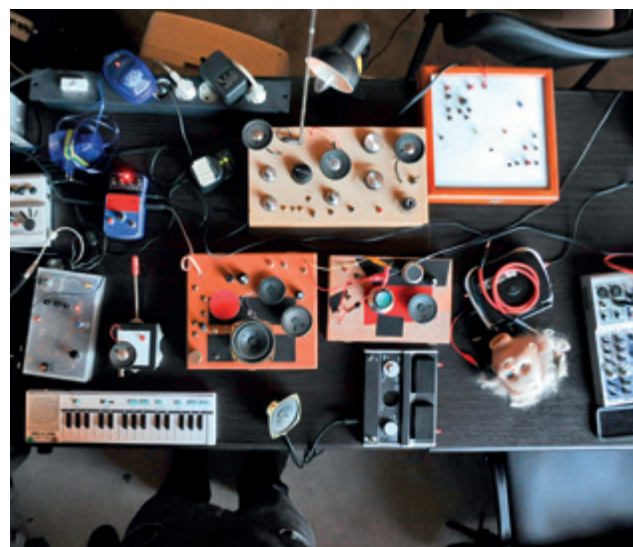
Atualmente, os sons musicais são produzidos pelos mais diversos instrumentos acústicos e eletrônicos, convencionais ou não convencionais, pela voz, pelo corpo, de modo ensaiado ou improvisado, e estão presentes nas mais diversas manifestações artísticas, como em espetáculos, festas populares, no cinema, na videoarte, em instalações sonoras, entre outras.

Grace Flora (CC BY 2.5)/Wikimedia Commons



O grupo Gumboots Dance se apresenta criando sons por meio da percussão corporal e da batida das botas no chão.

Além das manifestações artísticas apresentadas, existem as artes integradas, que mesclam as linguagens artísticas, dando origem a novas formas de arte, como é o caso do cinema, das artes circenses e de algumas *performances* e instalações. Tais manifestações são fruto do rompimento da arte acadêmica, da valorização do cotidiano e das artes populares e do desenvolvimento de tecnologias digitais.



Laboratório Criação Digital (CC BY-SA 2.0)

Instalação Sonora Interativa, uma das atrações da Mostra Laboratório de Criação Digital LCD, realizada em 2012, pela internet.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que regulamenta as aprendizagens essenciais, as linguagens artísticas podem ser mobilizadas por meio das seguintes dimensões do conhecimento: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão. Criação diz respeito a uma atitude de investigação e construção, na qual é necessário realizar um percurso e lidar com seus conflitos e desafios para a realização de um produto ou manifestação artística. Crítica envolve o estabelecimento de relações entre a obra e seu contexto, considerando aspectos estéticos, políticos, sociais etc. Estesia é a experiência sensível dos sujeitos, que envolve sensibilidade e percepção. Expressão é a possibilidade de externalizar as criações subjetivas. Fruição refere-se ao deleite, que possibilita apreciar uma obra de arte.

Nesse sentido, as linguagens artísticas promovem o desenvolvimento de processos criativos, por meio de pesquisas e referências que envolvem aspectos culturais, estéticos, políticos e permitem a criação, a expressão e a fruição de poéticas individuais e coletivas capazes de gerar transformações tanto para o indivíduo como para o meio onde ele vive.

Manifestações artísticas

Quando estudamos a história da arte, vemos que ela tenta sistematizar, a partir do nosso olhar atual, o conjunto de objetos e manifestações de cada grupo social em determinado período histórico, para que possamos fruí-los, analisá-los e compreendê-los.

Em relação ao período pré-histórico, por exemplo, desde os primeiros artefatos, como as lascas de pedra, até os registros feitos nas cavernas, em vários lugares do mundo, temos importantes fontes de informação acerca do modo de vida, dos rituais, materiais e instrumentos usados pelos grupos humanos. Supõe-se que, dentro de cada grupo, houvesse pessoas que desenvolviam habilidades específicas para fazer esses registros. No entanto, podemos chamar esses registros de arte? E essas pessoas, de artistas?

A título de estudo, podemos entender que existem muitas diferenças entre o que era produzido naquela época e o que se produziu nos períodos seguintes até os dias atuais. Isso porque não sabemos exatamente o que essas manifestações significavam dentro de cada sociedade, então precisamos reconstruir da melhor forma possível seu contexto de produção, a fim de entendê-las em sua complexidade estética e cultural e, por fim, apreciá-las.



hphimegelbrary/iStockphoto.com

Pintura rupestre feita pelo povo San, há cerca de 70 mil anos, na montanha Giant's Castle, África do Sul.

Embora a linha do tempo da história da arte estabeleça os modelos artísticos de cada período e demarque o início e o fim de cada um deles, é importante ter em mente que não existe uma sequência rígida entre os períodos e movimentos artísticos. Estes dialogam entre si, dando continuidade, rompendo e se sobrepondo à estética dos movimentos anteriores. O conceito de “evolução” também não deve servir de parâmetro para analisar as artes, uma vez que as manifestações ocorrem de acordo com o sistema de crenças, valores e tradições dos grupos sociais, bem como das técnicas e dos materiais significativos, dentro de dimensões estéticas e simbólicas para cada sociedade.

O belo

A discussão acerca do “belo” na arte existe desde a Grécia Antiga, quando o termo foi criado. De modo sucinto, podemos dizer que houve duas vertentes principais sobre o conceito de belo: a de Platão (428-348 a.C.), para quem a beleza era a expressão da verdade e da perfeição imutável, já que estava no mundo das ideias; e a de Aristóteles (384-322 a.C.), que descrevia a arte como imitação da natureza em toda sua complexidade e relacionava o belo a algo objetivo e preciso, como a harmonia e a simetria de uma obra, em uma visão racional.

Dessas ideias desdobraram-se as noções de: *belo clássico*, definido pelas academias de arte, cujos modelos simétricos e harmoniosos são as próprias obras da Grécia Antiga e muitas do Renascimento e do Barroco, na Europa; e de *belo romântico*, cuja definição está próxima à de Platão, por ser subjetiva e dependente da experiência de prazer suscitada pelo que é belo, com a diferença de que não é imutável, pelo contrário, é totalmente condicionado ao seu período histórico e movido pelas paixões de época.



Kunststhalie, Hamburgo, Alemanha

Caminhante sobre o mar de névoa, 1818, de Caspar David Friedrich, óleo sobre tela. Kunststhalie, Hamburgo, Alemanha.

Um exemplo de belo romântico é a pintura de Caspar David Friedrich, *Caminhante sobre o mar de névoa*, de 1818. Nessa obra, o homem solitário contempla uma paisagem misteriosa cheia de névoas. A posição do personagem confere a ele dominância sobre os elementos da natureza que, também poderosa, o absorve, remetendo ao arquétipo do **herói romântico**.

A escultura *Davi* (c. 1501-1504), de Michelangelo Buonarroti, feita em mármore, é um exemplo de belo clássico. Galeria da Academia de Belas Artes, Florença, Itália.



efifvif/iStockphoto.com

herói romântico: personagem solitário e imponente, que busca por meio da autorreflexão definir o rumo de sua vida, sem ser guiado por imposições sociais.

Conforme as sociedades iam se industrializando, sobretudo no século XIX, alguns movimentos da Arte Moderna incorporavam elementos industriais em suas criações artísticas. Um dos impactos desse diálogo entre arte e indústria foi novamente o questionamento do belo, dessa vez em relação à utilidade e à funcionalidade de uma obra.

Nesse contexto, uma das maiores vanguardas foi a Bauhaus, escola criada em 1919 pelo alemão Walter Gropius, que pretendia unir belas-artes e artes da vida cotidiana. Nessa escola, os artistas trabalhavam para chegar ao melhor *design* das construções e dos objetos, a fim de atender às necessidades da sociedade – priorizando simplicidade e funcionalidade.

Assim, instaurava-se uma ideia de superação das manifestações artesanais para a incorporação dos meios de produção da época. A pintora, escultora e *designer* Marianne Brandt, que ingressou na Bauhaus em 1924, criou vários objetos utilitários para a casa, alguns feitos com materiais caros para a época, como prata e ébano; ela também trabalhou, ao lado de Gropius, como *designer* de interiores em grandes conjuntos habitacionais na Alemanha.



© Brandt, Marianne/AUTV/S, Brasil, 2020. Foto: Sálko (CC BY 3.0/Wikimedia Commons)



© Brandt, Marianne/AUTV/S, Brasil, 2020. Foto: Günter Höhne/Interfoto/Fotarena

Chaleira de prata e luminária criadas por Marianne Brandt em seu período na Bauhaus.

Estabelecendo relações

Na área da Filosofia, a disciplina Estética foi criada no século XVIII para tratar da experiência estética dos indivíduos, ou seja, nosso conhecimento sensível, nossa percepção e sensação em relação à natureza e aos fundamentos da arte, bem como para discutir diferentes formas artísticas e a relação entre ideias, materiais, criação, entre outros. Alguns de seus temas centrais são: o que é o belo? O que é beleza? O que é arte? Para Hegel (1770-1831), a estética é a ciência do belo artístico, tal como se encarna nas obras de arte, com atenção aos detalhes, à composição e à estrutura das obras. Na contemporaneidade, esses temas dialogam com outras áreas, como a Psicologia e a Antropologia, explorando a experiência estética da arte e da vida.

Duchamp: nem belo, nem funcional

Segundo Marcel Duchamp, o artista não tem a função de proporcionar prazer estético nem de criar obras funcionais, mas, assim como um filósofo, deve “afastar-se do mundo e tentar compreendê-lo ou comentá-lo por meio da apresentação de ideias sem nenhum propósito funcional além de si mesmas” (*apud* GOMPertz, Will. *Isso é arte?* Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 18).

Para Gompertz, Duchamp é quem devemos responsabilizar pela existência do debate “O que é arte?”.

Ao se apropriar de um objeto comum em banheiros públicos masculinos e levá-lo para um espaço consagrado às artes acadêmicas e à beleza, em 1917, Duchamp e outros artistas da época ironizaram todo o sistema de arte constituído até o momento. O artista transformou um produto industrializado em produto estético (*ready-made*), levantando reflexões sobre o espaço da arte – até então eram os museus que majoritariamente legitimavam as obras de arte –, sobre os materiais e procedimentos usados pelos artistas e a relação entre as obras e o público. Assim, esse público pôde ver no museu o reflexo de uma sociedade baseada no consumo, da qual faz parte, e, então, se integrar, de certa forma, à obra.



© Association Marcel Duchamp / AUTV/S, Brasil, 2020. Foto: Guy Bell/Shutterstock

A fonte, 1917, de Marcel Duchamp, cerâmica esmaltada. Museu de Arte Moderna de São Francisco, São Francisco, Estados Unidos.

Muitas das gerações de artistas seguintes utilizaram os conceitos de apropriação de objetos, materiais e suportes inusitados na produção artística, bem como a ruptura dos espaços convencionais (a arte vai para as ruas), promovendo o questionamento do papel do artista e seu compromisso com a sociedade.

Artistas do pós-Guerra, influenciados por Duchamp, foram desafiados por uma sociedade fundamentada nas novas tecnologias da comunicação e atrelada mais do que nunca ao valor econômico-financeiro e à publicidade, como bem demonstra Andy Warhol em suas obras nos anos 1960. Warhol recriou motivos publicitários em série e de modo repetitivo com as latas de sopa Campbell e com imagens de pessoas famosas, como Michael Jackson, Marilyn Monroe, Jacqueline Kennedy e Che Guevara.

De acordo com Anne Cauquelin, em *Arte contemporânea: uma introdução* (2005, p. 134), “o divórcio entre estética e atividade artística tornou-se definitivo. Agir no domínio da arte é designar um objeto como ‘arte’”, ou seja, não importa mais quais materiais foram usados ou mesmo se o objeto é um produto pronto. A ação no sentido de determinar se aquele objeto é uma obra de arte é que vai defini-lo como tal.

Novas tendências

A Arte Contemporânea, iniciada nos anos 1960, teve como um de seus principais alicerces o desenvolvimento da obra de arte como uma ideia, a ênfase na pesquisa conceitual e no desenvolvimento de poéticas que buscavam aliar questões políticas à subjetividade, como questionar o papel da mulher e do negro na sociedade, por exemplo. Além disso, as obras passaram a inter-relacionar as linguagens da dança, da música, das artes visuais e do teatro, dando origem

a novas manifestações artísticas, como a *performance*, o *happening*, o grafite, a *land art*, a intervenção, o *site specific* e a *body art*, que propunham cada vez mais a interação obra-artista-público. É importante notar que muitas dessas manifestações, como a *performance* e o *happening*, são artes efêmeras, pois só duram enquanto são realizadas, o que propõe nova quebra de paradigma no conceito de obra de arte.

Atualmente, a internet e as redes sociais também são ferramentas importantes de criação e difusão dos projetos para que muitos artistas desenvolvam suas poéticas, sobretudo os que trabalham de modo coletivo e interativo ou que exploram os meios de comunicação atuais.

Em movimento

O trabalho desenvolvido por Paulo Nazareth e que resultou na série *Notícias da América* (2011-2012) exemplifica alguns aspectos da Arte Contemporânea.

Em 2010, o artista performático saiu de Belo Horizonte e foi até os Estados Unidos, ora a pé, ora de carona, para participar da Art Basel Miami, uma feira de Arte Contemporânea internacional.

! Atenção

A expressão “Arte Contemporânea” não é sinônimo de “arte produzida atualmente”. Nem toda arte feita hoje pode ser chamada de Arte Contemporânea.



Arte, 2011-2012, de Paulo Nazareth, fotografia.

💡 Saiba mais

As bienais e as feiras de arte são fundamentais para legitimar e valorizar a Arte. Em geral, as bienais, assim como os museus, promovem as obras e os artistas e criam valor simbólico, que se converte em preço no mercado das artes. Em seguida, essas obras são comercializadas em feiras e galerias.

Durante o trajeto, Paulo Nazareth interagiu com pessoas que conheceu no percurso e integrou paisagens à sua expressão artística, além de ter feito diversos registros em vídeo e fotografia, com anúncios e cartazes. Ao atravessar a América Latina, durante meses, levando a poeira de seus pés para ser lavada no Rio Hudson, em Nova York, Nazareth questionou o mercado das artes e rompeu barreiras políticas, étnicas e raciais, por meio da troca e dos encontros. Uma arte “em movimento” que resultou na série *Notícias da América*, composta de *performances*, retratos e esculturas sociais. Ao chegar à Art Basel Miami, expôs a instalação *Banana Market* (2011), na qual apresentava uma Kombi carregada de bananas; a obra articula questões de identidade e território do Brasil e da América Latina perante os Estados Unidos e a Europa, ressaltando os reflexos colonialistas, além de questionar o mercado das artes, extremamente lucrativo para alguns setores da sociedade, como investidores, mas vulnerável para muitos artistas.



Banana Market, 2011, de Paulo Nazareth, instalação.

Arte em todos os espaços

Em meados dos anos 1970, surgiu nos Estados Unidos o *hip-hop*, um movimento cultural das sociedades jamaicanas, afro-americanas e latino-americanas que lá viviam. O objetivo dos artistas desse movimento era se expressar contra a violência e a exploração a que eram submetidos. Esse movimento incluiu o grafite, com diversas técnicas e materiais; o *breakdance*, estilo dançado pelos *b.boys* e pelas *b.girls*, caracterizado por seu modo rápido, com pausas bruscas seguidas de dança de solo e movimentos giratórios e continuados; e o *rap*, composto de canto falado e rimado, praticado pelos MCs (mestres de cerimônia), e por discotecagem, feita pelos DJs (*disc jockeys*). O *hip-hop* tem um papel relevante na democratização e na expansão das artes para os espaços públicos e para as periferias.

No Brasil, o pernambucano Nelson Triunfo foi um dos precursores do *hip-hop* e do *breakdance*, enfrentando o preconceito e a repressão policial no período da ditadura civil-militar. Em 1984, os dançarinos passaram a ocupar a estação de metrô São Bento, em São Paulo, conhecida como marco zero do *hip-hop*. Triunfo foi um dos fundadores da Casa do *Hip-Hop*, em 1999, instituição que promove até hoje a difusão da arte como meio de inserção social de jovens em situação de vulnerabilidade.



Frame do documentário *Marco Zero do Hip-Hop*, 2014, de Pedro Gomes (disponível em: www.youtube.com/watch?v=3uoZ7ztjSDI; acesso em: 6 ago. 2021), mostra dançarino de *breakdance* no centro de São Paulo.

O projeto Jardim Miriam Arte Club (Jamac), coordenado pela artista paulista Mônica Nador, também é um exemplo de experimentação, quebra de fronteiras e espaços e aproximação de arte e vida, artista e sociedade. Nesse projeto, artistas e moradores do bairro Jardim Miriam, em São Paulo, realizam atividades relacionadas à arte, com um viés público e coletivo, capaz de promover transformações individuais e nas comunidades.

Assim, vemos que diversas obras produzidas atualmente, no mundo todo, são exemplos de como a arte pode ser abrangente, inter-relacionar campos artísticos e sociais e ter significados diferentes.

Reprodução/Pedro Gomes/YouTube. Acesso em: 6 ago. 2021.

Revisando

1. Como você define a arte?
2. Sobre os elementos formais que caracterizam as linguagens artísticas, assinale V para verdadeiro e F para falso.
 - O ponto, a luz, a sombra, a cor e a forma são alguns dos elementos que fazem parte das artes visuais.
 - Na música, as propriedades do som são percebidas de modo referencial; por exemplo, podemos dizer que um som é mais agudo em comparação a outro mais grave.
 - No teatro, uma peça só pode ser realizada com base em um texto teatral.
 - Na dança, os movimentos feitos pelos dançarinos não devem se relacionar com os movimentos feitos no cotidiano, pois isso desvalorizaria a linguagem artística.
3. Por que as artes integradas recebem esse nome? Cite exemplos de artes integradas.
4. Podemos dizer que a História da Arte:
 - a) sistematiza as manifestações humanas artísticas, para que possamos fruir, analisar e compreender as obras de diferentes culturas em diferentes contextos.
 - b) sistematiza as manifestações humanas artísticas, que nos mostram a evolução técnica e criativa de um período para outro.
 - c) classifica, por meio de *rankings*, as melhores e piores manifestações artísticas dentro de cada período ou movimento artístico, para que possamos fruí-los.
 - d) ignora o contexto de produção de uma obra de arte, considerando apenas a obra isoladamente.
5. Comente o que você entende do conceito de “belo” na arte.
6. Sobre a Bauhaus, é **incorreto** afirmar:
 - a) Os artistas buscavam aliar beleza e funcionalidade nos objetos criados.
 - b) Arquitetura e *design* de interiores foram bastante explorados pela escola.
 - c) Os artistas se voltaram contra a indústria para a valorização das artes manuais.
 - d) Marianne Brandt desenvolveu peças de metais, cujo *design* está presente até hoje em nossa sociedade.
7. Qual foi a postura de Duchamp em relação aos conceitos de belo e de arte da sua época?
8. Cite algumas das influências de Duchamp nas gerações de artistas seguintes.
9. Como a produção de Andy Warhol se relaciona com o período em que viveu?
10. Com relação à série *Notícias da América*, de Paulo Nazareth, é possível dizer que o processo é mais importante do que o produto final? Por quê?

Exercícios propostos

1. **UEM-PR 2018** Em relação às Artes Visuais, assinale o que for correto.
 - 01 Artes visuais são as manifestações artísticas que abrangem o sentido da visão. Dentre elas temos a Pintura, a Escultura, o Desenho e a Fotografia.
 - 02 São elementos visuais básicos: ponto, linha, forma e cor.
 - 04 As dimensões tradicionais do espaço são: altura, largura e lateralidade.
 - 08 A Pintura, o Desenho e a Fotografia são artes consideradas bidimensionais, pois são compostas apenas por duas dimensões.
 - 16 Das manifestações visuais tridimensionais conhecidas da pré-história, as mais antigas são as esculturas feitas em barro ou em argila.
2. **Uern** Leia o texto que ressalta o caráter simbólico da arte rupestre.

A arte rupestre

O homem Paleolítico deixou-nos belíssimas representações nas paredes das cavernas e objetos decorativos com fino senso artístico. O cuidado com os mortos, já comum entre os homens de Neanderthal, é enriquecido com símbolos, isto é, sinais com significados, que remetem a uma vida futura. [...] Ele recorre a sinais que não atendem apenas às necessidades básicas, como os animais. O homem inventa sinais, sons e gestos de um valor simbólico porque remetem a algum significado. Esses sinais podem ir além das necessidades de sobrevivência (arte, religião). O elevado nível cultural desse homem já moderno explica seu sucesso e sua difusão por todo o planeta, com uma ampla variedade de expressões, mas sempre um único ímpeto criativo.

(FACCHINI, Fiorenzo. *O Homem*. São Paulo. Moderna 1997 p.36)

Soma:

Quer saber mais?



Livro

Isso é arte? 150 anos de Arte Moderna: do Impressionismo até hoje, de Will Gompertz. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

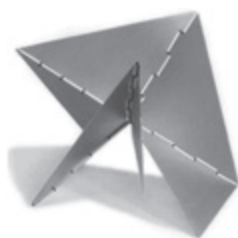
Com uma linguagem jornalística e envolvente, o autor Will Gompertz explica o desenvolvimento da arte conceitual na Arte Moderna e Contemporânea, narrando casos e criando diálogos relacionados às obras e aos artistas e seus bastidores.



Reprodução

Exercícios complementares

1. Enem Libras 2017



CLARK, L. *Os bichos*. Placas de metal polido unidas por dobradiças, 1960. Disponível em: www.catalogodasartes.com.br. Acesso em: 7 ago. 2012.

A série de obras produzida por Lygia Clark, com o nome de *Os bichos*, evidencia uma possibilidade de expressão da arte contemporânea, a qual

- a) solicita a interação do público com a obra.
- b) enfatiza a visão sobre os demais sentidos corporais.
- c) privilegia a representação de elementos da natureza.
- d) provoca o resgate de técnicas tradicionais da escultura.
- e) requer do observador o reconhecimento do objeto representado.

2. Enem PPL 2018

Texto I



Ernesto Neto. *Dancing on the Cutting Edge*. Instalação interativa, 2004. Disponível em: <http://dailyserving.com>. Acesso em: 29 nov. 2013.

Texto II

Os artistas, liberados do peso da história, ficavam livres para fazer arte da maneira que desejassem ou mesmo sem nenhuma finalidade. Essa é a marca da arte contemporânea, e não é para menos que, em contraste com o Modernismo, não existe essa coisa de estilo contemporâneo.

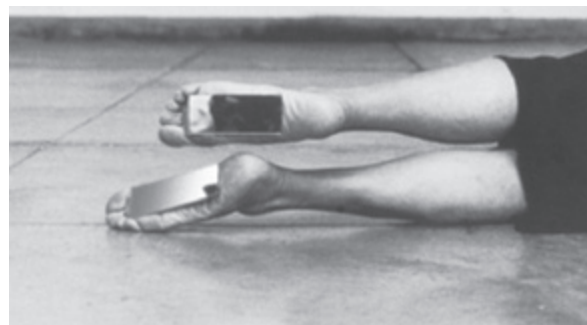
DANTO, A. *Após o fim da arte*: a arte contemporânea e os limites da história. São Paulo: Odysseus, 2006.

A obra de Ernesto Neto revela a liberdade de criação abordada no texto ao

- a) destacar o papel da arte na valorização da sustentabilidade.
- b) romper com a estrutura dos referenciais estéticos contemporâneos.
- c) envolver o espectador ao promover sua interação com a obra.
- d) reproduzir no espaço da galeria um fragmento da realidade.
- e) utilizar a linearidade de estilos artísticos anteriores.

3. Enem 2018

Texto I



ALMEIDA, H. *Dentro de mim*, 2000. Fotografia p/b. 132 cm x 88 cm. Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

Texto II

A *body art* põe o corpo tão em evidência e o submete a experimentações tão variadas, que sua influência estende-se aos dias de hoje. Se na arte atual as possibilidades de investigação do corpo parecem ilimitadas – pode-se escolher entre representar, apresentar, ou ainda apenas evocar o corpo – isso ocorre graças ao legado dos artistas pioneiros.

SILVA, P. R. *Corpo na arte, body art, body modification*: fronteiras. II. Encontro de História da Arte: IFCH-Unicamp. 2006 (adaptado).

Nos textos, a concepção de *body art* está relacionada à intenção de

- a) estabelecer limites entre o corpo e a composição.
- b) fazer do corpo um suporte privilegiado de expressão.
- c) discutir políticas e ideologias sobre o corpo como arte.
- d) compreender a autonomia do corpo no contexto da obra.
- e) destacar o corpo do artista em contato com o espectador.



Megalítico do Rego Grande, Parque
Arqueológico do Solstício, Calçoene, Amapá.

+ Ricardo Azoury/Pulsar Imagens

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

2

Arte da Pré-História

Já existia o conceito de arte na Pré-História? Quais são as manifestações artísticas dos primórdios da humanidade? Como elas foram se transformando? E no Brasil, como isso aconteceu? Essas e outras questões serão discutidas neste capítulo.

Arte pré-histórica

O conceito de arte não existia para os povos de tradição oral. Essa concepção foi atribuída aos povos pré-históricos no século XIX, quando as primeiras cavernas paleolíticas foram encontradas na França e na Espanha. Antes disso, já havia notícias de registros rupestres encontrados nos continentes Europa, Ásia, África, Oceania e América, porém não se havia atribuído importância histórica e artística a eles.

Em geral, consideramos arte pré-histórica artefatos de ossos, pedras, pinturas e gravuras rupestres (feitas com incisão nas rochas) produzidas em cavernas, grutas ou em rochas ao ar livre, esculturas de pedras, de metais etc. As pinturas e gravuras rupestres eram feitas por meio de grafismos reconhecíveis, com predominância zoomórfica (de animais) e antropomórfica (figuras humanas), e de grafismos que parecem estar ligados ao **xamanismo** ou a outras finalidades.

Transmitida de geração a geração, nota-se que houve domínio técnico e refinamento na produção de nossos ancestrais, que com o passar do tempo tornaram as pinturas e gravuras rupestres mais complexas, retratando cenas domésticas e de rituais, que revelam os primórdios da dança, da música e do teatro.

Também se pressupõe a existência de artistas, isto é, indivíduos do grupo que desenvolviam habilidades técnicas para realizar essas produções. Entre essas habilidades estariam a escolha da matéria-prima, a confecção e o acabamento final, de acordo com o que o grupo pretendia com o objeto ou registro.

O estudo da arte pré-histórica nos permite conhecer alguns dos hábitos, das crenças e dos valores simbólicos que faziam parte da cultura desses povos. Acredita-se que, atualmente, existam cerca de 400 mil **sítios arqueológicos** com arte rupestre em todo o mundo.

xamanismo: conjunto de rituais, geralmente guiados pelo xamã, para cura e obtenção da caça. Surgiu antes das noções de religião e ciência.

sítio arqueológico: local onde há vestígios de ocupação humana, havendo possibilidade de serem realizadas determinadas pesquisas, recolhidas ou observações acerca dos dados encontrados.

Saiba mais

O termo “Pré-História” tem caráter didático na linha do tempo da História, mas se pode dizer que perdeu seu significado original. Quando o termo foi criado, acreditava-se que o início da História estava vinculado ao surgimento da escrita, por isso a Pré-História seria o “período anterior à escrita”. Com o avanço das escavações, sobretudo no Iraque, onde se provou a existência da escrita há cerca de 6 mil anos, percebeu-se que “Pré-História” não se sustentava com o sentido de “anterior à escrita”. Além disso, os próprios sítios arqueológicos passaram a ser considerados documentos para o estudo das sociedades.

Atenção

O termo “rupestre”, que significa “gravação”, não se aplica apenas ao período da Pré-História. Estudiosos encontraram produções rupestres na Califórnia e no sul da África produzidas no século XIX.

O período pré-histórico, por sua extensa duração, pode ser dividido em Paleolítico, Neolítico e Idade dos Metais, como veremos a seguir.

Período Paleolítico

O período Paleolítico, também conhecido como “Idade da Pedra Lascada”, durou de cerca de 3 milhões de anos a 10 mil anos atrás e foi subdividido em Paleolítico Inferior (até 300 mil anos atrás) e Superior (de 300 mil a 10 mil anos atrás). No Paleolítico Inferior, os primeiros objetos produzidos pelos antepassados do *Homo sapiens* foram feitos usando-se pedra lascada, ossos, madeira e, em algumas regiões, marfim. Os grupos desse período eram nômades e conseguiram dominar o fogo.



Exemplares de pedra lascada do período Paleolítico, no Museu de História Natural de Nova York, Estados Unidos.

No Paleolítico Superior, que ocorreu após o longo período de glaciação terrestre, com a diminuição da temperatura, conhecido como “Era do Gelo”, os grupos de humanos começaram a viver em cavernas e a realizar pinturas nas paredes e rochas das cavernas. Essas pinturas costumavam ser produzidas umas sobre as outras, sem aparente ordenação, e raramente apareciam no teto das cavernas, com exceção da caverna de Lascaux, na França. Em sua maioria, retratavam animais que eram comumente caçados, como bisões, leões, rinocerontes, cervos e cavalos. De acordo com muitas teorias, a pintura tinha para aqueles grupos uma função mágica, pois eles acreditavam que, ao criar uma imagem de um animal sendo caçado e abatido, isso também aconteceria em uma situação real.



Pintura de animais na caverna de Lascaux, situada no Vale Vézère, França, uma das poucas cavernas em que há pinturas no teto.

A linguagem corporal, o movimento do corpo e a mimese (imitação da natureza) deram origem à dança e ao teatro, os quais tinham uma função importante na comunicação, já que a linguagem oral ainda não estava totalmente desenvolvida. Assim como a linguagem corporal, os primeiros instrumentos musicais surgiram com a função de imitar os sons da natureza em paralelo ao desenvolvimento da linguagem oral e do canto. Nesse período, dança e música contribuíam para rituais de caça, defesa e acasalamento.

Erich Lessing/Alamy/AlamyFotoarena



Flauta de osso do período Paleolítico.

Preservação do Patrimônio Mundial da Humanidade

Os 147 sítios pré-históricos e as 25 cavernas com pinturas e gravuras no Vale Vézère, na França, onde está a caverna de Lascaux, descoberta em 1940, foram considerados Patrimônio Mundial da Humanidade em 1979, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Lascaux ficou aberta à visitação durante 20 anos, até 1963, mas começou a apresentar bactérias e bolores que estavam danificando as imagens. Desde então, diversos profissionais vêm desenvolvendo e aprimorando réplicas da caverna. Em 2016, a quarta versão da réplica, Lascaux 4, foi inaugurada a uma distância segura da caverna original.

thipiang/Shutterstock.com



Réplica da caverna de Lascaux, aberta à visitação do público. Foto de 2017.

A degeneração das pinturas de Lascaux serviu de aviso e levou à preservação de outras cavernas. Em 2015, foi criada a réplica da caverna de Chauvet a alguns quilômetros da caverna original, que fica no desfiladeiro do Ardèche, no sul da França. A réplica foi criada sobre uma estrutura de metal e cimento. As **estalactites** são de resina, e a luz e a temperatura interna simulam a sensação de milhões de anos atrás.

estalactite: formação rochosa originada no teto de uma caverna ou gruta e que cresce em direção ao chão.



JHVPhoto/Shutterstock.com



COMPAGNON Bruno/AlamyFotoarena

Áreas externa (imagem de cima) e interna (imagem de baixo) da réplica da caverna de Chauvet, no sul da França. A projeção de imagens de pinturas rupestres e do fogo permitem a simulação da experiência vivida por nossos ancestrais.

Estabelecendo relações

As áreas das Ciências da Natureza (Física, Química e Biologia) têm gerado grandes contribuições para os estudos pré-históricos. A datação de muitos objetos encontrados nas escavações só é possível por causa do carbono-14, também conhecido como radiocarbono, aplicável a materiais orgânicos e alguns inorgânicos (não se aplica a metais).

Outro aspecto importante é o trabalho de profissionais dessas áreas nas cavernas, para prevenir o apagamento das pinturas por fungos e bactérias, como ocorreu na caverna de Lascaux.

Aspectos estéticos

As pinturas do Paleolítico eram feitas com pigmentos minerais, obtidos da trituração de rochas, e aglutinantes, como ovo, saliva, gordura animal e sangue, além de ossos carbonizados. Os dedos eram utilizados como ferramenta de pintura, mas há indício de uso de pincéis feitos com pelos e penas.

Uma das técnicas desenvolvidas nesse período foi a *soufflé* (sopro, em francês), que consistia em posicionar a mão na parede e assoprar, com uma espécie de canudo, os pigmentos em torno da mão, delineando seu contorno, como se observa na imagem a seguir.

FRENTE ÚNICA



akg-images/Centre de Préhistoire du Pech Merle/Patrick Cabrol/Album/Fotorena

Exemplo de técnica *soufflé*, c. 25 mil a.C.-16 mil a.C. Caverna de Pech Merle, França.

As esculturas de pedra, como a Vênus de Willendorf (c. 22 mil a. C.), encontrada na Áustria, também são oriundas desse período, em que predominavam figuras femininas.

Período Neolítico

Esse período, também conhecido como “Idade da Pedra Polida” e que durou de 10 000 a 4 000 a.C., foi marcado pela revolução da agricultura, pelo aprimoramento de técnicas de armas, pelo desenvolvimento de moradias, da cerâmica, da tecelagem e pelo uso de metais trabalhados com fogo. Algumas das criações mais famosas do Neolítico são os monumentos megalíticos, como o de Stonehenge, na Inglaterra, cuja construção, sem o uso de tecnologias modernas, ainda não foi decifrada.

Nas pinturas, as técnicas passaram a ser mais esquemáticas e a compor cenas com mais seres humanos realizando atividades cotidianas e coletivas, como os rituais do plantio, da colheita e da fertilidade. Quando os seres humanos se reuniam ao redor do fogo, as imitações que faziam de animais, a linguagem e a gestualidade do corpo eram formas de dança e teatro.



World History Archive/Alamy/Fotorena

Máscara usada em rituais na Pré-História.

Também foram desenvolvidos instrumentos de ossos, madeira e pedra, como xilofones, tambores, litofones, membranofones, cordofones e afinadores, usados nos rituais.

As imagens do período tinham traços que ficaram cada vez mais sucintos até darem origem à **escrita pictográfica**.



DEAG. DAGLI ORTI/De Agostini/Getty Images

Há indícios de que os tambores pré-históricos eram feitos de troncos de árvores e couro animal.



Fine Art Images/Album/Album/Fotorena

Danças de Cogul, c. 7000 a.C. Cova dos Mouros, Cogul, Espanha. Na imagem, nove mulheres dançam ao redor de um homem; também há animais.



World History Archive/Alamy/Fotorena

Pedra com escrita pictográfica (c. 3500 a.C.), encontrada no Iraque. Departamento de Antiguidades do Museu Ashmolean, Oxford (Grã-Bretanha).

Idade dos Metais

Como o ser humano já tinha controle do fogo, desenvolveu-se, ainda que de modo rudimentar, a técnica da **fundição**, e puderam-se criar objetos de cobre, prata e bronze, para diferentes finalidades, como a produção de instrumentos musicais.

Há vestígios de grande desenvolvimento da escrita nesse período. Graças a ela, os registros dos acontecimentos começam a ser feitos de modo sistemático. Com o desenvolvimento das aldeias, algumas pessoas foram desobrigadas de realizar a atividade de produção alimentar e passaram a se dedicar a outras funções, como a produção musical. Surgiram, então, as noções de escala e harmonia.

escrita pictográfica: escrita feita por meio de desenhos.
fundição: processo em que se coloca metal líquido em um molde para transformar o formato do metal de acordo com o que se pretende.

Arte pré-histórica no Brasil

O registro rupestre é a primeira manifestação estética da Pré-História brasileira. Diferentes pinturas, gravuras e artefatos revelam a diversidade dos grupos étnicos que aqui viviam antes da colonização. Nas pinturas, encontramos algumas imagens mais próximas em relação ao mundo sensível e grafismos não reconhecíveis por nós, que podem estar ligados a práticas xamânicas de cura, transe ou a observações do mundo, entre outras possibilidades.



Grafismo rupestre, com 183 divisões (contados 2 vezes formam 366), que supostamente indicaria um calendário solar. Central, Bahia.

Nas diferentes regiões brasileiras, há grande variedade de estilos de pintura, que ocorreram em diferentes momentos na história.

O patrimônio arqueológico do Brasil é formado por sítios arqueológicos, onde há inscrições rupestres, sambaquis (em regiões litorâneas, são montes resultantes da acumulação de conchas, cascas de ostras e restos de alimentos de habitantes pré-históricos brasileiros) e outros traços de atividade humana, como objetos de cerâmica deixados pelos povos que os construíram e os zoólitos, miniaturas de animais ou partes de animais. Os vestígios revelam as tecnologias desenvolvidas, as formas de adaptação e os saberes transmitidos por esses povos.

! Atenção

Embora os maiores sambaquis estejam no Brasil, há indícios de sua ocorrência em outros países da América, bem como na Europa e na África.

Os povos indígenas sambaquieiros se alimentavam de peixes e moluscos, confeccionavam objetos com conchas e fibras de animais e descartavam os excedentes em locais específicos, formando montes de até 100 metros de diâmetro.

O registro e a manutenção dos patrimônios arqueológicos são de responsabilidade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que atua com outros órgãos dos governos federal, estadual e municipal. O Iphan foi criado em 1937 e fortalecido com a Constituição Federal de 1988. Desde então, desenvolve programas e projetos de formação e educativos para a conscientização da importância de preservação do patrimônio cultural brasileiro. As cinco regiões brasileiras apresentam sítios arqueológicos cadastrados no Iphan.

Norte: apresenta 4 mil sítios, com gravuras, pinturas e inscrições lapidadas em pedra. O sítio de Calçoene, no Amapá, e as longas estruturas geométricas no Acre são considerados raros.



Objetos encontrados na região do rio Trombetas, Pará. O primeiro é um zoólito em forma de peixe-trombeta, cujos orifícios circulares são comuns nos ídolos de pedra da região. O segundo é um almofariz (moedor) com traços estilísticos das culturas mesoamericanas.

Nordeste: apresenta 4 767 sítios, entre eles o da Serra da Barriga, em Alagoas, onde foi fundado o Quilombo dos Palmares, e o da Pedra do Ingá, na Paraíba, que apresentam petróglifos – gravuras formadas pela remoção de parte da superfície da rocha. Nesse caso, foram utilizadas técnicas como incisão, entalhe, abrasão ou raspagem. Os petróglifos podem ser figuras ou símbolos estilizados. Para alguns pesquisadores, a maioria das gravuras indígenas brasileiras se relaciona com o culto das águas.



Gravuras na Pedra do Ingá, Paraíba. No Brasil, as gravuras são constantes em rochas ao longo de cursos de água, como os rios.

Arquivo do Museu Nacional

Arquivo do Museu Nacional

Rubens Chaves/Pulsar Imagens

Centro-Oeste: tem 2 741 sítios, entre os quais há registros de presença humana há 25 mil anos. Em alguns sítios de Goiás, há cemitérios e acampamentos, além de gravuras e pinturas, o que comprova que houve presença indígena na região.

Sudeste: apresenta 3 347 sítios, sendo que em um deles foi encontrado o crânio de “Luzia”, o fóssil brasileiro mais antigo das Américas.

Sul: tem 6 038 sítios, entre eles o Sítio São Miguel Arcanjo, no Rio Grande do Sul, e um dos maiores sambaquis do mundo, em Santa Catarina.



Sambaqui em Jaguaruna, Santa Catarina.

Ao estudarmos a arte rupestre brasileira, precisamos ter em mente a complexidade cultural dos povos que aqui viviam, muitos deles dizimados durante a colonização europeia, mas que deixaram seu legado físico e espiritual. Ainda há muito o que percorrermos para entendermos nossos ancestrais e a constituição do país em que habitamos, por isso é importante que haja investimento em pesquisa e formação de arqueólogos, biólogos, historiadores da arte, entre outros, que contribuem para o estudo e a preservação da história e cultura nacional.

Saiba mais

As pinturas murais são uma das expressões humanas mais antigas e que se mantêm na cultura humana no contexto brasileiro e em outros contextos, e com o uso de diferentes materiais e técnicas. Atualmente, duas das manifestações mais comuns são o grafite e a pichação, ligados à arte urbana e presentes em muros, edifícios, paredes etc. Trata-se de formas de expressão relacionadas ao contexto em que são produzidas e que, muitas vezes, demarcam o território de grupos locais.

Revisando

1. Cite alguns elementos que fazem parte da arte pré-histórica.
2. Quais são os indícios de que a dança, a música e o teatro teriam se originado na Pré-História?
3. Qual era a principal função dos instrumentos musicais durante o período Paleolítico?
4. Qual é a importância da criação de réplicas de cavernas com arte rupestre?
5. Qual foi a principal mudança na pintura rupestre do Paleolítico para o Neolítico?
6. Além da pintura, quais são os outros aspectos da arte produzida no Neolítico?
7. O que são sambaquis?

8. Enem



Pintura rupestre da Toca do Pajau – PI. Internet: <www.betocelli.com>.

A pintura rupestre mostrada na figura anterior, que é um patrimônio cultural brasileiro, expressa

- o conflito entre os povos indígenas e os europeus durante o processo de colonização do Brasil.
- a organização social e política de um povo indígena e a hierarquia entre seus membros.
- aspectos da vida cotidiana de grupos que viveram durante a chamada pré-história do Brasil.
- os rituais que envolvem sacrifícios de grandes dinossauros atualmente extintos.
- a constante guerra entre diferentes grupos paleoíndios da América durante o período colonial.

9. **Enem 2011** Gravuras e pinturas são duas modalidades da prática gráfica rupestre, feitas com recursos técnicos diferentes. Existem vastas áreas nas quais há dominância de uma ou outra técnica no Brasil, o que não impede que ambas coexistam no mesmo espaço.

Mas em todas as regiões há mãos, pés, antropomorfos e zoomorfos. Os grafismos realizados em blocos ou paredes foram gravados por meio de diversos recursos: picoteamento, entalhes e raspados.

DANTAS, M. **Antes: história da pré-história**. Brasília: CCBB, 2006.



Disponível em: <http://www.scipione.com.br>. Acesso em: 30 abr. 2009.

Nas figuras que representam a arte da pré-história brasileira e estão localizadas no sítio arqueológico da Serra da Capivara, estado do Piauí, e, com base no texto, identificam-se

- imagens do cotidiano que sugerem caçadas, danças, manifestações rituais.
- cenários nas quais prevalece o grafismo entalhado em superfícies previamente polidas.
- aspectos recentes, cujo procedimento de datação indica o recuo das cronologias da prática pré-histórica.
- situações ilusórias na reconstituição da pré-história, pois se localizam em ambientes degradados.
- grafismos rupestres que comprovam que foram realizados por pessoas com sensibilidade estética.

10. O que significa Iphan? Qual é a sua finalidade?

Exercícios propostos

1. UPE 2018

Figuras Antropomórficas



Sítio: Pedra Fish Venturosa – PE

Figuras Zoomórficas



Sítio: Pedra Furada Venturosa – PE

Figuras Ambíguas



Sítio: Furna do Lajeiro Liso Caetés – PE

Marcas de Mãos



Sítio: Pedra da Lua Brejo da Madre de Deus – PE

Grafismos reconhecíveis. Imagens tratadas pelo software Adobe Photoshop X6.

In Perazzo; Pessis; Cisneiros. As pinturas rupestres da Tradição Agreste em Pernambuco e na Paraíba. Revista FUMDHAMENTOS XII 2015, p. 33.

Observando os grafismos, assinale a alternativa CORRETA.

- Não havia animais nesse período específico.
- Essas manifestações culturais não podem ser consideradas arte.
- Nada sabemos sobre essas populações humanas.
- Inexistiam técnicas para produção de pigmentos.
- Há grande relevância histórica e artística.

2. **Unesp 2017** Examine duas pinturas produzidas na Caverna de Altamira, Espanha, durante o Período Paleolítico Superior.

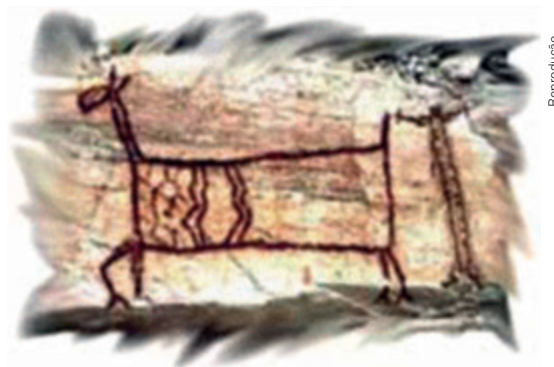


(<http://ceres.mcu.es/pages/Main>)

Tais pinturas rupestres podem ser consideradas como

- manifestação do primitivismo de povos incapazes de representações realistas.
- expressão artística infantilizada e insuficiente para fornecer qualquer indício sobre a vida na Pré-História.
- comprovação do pragmatismo de povos primitivos, despreocupados de sua alimentação.
- representação, em linguagem visual, dos vínculos materiais de um povo com o seu ambiente.
- revelação da predominância do pensamento abstrato sobre o concreto nos povos pré-históricos.

3. Unesp 2019



Reprodução

Consideram-se arte rupestre as representações feitas sobre rochas pelo homem da pré-história, em que se incluem gravuras e pinturas. Acredita-se que essas pinturas, em que os materiais mais usados são sangue, saliva, argila e excrementos de morcegos (cujo hábitat natural são as cavernas), têm cunho ritualístico.

(www.portaldarte.com.br. Adaptado.)

Todos os materiais utilizados para as pinturas, citados no texto, são

- a) substâncias compostas puras.
- b) de origem animal.
- c) misturas de substâncias compostas.
- d) de origem vegetal.
- e) misturas de substâncias simples.

Texto complementar

O surgimento da arte (e da capacidade humana de imaginar coisas que não existem de fato)

[...] embora os sapiens já habitassem a África Oriental há 150 mil anos, apenas por volta de 70 mil anos atrás eles começaram a dominar o resto do planeta Terra e levar as demais espécies humanas à extinção. Nos milhares de anos desse período, embora esses sapiens arcaicos se parecessem exatamente conosco e embora seu cérebro fosse tão grande quanto o nosso, eles não gozavam de qualquer vantagem notável sobre outras espécies humanas, não produziam ferramentas particularmente sofisticadas e não realizavam nenhum outro feito especial.

[...]

Mas então, a partir de 70 mil anos atrás, o *Homo sapiens* começou a fazer coisas muito especiais. Nessa época, bandos de sapiens deixaram a África pela segunda vez. [...] Em um período incrivelmente curto, os sapiens chegaram à Europa e ao leste da Ásia. Há aproximadamente 45 mil anos, conseguiram atravessar o mar aberto e chegaram à Austrália – um continente até então intocado por humanos. O período de 70 mil anos atrás a 30 mil anos atrás testemunhou a invenção de barcos, lâmpadas a óleo, arcos e flechas e agulhas (essenciais para costurar roupas quentes). Os primeiros objetos que podem ser chamados de arte e joalheria datam dessa era, assim como os primeiros indícios incontestáveis de religião, comércio e estratificação social.

A maioria dos pesquisadores acredita que essas conquistas sem precedentes foram produto de uma revolução nas habilidades cognitivas dos sapiens. Eles sustentam que os indivíduos [...] que se instalaram na Austrália [...] eram tão inteligentes, criativos e sensíveis como nós. [...]

O surgimento de novas formas de pensar e se comunicar, entre 70 mil anos atrás a 30 mil anos atrás, constitui a Revolução Cognitiva. O que a causou? Não sabemos ao certo. A teoria mais aceita afirma que mutações genéticas acidentais mudaram as conexões internas do cérebro dos sapiens, possibilitando que pensassem de uma maneira sem precedentes e se comunicassem usando um tipo de linguagem totalmente novo. [...]

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM, 2018. p. 28-30.

Resumindo

O conceito de arte não existia para os povos da Pré-História, porém é inegável o valor estético de muitos artefatos, pinturas e gravuras dessa época, que pode ser dividida em três grandes períodos: 1 – Paleolítico, também conhecido como “Idade da Pedra Lascada”; 2 – Neolítico, também conhecido como “Idade da Pedra Polida”; e 3 – Idade dos Metais.

1 – No Paleolítico Inferior, os grupos humanos produziram seus primeiros objetos com pedra lascada, ossos, madeira e marfim. No Paleolítico Superior, os grupos passaram a viver em cavernas e a produzir pinturas e gravuras rupestres, em geral criando figuras zoomórficas (de animais) e antropomórficas (de seres humanos).

2 – No Neolítico, com a revolução da agricultura, os seres humanos puderam construir moradias e desenvolver outras técnicas artísticas, como cerâmica e tecelagem. As pinturas passaram a ser mais esquemáticas e a evidenciar o cotidiano na agricultura e nos rituais, que marcam as origens das linguagens do teatro, da música e da dança.

3 – Na Idade dos Metais, os seres humanos desenvolveram a técnica da fundição, criando diferentes objetos, como instrumentos musicais sofisticados. Os registros passaram a ser feitos de modo sistemático por meio da escrita.

No Brasil, também existiu grande diversidade de etnias indígenas pré-históricas, que já traçavam nossa história antes da chegada dos europeus e deixaram seu legado. Existem sítios arqueológicos com pinturas e gravuras rupestres e artefatos nas cinco regiões brasileiras. Todo material do período pré-histórico que já foi encontrado é considerado Patrimônio da Humanidade e precisa ser preservado.

Quer saber mais?



Documentário

Caverna dos sonhos esquecidos. Direção: Werner Herzog. 2010.

Nesse documentário, Werner Herzog supera os desafios e filma, em tecnologia 3D, o interior da caverna de Chauvet, no sul da França. De modo poético e profundo, o documentário revela imagens desse subterrâneo, tão significativo para a história da humanidade e da arte.



Reprodução

Exercícios complementares

- 1. IFSul-RS 2016** Por volta de 10 mil anos a.C., a Terra passou por uma grande mudança no clima, que ocasionou uma série de modificações na vegetação e nos hábitos dos animais. Como consequência, os seres humanos tiveram de se ajustar a um novo ambiente. O cultivo de plantas e a domesticação de animais foram duas importantes atividades que começaram então a ser exercidas.

FIGUEIRA, Divalte Garcia. *História*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2005. p. 10.

O texto faz referência à

- a) passagem do Neolítico para o Paleolítico com o controle do fogo.
 - b) arte rupestre com a pintura de cenas de caça nas cavernas.
 - c) revolução neolítica na passagem do paleolítico para o neolítico.
 - d) caça, à pesca e à coleta de pequenos frutos e raízes na Idade da Pedra Lascada.
- 2. Uema 2015** Arte rupestre é o mais antigo tipo de arte da História. Também é conhecida como gravura ou pintura rupestre. Esse tipo de arte teve início no período Paleolítico Superior e é encontrada em todos os continentes. O estudo da arte rupestre favoreceu o conhecimento de pesquisadores em relação aos hábitos dos povos da Antiguidade e a sua cultura. As matérias-primas utilizadas para a expressão artística dos povos da antiguidade eram pedras, ossos e sangue de animais. O sangue, assim como o extrato de folhas de árvores, era utilizado para tingir, constituindo o que devem ser as mais primitivas expressões artísticas, conforme a imagem a seguir.



Fonte: Disponível em: <<http://vivendo-historia.blogspot.com.br/2010/03/arte-rupestre.html>>. Acesso em: 19 jun. 2014. (adaptado)

Durante muito tempo, os povos que assim se expressavam foram conhecidos como “Pré-históricos”. Essa denominação, hoje em desuso entre a maioria dos historiadores, mas ainda presente nos livros didáticos, está diretamente relacionada ao fato de esses povos

- a) desconhecerem a escrita.
- b) manterem relações comerciais.
- c) viverem sob a forma de Estado.
- d) dominarem as técnicas agrícolas.
- e) ocuparem as margens dos grandes rios.

3. **Uern 2013** As gravuras se referem aos monumentos megalíticos, constantes objetos de estudo de arqueólogos e historiadores. Observe.



(Disponível em: <http://www.infoescola.com/arquitetura/monumentos-megaliticos/>.)

Acerca dessas formações rochosas misteriosas, devidamente arrumadas na natureza por nossos antepassados, é correto afirmar que

- são consideradas monumentos pela sua formação. Acredita-se que podem ter surgido durante o período Neolítico (Idade da Pedra) e a finalidade de sua existência não é totalmente conhecida.
- muitas eram contempladas e cultuadas pelos religiosos fundadores da Igreja Católica, que acreditavam em seus poderes esotéricos e na presença de relíquias sagradas entre as pedras utilizadas em sua construção.
- são construções feitas por seres detentores de altos conhecimentos, pois a maioria das pedras chega a pesar toneladas. Os templos seriam destinados aos alquimistas e magos, donos do conhecimento científico no período Homérico.
- algumas são construções de indivíduos solitários, conhecidos como menires (em celta significa “pedras compridas”) e tinham o objetivo comprovado de abrigar as tribos nômades em suas incursões em busca de alimento e moradia.

BNCC em foco

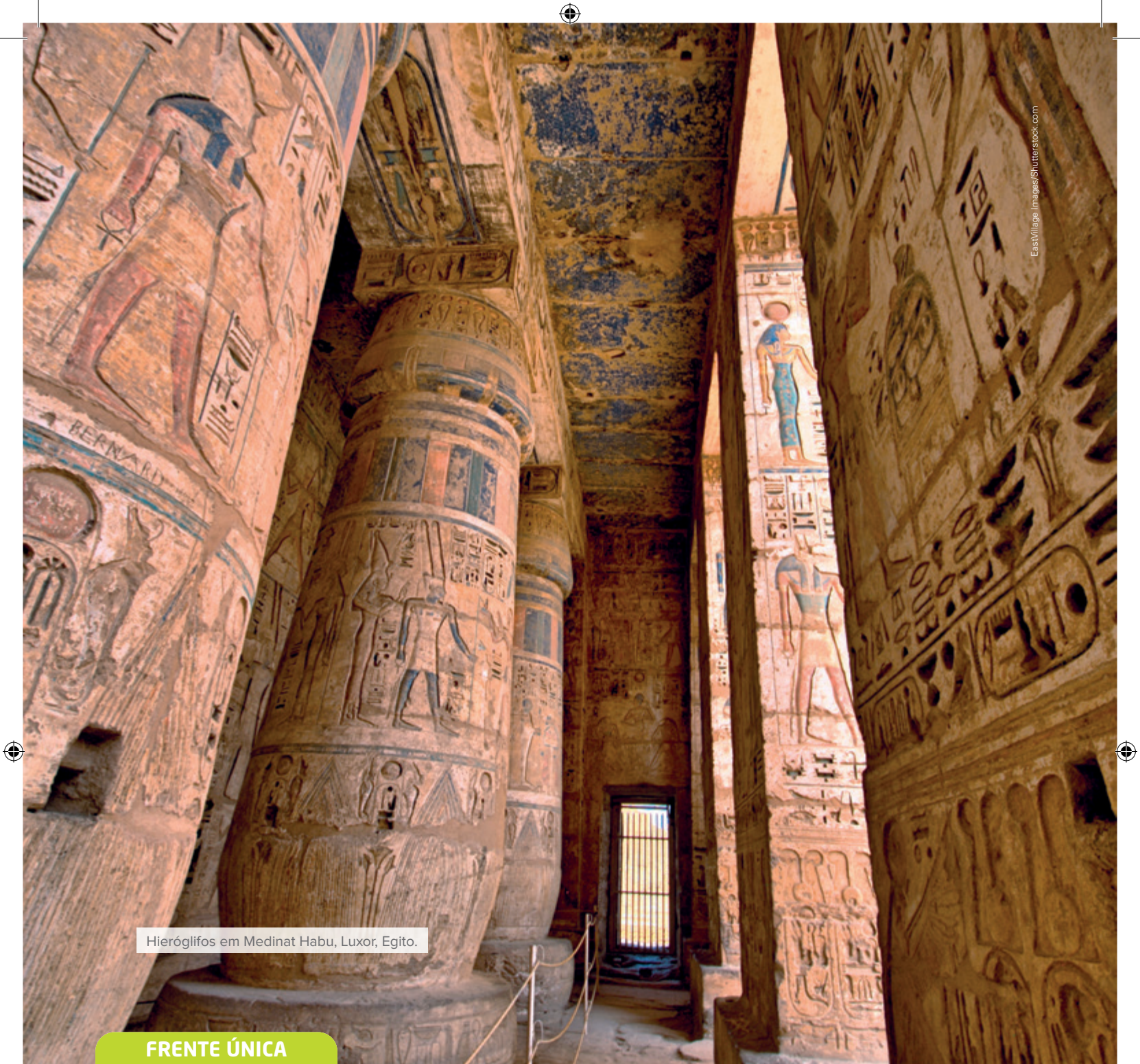
EM13LGG101, EM13LGG102, EM13LGG601, EM13LGG202 e EM13LGG203

- Leia o trecho da reportagem a seguir, sobre sítios arqueológicos encontrados na região do Distrito Federal.
Os desenhos deixados em um dos paredões de pedra mostram animais, retratos rústicos do ser humano e representações do céu, além de muitos outros símbolos ainda não desvendados. No teto de uma das cavernas é possível ver desenhos de pés achatados, sem a curva lateral com a qual o homem atual está acostumado. [...]

Algumas pessoas vão para fazer rapel nos paredões. Mas há quem deixe seu rastro de destruição. Mesmo diante da tentativa de preservar o meio ambiente e a história, invasores picham o próprio nome ou arrancam pedaços de estalactites e estalagmites.

ALVES, Renato. Brasília pré-histórica: cavernas e paredões guardam vestígios dos verdadeiros pioneiros da capital. *National Geographic Brasil*, 9 nov. 2020.
Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2020/11/brasil-ia-df-pinturas-rupestres-artefatos-cavernas-pre-historia-candangos-cerrado>.
Acesso em: 30 jun. 2021.

Com base nesse trecho e nos seus conhecimentos, responda: Qual é a importância da preservação dos sítios arqueológicos? O poderia levar uma pessoa a pichar o local?



Hieróglifos em Medinat Habu, Luxor, Egito.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

3

Arte na Antiguidade: Egito e Mesopotâmia

Você sabe por que a arte do Egito é chamada de arte fúnebre? Quais foram os povos que habitaram a Mesopotâmia? Quais são as principais diferenças entre a arte produzida no Egito e a produzida na Mesopotâmia? Essas e outras questões serão discutidas neste capítulo.

Arte no Egito antigo

A civilização egípcia no período da Antiguidade, que se estendeu de cerca de 3500 a.C. a 500 a.C., teve uma organização social bem complexa e fundamentada na espiritualidade. Para a maioria dos povos que viviam no Egito, os deuses eram responsáveis por tudo o que existia na natureza, e a vida após a morte era eterna e mais importante do que a vida terrena. Essas crenças se refletiram tanto em sua organização política e social quanto nas manifestações artísticas produzidas por esses povos, que viviam às margens do rio Nilo, no nordeste da África.

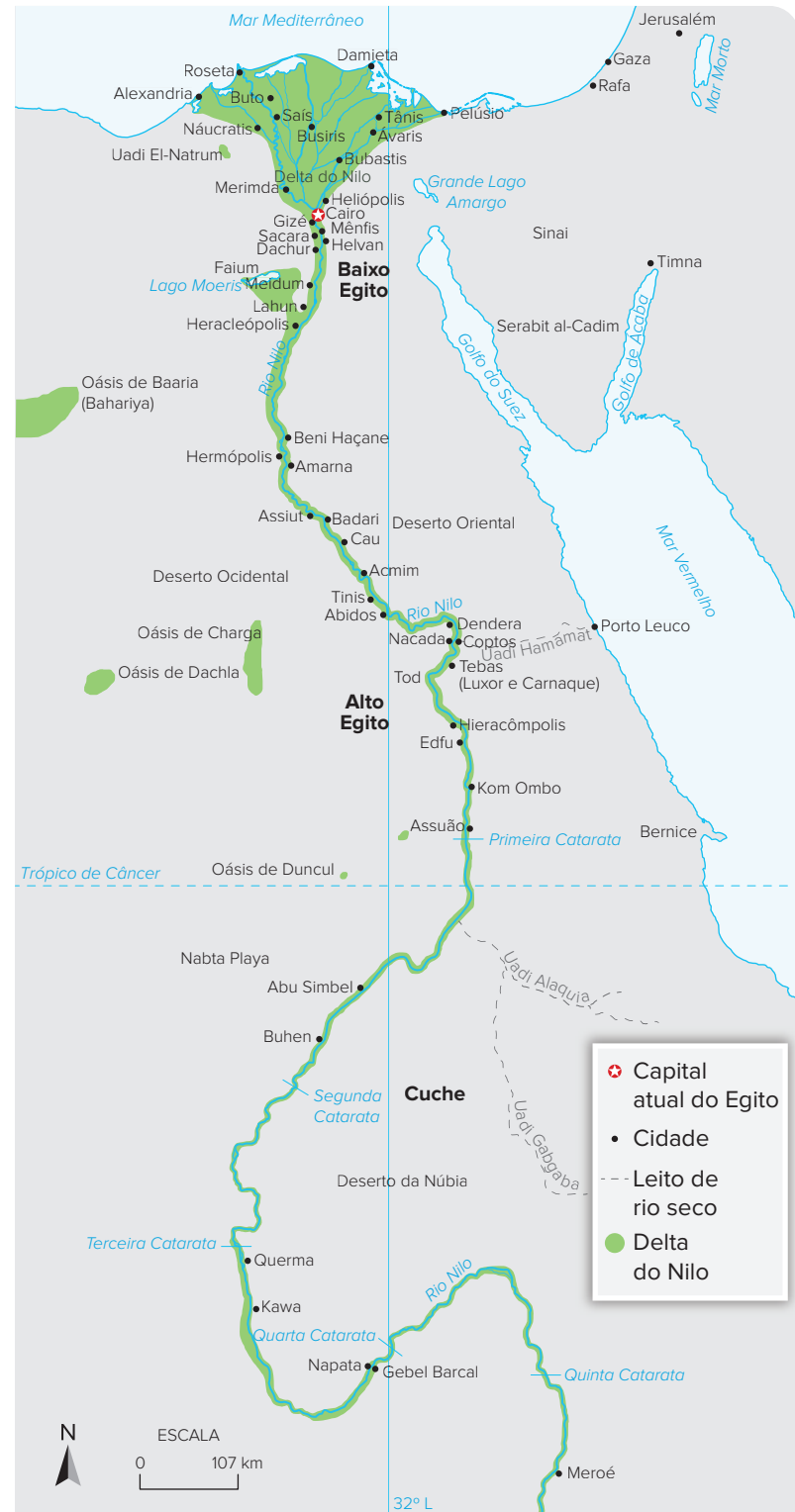
Uma sociedade do rio Nilo

Com o processo de desertificação ocorrido na África há cerca de 10 mil anos, diversos grupos passaram a viver em regiões mais próximas de rios para ter acesso à água doce para beber, pescar, transportar mercadorias, fazer a higiene e estar em terras mais férteis para a plantação. No caso do território onde se desenvolveu a sociedade egípcia, vale destacar a importância do rio Nilo, sobretudo na região do seu **delta**, onde o rio se ramifica em diversos braços, em forma de triângulo, que deságuam no Mediterrâneo. A produção agrícola era diversificada: trigo, ervilha, cevada, cebola e tâmaras. Também eram criados animais, como bois, porcos, cabras e ovelhas. A construção de diques e reservatórios de água permitiu maior controle da produção, uma vez que o rio tinha períodos de cheias e de escassez.

Os grupos que passaram a habitar a região do Nilo reuniam-se ou disputavam terras de acordo com os deuses dos quais acreditavam ser descendentes, formando nomos (divisões territoriais), que por sua vez vieram a fazer parte de reinos: o Baixo Egito (onde está o delta do Nilo) e o Alto Egito (ao sul do Egito, região mais seca e favorecida pelas cheias do rio). Foi a unificação desses dois reinos que possibilitou o início da dinastia egípcia e o surgimento da figura do faraó, considerado a encarnação dos deuses – com amplos poderes políticos e religiosos – e cuja sucessão se dava pela linhagem familiar.

delta: foz de um rio que se divide em vários canais.

Mapa do Alto Egito e do Baixo Egito



Visão geral do Egito antigo referente ao período dinástico (c. 3150 a.C.-30 a.C.). Cairo e Jerusalém são mostradas como referências.

Saiba mais

Atualmente, o rio Nilo ainda exerce grande importância para o Egito e mais nove países africanos: Uganda, Tanzânia, Ruanda, Quênia, República Democrática do Congo, Burundi, Sudão, Sudão do Sul e Etiópia. Além de ser usado como meio de transporte e no turismo, é explorado em sistemas de irrigação para agricultura e de geração de energia elétrica, por meio da hidrelétrica de Assuã.

Arte mortuária

Com o início da dinastia dos faraós, em cerca de 3100 a.C., sendo Menés o primeiro deles, a sociedade se organizou em grupos, como nobres, sacerdotes, escribas, soldados, artesãos, camponeses e escravos, que eram responsáveis pelo cumprimento de seus deveres para a manutenção do poder do faraó, não apenas em sua existência terrena, mas também após sua morte.

Quando o faraó ou os integrantes privilegiados da sociedade, como nobres e membros da família real, morriam, começava-se o processo de mumificação pelos sacerdotes (figuras de muito poder que atuavam ao lado do faraó). Em seguida, realizavam-se homenagens, com festas, cânticos e leitura do *Livro dos Mortos*, para que o deus Anúbis, ou Hórus, guiasse sua alma até Osíris, deus responsável pelo julgamento dos egípcios (há variações da crença de acordo com o período e a região a que se refere). Depois desse processo, que podia levar até 70 dias, o corpo mumificado era colocado no sarcófago com itens de valor e outros artefatos mortuários e levado para a tumba, pirâmide ou mastaba (tumba de formato triangular), local previamente construído para ele durante anos. Banquetes e peças, como estatuetas, joias e artigos de cerâmica, de ouro e de prata, eram levados diariamente ao local pelos membros da família do morto.

A imagem a seguir, do *Livro dos Mortos*, retrata dois momentos da travessia pós-morte. No primeiro momento, o morto é conduzido por Hórus, o deus dos céus, que tem cabeça de falcão e corpo de humano. No segundo momento, o morto presta homenagem ao deus Osíris, que está acompanhado das deusas Ísis e Néftis e de seus quatro filhos. Osíris é quem julga se o morto merece a vida eterna. Na imagem também é possível ver hieróglifos – o sistema de escrita formal dos egípcios, acessível apenas aos sacerdotes e membros da realeza.



Cena do *Livro dos Mortos*.

Padrões artísticos

As cenas pintadas, as esculturas, os vasos e as estatuetas nas tumbas também tinham a função de enaltecer o morto e fazê-lo lembrar de sua vida terrena quando sua alma retornasse, por isso várias delas retratavam colheitas, caçadas e passeios, por exemplo. Além disso, muitas pinturas e esculturas representavam o faraó e os deuses

patronos de cada região. Como os deuses apresentavam características zoomórficas, era comum que os faraós, considerados encarnação dos deuses, também fossem representados com essas características.

As pinturas e esculturas seguiam padrões rígidos. Na pintura, explorava-se apenas a bidimensionalidade (largura e altura, sem profundidade) e havia parâmetros de distância – medidos pelo pé e pela proporção das partes do corpo – com o objetivo de que as imagens ficassem inteligíveis para que o morto, segundo a crença, pudesse entendê-las após voltar à vida. O mais famoso aspecto da pintura é a chamada lei da frontalidade, também conhecida como visão compósita, em que a cabeça e as pernas são desenhadas de perfil, e os olhos, ombros e braços, de frente.



Pintura de músicos tocando flauta, alaúde e harpa na tumba de Nakht.

Para realizar a pintura de uma tumba, primeiro passava-se o gesso, para que o fundo branco permitisse a melhor leitura. O vermelho era obtido a partir da oxidação do cobre, e o azul, a partir da rocha lápis-lazúli. Correções na imagem eram feitas em preto usando madeira queimada, e a conservação era feita, principalmente, usando gordura animal.

Nas esculturas, as estátuas tinham as mãos nos joelhos, e as figuras masculinas tinham a cor mais escura do que as femininas. A posição do rosto e dos olhos não podia ser inclinada nem para cima nem para baixo, pois isso demonstraria arrogância ou inferioridade; a posição precisava ser reta. As características físicas dos deuses eram rigorosamente definidas e não poderiam ser fruto de uma livre interpretação do artista. Posteriormente, hieróglifos passaram a ser incorporados como elementos estéticos nas fachadas e colunas. A rigidez da arte egípcia fez com que ela permanecesse inalterada como estilo durante milênios.

A música e a dança também faziam parte do cotidiano egípcio, como de banquetes funerários, procissões religiosas, paradas militares e até mesmo de plantações. Por meio dessas linguagens, os egípcios se comunicavam com os deuses e,

mais tarde, passaram a praticá-las como entretenimento. O teatro também estava presente nos rituais sagrados, principalmente nos relacionados a Osíris, e era encenado pelos sacerdotes. Havia uma grande diversidade de instrumentos musicais, como flauta, harpa, alaúde, clarinete, pandeiro e tambor, além de sistros e crótalos, em ocasiões especiais. O incenso era um elemento presente nas festividades com música e dança.

Juan Aunio/Shutterstock.com



Sistro, instrumento musical do Egito antigo, da 26ª dinastia. Museu da Antiga Cultura Egípcia, Barcelona, Espanha.

NECRÓPOLE

As primeiras mastabas eram semelhantes à residência de quem as possuía. As pirâmides, as tumbas – ou templos subterrâneos, ou, ainda, hipogeus – e as mastabas faziam parte do complexo funerário chamado necrópole. O Vale dos Reis é parte da maior necrópole que conhecemos e está situado na cidade de Luxor (antiga Tebas).

Os saques eram frequentes nos monumentos, como as pirâmides, os templos subterrâneos e as mastabas, por acumularem grandes riquezas. Por conta disso, o faraó Tutmés I (que reinou de 1494 a.C. a 1482 a.C.) decidiu construir seu túmulo secretamente no Vale dos Reis. Nesse vale, as tumbas eram construídas a até 200 metros abaixo da superfície, no interior de montanhas. Embora tenha preservado o tesouro mais tempo, isso não impediu que houvesse saques ao longo de milênios. Por isso, quando os arqueólogos iniciaram as escavações no século XIX, encontraram poucos objetos, com exceção da tumba de Tutancâmon (que reinou de 1332 a.C. a 1323 a.C.), a qual, por causa de um soterramento, havia permanecido isolada e intacta. Nessa tumba foram encontrados mais de 5 mil objetos valiosos, como a máscara mortuária de Tutancâmon, bengalas, cálices, um caixão de ouro maciço e tronos, além de comida e bebida.

Após invasões de diversos povos, como os etíopes, os persas, os gregos e os romanos, a estrutura social e as manifestações artísticas foram sofrendo alterações e sendo influenciadas pelas demais culturas. De todo modo, a cultura do Egito antigo foi muito relevante para a constituição da arte grega e, por consequência, para as sociedades ocidentais.



Alguns dos objetos encontrados na tumba de Tutancâmon.



Vale dos Reis, em Luxor.

Arte na Mesopotâmia

A região da Mesopotâmia era situada no Oriente Médio, entre dois rios importantes, o Tigre e o Eufrates, que permitiram o desenvolvimento de comunidades agrícolas. Por esse motivo, a região recebeu o nome de crescente fértil. Diversos povos habitaram a região, entre eles os sumérios, os amoritas, os assírios e os caldeus. O território da Mesopotâmia hoje corresponde predominantemente ao Iraque.

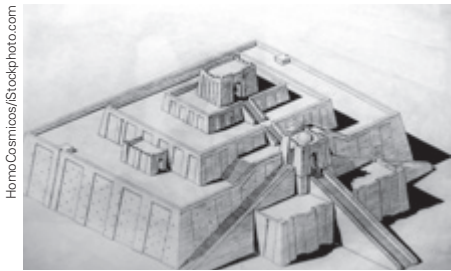
A arte da Mesopotâmia estabeleceu uma linguagem visual simbólica e sofisticada que celebrava a estratificação política e social da época, atribuindo a esta a ordem e a segurança conquistadas pelos diferentes impérios. As esculturas, de forma geral, seguem o estilo hierático (com parâmetros religiosos e majestosos) e obedecem a uma escala hierárquica, ou seja, o tamanho do personagem em relação aos demais na composição indica a sua importância. Quanto maior ou quanto mais alta for a sua posição, maiores são sua influência, seu prestígio e seu valor.

Os sumérios viveram em cidades-Estado entre os anos 3500 a.C. e 2340 a.C. e desenvolveram técnicas fundamentais para as civilizações posteriores, como um sistema primitivo de escrita em placas de argila, desenvolvido por volta de 3100 a.C., aparentemente para contar os bens negociados nas cidades. Após séculos, essa escrita evoluiu e, entre 2900 a.C. e 2400 a.C., transformou-se em fonograma,

um verdadeiro sistema de escrita. Esse sistema, que ficou conhecido como cuneiforme por utilizar uma ferramenta em forma de cunha, caracterizou a escrita dos povos mesopotâmicos de maneira geral.

Na arquitetura, as edificações mais relevantes foram os zigurates, monumentos em forma de pirâmide terraplanada, com patamares sobrepostos para adoração dos deuses. Como o local era lamacento e não havia muitas pedras na região, os monumentos eram feitos com tijolos de barro e muitas vezes coloridos com pigmentos.

Tanto a escrita cuneiforme quanto as edificações foram grandes inspirações para os povos do Egito antigo, que obtiveram monumentos mais duradouros por estarem em uma região com alta concentração de pedras.



Os zigurates eram construídos com tijolos. Posteriormente, os povos começaram a misturar pigmentos ao barro antes de formar os tijolos, deixando-os coloridos.

Os amoritas, ou babilônios, são os povos que ocuparam a Babilônia em cerca de 2000 a.C., transformando-a em importante centro comercial. Durante o reinado de Hamurábi (de 1792 a.C. a 1750 a.C.), criou-se o Código de Hamurábi, gravado em escrita cuneiforme sobre pedra e cujo lema era “olho por olho, dente por dente”. Para os babilônios, Shamash era o supremo juiz e deus do Sol, além de patrono da lei e da justiça.

Os assírios dominaram o norte da Mesopotâmia por volta de 1400 a.C., subjuguando inclusive os babilônios. Extremamente influenciados pela cultura suméria, preservaram os zigurates e os textos dos sumérios. Também construíram capitais fortificadas com palácios decorados com relevos em pedra, mostrando cenas de batalhas e de caça, além de representações da vida da realeza e do universo religioso.

Por fim, os caldeus tiveram uma passagem breve pela Mesopotâmia, por volta de 612 a.C., tendo como principal rei Nabucodonosor II, responsável pela criação dos jardins suspensos da Babilônia, uma das sete maravilhas do mundo antigo.

Atenção

As áreas em que os povos da Mesopotâmia mais contribuíram para o mundo foram a escrita, a Astronomia e o Direito.

Revisando

1. Como se constituiu a dinastia faraônica no Egito antigo?
2. Qual é o nome do processo apresentado na imagem a seguir?



- a) Arte mortuária.
- b) Mumificação.
- c) Pintura egípcia.
- d) Divinização.

3. Observe as duas imagens a seguir e assinale a(s) afirmativa(s) correta(s).



Escultura egípcia em pedra, Metropolitan Museum of Art, Nova York.



Fachada do Templo de Karnak.

- 01 Ambas as imagens apresentam o deus Hórus. Na primeira, a escultura apresenta também o faraó, uma figura integrada ao deus Hórus e guiada por ele.
- 02 A primeira imagem apresenta o deus Anúbis, e a segunda, o deus Hórus.
- 04 Os deuses eram seres antropozoomórficos no Egito antigo.
- 08 No Egito antigo, a imagem tinha uma função simbólica de “materializar” algo, assim uma escultura em que o deus Hórus está junto do faraó significa que este recebe seus dons, que o ajudam a governar.

Soma:

4. Qual era a principal função das pinturas e dos artefatos nas tumbas egípcias?
5. O que é o Vale dos Reis? Por que ele foi construído?
6. Qual era a importância dos rios para os povos da Antiguidade?
7. Cite alguns povos que fizeram parte da Mesopotâmia.
8. O que eram os zigurates?
9. Quais eram as principais funções da arte na Mesopotâmia?
10. Comente duas diferenças artísticas entre os povos da Mesopotâmia e a sociedade do Egito antigo.

Exercícios propostos

1. **Unesp** Os Estados teocráticos da Mesopotâmia e do Egito evoluíram, acumulando características comuns e peculiaridades culturais. Os egípcios desenvolveram a prática de embalsamar o corpo humano porque:
 - a) se opunham ao politeísmo dominante na época.
 - b) os seus deuses, sempre prontos para castigar os pecadores, desencadearam o dilúvio.
 - c) depois da morte a alma podia voltar ao corpo mumificado.
 - d) construíram túmulos, em forma de pirâmides truncadas, erigidos para a eternidade.
 - e) os camponeses constituíam categoria social inferior.
2. **Fuvest-SP** Examine estas imagens produzidas no Egito antigo.



Reino Antigo (2575-2134 a.C.)



Reino Novo (1550-1070 a.C.)



Reino Novo (1550-1070 a.C.)

Apud Ciro Flammarion Cardoso. *O Egito Antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

As imagens revelam

- a) o caráter familiar do cultivo agrícola no Oriente Próximo, dada a escassez de mão de obra e a proibição, no antigo Egito, do trabalho compulsório.
- b) a inexistência de qualquer conhecimento tecnológico que permitisse o aprimoramento da produção de alimentos, o que provocava longas temporadas de fome.
- c) o prevailecimento da agricultura como única atividade econômica, dada a impossibilidade de caça ou pesca nas regiões ocupadas pelo antigo Egito.

- d) a dificuldade de acesso à água em todo o Egito, o que limitava as atividades de plantio e inviabilizava a criação de gado de maior porte.
- e) a importância das atividades agrícolas no antigo Egito, que ocupavam os trabalhadores durante aproximadamente metade do ano.



Leia o texto para responder à questão 3.

A partir do século VII a.C., muitas comunidades nas ilhas, na Grécia continental, nas costas da Turquia e na Itália construíram grandes templos destinados a deuses específicos: os deuses de cada cidade.

As construções de templos foram verdadeiramente monumentais. [...] Tornaram-se as novas moradias dos deuses. Não eram mais deuses de uma família aristocrática ou de uma etnia, mas de uma pólis. Eram os deuses da comunidade como um todo. A religião surgiu, assim, como um fator aglutinador das forças cooperativas da pólis. [...]

A construção monumental foi influenciada por modelos egípcios e orientais. Sem as proezas de cálculo matemático, desenvolvidas na Mesopotâmia e no Egito, os grandes monumentos gregos teriam sido impossíveis.

(Norberto Luiz Guarinello. *História antiga*, 2013.)

3. **Unesp** A relação estabelecida no texto entre a arquitetura grega e a arquitetura egípcia e oriental pode ser justificada pela
 - a) circulação e comunicação entre povos da região mediterrânea e do Oriente Próximo, que facilitaram a expansão das construções em pedra.
 - b) dominação política e militar que as cidades-estados gregas, lideradas por Esparta, impuseram ao Oriente Próximo.
 - c) presença hegemônica de povos de origem árabe na região mediterrânea, que contribuiu para a expansão do Islamismo.
 - d) difusão do helenismo na região mediterrânea, que assegurou a incorporação de elementos culturais dos povos dominados.
 - e) força unificadora do cristianismo, que assegurou a integração e as recíprocas influências culturais entre a Europa e o norte da África.

Texto complementar

Arte para a eternidade

O Egito, evidentemente, era apenas um dos grandes e poderosos impérios que existiram no Oriente Próximo durante muitos milhares de anos. Todos sabemos pela Bíblia que a pequena Palestina se situava entre o reino egípcio do Nilo e os impérios babilônico e assírio, os quais tinham prosperado no vale dos rios Eufrates e Tigre. A arte da Mesopotâmia, como o vale formado pelos dois rios era designado em grego, é menos conhecida do que a arte do Egito. Isso deve-se, em parte, a um acidente. Não havia pedreiras nesses vales e a maioria dos edifícios eram construídos com tijolo cozido que, no transcurso do tempo, se desintegravam e convertiam em pó. A própria escultura em pedra era relativamente rara. Mas essa não é a única explicação para o fato de comparativamente poucas das primeiras obras dessa arte terem chegado até nós. A principal razão consiste, provavelmente, em que esses povos não compartilhavam da crença religiosa dos egípcios de que o corpo humano e sua representação deviam ser preservados para que a alma sobrevivesse. Nos primeiros tempos, quando um povo, os sumérios, governou na capital de Ur, os reis ainda eram sepultados com toda a sua casa, escravos e tudo, para que não lhes faltasse um séquito no mundo do além. Foram descobertas sepulturas desse período e podemos admirar alguns dos deuses domésticos desses antigos e bárbaros reis no Museu Britânico. Pode-se apreciar quanto refinamento e engenho artístico é capaz de acompanhar a superstição e crueldade primitivas. Existia, por exemplo, uma harpa em um dos túmulos, decorada com animais fabulosos [...]. Assemelham-se um pouco aos nossos animais heráldicos, não só em sua aparência geral, mas também na disposição, pois os sumérios revelavam particular gosto pela simetria e a precisão. Não sabemos exatamente o que se pretendia significar com esses animais fabulosos, mas é quase certo que se tratava de figuras da mitologia desses recuados tempos, e que cenas que hoje nos lembram as páginas de um livro infantil tinham uma significação muito solene e austera.

Embora os artistas da Mesopotâmia não fossem chamados a decorar as paredes dos túmulos, também tinham de se assegurar, de um modo diferente, de que a imagem ajudava a manter vivos os poderosos. Desde os primeiros tempos, era costume dos reis mesopotâmicos encomendar monumentos em celebração de suas vitórias na guerra, os quais falavam das tribos que tinham sido derrotadas e dos despojos que tinham sido tomados. [...] Talvez a ideia subjacente nesses monumentos não fosse apenas conservar viva a memória dessas vitórias. Nos primeiros tempos, pelo menos, as antigas crenças no poder da imagem poderiam ter ainda influenciado aqueles que as encomendavam. Talvez pensassem que, enquanto a imagem do rei com o pé sobre o pescoço do inimigo prostrado ali permanecesse, a tribo derrotada não teria forças para se rebelar de novo. [...] Em todo o caso, a tradição que se iniciou então teve uma vida muito longa. Em todos os monumentos que glorificam os senhores da guerra do passado, a guerra não chega a ser problema. Basta o herói aparecer e o inimigo é dispersado como palha ao vento.

[...]

GOMBRICH, E. Arte para a eternidade.
A história da Arte. São Paulo: LTC, 1999. p. 33-34.

Fedor Selivanov/Shutterstock.com



Hieróglifos egípcios.

Resumindo

A sociedade do Egito antigo se formou em torno do rio Nilo, que foi fundamental para o desenvolvimento agrícola e utilizado como via de transporte de materiais para as grandes construções, entre outras finalidades.

A função predominante da arte do Egito antigo era homenagear os deuses e o faraó e celebrar a vida eterna do faraó e dos membros das classes privilegiadas, que tinham direito a sua própria tumba/pirâmide/mastaba. As pinturas e esculturas feitas nesses monumentos tinham por finalidade homenagear o morto e lembrá-lo de sua vida terrena quando ele retornasse. Os sacerdotes eram responsáveis pelos ritos funerários, como as festas, os cânticos e a leitura do *Livro dos Mortos*.

A Mesopotâmia, situada no Oriente Médio, entre os rios Tigre e Eufrates, foi uma região habitada por diversos povos, como sumérios, amoritas (ou babilônios), assírios e caldeus. Sua arte enaltecia a estratificação política e revelava o poder dos retratados. Os sumérios desenvolveram um sistema de escrita cuneiforme, que caracterizou o sistema de escrita geral da Mesopotâmia, e os zigurates, edificações de tijolos que serviram de inspiração para os egípcios na construção de suas pirâmides. Os amoritas transformaram a Babilônia em importante centro comercial e criaram o Código de Hamurábi. Os assírios mantiveram muitas tradições de povos anteriores e construíram palácios decorados com relevos em pedra. Os caldeus, governados por Nabucodonosor II, criaram os jardins suspensos da Babilônia. Esse território hoje corresponde predominantemente ao Iraque.



Nadzeva_Dzivalikova/Stockphoto.com

Quer saber mais?



Livro

Egito antigo: uma breve introdução, de Sophie Desplancques. Porto Alegre: L&PM, 2009.

O antigo Egito desperta a curiosidade de historiadores até hoje. Uma sociedade que se transformou em uma potência do mundo antigo em menos de dois milênios e se tornou o berço de uma civilização rica em conhecimento, cultura e arte. Este livro apresenta os principais períodos da história egípcia e ajuda o leitor a compreender algumas particularidades desse povo.



Nadzeva_Dzivalikova/Stockphoto.com

Exercícios complementares

- 1. Enem** O Egito é visitado anualmente por milhões de turistas de todos os quadrantes do planeta, desejosos de ver com os próprios olhos a grandiosidade do poder esculpida em pedra há milênios: as pirâmides de Gizeh, as tumbas do Vale dos Reis e os numerosos templos construídos ao longo do Nilo. O que hoje se transformou em atração turística era, no passado, interpretado de forma muito diferente, pois
 - a) significava, entre outros aspectos, o poder que os faraós tinham para escravizar grandes contingentes populacionais que trabalhavam nesses monumentos.
 - b) representava para as populações do alto Egito a possibilidade de migrar para o sul e encontrar trabalho nos canteiros faraônicos.
 - c) significava a solução para os problemas econômicos, uma vez que os faraós sacrificavam aos deuses suas riquezas, construindo templos.
 - d) representava a possibilidade de o faraó ordenar a sociedade, obrigando os desocupados a trabalharem em obras públicas, que engrandeceram o próprio Egito.
 - e) significava um peso para a população egípcia, que condenava o luxo faraônico e a religião baseada em crenças e superstições.
- 2. Fuvest-SP (Adapt.)** No antigo Egito e na Mesopotâmia, assim como nos demais lugares onde foi inventada, a escrita esteve vinculada ao poder estatal. Este, por sua vez, dependeu de um certo tipo de economia para surgir e se desenvolver.

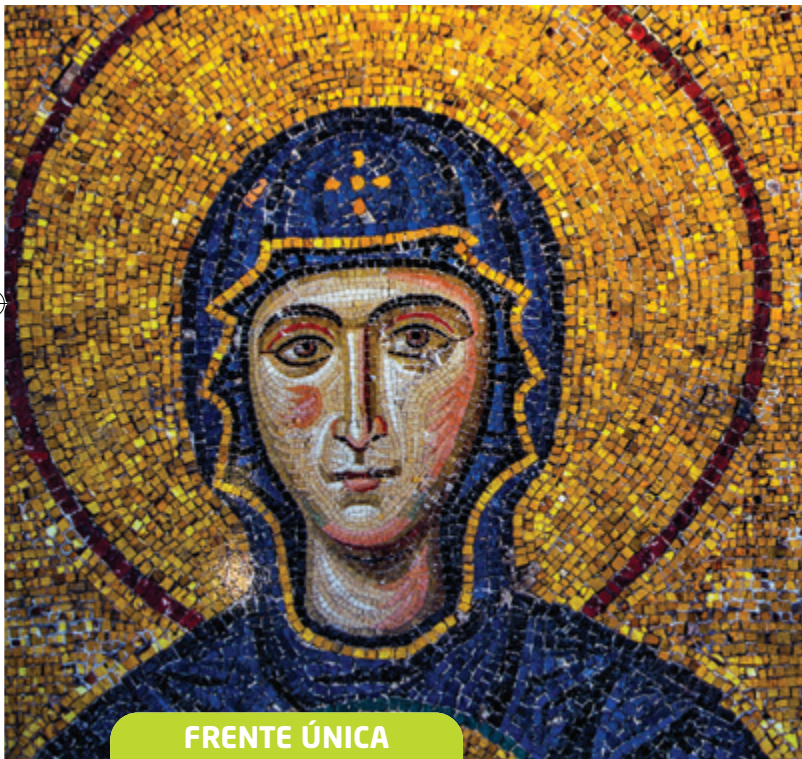
Considerando as afirmações anteriores, explique as relações entre escrita e Estado.
- 3. UFPE** Em relação à religião no antigo Egito, pode-se afirmar que:
 - a) a religião dominava todos os aspectos da vida pública e privada do antigo Egito. Cerimônias eram realizadas pelos sacerdotes a cada ano, para garantir a chegada da inundação e, dessa forma, boas colheitas, que eram agradecidas pelo rei em solenidades às divindades.
 - b) a religião no antigo Egito, como nos demais povos da Antiguidade, não tinha grande influência, já que estes povos, para sobreviver, tiveram que desenvolver uma enorme disciplina no trabalho e viviam em constantes guerras.
 - c) a religião tinha apenas influência na vida da família dos reis, que a usava como forma de manter o povo submetido a sua autoridade.
 - d) o período conhecido como antigo Egito constitui o único em que a religião foi quase inteiramente esquecida, e o rei como também o povo dedicou-se muito mais a seguir a tradição dos seus antepassados, considerados os únicos povos ateus da Antiguidade.
 - e) a religião do povo no antigo Egito era bastante distinta da do rei, em razão do caráter supersticioso que as camadas mais pobres das sociedades antigas tinham, sobretudo por não terem acesso à escola e a outros saberes só permitidos à família real.



Georgios Tschilis/Shutterstock.com



valdecarmon/Stockphoto.com



Muhur/Stockphoto.com



ken khroon/Stockphoto.com

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

4

Antiguidade greco-romana e oriental

Quais foram as principais contribuições dos gregos antigos para o teatro e as artes visuais? Como a arte romana se manifestou no Ocidente e no Oriente? Quais foram as criações chinesas da Antiguidade? Essas e outras questões serão discutidas neste capítulo.

Grécia antiga

Sabemos que muitas manifestações e expressões artísticas remontam ao período da Pré-História e estão presentes em todas as sociedades humanas. Na Antiguidade, povos do Egito praticaram, por meio de rituais, a dança, o teatro e a música e criaram enormes monumentos em homenagem aos deuses e aos faraós, almejando proteção e vida eterna. Na Mesopotâmia, foram construídos templos para adoração dos deuses, como os zigurates, e as esculturas e as pinturas, principalmente dos assírios, demonstraram o poder da sociedade e sua organização estratificada em classes. Todos esses povos influenciaram em certa medida a Grécia, considerada o berço da civilização ocidental, onde surgem a Filosofia, a Democracia, as Artes Cênicas, a Literatura, a Matemática, os Jogos Olímpicos, entre tantas outras.

Nos estudos da Arte, a Grécia antiga foi convencionalmente dividida em quatro períodos: Geométrico, Arcaico, Clássico e Helenístico. Neste capítulo, vamos nos dedicar aos três últimos.

! Atenção

Em História, a Grécia antiga foi convencionalmente dividida em cinco períodos: Pré-Homérico (civilizações minoica e micênica), Homérico, Arcaico, Clássico e Helenístico. Essas classificações abrangem um período de tempo maior que as de Artes.

Períodos Arcaico e Clássico

O Período Arcaico, que durou entre os séculos VIII a.C. e V a.C., teve seu início convenionado com os primeiros Jogos Olímpicos, em 776 a.C., na cidade de Olímpia. Foi marcado pela formação das pólis, as cidades-Estado gregas, e pela expansão da colonização grega de outros territórios do Mediterrâneo, como os que hoje conhecemos como Sicília, na Itália, e o sul da França. O processo de colonização permitiu o desenvolvimento econômico por meio da formação de classes ricas e de trabalhadores assalariados, como os mercadores.

Fingalo (CC BY-SA 2.0 DE)/Museu Arqueológico Nacional de Atenas, Grécia



A luta livre grega era uma modalidade dos Jogos Olímpicos, praticada por jovens livres (exceto mulheres, escravos e estrangeiros). A nudez para essa sociedade representava a harmonia entre corpo e alma. A imagem mostra parte de um *kouros* de mármore, encontrado em Ática no século VI a.C.

A transição do Período Arcaico para o Clássico foi marcada pela Batalha de Salamina, quando os gregos derrotaram o exército persa, liderado por Xerxes, em 480 a.C. O Período Clássico durou até o século IV a.C., em que houve um grande desenvolvimento cultural na Grécia, sobretudo no período da “Idade de Ouro”, ou “Século de Péricles”. O ateniense Péricles (495 a.C.-429 a.C.) governou a cidade-Estado de Atenas, na região de Ática, entre 446 a.C. e 431 a.C., e contratou famosos arquitetos e escultores para reconstruir

o que havia sido destruído pelos persas nas Guerras Greco-Pérsicas (também conhecidas como Guerras Médicas), além de investir em teatros e outras manifestações artísticas. O principal arquiteto desse esforço foi Ictino, que planejou o traçado dos templos e projetou o Partenon com Calícrates, e o principal escultor foi Fídias, responsável pela decoração dos templos.

! Atenção

Péricles promoveu uma mudança na relação da sociedade com as artes e a ciência. Escultores e arquitetos, anteriormente tratados como inferiores pelos ricos comerciantes, passaram a ser respeitados e valorizados em sua produção. Do mesmo modo, o conhecimento tradicional e religioso começou a ser questionado, cedendo espaço para o desenvolvimento científico.

Teatro

Na Grécia, as primeiras manifestações do teatro correspondiam a rituais a Dionísio (Baco para os romanos), deus da colheita da uva, do vinho, do êxtase ritualístico ou religioso, da fertilidade e do teatro. No festival Grande Dionisiaca, que acontecia em Atenas, um coro, composto somente de homens, cantava ou recitava ditirambos, poemas líricos que narram momentos alegres e dolorosos de Dionísio no mundo mortal e seu desaparecimento. Muitas vezes, eram usadas máscaras e vestimentas alegóricas e realizadas danças. Em 534 a.C., Téspis – o primeiro ator a representar um personagem em uma peça de teatro – teria começado a dialogar com o coro durante uma procissão de homenagem a Dionísio, dando origem ao papel de corista principal.

Os gêneros teatrais mais conhecidos da Grécia antiga são a **tragédia** e a **comédia**. Na tragédia, temos textos de Ésquilo (525 a.C.-456 a.C.), como *Oresteia*, *Prometeu acorrentado*, *Sete contra Tebas* etc.; de Eurípedes (c. 480 a.C.-406 a.C.), como *Medeia*, *Hécuba*, *Hipólito* etc.; e de Sófocles (c. 496 a.C.-406 a.C.), como *Édipo rei*, *Antígona*, *Ájax* etc. Na comédia, os textos mais conhecidos são de Aristófanes (c. 48 a.C.-385? a.C.), como *As nuvens*, *As rãs*, *Lisístrata* etc., e de Menandro (c. 342 a.C.-291? a.C.), como *O misantropo*, *A moça de Samos*, *Os árbitros* etc. Esses autores, com exceção de Menandro, viveram durante o século V a.C., conhecido como “Idade de Ouro de Atenas”.



João Callias

Hécuba, escrita por Eurípedes, se passa em um acampamento grego, onde estão as troianas escravizadas, após a Guerra de Troia. A rainha troiana Hécuba percorre o caminho da dor e da fúria de ser escravizada e ter os filhos assassinados, entre eles Heitor (humilhado por Aquiles), Páris e Cassandra, e por isso busca vingança. Na foto, cena da peça adaptada *Hécuba*, protagonizada pela atriz Walderez de Barros (direção de Gabriel Villela), com o coro atrás, que mescla máscaras gregas e incas.

A tragédia clássica contava com personagens como deuses, semideuses, heróis mitológicos e nobres. As histórias falavam das paixões humanas e sempre tinham um desfecho trágico. Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) define a tragédia como uma imitação de caráter elevado que suscita o terror e a piedade de quem a assiste. Para o filósofo, as artes são imitação da natureza (do universo perceptível), isto é, mimese, sendo as artes cênicas a imitação ativa e criativa da ação humana pelo ritmo, pela linguagem e pela melodia, das suas virtudes e dos seus vícios. Aristóteles define também a noção de catarse, que é a descarga emocional provocada pela tragédia em seu ápice na parte final da peça.

Os elementos básicos da tragédia em sua extensão são: o prólogo (introdução), o párodo (entrada do coro, que anuncia e aconselha), os episódios (cenas separadas por atos), o estásimo (cada uma das entradas do coro), o êxodo (cada uma das saídas do coro). Em relação ao enredo, a tragédia apresenta: início, em que se estabelecem as relações entre as personagens e os conflitos a serem enfrentados; meio, parte em que o herói, diante do conflito, reconhece seus erros ou assume uma postura arrogante (*hybris*), despertando a ira dos deuses, e em geral ocorre uma peripécia (mudança de rumo da história); e o fim, quando ocorre uma catástrofe ao personagem principal, responsável pelo efeito da catarse. A finalidade da tragédia era o ensino moral.

A comédia foi criada cerca de 50 anos após a tragédia e propunha a sátira do cotidiano dos gregos, por meio da ironia e da ridicularização de fatos relacionados à sociedade e à política. As personagens eram pessoas comuns, e geralmente eram explorados seus vícios, o que não acontecia na tragédia, cujo herói era cheio de virtudes. Os temas das comédias mudaram com o passar dos anos, apareceram histórias de piratas e comédias “pastelão” – a “comédia nova” –, cujo principal autor foi Menandro. Das mais de 100 peças atribuídas a ele, temos acesso ao texto de uma peça apenas e aos fragmentos das demais. Muitas das comédias gregas que conhecemos são adaptações romanas.

As máscaras feitas de couro, tecido ou madeira eram importantes tanto na tragédia (para representar emoções, como raiva, tristeza) quanto na comédia (apresentando expressões grotescas ou engraçadas). Também era comum que as máscaras indicassem o *status* social do personagem. Como apenas os homens encenavam e geralmente havia um número pequeno de atores, a troca de máscaras possibilitava maior dinâmica na peça. Além disso, elas davam mais potência à voz dos atores no palco.



Máscara usada para representar o deus Dionísio.

Repina Valeriy / Shutterstock.com

Saiba mais

O teatro de animação, como o teatro de bonecos, o teatro de sombras, entre outros, também surgiu na Grécia antiga, por meio da manipulação de objetos, como os fantoches, o boneco de vara e a projeção da luz. Faziam parte dele o bonequeiro, o títere (boneco) e o público. Aristóteles comenta na *Poética* sobre a manipulação de marionetes em fios e sua perfeição de movimentos, que imitam e recriam o ser humano.

Pintura

Por volta de 900 a.C., em uma época denominada Período Geométrico, anterior ao Período Arcaico, houve uma grande produção de vasos de cerâmica (alabastros, ânforas, hídrias, cílices, lutróforos etc.), com motivos decorativos, como triângulos, círculos, meandros, entre outros. Quase um século depois, começou-se a retratar cenas do cotidiano ou da mitologia, por meio de figuras de humanos e animais estilizados, geralmente pintados de preto sobre o fundo da cor do barro queimado. Esses objetos tinham diversas finalidades, como serviço doméstico, comércio e celebrações, sobretudo os ritos funerários. Ao longo dos séculos, os vasos ganharam novos materiais e novas pinturas.

No Período Clássico, Exéquias e Eutímidas foram importantes pintores, sendo este último o responsável pela inversão do esquema de cores, deixando o personagem na cor do barro queimado e pintando o fundo de preto.



Lutróforo estilizado que mostra Pegasus, cavalo alado, gerado por Poseidon, em seu papel de deus dos cavalos. Como se pode ver, nessa obra, os personagens estão pintados de preto e vermelho, enquanto o fundo é a própria cor do barro queimado.

Ultima_Gaina/Shutterstock.com



Vaso de cerâmica terracota com ornamentos geométricos, encontrado em escavações na Grécia.

Viacheslav Lopainy/Shutterstock.com

terracota: material formado por argila cozida, de cor laranja acastanhada.

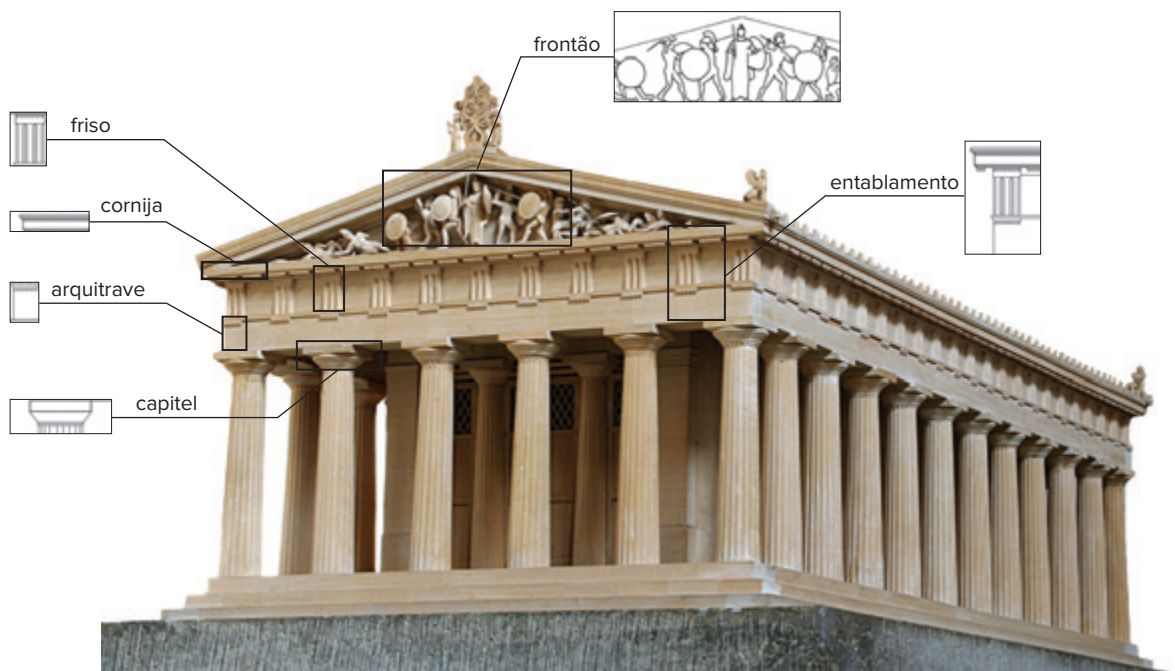
Arquitetura

Durante o Período Arcaico, foram construídos os primeiros templos gregos, que resistiram ao tempo e às invasões. Esses templos inicialmente eram feitos de madeira, mas passaram a ser construídos com materiais mais nobres, como o mármore. Sua finalidade era homenagear os deuses e proteger as esculturas e demais obras que ficavam em seu interior, em geral de caráter religioso.

Em seu início, no Período Arcaico, e em seu desenvolvimento no Período Clássico, a forma arquitetônica tinha um padrão simétrico e um sistema decorativo chamado de “ordem grega”. As três principais ordens eram: dórica (sensação de firmeza, poucos detalhes), jônica (sensação de leveza dada pelos desenhos nas colunas, uso de base circular) e coríntia (excesso de detalhes, capitéis decorados geralmente com folhas).



Colunas jônica, dórica e coríntia, respectivamente, com destaque para os capitéis.



Maquete do Templo de Afaia. Gliptoteca de Munique, Alemanha.

O Templo de Afaia é um exemplo de arquitetura de ordem dórica. Construído na transição entre os períodos Arcaico e Clássico, ele faz parte do Triângulo Sagrado com os templos Partenon e Sunião. O edifício de pedra calcária local tem 12 colunas de cada lado e seis em cada fachada. O entablamento, que é o conjunto de cornija, friso e arquitrave, foi restaurado. O frontão de mármore apresenta o combate dos deuses contra Troia, com Atena ao centro.

Estabelecendo relações

Os cálculos já existiam nas sociedades egípcias, chinesas e mesopotâmicas, mas é na Grécia clássica que a Matemática se institui como uma ciência, com o desenvolvimento de métodos e comprovações, como o método axiomático e o encadeamento de teoremas demonstrativos. A Tales de Mileto (c. 624 a.C.-548 a.C.) são atribuídas as demonstrações de alguns fatos geométricos, como: todo diâmetro divide um círculo em duas partes; os ângulos da base do triângulo isósceles são iguais; quando duas retas se cortam, os ângulos opostos pelo vértice são iguais, entre outros.

Escultura

A escultura, assim como a arquitetura, seguia padrões rígidos em sua produção. Os escultores buscavam o modelo ideal de representação do corpo humano e estudavam detalhadamente a aparência humana, escolhendo os atributos considerados mais desejáveis e estéticos e os combinavam em uma única escultura, como características faciais regulares, pele lisa e proporções corporais específicas. A maioria das esculturas desse período que conhecemos hoje é réplica produzida a partir de cópias reduzidas feitas no período e relatos literários.

Com base em unidades de parâmetro bem definidas para as partes do corpo humano, criava-se o modelo ou cânone, que foi se modificando com o passar do tempo. No século VI a.C., por exemplo, as esculturas eram feitas de mármore e tinham uma postura mais rígida; já no século V a.C., passaram a produzir esculturas com mais movimentos, o que exigiu novos materiais, como o bronze.



Athena de Nashville, de Alan LeQuire. 1990. Réplica em escala real da escultura Athena Parthenos, criada por Fídias, no Partenon, século V a.C., com cerca de 12 metros de altura e banhada a ouro e marfim.



Escultura de Zeus, criada por Artemísio, feita em bronze, no século V a.C.

Características gerais da arte grega

A arte grega do Período Arcaico se aproxima da arte egípcia, mantendo-se os princípios de grandeza e simetria, a nitidez dos contornos nas pinturas, o detalhamento do corpo na escultura – mesmo que estas agora estejam eventualmente cobertas por roupas – e a homenagem aos deuses. No entanto, os gregos, assim como os povos da Mesopotâmia, tinham uma visão mais “terrena”, ou seja, não construíam templos com o intuito de conquistar a vida eterna, mas de expressar sua devoção aos deuses e suas vitórias e riquezas. Além disso, a mitologia grega difere

da egípcia, uma vez que, para os gregos, os deuses apresentam apenas traços humanos, seja em suas ações, seja nos aspectos físicos, diferentemente dos egípcios, cujos deuses mesclavam características animais e humanas.

Os artistas gregos do Período Clássico procuraram criar suas obras com base em proporções matemáticas perfeitas, seja na escultura, seja na arquitetura; por isso, regras rígidas foram criadas para atingir seu objetivo. As unidades de medida eram feitas com base em partes do corpo. Como os artistas romanos também aspiraram a tais ideias, o termo “clássico” acabou se referindo a essas duas culturas. Muitos dos edifícios públicos, como universidades, museus, e demais instituições, bem como esculturas com um viés mais tradicional, que vemos hoje, são inspirados sobretudo no Período Clássico da Grécia antiga.

Período Helenístico

Diferentemente dos períodos Arcaico e Clássico, em que as cidades-Estado eram menores e tinham um senso comunitário, no Período Helenístico (séculos IV a.C.-II a.C.), que teve início com o reinado de Alexandre, o Grande, em 323 a.C., elas eram formadas por vastos reinos. Isso tornou os gregos mais individualistas, o que se refletiu na arquitetura das moradias, mais amplas e confortáveis, e nos teatros, com maior capacidade de público e mais destaque para os atores.

Os teatros eram construídos em colinas e continham três partes principais: o palco, onde os atores encenavam, a orquestra, local onde o coro representava ou os atores dançavam, e um tipo de arquibancada para o público. Em suas origens, as arquibancadas eram de madeira, mas no Período Helenístico passaram a ser construídas com pedra. As mudanças que ocorreram fisicamente nos teatros são reflexos de mudanças estruturais da sociedade e das peças teatrais, que davam cada vez mais importância para a ação dos personagens. A comédia teve mais destaque no Período Helenístico do que outros gêneros, como a tragédia.



Nessa foto do teatro de Epidauro, construído no século IV a.C., projetado por Policleto, na cidade grega de Epidauro, é possível ver a arquibancada de pedra, com capacidade para até 14 mil espectadores, a orquestra e o palco. Esse teatro se tornou famoso por sua acústica.

O reflexo do individualismo se deu nas esculturas por meio da representação de conceitos e sentimentos, como o amor, a paz e a ira. Além disso, nesse período surgiram as primeiras esculturas de nudez feminina – nos períodos anteriores, a figura da mulher era sempre coberta. A dramaticidade e os detalhes em todos os ângulos das esculturas são característicos do Período Helenístico, que acabou em 146 a.C., quando os romanos dominaram a Grécia.



Afrodite de Cnido. Escultura em mármore, cópia romana do original grego de Praxíteles, século IV a.C. Essa é provavelmente a primeira estátua de uma deusa nua.

Saiba mais

Platão (c. 428 a.C.-348 a.C.) e Aristóteles (c. 384 a.C.-322 a.C.) puderam analisar o que vinha sendo produzido em termos artísticos na Grécia. O conceito de belo, por exemplo, inicia-se com Platão e é retomado pelo seu discípulo Aristóteles, que busca novas respostas às questões levantadas por Platão. Para ambos, a beleza é algo complexo e que envolve a verdade e a perfeição. Para Platão, no entanto, trata-se de uma verdade imutável, a qual atingimos por meio do sensível, da experiência. Já para Aristóteles, a beleza é objetiva e se relaciona com a simetria e harmonia dos elementos. Aristóteles orientou os estudos de Alexandre, o Grande, durante sua juventude.

Roma antiga

Acredita-se que a fundação de Roma tenha ocorrido em 753 a.C., mas não há certeza sobre a sua data exata. Em geral, convencionou-se dividir a história da Roma antiga entre os períodos monárquico (753 a.C.-509 a.C.), republicano (509 a.C.-27 a.C.) e imperial (27 a.C.-476 d.C.). Este último foi marcado pela divisão de Roma, promovida pelo imperador Teodósio, em 395 d.C., em duas partes: de um lado, o Império Romano do Ocidente, com capital em Roma e já de orientação católica (desde 380 d.C.); de outro, o Império Romano do Oriente, também chamado de Império Bizantino, cuja capital era Constantinopla.

Os romanos incorporaram em sua cultura as culturas gregas e etruscas. Assim como os etruscos, os romanos adotaram os deuses e heróis gregos, traduzindo seus nomes para o latim.

Na arquitetura, os romanos priorizaram construções utilitárias, sóbrias, grandiosas e luxuosas, como anfiteatros, pontes, mercados, além de templos, fontes, obeliscos, entre outros. O legado grego é notado nas ordens gregas incorporadas e adaptadas à arquitetura romana; o legado etrusco são os arcos e as abóbadas, que permitiram que as construções tivessem menos pilares de sustentação e, conseqüentemente, espaços mais amplos. Isso possibilitou a construção de anfiteatros, ou teatros, com assentos de ambos os lados. Os anfiteatros romanos não precisavam

mais do apoio de colinas ou encostas e tinham a capacidade de público ampliada. Um exemplo famoso de anfiteatro romano é o Coliseu. Os principais materiais usados pelos romanos eram pedra cortada em blocos, madeira, gesso, tijolo de concreto, azulejos e mármore.

A pintura e os mosaicos, produzidos também na Mesopotâmia e na Grécia, tiveram papel de destaque nas construções romanas, decorando o chão, as paredes e o teto com pequenas peças cúbicas de calcário, vidro corado, cerâmica, mármore, entre outros.



O Coliseu, construído no século I d.C., em Roma, possuía quatro pavimentos de sustentação. Nos três primeiros, estão as fileiras de arcos.

Na escultura, enquanto os gregos buscavam expressar ideias, sentimentos ou qualidades dos seres, os romanos preferiam retratar pessoas reconhecíveis – ainda que com alguns traços idealizados –, como os imperadores.

As narrativas visuais romanas adaptavam o estilo clássico, principalmente helenístico, mesclando mitologia grega com situações vividas em seu cotidiano. Além disso, inúmeras réplicas de esculturas gregas foram criadas.

Muito da influência greco-romana que temos hoje se deve ao fato de Roma ter sido um vasto império de diversos territórios. Os povos conquistados por Roma no Ocidente e no Oriente mantiveram seus sistemas legais, administrativos e culturais por muito tempo.

Arte bizantina

Roma Ocidental não resistiu aos sucessivos ataques dos povos “bárbaros”, de modo que seu fim, em 476 d.C., é um ano que se convencionou como sendo o início da Idade Média. Já o Império Romano do Oriente, ou Império Bizantino, criado em 395 d.C., durou mais de um milênio. Sua queda, em 1453 d.C., é uma convenção que marca o início da Idade Moderna.

Constantinopla, chamada anteriormente de Bizâncio e Nova Roma, tornou-se capital dos impérios em 330 d.C., quando Constantino adotou o cristianismo como religião, abandonando costumes greco-romanos, como a adoração aos deuses pagãos, em nome de outras finalidades político-religiosas, como a autoridade sagrada e absoluta do imperador.

A arte bizantina é dividida em três fases: arcaica (330-750), bizantina média (850-1204) e bizantina tardia (1261-1453).

A arte bizantina arcaica adotou, assim como a arte egípcia, a frontalidade ao representar suas imagens, porém em postura atemporal, sem expressão de movimento, com o intuito de que o observador assumisse a postura de veneração, diante de uma imagem que buscava passar a impressão de superioridade e proteção, ao mesmo tempo que as personagens demonstram respeito pelo observador, olhando-o de frente.

As regras para as imagens, tanto icônicas como sagradas, eram fixas. Em sua composição, o lugar ocupado por cada figura, seus gestos, os símbolos religiosos e as cores eram convencionados e tinham significados específicos. Personalidades oficiais eram elevadas e apresentadas como sagradas; já os personagens sagrados eram colocados no mesmo nível da burocracia estatal e apresentados como personagens importantes do império.

O apogeu da arte bizantina se deu no século V, com o imperador Justiniano I. No mosaico da Basílica de São Vital, ele aparece com uma auréola, símbolo atribuído a santos no cristianismo.

Carole Faccidato (CC BY-SA-3.0)/Basílica de São Vital, Ravena, Itália



Mosaico do imperador Justiniano (ao centro) e sua corte, no santuário da Basílica de São Vital, Ravena, Itália. Século VI d.C.

Algumas das igrejas monumentais bizantinas são a Basílica de Santa Sofia (532-537), em Istambul, na Turquia, com planejamento arquitetônico longitudinal e central, e uma imensa cúpula, e a Basílica de São Vital (526-547), em Ravena, na Itália, com uma planta octogonal e espaço interno repleto de mármore e mosaicos. Ambas foram construídas durante o governo de Justiniano e decoradas com afrescos, pinturas e mosaicos coloridos.

Paralelamente ao desenvolvimento do Império Bizantino, ocorreu a expansão do islamismo, que se originou com os árabes (chamados de sarracenos pelos cristãos), no início do século VII, sob a liderança do profeta Maomé (c. 570-632). O islamismo espalhou-se rapidamente por Ásia, África e Europa. O estilo arquitetônico islâmico desenvolveu-se nos modelos romanos, com arcos e cúpulas, de inspiração grega e asiática, e é caracterizado por padrões repetitivos chamados arabescos. Devido à grande importância do Alcorão, a caligrafia foi aprimorada e usada em composições artísticas. Aspectos não religiosos, chamados de profanos, também fizeram parte dessa cultura, como é o caso da obra literária *As mil e uma noites*.

! Atenção

Do Império Bizantino, os árabes preservaram sobretudo aspectos da arquitetura, com modelos abobadados. Suas paredes decoradas com arabescos são reflexo da crença islâmica e constituem um padrão que vai além do visível e do finito.

Antiguidade chinesa

Acredita-se que o vale do rio Amarelo, território onde hoje está a China, tenha sido um dos mais antigos com ocupação humana contínua. Assim como a Grécia serviu de inspiração para o Ocidente, a China influenciou países do Oriente, como Coreia e Japão.

Em relação à Antiguidade, costuma-se dividir a China em cinco linhagens ou dinastias: Xia (2205 a.C.-1818 a.C.), Shang (1500 a.C.-1050 a.C.), Zhou (1050 a.C.-256 a.C.), Qin (221 a.C.-207 a.C.) e Han (206 a.C.-220 d.C.).

Qin Shi Huangdi, imperador da dinastia Qin (221 a.C.-207 a.C.), foi responsável pela unificação do território, transformando as cidades-Estado do vale do rio Amarelo em um grande reino, e pela produção de dois importantes feitos da China na Antiguidade: o início da construção da Muralha da China e dos *Guerreiros de Xi'an* (221 a.C.-207 a.C.). Ambas as obras foram realizadas por camponeses recrutados para o trabalho pelo imperador Qin.

A Muralha da China, construção iniciada em 220 a.C. e finalizada durante a Dinastia Ming, entre 1368-1644, é um conjunto de fortificações de tijolo, pedra compactada e outros materiais, construída para proteger o país de outros povos, sobretudo dos mongóis, controlar as fronteiras e permitir o fluxo de mercadorias em regiões montanhosas.



Muralha da China, considerada uma das sete maravilhas do mundo moderno.

zhudifeng/stockphoto.com

Antes de morrer, o imperador Qin ordenou a produção de cerca de 7 mil esculturas de guerreiros em tamanho natural, carros de guerra e cavalos para serem colocadas próximas de seu mausoléu, a fim de protegê-lo após a morte e afugentar ladrões. Os *Guerreiros de Xi'an* são um exemplo de arte funerária. Assim como os vasos da Grécia antiga, o material usado para produção das esculturas foi a terracota, que já era dominada pelos chineses desde cerca de 5000 a.C.



Guerreiros de Xi'an, cerca de 7 mil soldados feitos de terracota para proteger o imperador Qin após sua morte.

Revisando

1. Analise as afirmações a seguir sobre a Grécia antiga e classifique-as como verdadeiras (V) ou falsas (F).
 - Embora a arte dos gregos tenha características específicas, muito do que foi produzido se deve a trocas culturais com os povos da região do Mediterrâneo, como os egípcios e os assírios.
 - Os períodos Arcaico, Clássico e Helenístico não são apenas períodos artísticos, são também indicativos de mudanças político-sociais e marcados por guerras, invasões, destruições, reconstruções.
 - O Período Arcaico recebeu esse nome porque foi o período de baixo desenvolvimento da Grécia e produção artística praticamente nula.
 - O Período Geométrico, anterior ao Período Arcaico, recebeu esse nome porque os vasos eram pintados com motivos geométricos, como triângulos e círculos.
2. Quais são as principais características do teatro grego?
 - 01 Os gêneros teatrais mais famosos da Grécia antiga são a tragédia, a comédia e o teatro do absurdo.
 - 02 Catarse é o nome que se dá à descarga emocional gerada no espectador no final da comédia.
 - 04 Tanto a comédia como a tragédia pressupunham o uso de máscaras feitas, de couro, tecido ou madeira.
 - 08 Na tragédia clássica, o coro tinha o papel de antecipar ou explicar os fatos e aconselhar.
 - 16 A comédia foi o primeiro gênero teatral criado na Grécia antiga.

Soma:
3. Por que a máscara era tão importante no teatro da Grécia antiga?
4. Cite algumas similaridades e diferenças entre os templos gregos, egípcios e mesopotâmicos.
5. Classifique como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes afirmações sobre a cultura helenística:
 - surgiu após os períodos Arcaico e Clássico na Grécia, por consequência de mudanças político-sociais, como a expansão dos reinos e individualização dos cidadãos.
 - inspirou-se no Império Romano, a partir do qual replicou diversas obras e buscou retratar pessoas conhecidas.
 - inaugurou na arquitetura a “ordem grega”, em que se destacam as ordens jônica, dórica e coríntia.
 - expressou emoções e dramaticidade por meio de esculturas e, no teatro, privilegiou a comédia em detrimento da tragédia.

6. Analise a imagem e responda: qual é a principal diferença entre essa escultura e as esculturas gregas da Antiguidade?



Augusto de Prima Porta, possivelmente baseada na escultura Doríforo, de Policleto, do século V a.C., feita em mármore.

7. **UFPE** A grandiosidade do Império Romano criava muitos problemas administrativos e conflitos de poder, dificultando a ação dos seus governantes. Na arte, os romanos seguiram soluções práticas para facilitar sua vida urbana. A arquitetura romana, por exemplo, foi:
- marcada pela influência dos etruscos no uso do arco e da abóbada.
 - definida pelas influências grega e egípcia, o que resultou em construções grandiosas em homenagem aos deuses.
 - marcada pela utilização de pedras e tijolos, utilizados em grandes edifícios públicos.
 - suntuosa nas construções públicas, que eram de grande originalidade para a época.
 - baseada no uso exclusivo do arco, graças à influência dos mesopotâmicos.
8. Qual foi a principal mudança em termos religiosos do Império Romano para o Império Bizantino? Como isso se refletiu na arte?
9. Cite algumas características da arte bizantina.
10. Os povos da Antiguidade mantinham contato entre si. Mencione alguns dos materiais usados na arte da China nesse período que sejam comuns em outras civilizações.

Exercícios propostos

1. **Fuvest-SP** Escreveram peças para o teatro, durante o “Século de Péricles”:
- a) Homero, Tucídides, Heródoto e Xenofonte;
 - b) Ésquilo, Sófocles, Eurípedes e Aristófanes;
 - c) Sócrates, Protágoras, Platão e Aristóteles;
 - d) Eratóstenes, Arquimedes, Euclides e Pitágoras;
 - e) Píndaro, Alceu, Safo e Hesíodo.
2. **UEM-PR 2021** A arte na Grécia Antiga conheceu três períodos: o arcaico, o clássico e o helenístico. A esse respeito, assinale o que for correto.
- 01 O auge ocorreu no período helenístico. Na escultura, o nu feminino é marcante.
- 02 A proporção áurea como princípio matemático estava presente em estátuas, como na Vênus de Milo.
- 04 Assim como a arte egípcia, a arte grega tinha função religiosa ao retratar os ícones do cristianismo.
- 08 As colunas que sustentam as arquivoltas, o friso e a cornija são elementos da arquitetura do Partenon, edifício construído em homenagem à deusa Atena.
- 16 Os arcobotantes e os arcos ogivais são elementos da arquitetura do Panteão de Roma, construído no período helenístico.
- Soma:

- 3. UEM-PR 2020** Sobre as origens do teatro e suas práticas na Grécia Antiga, assinale o que for correto.
- 01** O coro, importante elemento nas peças gregas, era um personagem coletivo que cantava, dançava e declamava nas apresentações, e podia representar a visão do público.
 - 02** No teatro grego, o coro possuía um líder que, com o passar do tempo, ganhou importância e passou a ser chamado de Corifeu.
 - 04** O teatro surge em rituais em homenagem à deusa Afrodite; nesses rituais os homens declamavam

poemas dedicados a ela, para que abençoasse sua fertilidade.

- 08** Os espetáculos eram grandes acontecimentos cívicos; o teatro era considerado uma ferramenta primordial para a formação social e para o pensamento religioso dos cidadãos.
- 16** As encenações das peças eram realizadas para um público restrito em pequenos espaços, pois não havia tecnologia para a projeção sonora e acústica dos espetáculos.

Soma:

Texto complementar

A mulher grega

[...]

Em Atenas, a filha ou esposa de cidadão (homem livre) desfrutava do *status* social deste, embora não gozasse das mesmas regalias. A situação de dependência/inferioridade foi se agravando no decorrer da história grega. [...] Aristóteles deu suporte à inferioridade feminina. Segundo ele, a forma perfeita era a masculina, a feminina é imperfeita. [...]

Reclusa em casa, a mulher ateniense era educada por mulheres e criadas, daí por que não haver mulher culta (LISSNER, 1959, p. 48). Quando o marido recebia visitas, a mulher se retirava para o gineceu, onde, com o auxílio de escravas (que sabiam melhor de sua vida que o próprio marido) ungiu o corpo com essências aromáticas e óleos perfumados, ficando a olhar sonhadoramente para a rua. Sem as visitas, tomava as refeições e convivia com o marido (BOWRA, 1969, p. 93).

[...]

A mulher romana

Embora em traços gerais a mulher romana assumisse os mesmos papéis domésticos da grega, sua posição, entretanto, tornou-se mais importante, pois gozou de mais liberdade. Governava a casa e administrava os escravos, tecia e fiava e era elogiada por isto. Mas também participava da vida social e compartilhava honrarias com o marido, com quem aparecia em público, nos jogos e em cerimônias religiosas, sendo rodeada de considerações: a senhora, a matrona. Em casa não ficava confinada ao gineceu, mas participava de recepções e comidas. Sua influência não era reconhecida por lei, mas existia de fato. Quando Catão quis terminar, por lei, com o luxo das mulheres, estas compareceram à assembleia e os maridos não se atreveram de aprovar a lei (MALET, s.d., p. 58-59).

AGNES, Hilda; FLORES, Hubner. O helenismo e a mulher. In: FLORES, Moacyr (org.). *Mundo Greco-Romano: arte, mitologia e sociedade*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 69-82.

Resumindo

Muitos povos do Ocidente e do Oriente tiveram contato entre si durante a Antiguidade; por isso, ao transitar pelas artes, vemos particularidades e diferenças, geradas por influências, continuidades, interrupções e modificações de acordo com cada contexto.

Na **Grécia antiga**, o Período Arcaico, com a formação das cidades-Estado, apresenta certa semelhança com a cultura egípcia, com os princípios de grandeza e simetria, nitidez no contorno das pinturas e homenagem aos deuses. No Período Clássico, há o “Século de Ouro”, quando Péricles transforma a Grécia em um verdadeiro polo artístico-cultural, em que atuam figuras como Ictino, planejando os templos, seguindo as ordens jônica, dórica e coríntia, em homenagem aos deuses; Fídias, elaborando suas esculturas; e Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Aristófanes, compondo tragédias e comédias para o teatro. No Período Helenístico, com a formação de grandes reinos e um estilo de vida mais individualista, a arquitetura se volta para as casas, e a escultura, para a expressão de sentimentos.

Na **Roma antiga**, adota-se a cultura grega, sobretudo a do Período Helenístico. No entanto, os romanos priorizam obras utilitárias e grandiosas, como anfiteatros, pontes, mercados, entre outras. Na arquitetura, eles aprimoram a retratística, isto é, em vez de transmitirem uma ideia ou um conceito idealizado, como faziam os gregos, os romanos criaram estátuas reconhecíveis, como as de imperadores.

O **Império Bizantino**, que deu sequência ao poder romano no Oriente, abandona o culto aos deuses com a adoção do cristianismo. Templos monumentais, símbolos religiosos e mosaicos coloridos em que imperadores ocupam papel de personagens cristãs e vice-versa são comuns. A arte islâmica, contemporânea da arte bizantina, dialoga com esta, sobretudo na arquitetura.

A **China na Antiguidade** influenciou diversos países do Oriente, como Coreia e Japão. Desenvolvida em torno do rio Amarelo, tem a Antiguidade dividida em cinco linhagens ou dinastias: Xia, Shang, Zhou, Qin e Han. Durante a dinastia Qin foram construídas a Muralha da China e as 7 mil esculturas de terracota dos *Guerreiros de Xi'an*, criados para proteger o imperador após a sua morte.

Quer saber mais?



Sites

Museu da Acrópole de Atenas, Grécia. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/partner/acropolis-museum>. Acesso em: 10 ago. 2021.

O museu apresenta mais de 3 mil peças da Acrópole ateniense. Por meio do *link*, você conseguirá obter informações sobre diversas peças produzidas na Grécia antiga e ainda fazer uma visita virtual ao museu.

Acervo do Império Bizantino. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/entity/imp%C3%A9rio-bizantino/m017cw?categoryid=place>. Acesso em: 10 ago. 2021.

Nesse acervo virtual do Império Bizantino, é possível conhecer pinturas em livros, moedas e diversas outras obras da arte bizantina, de várias coleções e museus.



DKart/Stockphoto.com

Acervo Império Bizantino.

Exercícios complementares

- 1. ESPM-SP** A Olimpíada de Atenas é a chance que os gregos pediram a Zeus para expor aos olhos do mundo, no curto espaço de 17 dias, uma queixa que já dura 2 séculos. A queixa é de furto. E diz respeito aos extraordinários frisos de mármore esculpidos por Fídias no Partenon – que está entre os 5 dos mais imponentes monumentos ainda preservados da Antiguidade clássica. Os mármores de Elgin, assim é chamada a preciosidade, duvidoso tributo ao homem que a surrupiou em 1836, e olímpicamente a despachou para casa – isto é, para a Inglaterra. Desde 1816 elas repousam no British Museum.



Fonte: Revista Carta Capital, 04/08/2004.

- O texto menciona o Partenon, cuja imagem você pode ver neste exercício. Sobre o Partenon é correto afirmar que:
- a) Foi erguido nos tempos homéricos, estando sua construção descrita na *Ilíada* e na *Odisseia*;
 - b) Foi um conjunto arquitetônico erguido durante o período arcaico, sendo sua construção descrita por Homero;
 - c) Foi um conjunto arquitetônico mandado construir por Péricles, no período clássico, com obras de Fídias, um dos maiores escultores daquele tempo;
 - d) Foi um conjunto arquitetônico mandado construir por Alexandre da Macedônia e representava o estilo grandioso da arquitetura helenística;
 - e) Foi um conjunto arquitetônico mandado construir pelos romanos, quando a região da Grécia sofreu forte influência da arquitetura dos etruscos.
- 2. UEM-PR 2020** Sobre os espaços destinados às artes ao longo dos períodos da história, assinale o que for correto.
01 Na Grécia Antiga, as manifestações artísticas, como as comédias e as tragédias, ocorriam a céu aberto.
02 A forma côncava dos espaços cênicos e as arquibancadas em degraus são conceitos modernos, incorporados a partir do século XX, para melhorar a acústica e a visibilidade do palco.
04 Na Idade Média encenações e apresentações artísticas foram interrompidas e, por ser uma fase de obscurantismo, não houve espaços destinados a elas.
08 O Coliseu, em Roma, é um exemplo de lugar de entretenimento que foi destinado a representações teatrais e a outras apresentações, como os esportes sangüinários.
16 No período da Ditadura Civil-Militar no Brasil (1964-1985), protestos contra o governo ocorreram também por meio de encenações teatrais realizadas em diversos lugares, inclusive nas ruas.

Soma:

3. UFSM-RS Observe as imagens:



GIANNI DAGLI ORTI

JOHN HESELTINE/CORBIS

MUSEU NACIONAL ROMANO, ROMA

Kouros.
Período Arcaico

Doríforo, de Policleto
(cópia romana).
Período Clássico

*O soldado gálatas e sua
mulher* (cópia romana).
Período Helenístico

PROENÇA, Graça. *História da arte*. SP: Ática, 2009.
p. 31, 33 e 39. (adaptado)

Com base nas gravuras, reflita a respeito da Antiguidade Clássica e analise as afirmativas a seguir.

- I. A Civilização Grega não sofreu influência dos egípcios nem dos povos do Oriente Médio. Sua cultura esgotou-se entre os gregos e sua originalidade foi reconhecida apenas com o Renascimento Cultural.
- II. A arte do período clássico evidenciou o ideal grego de harmonia e equilíbrio, percebido tanto na representação da figura humana quanto no projeto de sociedade, a pólis.
- III. A arte do período helenístico expressou uma dramaticidade que pode ser entendida como expressão das tensões do mundo grego da época: a derrocada da pólis autônoma e independente e a formação de grandes reinos.
- IV. Ao conquistar e dominar as cidades gregas, o Império Romano manteve o seu projeto original (oriundo das culturas itálicas) e ignorou a cultura helênica.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I e II.
- b) apenas II e III.
- c) apenas I, II e III.
- d) apenas III e IV.
- e) apenas IV.

BNCC em foco

EM13LGG601 e EM13LGG604

1. Na Antiguidade, os romanos foram muito influenciados pela cultura grega. Em relação às esculturas, por exemplo, retrataram deuses e heróis gregos, traduzindo seus nomes para o latim. No entanto, uma mudança significativa foi feita, impactando o futuro das produções artísticas ocidentais. Que mudança foi essa?

EM13LGG601, EM13LGG602 e EM13LGG604

2. Os ideais de beleza grega ainda são uma referência estética nas artes, seja no intuito de segui-las ou de contradizê-las. Veja os frames do filme *Grande Hotel Budapeste* (2014), do diretor estadunidense Wes Anderson, e, com base neles e nos seus conhecimentos, estabeleça uma relação com os padrões de beleza gregos.

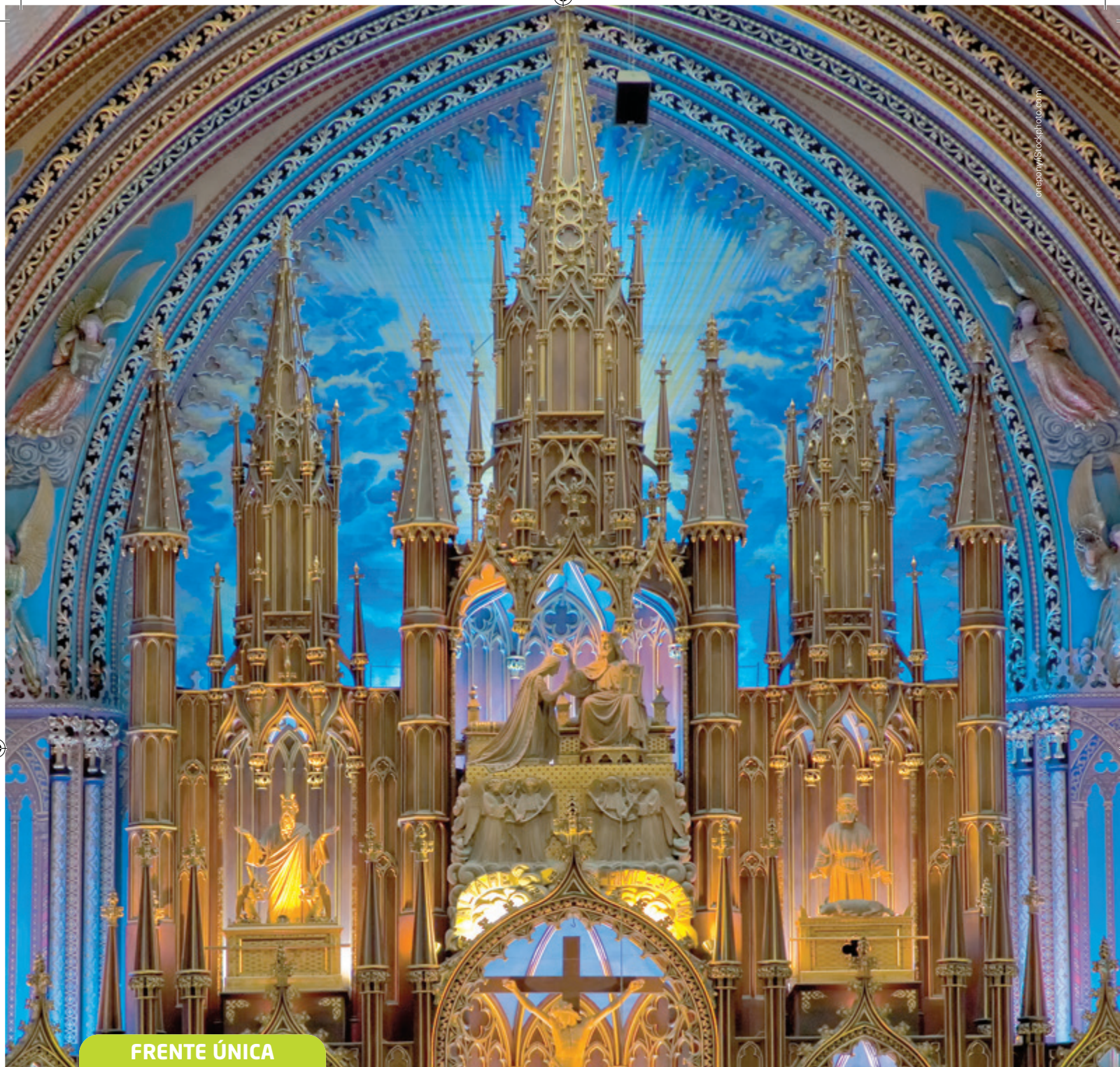


Reprodução



Reprodução

Frames do filme *Grande Hotel Budapeste* (2014), de Wes Anderson.



FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

5

Arte na Idade Média

Quais foram as principais características das artes produzidas durante a Idade Média? Que obras se destacaram e o que elas revelam sobre esse período? Quais são as influências dessa arte na cultura brasileira? Essas e outras questões serão discutidas neste capítulo.

Arte na Europa Medieval

A Idade Média, também conhecida como “Idade das Trevas”, é o período da história da Europa que começa no século V, após a queda do Império Romano do Ocidente, e vai até o século XV, quando ocorre o declínio do sistema feudal e se inicia a Idade Moderna. Esse período costuma ser dividido em Alta e Baixa Idade Média.

! Atenção

A expressão pejorativa “Idade das Trevas” advém do Renascimento, quando a ciência e a racionalidade foram privilegiadas em detrimento da religiosidade, e foi questionada no século XIX, quando artistas do Romantismo e estudiosos mostraram os avanços artísticos e científicos feitos no período e passaram a valorizar as produções medievais.

Na Alta Idade Média, em torno dos séculos V a X, com o fim do Império Romano do Ocidente, a Europa vivia um momento de despovoamento das cidades e de retorno ao campo, com a formação de pequenos reinos descentralizados que adotaram princípios romanos da Antiguidade. O Império Bizantino sobreviveu e se fortaleceu nesse período, disseminando o cristianismo por grande parte do continente europeu, repleto de mosteiros, além de sua produção artística refletir tal religião. As construções desse momento, em geral feitas de madeira, foram totalmente destruídas.



Réplica de elmo encontrado em Sutton Hoo, um dos principais sítios arqueológicos do Reino Unido, que remontam aos séculos VI e VII, quando os romanos foram expulsos da Inglaterra.

Na Baixa Idade Média, que vai do século XI ao XV, com o desenvolvimento de técnicas agrícolas e o fortalecimento do comércio, o feudalismo atingiu seu auge como sistema político-econômico e social. Além disso, a Igreja Católica assumiu o papel unificador em uma região em que a queda do império romano levou muitas áreas a se organizar política e economicamente de forma autônoma. Parte desse papel da Igreja também era político e militar: diversas expedições (as Cruzadas) foram levadas a cabo pela instituição, com o intuito de retomar territórios ocupados pelos muçulmanos no Oriente (como a Terra Santa e a cidade de Jerusalém), gerando também trocas comerciais e culturais em muitos casos. Nesse sentido, as artes e a cultura foram para a Igreja um veículo de ostentação do poder e de controle e ensinamento da religião.



Coroação de Filipe Augusto, iluminura parte das *Grandes Chroniques de France*, século XIV. Biblioteca Nacional da França. Na iluminura, vemos o poder político da Igreja sobre o rei e, por consequência, sobre a sociedade.

Nos séculos XII e XIII surgiram as primeiras universidades na Itália e na França, oferecendo cursos de Direito, Medicina e Teologia. No final da Idade Média, a Europa foi assolada por guerras e catástrofes, entre elas a peste negra, que promoveram mudanças em todos os aspectos da sociedade, inclusive na produção artística.

Como nesse período a Igreja dominava as produções artísticas e científicas, os monges eram os responsáveis pela manutenção das bibliotecas e pela transmissão do conhecimento. As missas eram rezadas em latim, e, como a maioria da população era analfabeta, desenhos, pinturas, iluminuras, afrescos, vitrais e esculturas eram usados para transmitir os ensinamentos bíblicos à população, sobretudo desde o século VI, com o papa Gregório, que investiu também no teatro e na música para fortalecer as narrativas bíblicas.

Durante a maior parte da Idade Média não havia a noção de individualidade, por isso a maioria dos artistas não assinava suas obras, que eram consideradas partes de uma obra maior, criada por Deus. A concepção de indivíduo passou a existir aproximadamente no período gótico, e foi uma característica marcante do Renascimento.

📖 Estabelecendo relações

Em História, estudamos que a Europa medieval se baseou no sistema feudal e se organizou basicamente em três classes sociais: clérigos, servos e nobres. Os clérigos, ou sacerdotes, tinham grande poder político e econômico e dominavam a vida cultural do período. Os servos, em sua maioria camponeses, embora não fossem escravos, tinham obrigações perante o seu senhor, em uma relação de servidão. Os nobres, assim como os sacerdotes, eram uma classe privilegiada e não pagavam impostos. Os cavaleiros, em geral membros da nobreza que não tinham direito a herança, eram os responsáveis pela defesa territorial e pelas guerras de conquistas. Esse treinamento se dava desde a infância.

Iluminuras

As iluminuras, também chamadas de miniaturas, são pinturas ou grafismos, muitas vezes produzidas por monges, com pigmento de ouro, que ilustravam **letras capitulares**, cenas dos códices e manuscritos medievais. As iluminuras sofreram alterações ao longo dos séculos, de acordo com o lugar e o período em que eram produzidas.



Les très riches Heures du duc de Berry [As horas muito ricas do duque de Berry], 1411-1416/1485-1486. A Ascensão de Jesus. Nessa iluminura, produzida e retocada em diferentes épocas pelos irmãos Herman, Paul e Jean Limbourg, e também por Barthélemy van Eyck e Jean Colombe, é possível ver um exemplo de capitular.



Visão do Cordeiro e dos quatro seres, uma das iluminuras do Apocalipse de Lorvão, códice datado de 1189, que traz um comentário sobre o último livro do Novo Testamento. Uma das obras raras do medievo de Portugal.

letra capitular: primeira letra de um livro, capítulo ou parágrafo elaborada em tamanho maior e com destaque.

Nesse mesmo período, no Oriente, os árabes também faziam ilustrações de manuscritos religiosos, referentes ao Corão, e também em narrativas de aventuras, que apresentavam o cotidiano das cidades islâmicas da Idade Média.



Iluminura O banquete de Iskandar e Nushabah, da obra Iskandarnamah, do poeta persa Nizami Ganjavi, que conta as aventuras de Alexandre, o Grande, em suas viagens.

Estilo românico na arquitetura, pintura e escultura

A arquitetura românica nos castelos e nas igrejas vigorou entre os séculos XI e XII, e recebeu esse nome por se assemelhar às construções de Roma antiga, que faziam uso do arco, da abóbada de pedra, resistente a incêndios, e de grossos pilares que as sustentavam, com aberturas estreitas usadas como janelas.

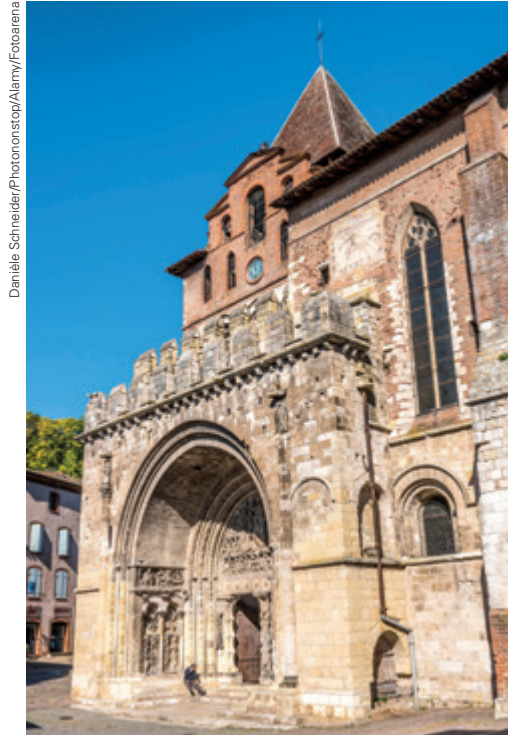
Saiba mais

No século VIII, quando Carlos Magno assumiu o poder no Reino Franco, houve uma reconstrução do império e ele se tornou o protetor da cristandade, dando início ao Renascimento Carolíngio. Nesse período se desenvolveram oficinas ligadas ao palácio e aos mosteiros a fim de produzir pinturas, esculturas, objetos artísticos de metal e manuscritos, com aspectos da cultura greco-romana. Um dos legados desse período foi o desenvolvimento posterior da arquitetura românica.

Embora fossem altas, considerando a proporção entre altura e largura, eram mais horizontalizadas. A grandeza e a solidez das construções românicas religiosas, como mosteiros e **abadias**, simbolizavam a fortaleza divina. Muitas igrejas românicas foram construídas em rotas de peregrinações religiosas e serviam de abrigo e atrativo para os fiéis. Algumas rotas existem até hoje, como o caminho de Santiago de Compostela.

abadia: local onde vive uma comunidade religiosa; mosteiro.

As igrejas românicas tinham uma **nave** central, e em uma das suas extremidades havia uma área de formato semicircular e teto abobadado, chamada abside, onde ficava o coro e eram realizadas as missas. Algumas construções também apresentavam o transepto, uma nave perpendicular à central, que formava com esta uma cruz.



Danièle Schneider/Photonostop/Alamy/Fotorena



Danièle Schneider/Photonostop/Alamy/Fotorena

Abadia de Saint-Pierre de Moissac, na França, finalizada no século X. Na primeira foto é possível ver a fachada, com o portal da nave principal e as esculturas em relevo. Na segunda foto, em seu interior, vemos a nave principal, com o teto abobadado, a abside, os arcos laterais, as grossas colunas e as estreitas aberturas usadas como janelas.

A dimensão das construções e dos espaços livres entre as janelas permitiu que se desenvolvesse a técnica do **afresco** nas paredes e no teto, para retratar temas sagrados. Nas janelas, instalavam-se pequenos vitrais.

nave: ala principal da construção.

afresco: técnica de pintura úmida, realizada com a argamassa fresca, o que faz com que a pintura fique incorporada à parede.

As imagens nos afrescos e nos vitrais, diferentemente da arte greco-romana, não tinham a intenção de estudar e representar o corpo humano em seus detalhes, mas de transmitir seus valores, como faziam os egípcios. Por isso, as personagens não eram proporcionais entre si ou mesmo em relação ao próprio corpo.

As personagens mais importantes eram maiores do que as demais, assim como as mãos poderiam ser maiores do que as outras partes do corpo, valorizando o gesto da bênção, por exemplo. Essa característica é chamada de deformismo. Além do deformismo, podemos notar o uso de cores chapadas, sem meios-tons nem jogos de luz e sombra, contornos bem delineados, expressões faciais de solenidade e dureza.

As esculturas do período também não tinham como objetivo retratar o corpo em detalhes, e em geral eram entalhadas nas paredes das igrejas e em relevos em suas fachadas.



Johan Fabony/Alamy/Fotorena

Esculturas e detalhes em relevo no claustro da Abadia de Saint-Pierre de Moissac, França.



KarSoll/Stockphoto.com

Cristo em Majestade, em afresco de um dos recintos laterais da Igreja de Sant Climent, em Taüll, Catalunha, Espanha, c. 1123.

! Atenção

Durante a maior parte da Idade Média, os artistas abandonaram o ideal de beleza e o interesse pelo corpo humano em nome de uma arte didática, de temática religiosa, aproximando-se da arte egípcia.

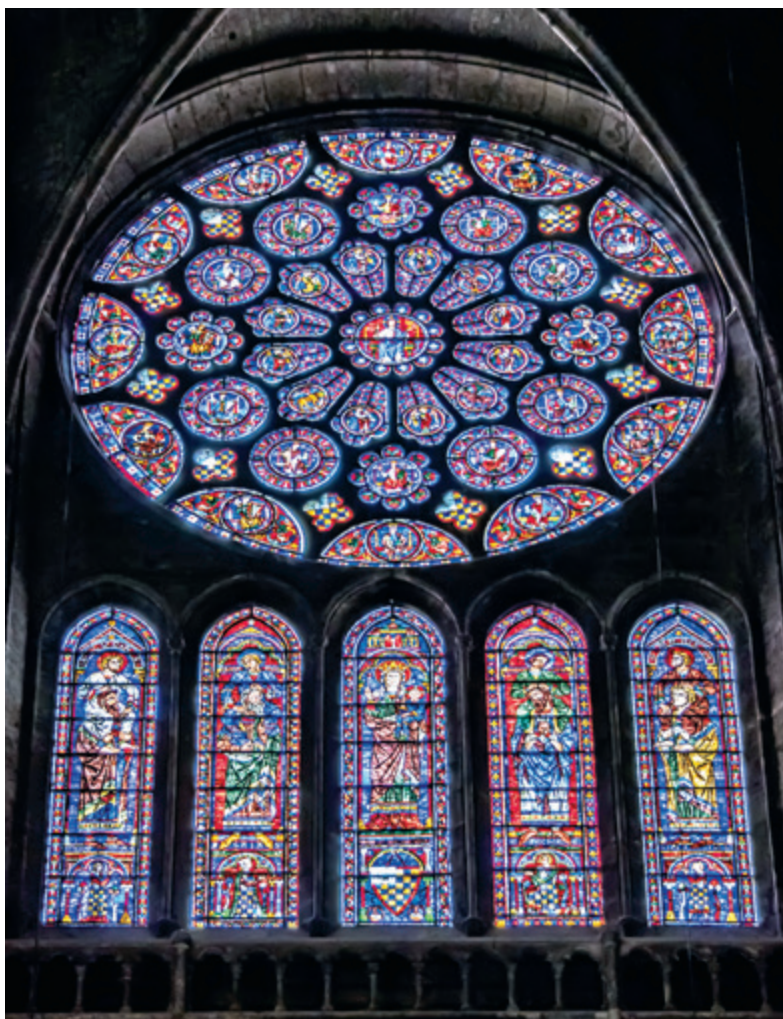
Estilo gótico na arquitetura, pintura e escultura

A arte gótica surgiu no século XII com a prosperidade do feudalismo, o desenvolvimento da economia europeia e a formação dos burgos (cidades) e de uma nova classe social, a burguesia, mudanças que, paradoxalmente, contribuíram para o fim do sistema feudal.

Essa nova classe social passou a realizar atividades artísticas e intelectuais, anteriormente exclusivas da Igreja, e a dar abertura a um processo de individualização, por meio do desenvolvimento do humanismo cristão, embora ainda representasse a força da Igreja. Para o filósofo e teólogo São Tomás de Aquino (1225-1274), não havia motivo para temer o intelecto humano, pois a razão era um caminho possível para se chegar a Deus. Assim, na arte, passou-se a acreditar que o esplendor divino poderia ser atingido por meio da capacidade humana.

Na arquitetura, inicialmente o estilo foi chamado de “estilo francês”. No século XVI, renascentistas o renomearam pejorativamente como “gótico”, pois acreditavam que havia sido criado pelos godos, um dos povos “bárbaros” que invadiram Roma. Com o tempo, percebeu-se que se tratava de uma arquitetura importante e peculiar em seus aspectos.

A arquitetura gótica, assim como a românica, foi utilizada na construção de castelos, igrejas, catedrais etc., no entanto difere da românica nos seguintes aspectos: em sua fachada há três portais em vez de um, dando acesso às três naves (a principal e as laterais); sua abóbada tem formato de cruzaria em vez de intersecção em ângulo reto; o desenho das ogivas é mais alongado e aponta para o alto, dando a impressão de serem mais verticalizadas e de se aproximarem do divino; os pilares de apoio permitiam que as paredes fossem mais finas e que as aberturas usadas como janelas fossem maiores. Tais aspectos possibilitavam melhor iluminação e o desenvolvimento da arte dos vitrais de modo mais amplo, já que a mudança da posição do sol fazia os vitrais mudarem de cor de acordo com a hora do dia, conferindo a tais elementos um caráter místico. Além disso, eles continuavam a transmitir as narrativas bíblicas, mas deixavam os fiéis ainda mais submissos diante das construções altíssimas e com capacidade para abrigar milhares de pessoas.



Vitrais da Catedral de Notre-Dame de Chartres, na França.



Catedral de Colônia, de estilo gótico, em Colônia, Alemanha. Começou a ser construída no século XIII e só foi concluída 600 anos depois. Na parte externa, é possível observar os três portais; na parte interna, os longos e enormes vitrais iluminando a absíde, a abóbada em formato de cruzaria e o desenho das ogivas mais alongado em relação às catedrais românicas.

A escultura gótica, assim como a românica, estava associada à arquitetura, talhada em suas paredes e em relevos nas fachadas, enriquecendo suas construções. Mas, diferentemente da românica, no período gótico, as esculturas começaram a se dissociar dos edifícios e a ganhar espaço próprio. As esculturas que representavam seres humanos se aproximavam do tamanho natural das pessoas e eram feitas de modo tridimensional, com posições que sugeriam movimento. Na Alemanha, em meados do século XIII, os artistas começaram a esculpir imagens de nobres nas catedrais.

Erich Lessing/Album/Album/Fotorena



Nobre Uta, 1249. Escultura da Catedral de Naumburg, na Alemanha. Representação de uma mulher da nobreza em vez de imagens sagradas.

A pintura também passou a apresentar a busca pelo volume, por soluções ligadas à perspectiva e por cores que remetesse à realidade, e não ao simbolismo religioso, como ocorria no estilo românico.

As mudanças na escultura e na pintura, iniciadas por volta do século XIII, foram as precursoras do Renascimento, com identificação da autoria das obras, mais naturalidade nas cenas e ações retratadas e uso do perspectivismo.

Gemäldegalerie, Berlin



Madonna em uma igreja, de Jan van Eyck (1390-1441). Na pintura, vemos características internas das construções góticas.

Música e dança

A música na Idade Média fez parte tanto do universo sagrado dos mosteiros, com o objetivo de louvar a Deus ou transmitir seus ensinamentos, como da vida cotidiana dos feudos, onde trovadores e menestres tocavam e narravam poemas relacionados ao dia a dia.

Os trovadores eram artistas da nobreza que compunham poemas e canções. Os menestres, em geral, eram intérpretes das canções e também malabaristas ou saltimbancos, que se apresentavam de modo itinerante em circos, praças e outros espaços. Alguns dos instrumentos tocados por eles eram o alaúde, a flauta e os tambores, a charamela, a gaita de fole, o pandeiro, a harpa, entre outros.



Godong/Alamy/Fotoarena

Um dos doze anjos músicos no Portal do Mosteiro da Batalha, Portugal. O anjo toca uma charamela, que deu origem ao oboé.



Chronoz/Album/Alamy/Fotoarena

Iluminura do códice do cancionero de Benediktbeuern, conhecido como Carmina Burana, séculos XI-XIII. Os instrumentos apresentados são: viola (vestido vermelho), saltério (círculo), alaúde, pandeiro, harpa, castanholas, gaita de fole, nacaras e charamela.

A dança, por sua vez, não teve a mesma absorção pela Igreja Católica como a música ou o teatro, embora apareça em suas festividades.

Entre a população, algumas das danças comuns eram a dança de roda, como a carola, e a dança em três tempos, na qual os dançarinos não se tocavam, como acontecia na tripudium, ambas ritmadas por tambores e tamborins e dançadas ao som de cantos gregorianos.

Quando a peste negra assolou a Europa, a carola passou a se referir à morte, sendo realizada até mesmo em cemitérios. As danças que faziam referência à morte eram chamadas de “danças macabras”. Com o passar do tempo, a nobreza foi desenvolvendo o estudo de ritmos e passos para se diferenciar das danças populares e a carola foi se transformando no momo, que implicava o uso de máscaras e daria origem ao gênero do balé-teatro. Outros gêneros da dança da Idade Média foram a estampie (tipo de sapateado, comum na França), o saltarello (dança saltitante, comum na Itália), o branle (dança de camponeses, que deviam seguir o líder da coreografia) e a tarantela (dança com troca de casais e ritmo crescente, também comum na Itália).



Web Gallery of Art/Coleção particular

Dança dos camponeses, de Pieter Bruegel, c. 1569. Na pintura, é possível observar uma dança de roda, muito comum no período medieval, e que é presente até hoje nas brincadeiras, nas danças tradicionais e como elemento das danças contemporâneas.



Museu de Arte da Estônia, Tallinn

Dança Macabra em Tallin (1475-1499), de Bernt Notke. Museu de Arte da Estônia.

Teatro

As peças de teatro originadas durante o Império Romano, como os mimos, realizadas por grupos de artistas itinerantes, faziam muito sucesso entre o povo e a nobreza na Idade Média, mas foram duramente perseguidas pela Igreja, que proibia manifestações não relacionadas a temas sagrados.

Desse modo, as apresentações passaram a fazer parte dos ritos religiosos e a ser encenadas após a missa, dentro das igrejas, ou em procissões. As liturgias dramáticas eram realizadas por padres e monges e baseadas na Bíblia, e não em textos dramáticos como ocorria na Grécia e em Roma. A partir do século XII, essas apresentações foram desvinculadas das missas e passaram a ser encenadas nos pátios das igrejas, nos mercados, nas ruas, por clérigos, e passaram a envolver a multidão que assistia à apresentação. Essa nova expressão teatral foi chamada de drama litúrgico. Falados em latim vulgar, os dramas litúrgicos mesclavam narrativa religiosa e cotidiana, e sempre apresentavam uma moral ao final.

Além dos participantes do clero e do povo no elenco das apresentações teatrais, profissionais da dança e da música eram contratados para declamar, cantar e tocar diversos instrumentos. Assim, os menestréis, que atuavam como músicos e cantores, participavam ativamente das apresentações do teatro medieval.



Biblioteca Nacional da França, Paris

Illuminura do Frontispício do códice medieval de Terence des Ducs, Paris. Na parte superior da imagem é possível imaginar o teatro romano na Idade Média, com um declamador ao centro e os espectadores em volta.

Saiba mais

Os mimos, peças cômicas e burlescas da vida cotidiana, fizeram muito sucesso na Grécia, durante o período helênico, e em Roma. O personagem do “bobo”, com roupa de retalhos coloridos e chapéu pontudo, deu origem ao arlequim na *commedia dell'arte*, gênero teatral que vai se desenvolver no Renascimento.

Muitos de seus personagens eram alegorias, ou seja, a representação de ideias abstratas, pensamentos ou princípios com elementos visuais bem definidos; por exemplo, a personificação da morte com a foice e o capuz preto.

Algumas das formas de teatro medievais sagradas foram as moralidades (peças curtas cujos personagens representavam instituições, virtudes, vícios, com finalidade didática), os mistérios (narravam a vida de Cristo), os milagres (representavam em geral a vida dos santos) e os autos sacramentais (narravam o nascimento e a ressurreição de Cristo).

Paralelamente ao desenvolvimento do teatro sagrado, o teatro profano sempre esteve presente em palácios, praças, mercados etc. Alguns dos gêneros de teatro profano do período medieval são as farsas, as soties (semelhantes às farsas, mas com intenção crítica), os entremezes (peças curtas encenadas durante os banquetes), os sermões burlescos (monólogos recitados por atores mascarados e trajando vestes sacerdotais, de modo a ridicularizar os atos religiosos) e os autos (relacionados ao juízo final, eram a forma teatral mais didática da época, com personagens típicos como a alcoviteira, o médico, o mendigo, anjos e demônios, vícios e virtudes).

Em meados do século XV, os grupos de artistas itinerantes, em suas carroças-palcos, ainda que malvistas pela Igreja, voltaram a fazer sucesso entre o povo, e incluíram elementos não relacionados à Igreja, ou seja, profanos, em seus autos sacramentais.



powerofforever/Stockphoto.com

Gravura de apresentação pública de teatro em um palco móvel no século XV, levada para várias áreas rurais da Europa.

Embora haja poucos registros das manifestações populares, suas influências são marcantes para as culturas posteriores. O português Gil Vicente (1465-1536) ficou conhecido por suas farsas e autos repletos de humor, sátiras e críticas sociais e principalmente à Igreja, sendo sua obra mais conhecida a *Trilogia das Barcas*, composta de *Auto da Barca do Purgatório*, *Auto da Barca da Glória* e *Auto da Barca do Inferno*. Este último se passa em um porto na qual o Anjo e o Diabo julgam os demais personagens. Em 1583, o padre José de Anchieta escreveu em tupi, português e espanhol e dramatizou o *Auto de São Lourenço*, a fim de catequizar os indígenas.

Saiba mais

No século VII, durante a expansão islâmica, muitos povos do norte da África aderiram ao islamismo e incorporaram os elementos artísticos dessa religião, principalmente na música e nas artes visuais. Entre esses povos estavam os mouros, que ajudaram na conquista de parte da península Ibérica (onde hoje se encontram Espanha, Portugal, Gibraltar, Andorra e uma pequena parcela do sul da França). Um exemplo dos elementos provenientes da arquitetura islâmica é o azulejo (utilizado nas fachadas e no interior das edificações), empregado no Oriente há vários séculos. Essa influência chegou ao Brasil e é uma das características importantes da arquitetura colonial brasileira.

A influência do medievo na cultura brasileira atual

Os autos, mistérios, milagres e moralidades foram assimilados pela cultura brasileira, sobretudo pela nordestina, e se refletiram no teatro popular, no mamulengo (teatro de bonecos) e na literatura de cordel, com narrativas criadas a partir de improvisos e desafios e ilustradas por meio de xilogravuras. O pernambucano Ariano Suassuna (1927-2014), um dos principais dramaturgos do século XX, autor das peças *Auto da Compadecida* (1955) e *Romance d'A pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta* (1971), entre outras, também idealizou o Movimento Armorial no Brasil. A proposta do Movimento, do qual também fizeram parte Francisco Brennand, Raimundo Carrero, Gilvan Samico, entre outros, era valorizar diversas manifestações artísticas, como teatro popular, danças cujos personagens advêm da tradição, como o cavalo-marinho e o boi do bumba-meu-boi, apresentadas ao ar livre, além de peças de cerâmica, literatura, pintura, xilogravura etc., ligadas às raízes culturais brasileiras. Nas palavras de Suassuna:

A Arte Armorial Brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos “folhetos” do Romancero Popular do Nordeste (Literatura de Cordel), com a Música de viola, rabeca ou pífano que acompanha seus “cantares”, e com a Xilogravura que ilustra suas capas, assim como com o espírito e a forma das Artes e espetáculos populares com esse mesmo Romancero relacionados.

Ariano Suassuna, *Jornal da Semana*, Recife, 20 maio 1975. In: Fundação Joaquim Nabuco. Movimento Armorial. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=696&Itemid=180. Acesso em: 1º jun. 2020.

Tentação de Santo Antônio, 1962. Gravura de Gilvan Samico, um dos idealizadores do Movimento Armorial.



Revisando

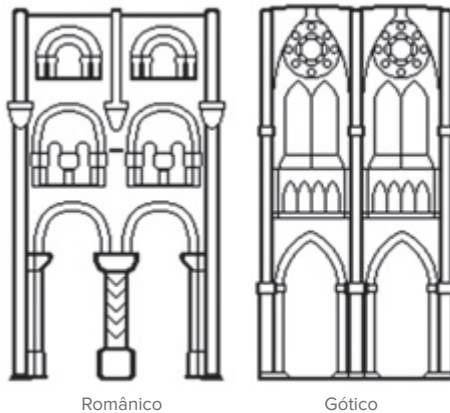
1. Estabeleça uma breve comparação entre a pintura românica da Idade Média e as pinturas egípcia e greco-romana.
2. Na Idade Média, o que seria uma manifestação artística profana?
3. Com que finalidade as artes eram usadas pela Igreja durante a Idade Média?
4. O que são iluminuras?
5. O que deu origem à arte românica na Idade Média?
6. Por que durante a maior parte da Idade Média os artistas não assinavam suas obras?
7. Quais são as principais diferenças entre trovadores e menestrelis?
8. Cite algumas danças comuns na Idade Média.
9. Por que, diferentemente do teatro e da música, a dança não foi incorporada de modo tão estrutural pela Igreja Católica?
10. Por que as alegorias eram muito presentes nas diversas formas de teatro medieval?

Exercícios propostos

1. **Unifesp** Houve, nos últimos séculos da Idade Média ocidental, um grande florescimento no campo da literatura e da arquitetura. Contudo, se no âmbito da primeira predominou a diversidade (literária), no da segunda predominou a unidade (arquitetônica).

O estilo que marcou essa unidade arquitetônica corresponde ao

- a) renascentista.
 - b) românico.
 - c) clássico.
 - d) barroco.
 - e) gótico.
2. **UFPE** Os estilos arquitetônicos românico e gótico destacaram-se na arte medieval. O estilo românico, por exemplo, presente em numerosas edificações do século XI, expandiu-se pela Europa católica e:



- a) era muito usado na construção de igrejas, destacando-se suas linhas curvas e sua forte ligação com mudanças urbanas que aconteciam no sul da Europa do século XI.
 - b) estava relacionado com mudanças no estilo arquitetônico francês rural, que revelava o enfraquecimento das tendências próprias das construções do sistema feudal do século XI.
 - c) era usado nas construções religiosas católicas, numa época em que ainda se destacava a simplicidade da vida rural medieval.
 - d) simbolizou o crescimento do comércio medieval no sul da França, com destaque para seus arcos e suas janelas pequenas, de vitrais bem desenhados.
 - e) marcou a arquitetura católica medieval, mas foi usado apenas na construção de mosteiros próximos aos castelos dos senhores feudais mais ricos.
3. **FGV-SP (Adapt.)** Observe a imagem ao lado, leia o trecho abaixo e depois responda à questão.

Os esforços exigidos são tais que só sociedades em plena expansão econômica e politicamente estabilizadas puderam erguer, a partir de meados do século XII, a floresta de catedrais góticas, com a consciência nova de que a humanidade do Ocidente tinha entrado numa época de progresso irreversível...

KURMANN, P. "Catedrais". In DUBY, G. (coord.) *História artística da Europa*. A Idade Média. Trad. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 223.

Relacione os principais aspectos arquitetônicos das catedrais góticas à religiosidade do período.



Interior da nave da catedral de Notre-Dame de Laon, século XII

Texto complementar

Prefácio do *Auto da Compadecida*

[...]

Suassuna diz que sua obra se baseia nos romances e histórias populares do Nordeste, os quais, devemos confessar, desconhecemos totalmente. Por nosso lado, encontramos em “A compadecida” um parentesco com gêneros mais antigos, de outras épocas e regiões que, todavia, devem ter sido de algum modo a origem remota daqueles que a inspiraram. Enquadramo-la, inicialmente, na tradição das peças da Alta Idade Média, geralmente designadas como Os Milagres de Nossa Senhora (do séc. XIV), em que, numa história mais ou menos – às vezes muito – profana, o herói em dificuldades apela para Nossa Senhora, que comparece e o salva, tanto no plano espiritual como no temporal.

Quanto à forma e ao tratamento, nossa tendência é para aproximar a obra dos autos de Gil Vicente e do teatro espanhol do séc. XVIII. Também lhe encontramos algo em comum com a *commedia dell’arte*, tanto no desenvolvimento da ação como na concepção das personagens, particularmente na figura de João Grilo, que lembra muito as características do “arlequim”, embora seja um tipo autenticamente brasileiro e não copiado da tradição italiana, mesmo porque é figura lendária da literatura popular nordestina, tanto que é herói de dois romances intitulados *As proezas de João Grilo*.

Desta vez, porém, a aproximação de um texto brasileiro com formas e até temas dos grandes gêneros da história do teatro não é apontada como defeito, pois não houve cópia, imitação servil ou mera transposição, mas autêntica recriação em termos brasileiros, tanto pela ambientação como pela estruturação, sendo uma obra inédita em suas características, nova e, portanto, absolutamente original.

[...]

OSCAR, Henrique. Prefácio. In: SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.



Reprodução

Ilustração da capa, por Zélia Suassuna.

Resumindo

A Idade Média na Europa, também chamada de “Idade das Trevas”, vai do século V, com o fim do Império Romano no Ocidente, ao século XV, e se divide entre Alta Idade Média (séculos V a X) e Baixa Idade Média (séculos XI a XV). Foi um período de controle da Igreja Católica, inclusive nas artes.

Durante a Alta Idade Média, há um despovoamento na Europa e a formação de pequenos reinos. O Império Bizantino sobrevive e dissemina o cristianismo pela Europa. A maioria das construções do período, de madeira, não sobreviveu aos ataques de outros povos e às condições climáticas.

Na Baixa Idade Média, o feudalismo vive seu apogeu e sua ruptura como sistema político-social, dando origem a um fortalecimento da monarquia e ainda mantendo o poder da Igreja.

Algumas manifestações artísticas da época são: iluminuras, pinturas ou grafismos dos códices medievais, produzidas nos mosteiros; produções artísticas das oficinas promovidas por Carlos Magno, inspiradas na arte greco-romana e que dão origem à arquitetura românica, com grossas colunas, janelas estreitas, estrutura horizontalizada, afrescos com narrativas bíblicas, que focam mais a didática do que a estética; arquitetura gótica, com colunas estreitas, grandes janelas repletas de vitrais, estrutura verticalizada, e esculturas que começam a se dissociar da arquitetura. Surgem os trovadores e menestres, que compõem poemas, canções, tocam instrumentos e entretêm a população. A dança é praticada em algumas festividades religiosas, mas no geral é malvista pela Igreja. De todo modo, ela persiste como manifestação profana. O teatro é controlado pela Igreja, e surgem diversos gêneros comumente moralizantes; no entanto o teatro profano nunca deixa de ser praticado. As farsas e os autos são gêneros que se perpetuam e fazem sucesso até hoje.

Quer saber mais?



Site

Biblioteca Digital Mundial: *iluminuras*. Disponível em: https://www.wdl.org/pt/search/?additional_subjects=Illuminations. Acesso em: 23 ago. 2022.

Entre na Biblioteca Digital Mundial, digite “iluminuras” e tenha acesso a diversos manuscritos e suas respectivas iluminuras da Idade Média, do Ocidente e do Oriente. Ao clicar nos manuscritos, além de admirar as imagens, você conhecerá detalhes como assunto e data do manuscrito, localização, idioma, descrição física, entre outros. Vale a pena conferir!



Vídeo

***Iluminuras medievais*, de Lindomar Araujo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9GotZ1M-ug4&ab_channel=LindomarAraujo. Acesso em: 23 ago. 2022.**

Assista ao vídeo para conhecer o processo de confecção de iluminuras, explicado passo a passo e com algumas curiosidades, desde o curtume das peles de animais, passando pelos copistas, até os ilustradores.



Livro

***Iluminuras*, de Rosana Rios. Ilustrações de Thaís Linhares. Belo Horizonte: Lê, 2015.**

Esse livro, vencedor do Prêmio Jabuti na categoria Melhor Livro Juvenil, em 2016, faz um convite para que o leitor explore e conheça, com as personagens, dez iluminuras encontradas em uma escavação arqueológica, fazendo uma viagem no tempo.

Exercícios complementares

1. **UEM-PR 2017** Sobre a arte na Europa durante a Alta e a Baixa Idade Média, é correto afirmar que
- 01 o Império Carolíngio foi marcado por obras monumentais, como os mosteiros e as igrejas góticas e renascentistas.
 - 02 os manuscritos ilustrados registraram, entre outros aspectos, a música sacra por meio das partituras medievais.
 - 04 os temas da pintura românica eram de natureza religiosa. Nos mosteiros e nas igrejas, era comum a representação, por exemplo, da criação do mundo e do ser humano.
 - 08 as esculturas foram utilizadas nas igrejas e eram comumente inseridas no portal de entrada.
 - 16 as abóbadas e os arcos das arquiteturas românica e gótica são idênticos. Entretanto, na pintura a preferência temática se diferencia, porque, no estilo gótico, a religião está pouco presente.

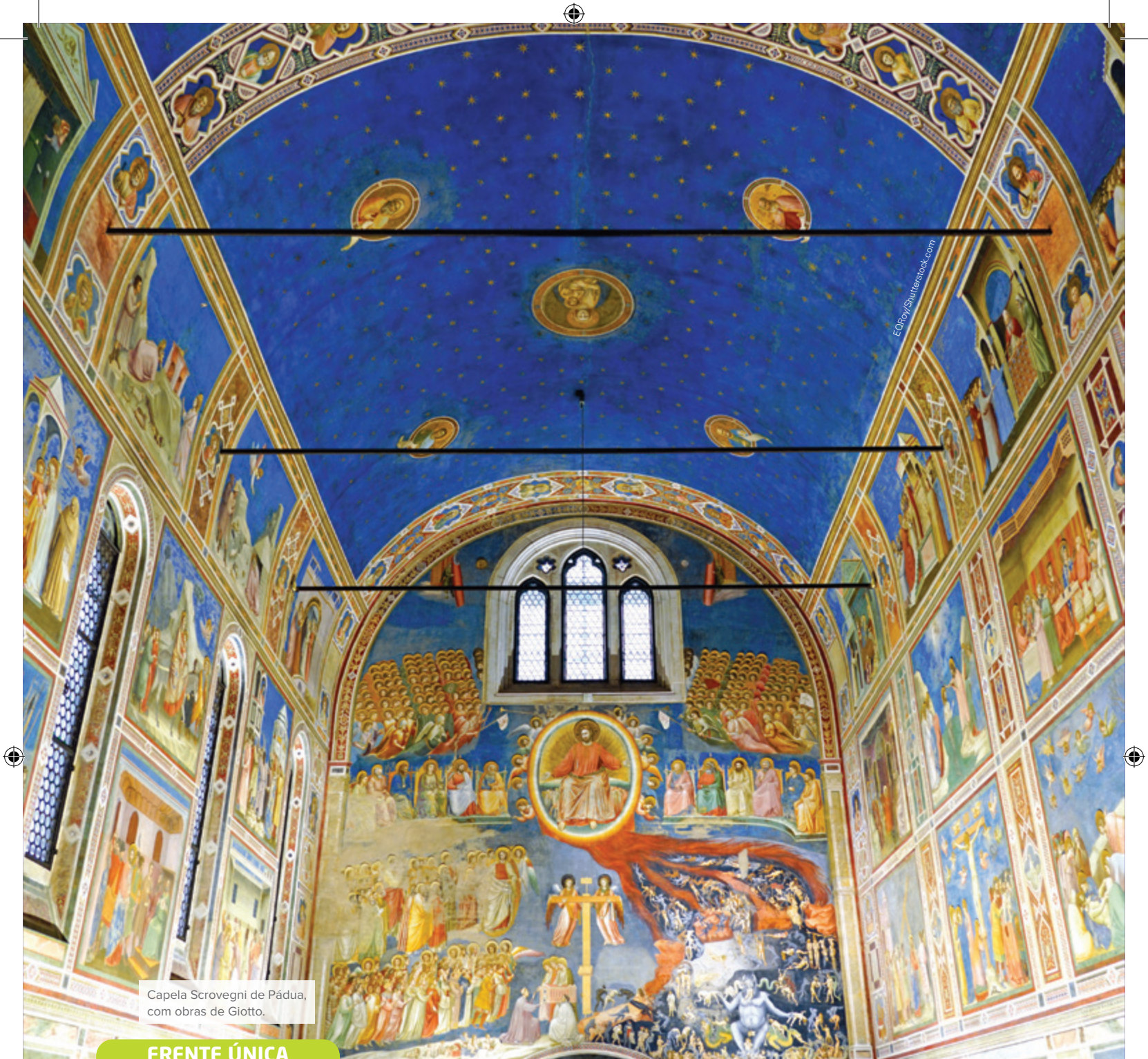
Soma:

2. **Mackenzie-SP 2017** A partir do século XII ao XV, na Europa, algumas catedrais passaram a ser construídas adotando um novo estilo arquitetônico: o gótico. Ao contrário do estilo românico, tais igrejas primavam pela verticalidade, leveza, harmonia dos traços e luminosidade, através dos vitrais coloridos. O surgimento do estilo gótico está ligado ao



Catedral de Notre-Dame, Paris.

- a) movimento cruzadístico que, ao tentar retomar Jerusalém do domínio muçulmano, permitiu o contato com esse estilo mais decorativo, de características orientais.
 - b) fortalecimento do sistema feudal e a necessidade de valorização dos feudos por meio de tais construções monumentais, reafirmando o poder do senhor das terras.
 - c) advento do trabalho servil, em detrimento do trabalho escravo, o que deve ter estimulado a criatividade dos construtores da época, possibilitando utilizar novas técnicas de construção.
 - d) aumento da riqueza e autonomia das cidades, que competiam entre si para edificar catedrais mais altas e decoradas, sinal de prosperidade do novo núcleo urbano.
 - e) reavivamento da fé e a necessidade dos senhores feudais demonstrarem sua devoção à Igreja Católica e ao movimento das Cruzadas, financiando novas igrejas a cada vitória alcançada no Oriente.
3. **Unemat-MT** “Autos” são modalidades do teatro medieval cujo assunto é basicamente religioso. No Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente, e no Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna, a religião domina os temas. Assinale a alternativa correta.
- a) A concepção de religião é formal e solene durante a condenação ou salvação das almas.
 - b) A relação Deus-homens se dá pelos rituais complexos.
 - c) O desfecho moralizante está em desacordo com os preceitos católicos.
 - d) A presença da oposição Deus X diabo divide os comportamentos humanos entre bem X mal.
 - e) A abordagem religiosa exemplifica que, no julgamento final, as almas não têm salvação.



Capela Scrovegni de Pádua,
com obras de Giotto.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

6

Renascimento na Europa e na América pré-colombiana

Quais foram as principais influências para o pensamento renascentista? O que o Renascimento apresenta de diferente em relação à Idade Média nas artes? Como a América se relaciona com esse período e que tipo de arte foi produzida nessa região? Quais são os reflexos nos povos indígenas brasileiros? Essas e outras questões serão discutidas neste capítulo.

Renascimento na Europa

O que chamamos hoje de Renascimento se refere a uma série de acontecimentos, ocorridos em vários países da Europa, entre os séculos XIV e XVII, resultantes de uma época de navegações, expedições terrestres, expansão do comércio, desenvolvimento dos burgos, abertura do Mediterrâneo, fim das Cruzadas e colonização de territórios em outros continentes, como América e África.

Nas artes, o Renascimento começou com um grupo na Itália, no século XV, que privilegiava os ideais greco-romanos e o humanismo, estabelecendo uma relação diferente entre o homem e o Universo em comparação com as crenças espirituais e religiosas da Idade Média.

Tal humanismo, cuja principal marca é a valorização do intelecto e da racionalidade humana, teve início entre o clero ainda na Idade Média, durante o período gótico, mas se propagou entre pensadores, críticos e artistas a partir do século XV. O movimento esteve presente em todas as expressões artísticas, como literatura, artes visuais, teatro, dança e música, e tinha uma proposta antropocêntrica em oposição ao teocentrismo da Idade Média, além de valorizar a Filosofia e o experimento empírico (em oposição à escolástica, que seguia os preceitos de Aristóteles, na Idade Média).

Renascimento na península Itálica

Após a superação da peste negra, Florença e Veneza, que atualmente ficam na Itália, desenvolveram-se economicamente e tornaram-se um importante centro bancário e de produção têxtil. Os comerciantes ricos da época passaram a contratar artistas para trabalhar em igrejas e prédios públicos e ficaram conhecidos como mecenas. A Igreja católica também patrocinou muitos artistas, o que possibilitou que muitos deles passassem a viver exclusivamente da renda de sua arte.

O Renascimento na península Itálica é geralmente dividido como *Trecento*, ou Baixa Renascença, *Quattrocento* e *Cinquecento* (os anos finais do *Quattrocento* e o *Cinquecento* são conhecidos como Alta Renascença). No *Trecento*, que se desenvolveu no século XIV e cujo expoente é Giotto (1267-1337), os temas eram predominantemente religiosos, mas com cenários terrenos, com aspectos naturalistas.

No século XV, durante o *Quattrocento*, destacaram-se artistas como Fra Angelico (c. 1395-1455) e Sandro Botticelli (1445-1510) na pintura, Filippo Brunelleschi (1377-1446) na arquitetura e Donatello (1386-1466) na escultura. Os membros da família Médici foram grandes mecenas da época.

No século XVI, durante o *Cinquecento*, Roma tornou-se o grande centro de produção artística, espalhando-se para diversos países. Seus principais artistas foram Leonardo da Vinci (1452-1519), Michelangelo Buonarroti (1475-1564), Tintoretto (c. 1518-1594) e Rafael Sanzio (1483-1520).



GIOTTO. *Fuga para o Egito* (c. 1304-1306). Série Cenas da vida de Cristo. Capela dos Scrovegni (Arena), Pádua, Itália. Giotto pintava santos como homens e mulheres comuns, mas com posição de destaque nas cenas. Sua visão humanista e diferente das estéticas bizantina e românica correspondeu às expectativas da burguesia da época, que enriquecia a partir de suas próprias atividades comerciais.

Pintura

É interessante pensar sobre os novos paradigmas da pintura no Renascimento, com uma tendência de interpretação racional do mundo, e sua relação com o contexto sociopolítico que se desenrolava durante o período. O estudo da perspectiva e da representação acontecia em um momento de questionamento de Deus como criador do Universo, do desenvolvimento da Ciência e da Astronomia – Nicolau Copérnico (1473-1543) criara uma teoria defendendo que o Sol era o centro do Universo e que os planetas o orbitavam – e até mesmo da manutenção do poder cristão nas teorias políticas – Nicolau Maquiavel (1469-1527) escreveu o primeiro tratado, *O príncipe*, sobre ciência política separando-a da religião.



DA VINCI, Leonardo. *A última ceia* (1495). Itália, Milão. Têmpera. Igreja Santa Maria delle Grazie.

O afresco *A última ceia*, de Da Vinci, que foi pintado no refeitório da Igreja Santa Maria delle Grazie, em Milão, traz algumas características que foram representativas da pintura renascentista.

A obra se refere ao momento em que Jesus anuncia que um dos apóstolos o trairá, causando inquietação e movimentação entre os presentes, retratadas pelos gestos corporais expressivos, em contraste à posição tranquila de Jesus. O cenário em si cria a sensação de profundidade de campo. Por meio do uso da geometria euclidiana, foi possível projetar as linhas do teto e das janelas em perspectiva, confluindo para o centro. Aliás, é por meio dessas linhas que se cria o ponto de fuga, que leva o olhar do observador em direção ao centro, a Jesus.

A técnica do *chiaroscuro* (claro-escuro), que é o contraste entre cores claras e escuras a fim de dar efeito de volume e maior realismo, também está presente. Note que o lado esquerdo da obra é mais escuro do que o direito, o que nesse caso reforça a sensação de mistério e conflito. Jesus e os demais discípulos, que representam um ser sagrado e os demais humanos, têm o mesmo tamanho, diferentemente das pinturas da Idade Média, nas quais os santos eram maiores do que os humanos. A simetria também é uma característica marcante da obra. Jesus está ao centro, e em cada lado dele há o mesmo número de janelas e apóstolos.

Escultura

No Renascimento, a escultura segue um caminho que começou com a arte gótica e se dissocia da arquitetura, como era comum na maior parte da Idade Média (como elemento decorativo). Os artistas renascentistas se aproximaram de aspectos naturalistas, buscaram ser o mais fiéis possível a detalhes e revisitaram esculturas gregas e romanas em relação tanto ao estudo do corpo humano quanto às proporções das obras, feitas em tamanhos monumentais.

Donatello rompeu com o passado medieval ao trazer as figuras esculpidas para o presente, para o terreno, com vida e movimento e muitas vezes com cenas de violência, diferentemente das esculturas góticas, que eram mais sutis e cuja expressão facial ainda guardava um ar sagrado e distante. Nas esculturas em relevo, assim como na pintura, o uso da perspectiva tornou ainda mais realista a narrativa contada pela imagem.

Michelangelo, um dos escultores mais famosos e reconhecidos da época, patrocinado pela família Médici, fez duas obras que marcaram o período, *Pietà* (1499) e *David* (1501-1504), ambas em mármore e em grandes proporções, e assinou suas obras. Uma das técnicas usadas pelo artista foi o contraposto clássico, na qual o peso da figura é distribuído de modo harmônico. Em *David*, essa distribuição pode ser observada na postura e no peso do corpo depositado em uma das pernas enquanto a outra repousa, com o joelho levemente flexionado. Tal flexão, as curvaturas do corpo e a inclinação dos ombros dão à obra um dinamismo que parece natural não apenas frontalmente, mas em qualquer ângulo de onde se observe a escultura.



Museo dell'Opera di S. Maria del Fiore, Florença. Foto: saiko (CC BY-SA 3.0)

DONATELLO. *Madalena arrependida*, c. 1453-1455. Madeira. Museu dell'Opera del Duomo, Florença.

A escultura sombria e extremamente magra, por se referir à Santa Maria do Egito (presente nas narrativas da Igreja oriental), que passou 30 anos no deserto, foi feita na última fase de produção do artista e revela intensa emoção em seus gestos.



PeterVraabel/Shutterstock.com

MICHELANGELO. *David*, 1501-1504. Mármore, 517 cm. Galeria da Academia de Artes de Florença.

Arquitetura

A arquitetura é um dos principais elementos capazes de alterar a paisagem de uma cidade. Dentro do preceito humanista, a arquitetura renascentista buscou criar espaços que fossem possíveis de ser visualizados a partir de qualquer ponto da construção. Esses lugares, resultantes da organização dos espaços por meio de proporções matemáticas, eram amplos, simétricos e bem iluminados.

Brunelleschi, considerado o primeiro arquiteto renascentista, iniciou seu trabalho na cidade de Florença. O artista também foi um dos pioneiros na separação entre planejamento e execução nas obras, abrindo espaço para o conceito de intelectual e gênio nas artes.

Um de seus trabalhos mais importantes foi a cúpula da Catedral de Santa Maria del Fiore, em Florença. A catedral, cuja construção de estilo gótico se iniciara em 1294 por outros arquitetos, não tinha ainda uma cúpula quando decidiram abrir um concurso para a escolha de um arquiteto para construí-la, em 1418. Brunelleschi venceu com uma ideia inovadora e tão harmoniosa que não parece ter sido construída 120 anos depois da catedral.

Santi Rodriguez/Shutterstock.com



Catrina Belove/Shutterstock.com



Vista externa e interna da cúpula da Catedral de Santa Maria del Fiore, em Florença, construída por Brunelleschi, entre 1420 e 1434.

O arquiteto, que também era um conhecedor de Dante Alighieri (1265-1321), colocou nove anéis circulares na base da cúpula, como referência aos nove círculos do Paraíso, de *A divina comédia*. Nela também é possível encontrar o afresco *Dante e seus poemas*, feito por Domenico di Michelino (1417-1491), enaltecendo a racionalidade, a literatura e o conhecimento.



Alfredo Dagli Orni/Shutterstock

DI MICHELINO, Domenico. *Dante e seus poemas*, 1460. Dante está ao centro, o Inferno à direita dele, o Purgatório ao fundo, e o Paraíso acima.

Estabelecendo relações

Em Literatura, estudamos que Dante Alighieri, nascido em Florença, é considerado o primeiro escritor de língua italiana. Seu poema épico *A divina comédia*, escrito em latim, tornou-se a base para a língua italiana moderna e é um clássico da literatura universal.

Originalmente, o título da obra era apenas *A comédia*, mas foi alterado por Giovanni Boccaccio (1313-1375) para o nome que conhecemos hoje. Boccaccio, além de ser um dos mestres da literatura universal, com *Decamerão* (1349-1352), escreveu a biografia de Dante e dava palestras sobre a obra do escritor.

Renascimento além da península Itálica

O olhar voltado para as riquezas do período greco-romano, o desenvolvimento do humanismo e a exploração da perspectiva geométrica, da anatomia e do belo desenvolvidos em Florença, Veneza e Roma impressionaram os povos ao norte da península Itálica, como os que viviam onde hoje estão a Alemanha, a Áustria e os Países Baixos.

Para pintores e escultores, absorver os novos ideais foi uma tarefa mais simples do que para os arquitetos, que sob demandas de príncipes e nobres construíam colunas ou detalhes renascentistas em suas catedrais góticas.

Alguns dos pintores que absorveram tais ideais foram Albrecht Dürer (1471-1528) e Hans Holbein (1498-1543) na Alemanha, Hieronymus Bosch (1450-1516) nos Países Baixos e Pieter Bruegel (1525-1569) na Áustria.

Dürer, além de pintor, também trabalhava como gravurista em madeira e metal. Sua obra é caracterizada pela

minúcia dos detalhes, extremamente realistas. Após a invenção da imprensa, dedicou-se a fazer gravuras para diversos livros.

Hans Holbein foi um importante retratista de personalidades políticas e intelectuais da época, expressando traços físicos e psicológicos, com o ideal de beleza e dignidade renascentista.

Bosch criou obras com símbolos que envolviam astrologia, mágica, alquimia e religião. Na obra *O jardim das delícias* (c. 1500), seus seres mesclam formas animais e vegetais gerando estranhas e fantásticas criaturas, que, para alguns estudiosos, expressam os conflitos internos dos seres humanos no período final da Idade Média, uma tensão entre os prazeres materiais e a fé.

Bruegel, também conhecido como “O Velho”, embora vivesse em uma cidade cujo comércio estava bastante desenvolvido – Flandres era rota comercial em direção à Itália –, costumava retratar as aldeias que ainda viviam mais próximas da cultura medieval. Em suas obras, há um grande número de personagens (influência do estilo grotesco), geralmente em atitudes que remetem à infância mescladas com um ar melancólico, já que eles não sorriem.



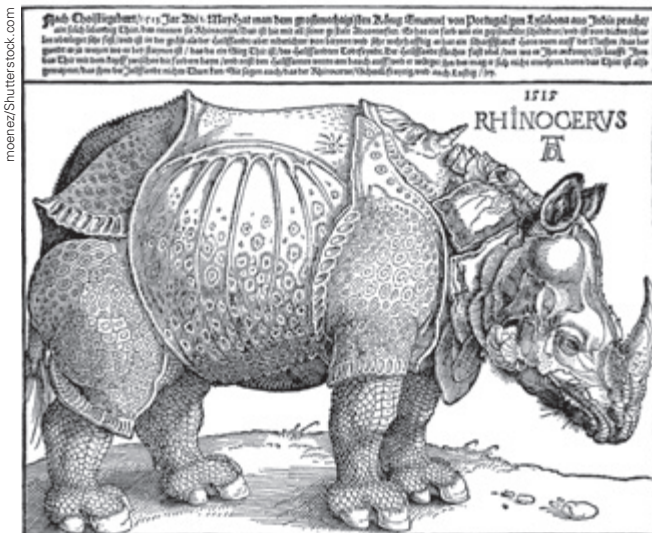
BRUEGEL, Pieter. *A batalha do Carnaval e da Quaresma*, 1559. Óleo sobre madeira. Museu de História da Arte. Viena, Áustria.

Teatro

Diferentemente dos gêneros do teatro medieval que eram mais focados em temáticas religiosas e moralizantes, o teatro renascentista explorou temas sociais, inclusive muitas vezes por meio de cenas cômicas; assim, na península Itálica, desenvolveu-se a *commedia dell'arte*. Destacaram-se como dramaturgos Molière (1622-1673) na França e Miguel de Cervantes (1547-1616) na Espanha; na Inglaterra, surgiu o teatro elisabetano.

A *commedia dell'arte*, advinda dos mimos romanos e dos teatros populares da Idade Média, fazia sucesso entre o povo e contava com artistas profissionais que desenvolviam personagens-tipo, com máscara e vestimenta específicas indicativas da classe social a que pertenciam e com postura corporal caricata, além de outras características.

Alguns desses personagens são o velho sovina, o criado astuto, o ingênuo e o soldado covarde, além dos famosos Pierrô, Colombina e Arlequim, empregados (*zannis*) que pertencem à classe mais baixa e formam um triângulo amoroso, sempre envolvidos em trapaças e situações complexas e atrapalhadas. A técnica do improviso, a música, a dança, as acrobacias e as pantomimas – ou seja, gestos e expressões faciais – também eram muito presentes nas apresentações. O declínio da *commedia dell'arte* se deu no século XVIII, mas sua existência foi fundamental para a formação e a profissionalização dos artistas cômicos e populares no teatro e no cinema.



DÜRER, Albrecht. *O rinoceronte*, 1515. Xilogravura. Museu Britânico, Londres. O desenho foi criado a partir de um relato e um esboço do primeiro rinoceronte a ser visto na Europa.



Cena da peça *Arlequim, o servidor de dois patrões* (direção de Giorgio Strehler), Teatro Municipal de Santiago, Chile, 2008. A apresentação reproduz o estilo da *commedia dell'arte*.

O teatro elisabetano, por sua vez, surgiu na Era de Ouro inglesa, em homenagem à rainha Elizabeth I (1533-1603), e seu principal representante foi William Shakespeare (1564-1616). Do século XV ao XVII, quando Londres era uma das principais cidades da Europa, os teatros foram muito procurados, e muitas obras foram produzidas, tanto peças originais quanto adaptações.

Nesse período, foram construídos teatros, como o Globe Theatre, ou The Globe, e criadas salas de apresentações com valores populares e salas privadas com custos mais elevados, o que permitiu que grupos teatrais pudessem se organizar e formar empresas lucrativas. A própria rainha formou sua companhia teatral com os melhores atores da época. O teatro elisabetano superou o reinado de Elizabeth I e teve seu fim com a Revolução Inglesa, em 1642.

Algumas das peças famosas de Shakespeare são *Romeu e Julieta* (1591-1595), *O rei Lear* (1605), *Sonho de uma noite de verão* (1594-1596), *Macbeth* (1606) e *Otelo* (1604).



O teatro original The Globe foi construído inicialmente em 1599 e destruído em um incêndio em 1613. Em 1997, foi reconstruído e renomeado para Shakespeare's Globe Theatre, em Londres.

Dança

Algumas das danças desenvolvidas durante o Renascimento foram os balés de Corte, os bailes de máscara e o “balé cômico da rainha”, na França.

O balé de Corte, ou *ballet de cour*, desenvolveu-se na França, no século XVI, e tinha como base uma ação dramática dançada que inter-relacionava a poesia, a música, a pintura e outros elementos, fazendo reverência ao rei. Príncipes, reis e pessoas da Corte participavam desse balé, que influenciou as danças de salão em toda a Europa.

Assim como ocorreu no teatro, foram criadas companhias e escolas de dança, e houve a profissionalização dos dançarinos, sobretudo durante o reinado de Luís XIV (1638-1715), que costumava participar das danças para se entreter e demonstrar seu poder sobre os súditos. Ele financiava luxuosas apresentações e fundou a Academia Real de Dança, em 1661.

Na Academia, eram apresentadas danças solo e em grupos. Algumas delas eram o minueto, o *pas-se-pied*, a sarabanda, a giga, a galharda e a pavana. Ainda durante o reinado de Luís XIV, dois dos diretores da Academia, Pierre Beauchamp (1631-1705) e Louis-Guillaume Pécour

(1653-1729), criaram o primeiro sistema de notação gráfica da coreografia, que permitiu a teorização da dança francesa posteriormente, no século XVIII, e a valorização dos profissionais da dança. No século XIX, a dança se aproximou do que conhecemos hoje como balé clássico.



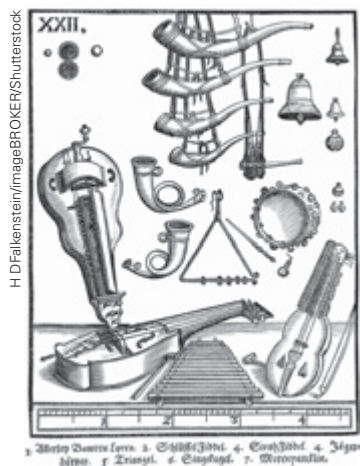
TIEPOLO, Giandomenico. *O minueto*, 1727-1804. Tinta a óleo. Veneza. Museu Nacional d'Art de Catalunya, Barcelona, Espanha. A pintura é inspirada na peça de Carlo Goldoni e mostra dançarinos de minueto vestidos com máscaras e roupas dos personagens Pantaleão e Colombina, da *commedia dell'arte*.

Música

Ao longo dos séculos XV a XVII, a música sacra ainda era a mais prestigiada; no entanto, a burguesia enriquecida e as pessoas ricas da corte manifestavam interesse pelas músicas de entretenimento. Os musicistas, assim como os demais artistas, sentiram-se mais livres para realizar experimentações. Na Igreja, além do estilo monofônico (única linha melódica), tornou-se comum o estilo coral polifônico (múltiplas linhas melódicas independentes) sem a presença de instrumentos. A música polifônica permitia a combinação de sons consonantes e dissonantes e fez muito sucesso no período por agradar as pessoas da época.

Do século XVI em diante, os instrumentos começaram a ganhar destaque, e as partituras, agora impressas, serviam para a difusão de músicas instrumentais. Os livros musicais e a produção em maior escala de instrumentos permitiram que pessoas comuns, e não apenas os artistas, tocassem em momentos de lazer. Os *consorts* foram os primeiros grupos musicais, formados por instrumentos da mesma família, como cordas ou sopro.

Na França, Luís XIV investiu tanto na dança quanto na música e na ópera. Em 1669, criou a companhia Academia de Ópera, que logo se tornou a Academia Real de Música.



Syntagma musicum, de Michael Praetorius, é o tratado de música publicado em três volumes entre os anos 1615 e 1619 e a principal referência dos aspectos musicais renascentistas, incluindo teoria musical, gêneros, práticas musicais, **organologia**, entre outros. Nas imagens, veem-se alguns dos instrumentos comuns na época.

organologia: trata da descrição e classificação dos instrumentos musicais, desde os materiais usados para sua confecção até sua execução.

Atenção

A prensa móvel, inventada em 1440, por Johannes Gutenberg, foi rapidamente difundida na Europa e possibilitou a democratização de livros, jornais, partituras etc.

América pré-colombiana

As Grandes Navegações, entre os séculos XV e XVI, foram propulsoras do enriquecimento dos países europeus. Portugal e Espanha fizeram grandes investimentos em tecnologias que permitiram o desenvolvimento de expedições marítimas de longa distância.

Durante o processo de colonização – em geral extremamente violento – nos continentes americano e africano, ocorreram mudanças estruturais nessas sociedades, levando algumas delas ao desaparecimento. São os artefatos produzidos por tais sociedades e que resistiram às invasões e ao tempo que nos contam suas tradições e histórias.

No caso da América, como o marco inicial da colonização é a chegada de Cristóvão Colombo, em 1492, chamamos a produção anterior a isso de arte pré-colombiana. Os templos, as joias, as esculturas de ouro, prata e pedras preciosas, as pinturas, os vasos de cerâmica, os instrumentos musicais, os tecidos e as máscaras usadas em manifestações ritualísticas, além de outros artefatos que constituem a arte pré-colombiana, foram produzidos por diversos povos que habitavam a América Central, o território onde atualmente é o México, e parte da América do Sul, principalmente o Peru. Os povos pré-colombianos eram politeístas e estudiosos dos astros, e sua arte estava ligada a suas crenças.

Os olmecas (1100 a.C.-200 d.C.), civilização antiga da região mesoamericana e com grande diversidade étnica e linguística, deram origem às culturas posteriores que se desenvolveram nessa região e produziram esculturas de cabeças monumentais e com materiais raros, como o jade.

A civilização maia (2600 a.C.-100 d.C.) dominava a escrita hieroglífica, usada para fins políticos, desenvolveu o calendário, construiu templos em formato de pirâmides e palácios ornamentados em relevo no México, em Honduras e na Guatemala e já estava em declínio quando os espanhóis chegaram.



Escrita hieroglífica em relevo. Chiapas, México, Konemann, 2006.

Os astecas, que dominavam a Astrofísica e a Matemática, passaram a habitar a região no século XIV e estavam no seu auge quando os espanhóis chegaram. Na cidade de Tenochtitlán, onde hoje é a Cidade do México, foram construídas obras arquitetônicas monumentais, as quais foram destruídas pelos colonizadores e cujas ruínas foram redescobertas no século XX.



Diego Grand/Shutterstock.com

Monólito da Pedra do Sol, c. 1502-1521. O calendário solar, uma escultura asteca de 21 toneladas, foi enterrado na Cidade do México logo após a dominação espanhola e foi redescoberto no século XVIII. Museu Nacional de Antropologia e História, Cidade do México.

Na América do Sul, uma das civilizações na região dos Andes foi a inca, que surgiu por volta do século XII. A cidade de Machu Picchu, no Peru, é exemplo do desenvolvimento

dessa civilização, que criou técnicas para tornar as construções de pedra e **adobe** sóbrias e imponentes, resistentes a terremotos, comuns na região. Muitos objetos eram ritualísticos e apresentavam figuras de deuses relacionados à natureza.

Além das manifestações que eram advindas das culturas locais, tanto a colonização espanhola quanto a portuguesa formaram elites indígenas às quais transmitiam o conhecimento da língua latina e de técnicas de pintura e escultura, promovendo o acultramento indígena e auxiliando, assim, a dominação europeia. Desse modo, também vemos produções indígenas com técnicas europeias durante o período de colonização.

adobe: material anterior ao tijolo, feito com barro cru, água e palha ou outras fibras.



Gianni Dagli Orti/Shutterstock

Mural pintado por Juan Gerson, no mosteiro da Assunção, Tecamachalco, Puebla, México, em 1562, é um exemplo do processo de transmissão das técnicas artísticas europeias para os indígenas nativos, que formaram elites na América Central e na América do Sul.



Seumas Christie-Johnston/Shutterstock.com

A cidade de Machu Picchu foi construída no século XV e localizada por pesquisadores no século XX.

Antes de os portugueses chegarem nas terras que hoje formam o Brasil, povos já habitavam a região há cerca de 60 mil anos, e a população no século XV era de aproximadamente 5 milhões de indígenas, de diversas etnias. Algumas das culturas presentes na região antes da colonização foram a marajoara, onde hoje é a Ilha de Marajó, e a santarena, entre os rios Tapajós e Amazonas, ambas no Pará.

A cultura marajoara, presente na Ilha de Marajó provavelmente entre 1100 a.C. e o século XVII, teve uma ampla produção de objetos de cerâmica, sobretudo para fins domésticos (como colheres e copos) e funerários, além de adornos, bancos, instrumentos sonoros (como o apito) e estatuetas humanas, possivelmente com funções cerimoniais.

Seumas Christie-Johnston/Shutterstock.com



Peça de cerâmica marajoara.



Museu Americano de História Natural, Manhattan

A cultura santarena, que se desenvolveu próxima aos rios Tapajós e Amazonas, produziu uma arte cerâmica mais figurativa, em relevo, provavelmente com finalidades religiosas, além de pinturas e desenhos complexos.

Museu Nacional do Rio de Janeiro



Muiraiquitã – nome dado pelos indígenas a pequenos amuletos – em formato de rã, geralmente produzido com as pedras jadeítas, nefritas e amazonitas.



Romulo Fieldini/Tempo Composto

Estatueta feminina de cerâmica santarena, 1000 a.C.-1400 a.C. Pará.

Quando os portugueses entraram em contato com os indígenas, adotaram muito de suas tecnologias e seus costumes para sobreviver a ambiente e clima tão diferentes da Europa. Algumas das etnias indígenas que resistiram aos ataques europeus foram dizimadas ao longo do processo de civilização, enquanto outras, sobreviventes, acabaram por adotar valores simbólicos e culturais dos colonizadores, gerando culturas híbridas. Esse processo de hibridização cultural teve uma forte participação da Igreja católica, que enviou missionários – como a ordem dos franciscanos e a das carmelitas – para propagar a ideologia cristã, a disciplina e os preceitos europeus.

Atualmente, há cerca de 80 mil indígenas no Brasil, que vivem nas cidades ou em aldeias isoladas ou recém-contatadas, em terras protegidas, e produzem sua arte de modo integrado à cultura, em complexos sistemas de significado.

O Parque Indígena do Xingu, no Mato Grosso, concentra 16 etnias indígenas: Aweti, Ikpeng, Kaiabi, Kalapalo, Kamaiurá, Kisêdjê, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nahukwá, Naruvotu, Tapayuna, Trumai, Waujá, Yudja e Yawalapiti, que puderam preservar minimamente suas características culturais, inclusive instrumentos musicais, grafismos corporais e em tecidos, vasos de cerâmica, trançados, adornos para rituais, cânticos, entre muitas outras.



Julio Leado/Artesol

Tecido produzido pelas mulheres indígenas de Tarauacá e Jordão, no Acre. Os grafismos dos tecidos estão relacionados à ancestralidade da etnia Xaxinauá e têm significado sagrado.

Saiba mais

Denilson Baniwa, Jaider Esbell, Arissana Pataxó, Ibã Huni Kuin e Edgar Kanaykõ são alguns dos indígenas brasileiros que produzem arte contemporânea.

Revisando

1. O Renascimento é dividido por alguns estudiosos entre os períodos *Trecento*, *Quattrocento* e *Cinquecento*. Quais foram os principais polos de produção artística no *Trecento* e no *Cinquecento*?
2. Cite algumas diferenças entre as pinturas da Idade Média e as do Renascimento.
3. São escritores renascentistas e fazem parte da literatura universal:
 - a) Boccaccio e Sócrates.
 - b) Boccaccio e Dante Alighieri.
 - c) Sócrates e Platão.
 - d) Leonardo da Vinci e Giotto.
 - e) Tintoretto e Dante Alighieri.
4. Quais aspectos da arte desenvolvida na península Itálica influenciaram o Renascimento em outros países da Europa?
5. O que este detalhe da obra de Pieter Bruegel, *O Velho*, revela sobre as características de sua produção?



BRUEGEL, Pieter. *A batalha do Carnaval e da Quaresma*, 1559. Óleo sobre madeira. Museu de História da Arte, Viena, Áustria. Detalhe.

6. Sobre o teatro no Renascimento, marque verdadeiro (V) ou falso (F) nas afirmativas a seguir.
 - A temática religiosa era o foco.
 - Na Itália, um dos gêneros mais famosos foi a *commedia dell'arte*, advinda do teatro popular de rua.
 - Em Londres, um dos principais representantes do teatro elisabetano foi Molière.
 - O Globe Theatre foi construído em 1599, reconstruído em 1997 e atualmente tem o nome de Shakespeare's Globe.
7. Cite algumas conquistas para a dança durante o Renascimento.
8. Qual foi o estilo musical mais presente no Renascimento?
9. Sobre a arte pré-colombiana, marque verdadeiro (V) ou falso (F) nas afirmativas a seguir.
 - Arte pré-colombiana é toda arte produzida no território em que atualmente é a Colômbia.
 - Os povos pré-colombianos acreditavam em vários deuses e nos astros e apresentam enorme diversidade étnica, cultural e linguística.
 - A civilização asteca já se encontrava em declínio quando os espanhóis chegaram no território onde hoje é o México.
 - Os incas, típicos do Peru, desenvolveram tecnologias que permitiram que as construções permanecessem em pé, mesmo com a presença de terremotos na região.
10. Por que dizemos que houve uma hibridização cultural quando os portugueses chegaram nas terras que hoje chamamos de Brasil?

Exercícios propostos

1. FMJ-SP 2020



(Sandro Botticelli. "O nascimento de Vênus", 1485.
In: E. H. Gombrich. *A História da Arte*, 1993.)

A pintura "O nascimento de Vênus" apresenta os seguintes princípios culturais do Renascimento nas artes plásticas:

- representação da imagem de forma estática e ausência de proporção.
- temática religiosa cristã e representação fiel da anatomia humana.
- noção de profundidade e valorização de temas da Antiguidade greco-romana.
- frontalidade das imagens e representação hierárquica das divindades.
- valorização de contrastes e predomínio da representação de emoções.

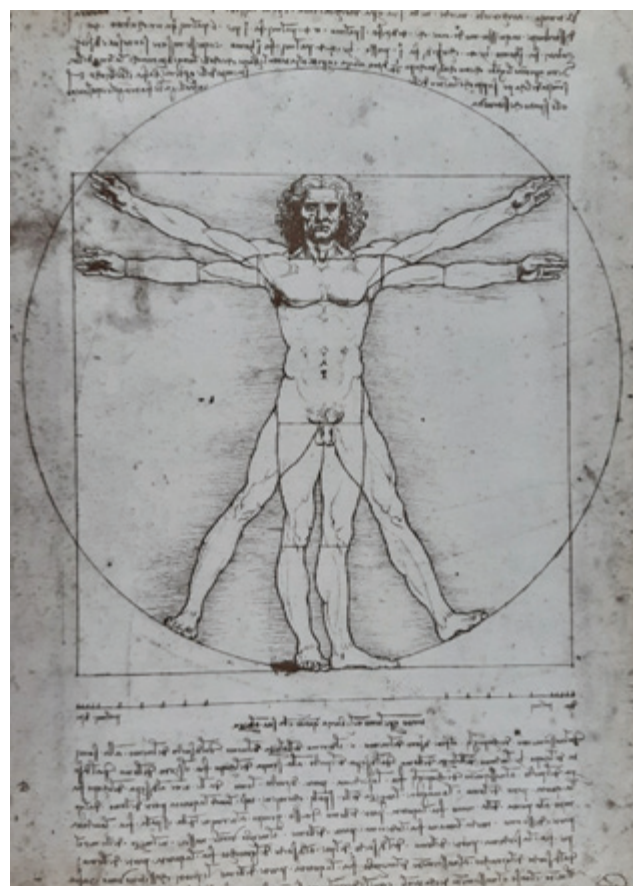
- 2. Enem Digital 2020** Sempre que se evoca o tema do Renascimento, a imagem que imediatamente nos vem à mente é a dos grandes artistas plásticos e de suas obras mais famosas, amplamente reproduzidas e difundidas até os nossos dias, como a *Monalisa* e a *Última ceia*, de Leonardo da Vinci, o *Juízo final*, a *Pietá* e o *Moisés*, de Michelangelo, assim como as inúmeras e suaves *Madonas*, de Rafael, que permanecem ainda como modelo mais frequente de representação da mãe de Cristo. Como veremos, de fato, as artes plásticas acabaram se convertendo num centro de convergência de todas as principais tendências da cultura renascentista.

SEVCENKO, N. **O Renascimento**.
Campinas: Atual, 1988 (adaptado).

Esse movimento cultural, inserido no processo de transição da modernidade europeia, caracterizou-se pela

- validação da teoria geocêntrica.
- valorização da integração religiosa.
- afirmação dos princípios humanistas.
- legitimação das tradições aristocráticas.
- incorporação das representações góticas.

3. Fuvest-SP 2022



Leonardo da Vinci: *Leben und Werk*. Stuttgart, Zürich:
Belsler Verlag, 1989, p. 171.

O "Homem Vitruviano" foi desenhado por Leonardo da Vinci (1452-1519) com base em um tratado sobre Arquitetura escrito e ilustrado por Marcus Vitruvius no século I a.C., na Roma Antiga. A obra ganhou versões impressas e traduções nos séculos XV e XVI.

O desenho de Da Vinci expressa propostas do movimento Renascentista ao

- buscar perpetuar obras da Antiguidade Clássica por meio da cópia e da salvaguarda.
- censurar os estudos da anatomia humana herdados da Antiguidade Clássica.
- retomar a percepção da simetria e das proporções humanas como ideal do Belo.
- apoiar-se no legado da Antiguidade greco-romana para reafirmar o teocentrismo.
- separar a arte do pensamento humanista e do conhecimento matemático.

Texto complementar

As culturas indígenas após 1500

Após o início da colonização, as populações indígenas existentes no território precisaram conviver com outros modos de vida. Os portugueses que chegavam à colônia, por sua vez, também precisaram encontrar meios para sobreviver em um ambiente completamente diferente do da Europa. Por isso, apropriaram-se de elementos da cultura indígena, como tecnologias, habitações, alimentação, agricultura, vestimentas e até suas línguas. A colonização gerou culturas e sociedades híbridas, pois, assim como os europeus precisaram se adaptar a uma nova realidade, os indígenas tiveram suas culturas afetadas de modo irreparável.



Cestaria de cipó de arumã, casca de ingá silvestre, breu e marajá, do povo Waimiri Atroari, Novo Airão (AM).

Com o tempo, a colônia progrediu e surgiram cidades e zonas de mineração, produção agrícola e pecuária. Desde o início, africanos foram trazidos para o trabalho forçado e, mais tarde, no século XIX, imigrantes de diversas partes do mundo, sobretudo da Europa e da Ásia, se estabeleceram no campo e na cidade em busca de novas oportunidades. Todas essas mudanças alteraram profundamente as bases sobre as quais as culturas indígenas existiram. A sociedade brasileira não indígena se desenvolveu de diversas formas, enquanto as sociedades indígenas precisaram se desenvolver às margens dessa história, resistindo à violência física e simbólica para garantir seu direito às terras cada vez mais ocupadas pelas cidades e pelas zonas rurais.

Posteriormente, com a expansão das fronteiras agrícolas e o processo de industrialização do país, os rios tornaram-se poluídos, as matas foram devastadas, a fauna entrou em processo de extinção, as cidades cresceram e as áreas agricultáveis ampliaram-se. Todos esses acontecimentos forçaram os indígenas a buscar produtos e serviços nas cidades, o que dificultou ainda mais a conservação de sua cultura, de sua língua e a manutenção de seus modos de produção.

Como em qualquer outra cultura, os povos indígenas produzem suas formas materiais de cultura, ou seja, um conjunto de objetos com diversos usos e funções que expressam valores simbólicos, conhecimentos, ideais de beleza e histórias. Mais do que peças feitas para adornar as casas ou ser contempladas em museus ou espaços públicos, a produção material dos indígenas está relacionada a complexos sistemas de significado e conhecimento.

PROENÇA, Graça. *História da Arte*. 18. ed. São Paulo: Ática, 2019.

Resumindo

O Renascimento teve início na península Itálica no século XIV e se espalhou pelo restante da Europa em suas diversas manifestações: filosofia, ciência, pintura, escultura, arquitetura, teatro, literatura, música, dança etc. Em oposição à Idade Média, em que havia grande predominância e controle da Igreja, o Renascimento emergiu com o patrocínio de mecenas, uma classe que se formava entre os novos ricos e pregava a valorização dos ideais greco-romanos, racionalistas, individualistas e naturalistas. Muitos artistas, como Leonardo da Vinci e Michelangelo, eram inventores e atuaram em diversas áreas artísticas, como pintores, escultores e arquitetos. Na pintura, algumas técnicas em destaque são a expressividade dos gestos corporais, a profundidade, a perspectiva geométrica, o ponto de fuga, o *chiaroscuro* e a simetria. Na escultura, o aspecto naturalista, o uso da perspectiva e o contraposto clássico, dando um tom harmonioso, foram fundamentais. Na arquitetura, prezou-se pela organização bem distribuída, ampla e iluminada, baseada em cálculos geométricos.

Fora da península Itálica, alguns dos artistas de destaque foram Albrecht Dürer e Hans Holbein na Alemanha, Hieronymus Bosch nos Países Baixos e Pieter Bruegel na Áustria.

No teatro, desenvolveram-se a *commedia dell'arte* na Itália e o teatro elisabetano em Londres, cujo principal expoente foi William Shakespeare. Na dança, os bailes de Corte, os bailes de máscara e inúmeras danças fizeram parte das Cortes. Na música, o coral polifônico e os livros musicais impressos foram muito difundidos. O teatro, a dança e a música foram levados a um caráter profissionalizante no Renascimento, com o surgimento de escolas e companhias das respectivas áreas.

Uma das fontes de riqueza dos países europeus durante o Renascimento foi a colonização da África e da América, que se iniciou no século XV. A produção artística da América pré-colombiana diz respeito ao que os povos ameríndios produziram antes do contato com os europeus, em 1492. Algumas dessas civilizações são os olmecas, os maias, os astecas e os incas. Em geral, eram civilizações com tecnologias avançadas, conhecimento de Astronomia e Matemática e crenças politeístas.

No Brasil, antes da chegada dos portugueses, havia cerca de 5 milhões de indígenas de diversas etnias, e algumas das culturas mais antigas presentes na região da bacia Amazônica eram a marajoara e a santarena. As manifestações dos indígenas brasileiros são sistemas complexos e integrados em toda sua cultura.

Quer saber mais?



Vídeo

Museo Larco | Vídeo introdutorio. Museo Larco. Disponível em: <https://www.museolarco.org/video-intro/>. Acesso em: 11 ago. 2021.

Nesse vídeo produzido pelo Museo Larco, em Lima, no Peru, é possível conhecer a cosmovisão andina e seu reflexo na produção artística dos incas e de seus ancestrais. O vídeo, com duração de 10 minutos, embora apresentado em espanhol, tem muitas imagens e é de fácil entendimento.

Exercícios complementares

1. **Fuvest-SP 2021** A imagem é considerada uma das referências do movimento artístico e cultural denominado Renascimento. Analise-a atentamente.



A *Primavera*, Sandro Botticelli, século XV.

Essa imagem pode ser considerada renascentista porque

- a) representa personagens de forma simbólica e recorre a temas da doutrina cristã.
 - b) reforça a perspectiva teocêntrica, ao representar a Virgem Maria no centro da composição pictórica.
 - c) retoma o tema da pureza da alma feminina estabelecendo uma releitura da narrativa sobre o pecado original.
 - d) adota o contraste dramático entre tons claros e escuros em sintonia com as tensões religiosas do período.
 - e) utiliza técnica da perspectiva tridimensional, que provoca a ilusão de profundidade e de espaço.
2. **Fuvest-SP 2022** Analise a imagem:



A partir da pintura de El Greco:

- a) Identifique um aspecto religioso do império espanhol ao final do século XVI.
- b) Identifique e explique um aspecto social do império espanhol ao final do século XVI.
- c) Explique o papel da religião na formulação das justificativas para a colonização da América.

El Greco, *Alegoria da Santa Aliança (Sonho de Filipe II)*, 1579. El Escorial, Espanha. Óleo sobre tela. PUPPI, Lionllo. El Grecco. Florença: Sadea Editore, 1977, prancha 8.

3. **UFU-MG** A pintura e a escrita em latim eram práticas das elites artísticas e intelectuais indígenas no processo de conquista e colonização da América. O estudo de tais práticas permite, assim, analisar aspectos da participação dessas elites naquele período histórico.

Texto 1

Na metade do século XVI, um pintor nativo mexicano, batizado Juan Gerson, criou um extraordinário ciclo de pinturas para a igreja franciscana de Tecamachalco, no atual estado de Puebla. O ciclo representa os eventos bíblicos do Apocalipse, no formato oval, pintados em papel *amate*, tradicionalmente usado pelos mexicas.

PERRY, Richard. *Mexico's fortress monasteries*. Espadana, 1993. Trecho disponível em: <<http://www.colonial-mexico.com/PueblaTlaxcala/apocalypse.html>>. Acesso em: 05/07/2012. Acesso em: 3 jul. 2012. (adaptado)

Texto 2

Os espanhóis, assustados de ver os progressos da adoção da escrita em latim entre os índios, escreviam já na década de 1540: “Os índios têm escritores tão bons e tão numerosos que não sei dizer o número deles, e esses escritores redigem cartas que os colocam a par de todos os negócios do país de um mar a outro, o que antes da Conquista era coisa impossível.”

GRUZINSKI, Serge. O Renascimento ameríndio. In. NOVAES, Adauto. **A outra margem do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 294. (adaptado)

As informações sobre as práticas artísticas e intelectuais da elite indígena no processo de conquista e colonização da América evidenciam

- a) a mistura de elementos artísticos e culturais da tradição indígena e da cultura ocidental na sociedade colonial em construção.
- b) a dificuldade espanhola em impedir o acesso à formação acadêmica e artística dos índios que se projetaram no cenário artístico europeu.
- c) o poder da Igreja de destruir a cultura e a religião indígenas no processo de cristianização e ocidentalização da América.
- d) o potencial civilizador europeu, que permitiu retirar da barbárie e do paganismo populações até então isoladas da civilização.



Juan Gerson – Os Cavaleiros do Apocalipse – 1562 – papel Amate

BNCC em foco

EM13LGG101, EM13LGG102, EM13LGG601 e EM13LGG604

1. Uma das principais formas de expressão do teatro durante o Renascimento foi a *commedia dell'arte*. No Brasil, uma das principais linguagens artísticas advindas da *commedia dell'arte* é o circo. Tendo como base o que você sabe sobre essas expressões, cite aspectos que elas têm em comum.

EM13LGG201 e EM13LGG203

2. Veja a obra a seguir. Marque V para verdadeiro e F para falso.
 - Torres discute a hegemonia ideológica europeia, instaurada desde o período das Grandes Navegações, quando povos da América do Sul foram subjugados de forma violenta.
 - Torres discute a hegemonia ideológica sul-americana, instaurada desde o período das Grandes Navegações, quando povos da América do Sul foram subjugados de forma violenta.

- Torres questiona escala e representação em relação a interesses políticos.
- Torres discute os conflitos ocorridos na América do Sul entre indígenas e africanos escravizados, que levaram à divisão territorial da América.
- Torres propõe uma inversão de valores, na qual as culturas sul-americanas são valorizadas.



GARCÍA, Joaquín Torres. *Mapa invertido da América do Sul*. Uruguai, 1943.

Daniela Maria/Fotorema



Igreja do Bom Jesus de Matosinhos. Congonhas, MG.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

7

Barroco e Rococó na Europa e no Brasil

Quais são as características do Barroco e do Rococó? Qual é a sua relação com a Igreja Católica? Como eles se deram na Europa e no Brasil? Essas e outras questões serão discutidas neste capítulo.

Barroco na Europa

No início do século XVI, uma série de disputas territoriais e religiosas se instaurou na Europa, sobretudo na península Itálica, local que concentrava mais riquezas e poder até então. A Igreja foi abalada pela Reforma Protestante e deu início à Contrarreforma.

No arte europeia, entre os séculos XVII e XVIII, todas essas mudanças se refletiram no abandono dos ideais renascentistas, em prol de uma estética dramática, considerada naturalista, por não buscar correções harmônicas da natureza, e capaz de emocionar graças aos seus fortes contrastes em diferentes linguagens artísticas.

Iniciada na Itália e disseminada pela Europa, assim como o Renascimento, a arte barroca não tardou a chegar às colônias espanholas e portuguesas, manifestando-se com estilos próprios.

No século XVIII, na França, o Barroco se desdobrou, dando origem ao Rococó, que combina cores suaves, delicadeza e sensualidade nos detalhes. O estilo também se difundiu pelo restante da Europa e nas Américas colonizadas, mas foi interrompido por mudanças estruturais na sociedade, promovidas, entre outros movimentos, pela Revolução Francesa (1789).

Estabelecendo relações

Em História, vemos que esse período na Europa foi muito influenciado por disputas religiosas. No século XVI, o monge alemão Martinho Lutero (1483-1546) denunciou problemas graves da Igreja católica, como a venda de indulgências, dando início à Reforma Protestante. Em 1517, publicou as 95 teses contra Johan Tetzel, dominicano e grande inquisidor, o que resultou em sua excomunhão da Igreja católica. Como resposta à Reforma Protestante, a Igreja iniciou a Contrarreforma. Em 1545, organizou o Concílio de Trento e promoveu medidas, como a proibição de livros, reformas nas ordens religiosas, fortalecimento da figura do papa, anulação das indulgências e incentivo à catequização nas colônias, sobretudo pela Companhia de Jesus.

Barroco na Itália

Pintura

Na pintura, alguns artistas que se destacaram durante o Barroco na Itália foram Andrea Pozzo (1642-1709), Tintoretto (Jacopo Robusti, 1518-1594) e Caravaggio (Michelangelo Merisi, 1571-1610).

Tintoretto vivia em Veneza, assim como vivera Ticiano (1473-1576), um dos gênios da pintura renascentista, que explorou a beleza, a simplicidade e a **modulação policromática** em seus temas mitológicos e religiosos e em retratos e paisagens. Tintoretto apreciava a pintura de Ticiano, mas queria superá-lo e transmitir, por meio de gestos e cores intensas, emoção aos espectadores.

A seguir, vemos *O paraíso*, de Tintoretto, considerada uma das maiores pinturas a óleo do mundo, localizada no Palácio Ducal, em Veneza. Observe como o contraste entre luz e sombra, o dinamismo e os gestos dos personagens, sem o rigor da simetria e da harmonia, a sensação de “excesso” e de conflito em comparação com a simplicidade e a tranquilidade renascentistas, além das cores gritantes, conferem dramaticidade à cena.

Durante boa parte de sua carreira, Tintoretto foi julgado por críticos de arte como um artista excêntrico e descuidado. Segundo Giorgio Vasari, crítico e biógrafo da época:

Se em vez de abandonar os caminhos já desvendados e trilhados, ele tivesse seguido o belo estilo de seus predecessores, poderia ter-se tornado um dos maiores pintores jamais vistos em Veneza.

[...]

Os seus esboços são tão crus que os traços de seu lápis parecem ter mais força do que critério e ter sido feitos por mero acaso.

GOMBRICH, E. H. *A história da Arte*. São Paulo: LTC, 1999.

Caravaggio também foi um artista inovador: trabalhou a luz de modo único na época, tornando-se o fundador de um estilo chamado “luminista”, que gera um efeito específico de luz e sombra. Por ser envolto em trevas, o estilo foi chamado também de “tenebrista”.

modulação policromática: variação de tons de uma mesma cor.



Web Gallery of Art/Palácio Ducal/Veneza

TINTORETTO. *O paraíso*, 1588. Óleo sobre tela. Palácio Ducal, Veneza.

Escultura

Se, no Renascimento, houve uma tentativa de equilíbrio entre razão e emoção, no Barroco, as esculturas, geralmente criadas em conjuntos escultóricos, expressaram os sentimentos de modo grandiloquente e até mesmo teatralizado, com expressões faciais intensas, linhas curvas e uso do dourado. Gian Lorenzo Bernini (1598-1680) é um dos principais representantes do período. Embora tenha atuado em diversas linguagens artísticas, destacou-se como escultor. Suas obras estão presentes em muitas igrejas, como a Basílica de São Pedro, no Vaticano.

Arquitetura

Desde a Renascença até hoje em dia, alguns elementos básicos da arquitetura se mantiveram, como a presença de colunas, pilastras, molduras e entablamentos, mas modificados de acordo com o estilo, os materiais disponíveis e os interesses de cada época.

Os arquitetos que fizeram construções no estilo barroco desafiaram a construção redonda e simétrica do período anterior. Suas igrejas, como parte do regimento da Contrarreforma, remetiam à estrutura da igreja medieval, com formato **oblongo** e destaque para o altar, além de efeitos decorativos rebuscados e exuberantes, de modo a exaltar a fé e emocionar os fiéis.

Uma das primeiras igrejas barrocas europeias foi a Il Gesù, c. 1575, um projeto de Giacomo Della Porta (1537-1602) e Giacomo Barozzi da Vignola (1507-1573), em Roma. A igreja, encomendada pelo cardeal Farnese e paga pela sua família, foi destinada à Ordem Jesuíta. Sua planta apresenta uma única nave central oblonga, com espaço para um grande número de pessoas, sem corredores, com capelas laterais, além de espaços mais individualizados para a devoção aos santos. Na extremidade da nave central, ficava o altar-mor e, atrás dele, a abside, semelhante às antigas basílicas.

Por não apresentar corredores, a nave central e as capelas laterais puderam ser ampliadas, tornando a cúpula um elemento de grande destaque. Tal capela serviu de modelo para as demais construções jesuíticas.

oblongo: cujo comprimento é maior que a largura, com formato arredondado.



BERNINI, Gian Lorenzo. *Santa Bibiana*, 1624. Mármore. Roma, Altar da Igreja de Santa Bibiana. A estátua foi encomendada pelo papa Urbano VIII. A boca e os olhos abertos em direção aos céus evocam um conflito emocional em seu rosto. Uma de suas mãos segura o galho de palma calmamente enquanto a outra evoca resistência. O drapeado da roupa e o dourado do galho se tornaram características comuns das estátuas da época.



Fachada e desenho da igreja Il Gesù, uma das primeiras igrejas de estrutura barroca.



VIGNOLA, Jacopo Barozzi da; PORTA, Giacomo Della. Gesù. In: ROSSI, Giovanni Giacomo De. *Insignium Romae Templorum Prospectus* [s.l.s.n.], 1684, pl. 20.

FRENTE ÚNICA

Na Itália, Bernini projetou também a grandiosa Praça de São Pedro (1657-1666). Esse trabalho marcou uma mudança estrutural na arquitetura, que passou a incluir o espaço em torno do prédio central, como praças e jardins. Francesco Borromini (1599-1667), Pietro da Cortona (1596-1669), Martino Longhi (1602-1660) e Carlos Maderno (1556-1629), entre outros, também trabalharam em muitas construções unindo, muitas vezes, os estilos renascentista e barroco.



isogood_patrick/Shutterstock.com

No interior da Basílica de São Pedro, é possível ver uma decoração rebuscada, com peças de ouro.

! Atenção

Nos palácios, a arquitetura valorizou o luxo e a ostentação, além do desenvolvimento de praças e jardins, como no Palácio de Versalhes, projetado por André Le Nôtre (1613-1700). Atualmente, o palácio e seu parque são reconhecidos como Patrimônio Mundial da Humanidade pela Unesco.

Barroco além da península Itálica

No século XVII, na região onde hoje se encontra a Holanda, houve grande desenvolvimento econômico e a formação de uma classe média urbana protestante e compradora de arte. Como a Reforma Protestante proibiu o uso de figuras de santos, a arte se direcionou para outros temas diferentes do religioso. Alguns dos artistas relevantes do período são: Johannes Vermeer (1632-1675), que trabalhava os tons expostos à claridade; Rembrandt (1606-1669), que explorava a penumbra, influenciado por Caravaggio; e Frans Hals (1581-1666), que inicialmente usou fortes contrastes, mas, com o tempo, passou a explorar o equilíbrio dos tons, além de apresentar os personagens em movimento como em um instante fotográfico.

REMBRANDT. *A ronda noturna*. 1642. Tinta a óleo. Rijksmuseum, Amsterdã. O contraste e a movimentação dos personagens conferem dramaticidade à cena.



Everett Collection/Shutterstock.com

Artistas do sul dos Países Baixos, onde hoje se situa a Bélgica, ainda vinculados à Coroa espanhola e à Igreja católica, foram influenciados pela arte barroca da Itália. É o caso de Peter Paul Rubens (c. 1577-1640), que se destacou por pintar com cores vibrantes, em intenso movimento, provocado, entre outros elementos, pelas linhas contorcidas das vestimentas e dos próprios corpos.

Na Espanha, Diego Rodríguez Velázquez (1599-1660) e El Greco (Domenico Theotocopoulos, 1541-1614), um dos discípulos de Tintoretto, se destacaram. Velázquez investiu no realismo das cenas e no retrato, servindo de inspiração para pintores realistas e impressionistas, entre eles Édouard Manet.

Expressões barrocas na Música e no Teatro

A música barroca também foi marcada por ornamentos e contrastes. A voz cantada ganhou destaque, dando origem ao *bel canto*. As óperas barrocas exploravam recursos dramáticos, interpretadas pelos cantores e encenadas nos palácios e nas residências da nobreza e da burguesia. A orquestra, sem o elemento vocal, também esteve em evidência nesse período artístico. Alguns dos instrumentos desenvolvidos no Renascimento foram aprimorados para expressão da afetividade, como o alaúde e o cravo. Entre os compositores barrocos, estão: Antonio Vivaldi (1678-1741), George Friedrich Handel (1685-1759) e Johann Sebastian Bach (1685-1750).

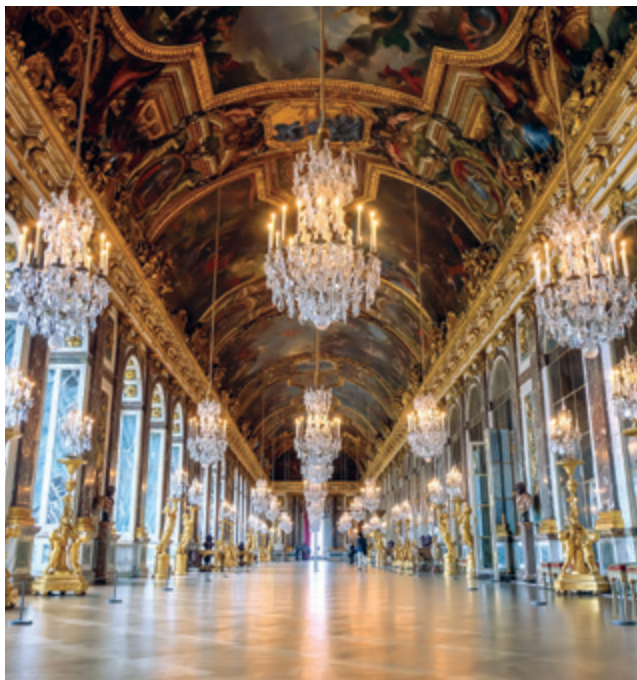
No teatro, a exuberância dos cenários e dos trajes era característica marcante. Geralmente representados por meio de alegorias, e não mais com a presença de personagens-tipo, como na *commedia dell'arte*, os personagens expressavam desejo e realidade, contradições e incertezas, deixando interpretações em aberto para o público. Os dramaturgos Lope de Vega (1562-1635) e Calderón de la Barca (1600-1681) são representativos da época.

Guto Muniz/Galpão Cine Horto/Oficinal de 2003



Cenas da peça adaptada *A vida é sonho*, de Calderón de la Barca. Galpão Cine Horto (MG, Brasil). Oficina Galpão Cine Horto, 2003. A estética da peça explora os contrastes de luz e sombra, a maquiagem e as vestimentas rebuscadas.

Mister_Knight/Shutterstock.com



Decoração interna do Palácio de Versalhes, com estilo rococó.

Rococó na Europa

O estilo rococó se desenvolveu no século XVIII, sobretudo nos reinados de Luís XV e Luís XVI, na França, em um cenário de retorno à valorização do racionalismo e da matemática e de fim do absolutismo e do Antigo Regime francês. A ostentação e a riqueza de detalhes buscadas no Rococó é retrato de uma classe social aristocrata extremamente distante da população miserável, que não se sustentou por muito tempo, já que a Revolução Francesa, impulsionada pela burguesia, ocorreu em 1789, abrindo caminho para novas realidades sociais e novas formas de arte, como o Neoclassicismo.

Em geral, a decoração dos palácios apresentava excesso de detalhes, muito dourado, folhas ornamentadas e molduras; os temas, em geral, apresentavam aspectos da vida na Corte, elementos eróticos e alusões ao teatro. Alguns dos artistas representativos do período são os escultores Pierre Lepautre (1659-1744) e Étienne-Maurice Falconet (1716-1791) e o pintor Jean-Honoré Fragonard (1732-1806). O Rococó se apresentou em todas as manifestações artísticas, assim como o Barroco, e ocorreu não apenas na França, mas em diversos países da Europa.

Barroco e Rococó no Brasil

O Barroco e o Rococó, trazidos pelos portugueses para o Brasil no século XVII, estenderam-se até o XIX, quando já haviam sido superados na Europa, e apresentaram diferentes formas em Minas Gerais, na Bahia, em Pernambuco, no Rio de Janeiro e nos demais locais de comércio de açúcar e de mineração.

Durante o período colonial, os missionários religiosos portugueses, enviados como parte da Contrarreforma que ocorria na Europa, vieram ao Brasil a fim de catequizar os indígenas, facilitando o processo de colonização por meio da disciplina e da manutenção dos valores europeus, e, assim, aumentar o número de fiéis da Igreja católica. Muitos desses missionários (beneditinos, carmelitas, jesuítas e franciscanos) transmitiram não apenas seu conhecimento religioso aos indígenas, mas técnicas artísticas na literatura, música, arquitetura, pintura, entre outras, formando classes de artistas locais.

No século XVIII, irmandades, confrarias e ordens terceiras religiosas formaram escolas de arte a fim de difundir as técnicas artísticas, valorizando seus santos patronos. Assim, muitos africanos escravizados e filhos de pessoas escravizadas que viviam em liberdade tiveram acesso às expressões artísticas portuguesas e tornaram-se os maiores artistas do período, como é o caso do mineiro Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (c. 1783-1814), filho de um português e uma africana escravizada.

Estabelecendo relações

Em Literatura, aprendemos que o poema épico *Prosopopeia* (1601), de Bento Teixeira, é considerado o marco inicial do Barroco na Literatura, e seu auge se dá com o poeta Gregório de Matos, também conhecido como “Boca do Inferno”.

Saiba mais

Como a Igreja estava fortemente vinculada ao Estado e às manifestações culturais e era a única financiadora da produção artística no Brasil, a arte trazida para o país nesse período está muito presente em igrejas, templos e conventos, embora também apareça em monumentos públicos, residências, entre outros edifícios.

O padre Antônio Vieira foi um dos personagens mais influentes na transmissão da literatura e teatralidade portuguesas, além de ter lutado pelos direitos indígenas, combatendo a escravização desses povos.

A primeira manifestação do Barroco se deu no Sul do Brasil, entre os guaranis – um exemplo disso são as ruínas da missão de São Miguel, no Rio Grande do Sul –, mas foi no Nordeste e em Minas Gerais que essa arte atingiu seu ápice.

Salvador, a primeira capital da colônia portuguesa no Brasil, concentrou a Corte, o alto clero, os administradores e, por consequência, o fluxo das artes, o que possibilitou que africanos escravizados tivessem contato com a arte e a aplicassem na arquitetura, pintura e escultura brasileiras. As primeiras expressões dessa arte se apresentaram nas fachadas e nos frontões das igrejas e em sua decoração interna, com motivos folheares, figuras dinâmicas, diversos anjos e pássaros. Uma das muitas igrejas barrocas famosas no Brasil é a Igreja de São Francisco de Assis; seu interior é talhado em ouro e repleto de ornamentos e esculturas, com pinturas no teto. A Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, também bastante conhecida, apresenta linhas curvas e elementos da natureza em sua fachada, além de azulejaria portuguesa em azul e branco com cenas religiosas e históricas ou figuras mitológicas.



Capelas laterais da Igreja São Francisco de Salvador, Bahia.

Quando o ciclo do ouro se desenvolveu, em Minas Gerais, no século XVIII, a Coroa portuguesa mudou a capital do país para um local mais próximo, o Rio de Janeiro, facilitando seu transporte. Desse modo, a região Sudeste se fortaleceu, formando vilas povoadas e criando uma vida cultural mais agitada.

Alguns dos principais artistas barrocos foram os mineiros Manuel da Costa Ataíde (1762-1830) e Aleijadinho, o escultor português Francisco Xavier de Brito (?-1751) e o carioca Mestre Valentim (c. 1745-1813).

T photography/Shutterstock.com



ATAÍDE, Manuel da Costa. *Assunção de Nossa Senhora* (1799-1807). Teto da Igreja de São Francisco de Assis. Têmpera sobre madeira. Ouro Preto, Minas Gerais.

Em Minas Gerais, o Barroco ganhou características nacionais, com as fachadas com medalhões, esculturas e fitas feitas em pedra-sabão, o interior excessivamente revestido com talha dourada e muitas linhas curvas e motivos florais.

No santuário de Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas (MG), é possível ver obras do Mestre Ataíde e de Aleijadinho, como as 12 esculturas em pedra-sabão dos profetas Jeremias, Baruque, Daniel, Ezequiel, Joel, Jonas, Habacuque, Amós, Abdias, Oseias, Naum e Isaías. Internamente, há uma rica decoração talhada em ouro, e nas seis capelas do santuário estão 66 esculturas com cenas da Paixão de Cristo, esculpidas em madeira.



Rodrigo Lira/Shutterstock.com

Frente do Santuário de Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas (MG). As 12 esculturas dão sensação de movimento à arquitetura. A única entrada é adornada por uma moldura de pedra lavrada.

O Barroco também esteve presente no Norte do Brasil. A Igreja de Santo Alexandre, por exemplo, foi construída pelos jesuítas com os indígenas locais. Sua fachada apresenta frontão formado por duas grandes volutas que se encontram no topo. No seu interior, apresenta quatro capelas laterais de cada lado e abóbada e esculturas de madeira revestidas em ouro.



Antonio Salaverry/Shutterstock.com

Igreja de Santo Alexandre, Belém do Pará.

Diferentemente da Europa, no Brasil o Rococó foi incorporado nas artes com a temática religiosa, o que deu originalidade ao Barroco brasileiro, que chegou a ser conhecido como Barroco joanino, pois foi promovido pelo rei D. João V, no século XVIII. Suas características são linhas curvas, estruturas assimétricas, plumas, anjos e motivos florais aplicados de modo mais harmonioso e leve.

FRENTE ÚNICA

Revisando

1. Compare as duas obras a seguir.

Universal HistoryArchive/UG/Shutterstock



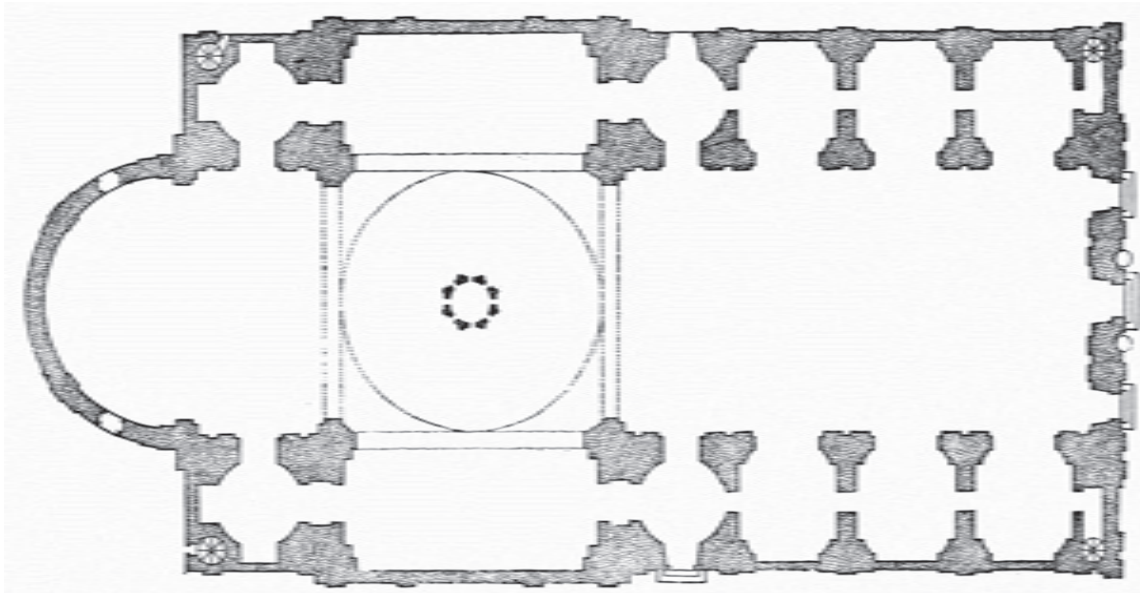
DA VINCI, Leonardo. *A última ceia*, 1495. Itália, Milão. Têmpera. Igreja Santa Maria delle Grazie.

Web Gallery of Art/Basilica de São Jorge Maior, Veneza



TINTORETTO. *A última ceia*, 1592-1594. San Giorgio Maggiore, Veneza.

2. Observe a planta de uma igreja barroca europeia a seguir. Quais detalhes nela apresentados são característicos desse estilo?



VIGNOLA, Giacomo Barozzi da Plan of the Gesù. In: MOORE, Charles Herbert. *Character of renaissance architecture*. Nova York: Londres: The Macmillan Company, 1905. p. 91.

3. Enem 2017



CARAVAGGIO, M. M. *Judite e Holoferne*. Óleo sobre tela, 144 x 195 cm, Galeria de Arte Antiga, Roma, 1958.

Disponível em: www.wga.hu. Acesso em: 31 jul. 2012.

A exploração dos contrastes entre o claro e o escuro é própria da arte barroca, como é o caso da obra *Judite e Holoferne*. O tratamento de luminosidade empregado por Caravaggio nessa obra

- cria uma atmosfera de sonho e imaginação, por deixar algumas regiões do quadro na obscuridade.
- oculta os corpos na penumbra, eliminando do quadro qualquer traço de sensualidade.
- produz um envolvimento místico e distanciado da experiência cotidiana.
- ênfata o drama e o conflito, conjugando realismo e artificialidade.
- recorta as figuras contra o fundo escuro, negando a profundidade.

4. Analise o quadro abaixo de acordo com o seu conhecimento da arte barroca.



VERMEER, Johannes. *A leiteira*, 1658-1660.

5. Cite alguns aspectos relacionados à música no Barroco.
6. Em relação ao teatro, quais foram as principais mudanças na constituição dos personagens?
7. O Rococó se manifestou da mesma forma na Europa e no Brasil?
8. **UEL-PR** Sobre o Barroco, no Nordeste do Brasil, é correto afirmar:
- Em comparação com o Barroco Mineiro, apresenta maior originalidade e sofisticação, especialmente em Pernambuco, devido ao enriquecimento gerado pelo comércio e produção açucareira.
 - Os interiores de suas igrejas apresentam rica decoração de talha e azulejaria e tetos com pinturas ilusionistas de alta qualidade.
 - Na pintura, destaca-se o trabalho de Manuel da Costa Ataíde, o Mestre Ataíde, em especial pelo teto da Igreja de São Pedro dos Clérigos, em Recife.
 - A arquitetura de suas igrejas se destaca pelas fachadas, que apresentam elegantes ornamentações em pedra entalhada, material típico da região.

Assinale a alternativa que contém todas as afirmativas corretas.

- I e II.
 - I e III.
 - II e IV.
 - I, III e IV.
 - II, III e IV.
9. **UEM-PR 2018** Sobre o Barroco brasileiro, assinale o que for correto.
- Limitou-se à construção das igrejas mineiras, pois a região das Minas Gerais era a mais desenvolvida economicamente devido ao ciclo do ouro.
 - Uma das suas características é a modificação pelo contato com o povo miscigenado existente no País, além da mistura de estilos europeus, como o português, o francês, o italiano e o espanhol.
 - Aleijadinho foi um dos principais artistas, e uma de suas grandes contribuições é o conjunto escultórico do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo, Minas Gerais.
 - Mestre Athaide, considerado um dos maiores pintores do barroco mineiro, realizou várias obras, especialmente a decoração das igrejas com a pintura de forros e de tetos.
 - Em relação à Europa, a sua popularização é tardia e ocorreu cerca de um século mais tarde. As produções artísticas foram patrocinadas principalmente pelas confrarias e pelas irmandades.

Soma:

10. UEPB 2013 A arte mineira caracterizou-se pelo estilo barroco que esteve em voga na Europa até princípios do século XVIII.

(José Alves de Freitas Neto e Célio Ricardo Tasinafo.
História Geral e do Brasil. HARBRA. p. 325).

Sobre o barroco é correto afirmar:

- a) Como forma única de expressão, as imagens barrocas são uniformes e regulares, conforme o pensamento religioso católico.
- b) O barroco expressava o racionalismo da época moderna, condenando as expressões metafísicas e o sentimento religioso.
- c) Era um estilo intimamente ligado à Contrarreforma, pois expressava os fundamentos da devoção religiosa por meio de construções, esculturas e iconografias que enalteciam os princípios da fé católica.
- d) O barroco esteve intimamente ligado ao protestantismo, condenando as iconografias e dando ênfase apenas ao estilo arquitetônico.
- e) O barroco mineiro desenvolveu características universais evitando as especificidades e o regionalismo.

Exercícios propostos

- 1. UFPE** O estilo barroco – que, nos séculos XVII e XVIII, se destacou com a arte de Diogo Velázquez, Rubens, Caravaggio, entre outros – pode ser considerado como:
- a) expressão do respeito aos princípios da arte clássica greco-romana.
 - b) imitação dos pintores renascentistas florentinos.
 - c) reflexo das concepções estéticas do Antigo Oriente.
 - d) consagração do racionalismo cartesiano na arte.
 - e) resultado de uma arte que desafiava os padrões clássicos.
- 2. UEPG-PR 2020** A Igreja de Nossa Senhora das Mercês, situada no subdistrito de Bento Rodrigues, em Mariana, na Região Central de Minas Gerais, ficou conhecida por ter escapado da lama despejada pelo rompimento da Barragem do Fundão, em 2015, tragédia socioambiental que matou pessoas e destruiu a Bacia do Rio Doce. A Igreja, que data do período colonial e exibe características das construções barrocas, foi tombada como Patrimônio Cultural em 2018. Sobre a Arte Barroca, assinale o que for correto.

- 01** A intenção da Igreja Católica de afirmar seus preceitos refletiu na forte carga emocional e na exuberância estética do Barroco, obtidas com a sobriedade decorativa, a simetria e movimento nas formas e com as leves nuances de luz e sombra.
- 02** Mestre Athaide e Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, foram os principais artistas do Barroco brasileiro. São elementos característicos de suas obras as pinturas de figuras com traços mestiços e as esculturas com rostos alongados, olhos amendoados e cabelos encaracolados.
- 04** No período Barroco, a harmonia se torna fundamental para a música, adquirindo destaque os instrumentos de teclado, principalmente o órgão e o cravo, devido às suas possibilidades sonoras.
- 08** O estilo Barroco predominou na arte europeia entre os séculos XVI e XVII, mas no Brasil sua popularização foi tardia, cerca de 100 anos depois, impulsionada pelas confrarias e irmandades leigas.

Soma:

Texto complementar

O Barroco como conceito

O Barroco era também uma cultura teatral, em que todos os atos cotidianos se tornavam uma forma de afirmação do status social. Assim, a nobreza e os que aspiravam a ela deveriam se vestir com luxo, ostentando não apenas riqueza, mas bom gosto. O espaço público transformou-se, dessa forma, no palco dessa ostentação. As festas públicas, os enterros e as procissões assumiram, assim, um caráter suntuoso e teatral, fosse na França, na Espanha ou na América colonial.

No Brasil colonial, as cidades da zona canavieira e de Minas Gerais se transformaram em palco para as procissões barrocas, nas quais os santos eram reverenciados com uma profusão de luxo em carros alegóricos, com música e joias que revestiam as imagens católicas. Também o ritual fúnebre da extrema-unção e o enterramento caracterizavam-se como festividades, pois em uma cultura na qual o valor social estava na aparência, a pompa funerária indicava o prestígio do defunto na sociedade. Os testamentos transformaram-se em registros dos planos para os funerais, em que vastas quantias eram deixadas para que missas fossem rezadas, carpideiras fossem contratadas para chorar o morto e os túmulos fossem construídos dentro das igrejas, o mais perto possível do altar-mor.

Com base nessas considerações, podemos perceber que o conceito de Barroco possui significados mais amplos do que apenas sua caracterização como estilo artístico. Significados que envolvem o estudo do imaginário e das mentalidades. Tal abordagem tem grande importância para o estudo das mentalidades e da cultura popular contemporânea em diversas regiões brasileiras, pois muitos de nossos costumes atuais são herança direta do Barroco colonial: o preconceito ainda existente contra o trabalho braçal e contra quem o executa; os grandes investimentos de dinheiro público em carnavais e festividades como forma de apaziguar as inquietações populares; os gastos pessoais em roupas e aparência, muitas vezes maiores do que o possibilitado pelas rendas familiares. Todas essas práticas são heranças da mentalidade barroca vigente no período colonial. [...]

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 32-33.

Resumindo

Na Europa, o Barroco se manifestou como parte de um projeto da Contrarreforma – resposta da Igreja católica à Reforma Protestante liderada por Martinho Lutero –, por isso explorou temas religiosos, com uma estética dramática, com fortes contrastes, capaz de apelar para a emoção.

Iniciada na Itália, se espalhou por toda a Europa. Em países, como a Holanda, que optaram por seguir o protestantismo, as artes se manifestaram de modo mais retratístico ou explorando a vida das cortes.

O Rococó, com motivos mais delicados e cores mais suaves, se originou na França e foi o marco de uma vida palaciana, marcando os contrastes sociais do período.

No Brasil, Barroco e Rococó se fundiram gerando uma arte única, com a temática religiosa, manifestada em diversos estados, com suas peculiaridades locais, e produzida por artistas indígenas e afrodescendentes. Alguns dos principais artistas barrocos foram os mineiros Manuel da Costa Ataíde e Aleijadinho (Antônio Francisco Lisboa), o escultor português Francisco Xavier de Brito e o carioca Mestre Valentim.

Quer saber mais?



Vídeo

O Barroco esquecido. Direção: Dimas Lins. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6f1UA-5NPIk/>. Acesso em: 23 jun. 2021.

Esse documentário inicia-se com um projeto atual de valorização do Barroco por meio de desenhos e divulgação em redes sociais e aborda diversos temas relacionados ao Barroco no Recife, desde a história de sua chegada até a manutenção do seu acervo atual.

Exercícios complementares

1. **UFPR (Adapt.)** Considerado um dos mais famosos e copiados pintores dos primórdios do Barroco, Michelangelo Merisi de Caravaggio foi bastante requisitado durante a Contrarreforma. Observe a imagem a seguir, do quadro “Jantar em Emmaus”, pintado por ele em 1596.



A partir da observação da imagem, comente duas características presentes no Barroco.

2. **Fuvest-SP 2017 (Adapt.)** Considere a imagem e o texto, para responder à questão.



Perspectiva da nave da Igreja São Francisco de Assis, em Ouro Preto.

II / São Francisco de Assis*

Senhor, não mereço isto.
Não creio em vós para vos amar.
Trouxestes-me a São Francisco
e me fazeis vosso escravo.

Não entrarei, senhor, no templo,
seu frontispício me basta.
Vossas flores e querubins são matéria de muito amar.

Dai-me, senhor, a só beleza
destes ornatos. E não a alma.
Pressente-se dor de homem,
paralela à das cinco chagas.

Mas entro e, senhor, me perco
na rósea nave triunfal.
Por que tanto baixar o céu?
por que esta nova cilada?

Senhor, os púlpitos mudos
entretanto me sorriem.
Mais que vossa igreja, esta
sabe a voz de me embalar.

Perdão, senhor, por não amar-vos.

Carlos Drummond de Andrade

*O texto faz parte do conjunto de poemas "Estampas de Vila Rica", que integra a edição crítica de Claro enigma. São Paulo: Cosac Naify, 2012

Analise as seguintes afirmações relativas à arquitetura das igrejas sob a estética do Barroco:

- I. Unem-se, no edifício, diferentes artes, para assaltar de uma vez os sentidos, de modo que o público não possa escapar.
- II. O arquiteto procurava surpreender o observador, suscitando nele uma reação forte de maravilhamento.
- III. A arquitetura e a ornamentação dos templos deviam encenar, entre outras coisas, a preeminência da Igreja.

A experiência que se expressa no poema de Drummond registra, em boa medida, as reações do eu lírico ao que se encontra registrado em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) II e III, apenas.
- d) I e III, apenas.
- e) I, II e III.

3. **UEM-PR 2020** Sobre a música e o desenvolvimento de seus meios de execução ao longo da história, assinale o que for correto.

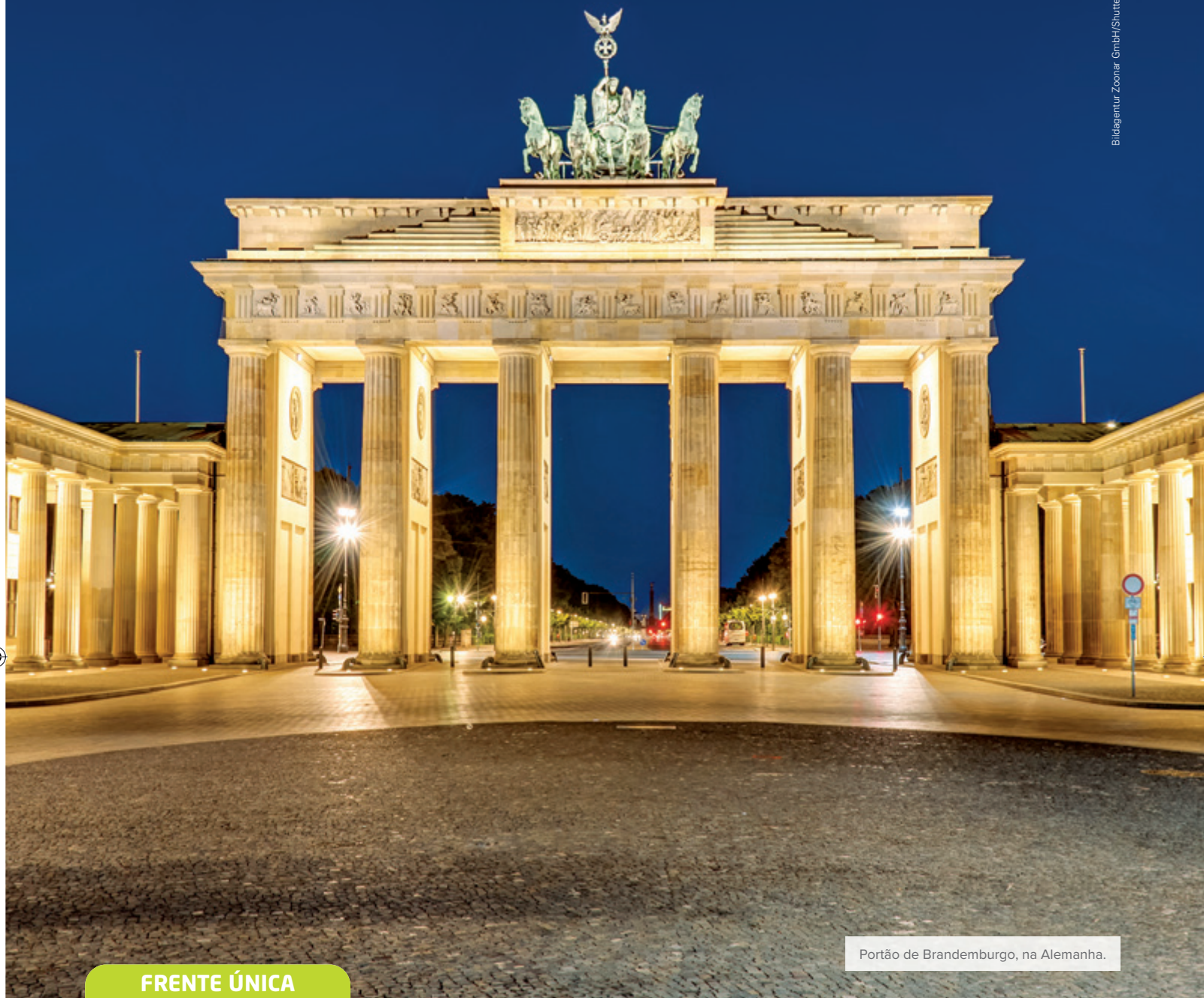
- 01 Johann Sebastian Bach, importante compositor barroco, criou um sistema de afinação para os instrumentos ocidentais que é utilizado até a atualidade.
- 02 A eletrônica possibilitou um novo campo para a experimentação musical e a criação de novos instrumentos, dentre eles o dinamofole, o traútônio e o teremim.
- 04 A origem dos instrumentos musicais data da Grécia antiga, de onde vêm os primeiros registros de instrumentos de cordas precursores do violino.
- 08 As pesquisas para a construção de instrumentos foram muito ampliadas. Na busca de novas sonoridades e possibilidades musicais, foram explorados diversos materiais. Alguns desses instrumentos foram feitos com vegetais.
- 16 Um dos instrumentos musicais mais conhecidos de nosso tempo, a guitarra amplificada, surge na década de 1950, junto com a criação do blues.

Soma:

4. **UEM-PR 2017** Em relação ao uso dos arcos, das abóbadas e das cúpulas nas construções de diferentes períodos, assinale o que for **correto**.

- 01 As abóbadas de berço e as de arestas foram utilizadas pela arquitetura românica. Ambas consistiam em um semicírculo, e as de arestas promoviam uma intersecção, em ângulo reto, de duas abóbadas de berço.
- 02 A abóbada de nervuras é um dos componentes construtivos mais importantes da arquitetura gótica, possível graças ao uso do arco ogival, que permitiu a construção de igrejas mais altas em relação às da arquitetura românica.
- 04 A cúpula da antiga basílica de Santa Sofia, em Constantinopla, exemplar marcante da arquitetura bizantina, é formada por quatro arcos e equilibra-se sobre uma planta quadrada.
- 08 A arquitetura barroca reflete a ordem, a clareza e a simetria, rompendo com o período anterior ao perseguir os ideais de racionalidade e de simplicidade nos arcos, nas abóbadas e nas cúpulas.
- 16 Os aquedutos romanos foram criados para levar água às cidades por meio da gravidade, e sua edificação foi possível graças ao uso dos arcos.

Soma:



Portão de Brandemburgo, na Alemanha.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

8

Neoclassicismo na Europa e suas influências no Brasil

Por que o Neoclassicismo se tornou a estética dos ideais iluministas no século XVIII? Como o Brasil absorveu essa arte? Como se deu o fluxo de artistas europeus no Brasil? Essas e outras questões serão discutidas neste capítulo.

Neoclassicismo na Europa

O final do século XVIII e o início do XIX foram marcados pela Revolução Industrial, que foi possível devido ao fim das monarquias absolutistas (sendo o poder dos governantes limitados por leis) e ao fortalecimento da burguesia liberal e capitalista; pela Revolução Francesa em 1789, que consagrou ideais iluministas e os direitos humanos; e pela série de lutas pela independência das colônias na América.

Desse modo, a produção artística do período expressou o processo de transição política, econômica e social, buscando um retorno ao racionalismo e à valorização do homem como centro das questões, além da simplicidade buscada pelos artistas, contrária ao rebuscamento do Barroco e do Rococó, que eram símbolos da Igreja e da aristocracia.

As estéticas clássicas greco-romana e renascentista serviriam de embasamento para uma nova arte que refletia os ideais burgueses, clamava por mudanças na sociedade, mas também percebia algumas inconsistências, como a desigualdade social, que não foi dissolvida com as mudanças estruturais implantadas.

! Atenção

Vale ressaltar que todo esse cenário de reestruturação da nação e ideal heroico também vai fazer brotar em uma parcela da sociedade o desejo de retorno da fé no desconhecido e da intuição, dando início ao Romantismo, que será estudado no próximo capítulo.

📖 Estabelecendo relações

Em Literatura, vemos que os escritores franceses Charles Perrault (1628-1703) e Jean de La Fontaine (1621-1695) fazem parte desse período histórico. Perrault, considerado o pai da literatura infantil, autor de inúmeros contos de fadas, como *Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Gato de Botas*, entre outros, também se envolveu na política e protagonizou uma disputa na Academia Francesa de Letras, defendendo que as obras da literatura francesa eram tão boas quanto as da Antiguidade greco-romana.

Pintura neoclássica ou academicista

Na França, depois da morte do rei Luís XIV, seus sucessores não tiveram tanta sorte. O Estado estava falido e a população muito insatisfeita. Após a Revolução Francesa, em 1789, a arte buscou ressaltar os ideais patrióticos e cívicos, condizendo com as transformações do período. Dois dos maiores pintores do período foram Jacques-Louis David (1748-1825) e Jean-Auguste Dominique Ingres (1780-1867), e as maiores referências ao período foram as pinturas de Rafael Sanzio (1483-1520), entre outros italianos renascentistas.

Jacques-Louis David tornou-se o pintor oficial de Napoleão Bonaparte e registrou muitas cenas heroicas da Revolução Francesa, da história greco-romana, além de retratos de políticos e pessoas da Corte. David usava uma técnica bastante realista, com cores sóbrias, e sem muitos detalhes que pudessem prejudicar a leitura da mensagem principal. Em geral, as pinturas tinham mensagem cívica e moral.



Museu Metropolitano de Nova York. Foto: Granger/Shutterstock

DAVID, Jacques-Louis. *A morte de Sócrates*, 1788. Óleo sobre tela. Museu Metropolitano de Nova York. Nessa pintura, David transpõe para a tela a história da morte de Sócrates, contada por Platão no livro *Fédon*.

Jean-Auguste Dominique Ingres frequentou o ateliê de David e recebeu influência do olhar neoclássico do pintor, compondo temas mitológicos, literários, paisagens, nus e retratos, sendo os dois últimos os que mais chamaram a atenção da crítica na época. A pintura *A grande Odalisca*, encomendada por Carolina de Nápoles, irmã de Napoleão, apresenta um tema exótico e orientalista, mais comum nas pinturas românticas, que começavam a despontar naquele momento, em contraposição ao neoclassicismo; no entanto, o artista reforça o estilo neoclássico dando mais força aos contornos do que às cores em si, que nessa obra são frias. Embora a pintura pareça explorar a sensualidade, a postura da odalisca é rígida e não se trata de uma posição confortável para se permanecer por muito tempo.

Museu do Louvre, França. Foto: imageBROKER/Shutterstock



INGRES, Jean-Auguste Dominique.
A grande Odalisca, 1814. Óleo sobre tela.
Museu do Louvre, França.



Castelo de Malmaison, França. Foto: Granger/Shutterstock

DAVID, Jacques-Louis. *Napoleão no Passo de São Bernardo*, 1801. Óleo sobre tela. David era engajado na política e apoiou a Revolução, tornando-se o responsável pela produção artística francesa na Corte de Napoleão.

Escultura e arquitetura neoclássicas

As esculturas que mais se destacaram no período foram produzidas por artistas italianos, como é o caso de Antonio Canova (1757-1822), que usava mármore e desenvolvia temáticas épicas e mitológicas em grandes proporções e prezando pela harmonia e simetria, como as esculturas clássicas greco-romanas.

Kunsthistorisches Museum, Viena. Foto: Granger/Shutterstock



CANOVA, Antonio. *Teseu vencendo o centauro*, 1781. Kunsthistorisches Museum, Viena. Uma de suas últimas e mais violentas esculturas, encomendada por Napoleão, se distancia um pouco da maioria de suas obras mais suaves. A riqueza no detalhamento dos corpos chama a atenção nessa obra, estruturada em formato piramidal.

Na arquitetura, as obras que apresentam o racionalismo neoclássico resgatam a arquitetura renascentista e

a estética palladiana, ou seja, desenvolvida pelo italiano Andrea Palladio (1508-1580). O modelo de Palladio consistia na simetria, perspectiva e retomada da arquitetura clássica greco-romana, principalmente os aspectos teóricos apresentados na obra *Da arquitetura*, de Vitruvius.

Algumas das construções do período foram o Panteão (1764-1799), em Paris, com elementos góticos e exuberância grega. O próprio nome da construção vem do grego "Pántheon" (que significa "de todos os deuses"); a fachada apresenta um frontão triangular criado por David d'Angers, que representa a pátria protegendo e valorizando a Ciência, a Arte e a História, sustentado por colunas de estilo coríntio. Seu interior é decorado por obras de pintores acadêmicos, como Alexandre Cabanel (1823-1889) e Pierre Puvis de Chavannes (1824-1898).



Petr Kovalenkov/Shutterstock.com

Panteão de Paris, França.

O estilo neoclássico se difundiu pela Europa – Itália, França, Alemanha – e pela América, sobretudo em edifícios públicos, sempre em obras monumentais, que simbolizam os ideais iluministas, como o racionalismo, a valorização do homem e seus direitos, a ciência, a arte, a liberdade econômica, entre outros. Nos Estados Unidos da América, a fachada oeste do Capitólio de Washington (1793) foi inspirada no Panteão e em uma das fachadas do Louvre.



Eliyahu Yosef Parypa/Shutterstock.com

Capitólio de Washington, inspirado no Panteão, em Paris.

Música e dança clássicas e neoclássicas

Enquanto as artes produzidas no século XVIII eram chamadas de “neoclássicas”, a música e a dança ficaram conhecidas como “clássicas”.

A música clássica foi desenvolvida pelos compositores da Escola de Viena, como Franz Joseph Haydn (1732-1809), Ludwig van Beethoven (1770-1827) e Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), que buscaram uma ordenação clara, com repetições previsíveis, e variação de ritmos e melodias, por exemplo, de modo a proporcionar uma música bela e equilibrada entre sentimentalismo e racionalismo.

As composições partiam de motivos, pequenas unidades sonoras, que eram desenvolvidas por meio de melodias e seus acompanhamentos, ou seja, as sonoridades em segundo plano.

A música neoclássica se refere a um movimento tardio no século XX, no qual seu principal representante é o russo Igor Stravinsky (1882-1971), em um de seus períodos de produção, entre os anos 1920 e 1950. A música é cheia de contradições, com uma harmonia tonal inovadora, com o uso de diversos instrumentos e melodia e composição que refletem Classicismo e Barroco.

Na dança, os gêneros desenvolvidos no Renascimento, como vimos no capítulo 6, têm continuidade; entre eles o balé, cujas apresentações se dão na Ópera de Paris, criada por Luís XIV. O balé clássico é extremamente técnico, caracterizado por movimentos equilibrados, graciosos e simétricos; além disso, há ênfase em balés narrativos, ou seja, que contam histórias, por isso também são complementados por figurinos e cenários arrojados.

O balé neoclássico, assim como a música neoclássica, foi desenvolvido no século XX, e tem sua base no balé clássico, porém os passos e ritmos têm uma linha menos rígida e mais complexa, com aumento da velocidade, mais força de ataque, assimetria dos passos, ausência de narrativa, trajes mais simples e mais espaço de atuação do bailarino.

Um dos principais idealizadores do balé neoclássico foi o coreógrafo russo George Balanchine. Segundo Balanchine, o mais importante na dança são os movimentos realizados pelos bailarinos, por isso vestimentas, cenários, entre outros, devem ficar em segundo plano.

Saiba mais

A Companhia de Balé Russo, fundada por Sergei Diaghilev (1872-1929) e ativa de 1909 a 1929, foi fundamental para a difusão do balé e seus desdobramentos no mundo todo. Dela fizeram parte coreógrafos e bailarinos de destaque, como Anna Pavlova (1881-1931) e Vaslav Nijinski (1889-1950), além de Igor Stravinsky e artistas contratados, como Pablo Picasso (1881-1973), Jean Cocteau (1889-1963) e Henri Matisse (1869-1954).

Durante seus 20 anos, a companhia desenvolveu três linhas de pesquisa: a do balé clássico, focalizado na produção artística russa; a voltada para o balé moderno e mais próxima de correntes europeias; e a de tendências modernistas universais.



Fine Art Images/Alamy/Fotorena

Os bailarinos russos Alexandra Danilova e Serge Lifar no balé neoclássico *Apollo*, em 1928. Composição musical de Igor Stravinsky, cenário e roupas de André Bauchant, e coreografia de George Balanchine.

Teatro neoclássico

No teatro, houve uma revalorização da poesia e uma revitalização da tragédia e da comédia. As peças tinham o intuito de transmitir um ensinamento, e em geral buscavam a verossimilhança, e não elementos sobrenaturais.

Voltaire (François-Marie Arouet, 1694-1778), filósofo e escritor iluminista, escreveu algumas tragédias, como *Tancredo*, em 1760, que conta a saga de um herói épico, cavaleiro nas Cruzadas, que se apaixona por uma guerreira pagã e é amado pela princesa Ermínia de Antioquia. A peça serviu de base para a ópera homônima de Gioachino Antonio Rossini (1792-1868), em 1813.

Algumas das comédias da época são *As bodas de Fígaro* e *O barbeiro de Sevilha*, do francês Caron de Beaumarchais (1732-1799), também transformadas em ópera por Rossini. Na Itália, Carlo Gozzi (1720-1806), que ficou conhecido por suas peças satíricas, escreveu a comédia *O amor das três laranjas*, uma paródia do conto de fadas homônimo.



Ópera cômica *O barbeiro de Sevilha*, de Gioachino Rossini, encenada pelos membros da Ópera Estatal de Dnepropetrovsk, Ucrânia, em 25 de junho de 2011.

Influências do Neoclassicismo no Brasil

No Brasil, o Barroco durou até aproximadamente o século XIX, desenvolvendo características próprias, e foi seguido por um "projeto de civilização", que buscava construir um país dentro dos ideais europeus, mesmo após o Brasil ter deixado de ser colônia, em 1822.

Quando a Corte portuguesa (cerca de 15 mil pessoas, incluindo servos e empregados) chegou em Salvador, em 1808, e depois fixou-se no Rio de Janeiro, uma série de reformas políticas, sociais e culturais foi feita a fim de adequar tal situação; era a primeira vez que um reino deslocava-se para uma colônia.

! Atenção

A Corte portuguesa se exilou no Brasil, com o apoio da Inglaterra, quando Napoleão Bonaparte invadiu Portugal.

Assim, D. João VI mandou construir instituições públicas, como a Biblioteca Nacional, o Banco Nacional, a

Imprensa Régia e a Academia Imperial de Belas Artes, a fim de difundir seus ideais estéticos, determinando uma arte nacional oficial.

Missão Artística Francesa

A vinda da família real para o Brasil abriu caminho para que muitos europeus viessem para o país em busca de oportunidades ou fugindo de perseguições políticas. O francês Joachim Lebreton (1760-1819), por exemplo, veio ao Brasil em 1816, com outros artistas franceses, como os pintores Jean-Baptiste Debret (1768-1848), Nicolas-Antoine Taunay (1768-1824) e o arquiteto Grandjean de Montigny (1776-1850), entre outros, formando um grupo que veio a ser chamado de Missão Artística Francesa. Embora, nos relatos oficiais, conste que os artistas vieram a convite da Corte real, historiadores acreditam que eles tenham se oferecido para vir ao Brasil por questões políticas.

Inaugurada em 1826, a Academia Imperial de Belas Artes deu oportunidade aos artistas estrangeiros de serem mestres de artes e ofícios no Brasil, difundindo técnicas europeias no país. Em tese, tal Academia poderia ter funcionado desde 1816; no entanto, devido a problemas financeiros e à disputa entre os artistas portugueses e os franceses neoclássicos, sua abertura só foi possível dez anos depois.

Jean-Baptiste Debret, que já era premiado na Europa, é um dos artistas mais conhecidos, permanecendo no Brasil até 1831, onde fez retratos da família imperial, gravuras, aquarelas, cenários, pinturas ornamentais para solenidades e foi professor na Academia.

Na França, Debret fora aluno de Jacques-Louis David, o que lhe garantiu grande influência neoclássica. Para além das cenas oficiais, revelou-se um profundo observador dos costumes da sociedade brasileira. Fez diversas gravuras a fim de divulgar para a Europa a imagem do Estado português no Brasil. Na obra *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil* (1834-1839), produzida em três volumes pelo artista, há inúmeras aquarelas e desenhos relacionados às paisagens locais naturais e urbanas, às cenas domésticas e aos hábitos dos indígenas e africanos escravizados, já que havia essa demanda comercial na Europa.



DEBRET, Jean-Baptiste. *Negra tatuada vendendo caju*, 1827. Aquarela sobre papel. Debret registrou o cotidiano dos africanos escravizados que viviam nas zonas urbanas em diversas funções. Os vendedores ao final do dia levavam todo o lucro aos seus proprietários.

Alamy/Fotorena

Taunay, que na Europa era requisitado por Napoleão para pintar cenas de batalha, no Brasil pintou principalmente paisagens. Há cerca de trinta paisagens do Rio de Janeiro e seu entorno feitas pelo artista.

Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro



TAUNAY, Nicolas-Antoine. *Vista do alto do Morro do Santo Antônio*, 1816. Óleo sobre tela. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

Grandjean de Montigny desenvolveu a arquitetura neoclássica, sendo inclusive o responsável pelo projeto da reconstrução da Academia Imperial de Belas Artes, em 1826, dessa vez no Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, e pela Casa França-Brasil, encomendada por D. João VI, em 1819, para ser a sede do Comércio do Rio, com ares europeus. Atualmente, a Casa é um centro cultural que oferece diversas atividades de interesse público.

wrondossantos/Shutterstock.com



Rogério Reis/Pulsar - Imagens



Foto externa e interna da Casa França-Brasil, de estilo neoclássico, projetada por Grandjean de Montigny, no centro do Rio de Janeiro.

Outros artistas europeus no Brasil

A existência de uma academia de Belas Artes e o desenvolvimento de uma burguesia local, interessada em ser retratada e em adquirir pinturas e demais obras de arte, atraiu mais pintores europeus para a América Latina, em geral. No Brasil, alguns dos pintores mais famosos foram Claude Joseph Barandier (c. 1807-1877), Auguste Petit (1844-1927), Thomas Ender (1793-1875) e Johann Moritz Rugendas (1802-1858).

Rugendas participou da expedição científica organizada pelo cônsul-geral da Rússia no Brasil, barão de Langsdorff, a fim de conhecer e documentar o interior do Brasil e diversos países da América Latina, registrando a fauna e flora local e os hábitos cotidianos das populações. A litografia *Negro e negra em uma plantação* expressa uma conversa informal entre dois africanos escravizados em uma pausa do trabalho; nota-se que ambos estão com suas ferramentas de trabalho nas mãos.



Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

BAPTISTE, Jean Arnout; RUGENDAS, Joann Moritz; DEROY, Laurent; ENGELMANN, G. "Negro e negra em uma plantação". In: Johan Moritz Rugendas. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Paris: Lith. G. Engelmann, 1835. Prancha 6/Biblioteca Nacional do Brasil.

Na segunda metade do século XIX, o Brasil teve um período de estabilidade econômica, durante a regência de D. Pedro II, com o desenvolvimento da indústria cafeeira e o controle de inúmeras rebeliões que haviam surgido desde o começo do século XIX. Desse modo, a Academia Imperial de Belas Artes teve um papel significativo de valorizar e enaltecer as conquistas do reinado, e uma narrativa em defesa da nação. Victor Meirelles de Lima (1832-1903) e Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905) participaram desse processo de enaltecimento da nação por meio da pintura.

Victor Meirelles nasceu em Santa Catarina, mas se mudou para o Rio para estudar na Academia Imperial de Belas Artes, e por meio da Academia pôde viajar para vários países da Europa e ter contato direto com as pinturas produzidas na época. Uma de suas obras mais conhecidas é *A primeira missa no Brasil* (1860), que retrata de forma idealizada o que seria a primeira cerimônia católica promovida pelos portugueses, na qual participaram os povos indígenas que aqui viviam. As cores são leves e agradáveis e a iluminação é mais clara onde estão os religiosos portugueses e mais escura onde estão os indígenas, transmitindo uma mensagem de controle e conquista territorial e cultural.



Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro

MEIRELLES, Victor. *A primeira missa no Brasil*, 1860. Óleo sobre tela. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro (RJ).

Pedro Américo expressou na obra *Independência ou morte* (1888) a visão idealizada de D. Pedro I proclamando a independência do Brasil. As figuras iluminadas e o movimento circular com cavaleiros no entorno passam uma sensação de segurança e coragem.



Museu Paulista da Universidade de São Paulo

AMÉRICO, Pedro. *Independência ou morte*, 1888. Óleo sobre tela. Museu Paulista da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo (SP).

FRENTE ÚNICA

Revisando

1. Por que o Barroco e o Rococó não faziam mais sentido como expressão artística no começo do século XIX na Europa?
2. Quais foram os ideais artísticos buscados no Neoclassicismo?
3. Observe a pintura a seguir, de Jacques-Louis David, que retrata o assassinato de um ativista e político francês, amigo de David, que apoiava a Revolução Francesa. Em seguida, marque a alternativa correta.



Museu Real de Belas Artes, Bruxelas Foto: Alfredo Dagli Orti/Shutterstock

DAVID, Jacques-Louis. *A morte de Marat*, 1793. Óleo sobre tela. Museu Real de Belas Artes, Bruxelas, Bélgica.

- a) A pintura, que retrata o assassinato de um amigo de David, é rebuscada e apresenta movimento e muitos elementos decorativos que a tornam dramática e dolorosa, fazendo parte da estética neoclássica.
 - b) A pintura, feita por Caravaggio, é um exemplo *chiaroscuro*, típico do Barroco.
 - c) A pintura, que retrata o assassinato de um amigo de David, é simples, estática, com iluminação no personagem e, apesar de dolorosa, apresenta poucos elementos, fazendo parte da estética neoclássica.
 - d) Embora a pintura seja produzida durante o período Neoclássico, é uma exceção, pois faz um resgate da estética barroca, apresentando a dramaticidade por meio do excesso de detalhes e do contraste de cores.
4. Sobre a escultura neoclássica, assinale VERDADEIRO (V) ou FALSO (F).
- Os principais materiais usados foram madeira e argila.
 - As temáticas desenvolvidas, em geral, eram épicas e mitológicas.
 - Prezava-se pela harmonia e simetria, assim como ocorria na Idade Média.
 - Um de seus principais representantes foi o italiano Antonio Canova.

5. Cite alguns compositores musicais do Classicismo.
6. Quais são os aspectos da música clássica?
7. Quando se manifestaram a música e a dança neoclássicas?
8. Cite um aspecto do teatro neoclássico que mostre a influência da Antiguidade greco-romana.
9. Em relação às influências do Neoclassicismo brasileiro, podemos dizer que:
 - a) Fez parte de um projeto que buscava construir uma imagem de nação dentro dos moldes europeus.
 - b) Surgiu de uma iniciativa dos artistas portugueses que viviam no Brasil antes da chegada da Corte real.
 - c) Fez parte de um projeto de valorização da arte barroca.
 - d) Fez parte de um projeto de valorização da arte produzida por indígenas nas missões jesuítas.
10. Sobre Debret, assinale verdadeiro (V) ou falso (F).
 - Na França, foi aluno de Grandjean de Montigny.
 - Veio ao Brasil com a Missão Artística Francesa.
 - Permaneceu no Brasil até 1831, onde fez retratos imperiais, aquarelas, gravuras, cenários decorativos, entre outros.
 - Retratou imagens do cotidiano brasileiro, dentro de uma perspectiva romântica.

Exercícios propostos

1. **UEM-PR 2017** Segundo Ian Chilvers (*Dicionário Oxford de Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 374), o Neoclassicismo expressou “o desejo de recriar o espírito heroico, bem como os padrões decorativos da arte da Grécia e de Roma”. Ele afirmou também que os artistas neoclássicos, assim como seus contemporâneos, no século XVIII, os filósofos iluministas, possuíam um interesse “mais científico” pela Antiguidade Clássica.

Levando em conta essas assertivas, e conhecimentos correlatos, assinale o que estiver **correto**.

- 01 A arquitetura neoclássica teve como um de seus aspectos mais pronunciados a monumentalidade, além de uma forte preocupação com a simetria.
- 02 A análise histórica dos prédios neoclássicos mostra que sua principal influência estilística vinha das pirâmides egípcias descobertas pelos europeus na época do Renascimento.
- 04 Inserida em sua época histórica, a arquitetura neoclássica mostra-se uma reação sóbria e crítica à frivolidade e aos exageros ornamentais que seus adeptos viam no chamado estilo rococó.
- 08 Encontram-se expressões da arquitetura neoclássica em muitas edificações governamentais construídas na primeira metade do século XX na Itália, na Alemanha e no Brasil.
- 16 A regularidade das proporções e o cuidado em evitar cores berrantes foram características importantes da arquitetura neoclássica praticada em grandes edificações públicas.

Soma:

2. **UEM-PR 2017** A vinda da família real deslocou definitivamente o eixo da vida administrativa da Colônia para o Rio de Janeiro, mudando também a fisionomia da cidade. Entre outros aspectos, esboçou-se aí uma vida cultural [...]. Em março de 1816, chegou ao Rio de Janeiro a Missão Artística Francesa, incluindo, entre outros, o arquiteto Grandjean de Montigny, autor de projetos de edificações urbanas, e os pintores Taunay e Debret.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2010, p. 126 e 127.

Sobre as obras e os artistas da Missão Artística Francesa, assinale o que for **correto**.

- 01 Pintores como Debret retrataram diversas cenas e costumes brasileiros, como o cotidiano da Colônia e os retratos da família real portuguesa.
- 02 Os índios e os negros também foram retratados em pinturas, que mostram, por exemplo, acessórios indígenas e escravos em várias tarefas.
- 04 O desenvolvimento do estilo neoclássico foi marcante na arquitetura, e os princípios barrocos foram abandonados.
- 08 Durante o século XIX, a produção artística foi desenvolvida exclusivamente pelos europeus vinculados à Missão Artística Francesa.
- 16 A Missão Artística Francesa foi responsável pela organização da Academia Imperial de Belas Artes.

Soma:

3. **UEM-PR** Durante o Brasil imperial, houve uma preocupação de D. Pedro II em fomentar a cultura nacional. Estimulou os trabalhos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e promoveu a Academia Imperial das Belas Artes. Coube a ela a criação pictórica oficial. Muitos artistas receberam bolsas governamentais para aprimorar seus conhecimentos na França e na Itália. Talvez por influência do Imperador, um amante do neoclassicismo, dois dos principais artistas da época, Pedro Américo (1843-1905) e Vítor Meirelles (1832-1903), especialistas em pinturas sacras e históricas, produziram obras extremamente convencionais e idealizadas.

BARBEIRO, H.; CANTELE, B. R.; SCHNEEBERGER, C. A.
História: volume único para o ensino médio. São Paulo: Scipione, 2004, p. 350.

Com base no texto acima, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

- 01 Segundo os padrões estéticos neoclássicos, o artista não necessita imitar a realidade, mas precisa tentar recriar a beleza ideal em suas obras, por meio da imitação dos clássicos.
- 02 A enorme diferença ideológica entre os liberais e os conservadores, partidos que disputavam o apoio de D. Pedro II, provocou a decadência da Academia Imperial de Belas Artes.
- 04 Na tentativa de criar uma arte genuinamente nacional, os artistas que frequentaram a Academia Imperial de Belas Artes romperam com padrões artísticos europeus.
- 08 Por ser uma arte inovadora e revolucionária, os principais artistas do período escandalizaram a sociedade brasileira da época.
- 16 Temas regionalistas, com a inserção de temas que mostram o cotidiano das pessoas simples, como o índio, o caboclo e os costumes populares, são preocupações dos artistas daquela época.

Soma:

Texto complementar

A ruptura na tradição

Há um personagem numa das comédias de Molière que fica profundamente atônito quando lhe dizem que falou em prosa toda a sua vida sem o saber. Algo um pouco semelhante aconteceu com os artistas do século XVIII. Em épocas anteriores, o estilo do período era simplesmente o modo como se faziam as coisas; era praticado porque as pessoas achavam ser essa a melhor maneira de obter certos efeitos desejados. Na Era da Razão, as pessoas começaram a ficar mais exigentes a respeito de estilo e estilos. Muitos arquitetos ainda estavam convencidos, como vimos, de que as regras estabelecidas nos livros de Palladio garantiam o estilo “certo” para construções elegantes. Mas, quando nos voltamos para os compêndios, no tocante a essas questões, é quase inevitável que encontraremos quem diga: “Mas por que há de ser apenas o estilo de Palladio?”. Foi isso o que aconteceu na Inglaterra no século XVIII.

[...]

Essa concepção da arquitetura como uma ampliação de regras simples e rigorosas estava fadada a atrair os luminares da Era da Razão, cujo poder e influência continuavam a crescer em todo o mundo. Assim, não surpreende que um homem como Thomas Jefferson (1743-1826), um dos fundadores dos Estados Unidos e seu terceiro Presidente, projetasse sua própria residência [...], e que a cidade de Washington, com seus edifícios públicos, fosse planejada nas formas características da restauração helênica. Também na França a vitória desse estilo foi assegurada depois da Revolução Francesa. A antiga e despreocupada tradição dos construtores e decoradores barrocos e rococós foi identificada com o passado que acabara de ser varrido; fora o estilo dos palácios da realeza e da aristocracia, ao passo que os homens da Revolução gostavam de se considerar cidadãos livres de uma Atenas ressurgida. Quando Napoleão, posando como o paladino das ideias da Revolução, subiu ao poder na Europa, o estilo “neoclássico” de arquitetura tornou-se o estilo do Império. Também no continente europeu uma ressurreição gótica existia lado a lado com essa restauração do puro estilo grego. Atraía particularmente aqueles espíritos românticos que estavam desenganados do poder da Razão para reformar o mundo e ansiavam por um retorno ao que chamavam a Era da Fé.

GOMBRICH, Ernst Hans Josef. *A história da arte.* São Paulo: LTC, 1999. p. 345-346.

Resumindo

Na Europa, as mudanças ocorridas entre o final do século XVIII e começo do XIX, como o fim das monarquias absolutistas, a ascensão da burguesia liberal, a Revolução Francesa, a afirmação dos direitos humanos, e as lutas pela independência das colônias americanas levaram a uma revalorização dos ideais greco-romanos e renascentistas.

A arte de então, conhecida como “neoclássica” nas artes visuais e no teatro, e como “clássica” na dança e na música, manifestou equilíbrio, harmonia, simplicidade, monumentalismo e sobriedade. O neoclassicismo na música e na dança se manifestou apenas no século XX, em um movimento mais próximo do Modernismo, demonstrando desequilíbrio e influências do Classicismo e do Barroco.

No Brasil, a chegada de D. João VI e sua Corte em 1808, com seu projeto de formação de identidade nacional com ares europeus, fez com que o Barroco fosse apagado, para o fortalecimento de uma arte acadêmica. A Missão Artística Francesa (que incluiu artistas como Grandjean de Montigny, Auguste-Marie Taunay e Jean-Baptiste Debret), que chegou em 1816, e a inauguração da Academia Imperial de Belas Artes fizeram com que o Neoclassicismo se manifestasse no Brasil, retratando a realidade local de modo idealizado.

Quer saber mais?



Vídeo

Missão que trouxe Debret e outros franceses ao país completa 200 anos. TV PUC-Rio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vBYNnld4Mjw>. Acesso em: 16 ago. 2021.

No documentário da TV PUC-Rio, podemos ver obras dos artistas que fizeram parte da Missão Artística Francesa, e conhecer um pouco mais sobre elas, como é o caso das construções de Montigny e das obras que compõem o livro de Debret, *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, no qual é possível perceber certo olhar crítico sobre a realidade em que vivia, e demais heranças da Academia Imperial de Belas Artes.



Site

Jacques-Louis David, de Simone Martins. História das Artes, 11 dez. 2016. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/prazer-em-conhecer/jacques-louis-david/>. Acesso em: 16 ago. 2021.

No texto publicado no site *História das Artes*, há informações biográficas, curiosidades e contextualização histórica do pintor francês Jacques-Louis David. Na página, também é possível conhecer outras obras do artista, além da famosa *A morte de Sócrates*, apresentada neste capítulo.



Livros

Debret e o Brasil: obra completa, de Julio Bandeira e Pedro Correa Lago. 6 ed. São Paulo: Capivara, 2020.

Considerado o mais bem-sucedido livro de arte brasileira do século XIX, nessa obra é possível conhecer um acervo das pinturas a óleo, aquarelas, desenhos e gravuras do francês Jean-Baptiste Debret.

Victor Meirelles: novas leituras, de Lourdes Rosseto. Barueri: Studio Nobel, 2009.

Esse livro comporta a catalogação da obra completa do artista Victor Meirelles, valorizando seu legado: tanto suas criações quanto sua produção intelectual. O projeto reúne, além disso, pesquisa documental e reprodução dos documentos encontrados sobre o artista.

Exercícios complementares

1. Observe o prédio a seguir. Por que o estilo neoclássico foi tão usado em edifícios públicos no século XVIII?



Capitólio de Washington, 1793, inspirado no Panteão, em Paris.

2. Todas as linguagens artísticas se desenvolveram ao mesmo tempo ao longo da história? Dê um exemplo que comprove sua resposta.

3. **Unicamp-SP 2017 (Adapt.)** Ao analisar *A primeira missa no Brasil*, obra de 1860, feita por Victor Meirelles e exposta atualmente no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, o historiador Rafael Cardoso inseriu o quadro no gênero da pintura histórica. Para o autor, tal gênero “deveria partir de um grande e elevado tema e mostrar o domínio do pintor de um amplo leque de informações não pictóricas. Ou seja, em meados do século XIX, tanto a correção da indumentária representada quanto o espírito cívico da obra eram sujeitos a exame detalhado. O quadro teria grandes formatos, composições complexas e perfeito acabamento. A realização de uma pintura assim poderia levar anos e geralmente correspondia a um atestado de amadurecimento do pintor”.

Adaptado de Rafael Cardoso, *A arte brasileira em 25 quadros* (1790-1930). Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2008, p. 54-55.



(<http://mnba.gov.br/porta/colecoes/pintura-brasileira.html>. Acessado em: 28 set. 2016.)

Explique as razões pelas quais podemos considerar que a obra em questão é baseada em uma noção de história oficial e heroica.

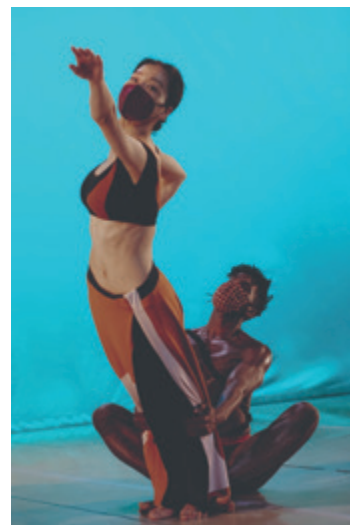
BNCC em foco

EM13LGG601 e EM13LGG602

1. O Neoclassicismo é conhecido por importantes rupturas com o Clássicismo, em várias linguagens artísticas, como a dança e a música. A foto ao lado mostra dois dançarinos da Companhia de Dança de Martha Graham, uma importante dançarina e coreógrafa do período Moderno na dança, que se valeu de algumas contribuições do Neoclassicismo. Que contribuições são essas?

EM13LGG202 e EM13LGG604

2. No século XVIII, no Brasil, houve uma ampla difusão de academias de arte. Reflita e responda: Quais foram os pontos negativos dessa difusão? E os positivos? Como isso impacta nossa vida atual?



Justin J Weer/The New York Times/Fotoarena



Fachada do Banco de Londres, no século XIX. A Revolução Industrial trouxe a criação de instituições, como bancos, imprensa, câmaras e bibliotecas.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

9

Romantismo, Realismo, Impressionismo e Simbolismo

Quais são os aspectos estéticos e ideológicos dos diversos movimentos artísticos que surgiram na Europa no século XIX? Como esses movimentos repercutiram no Brasil? Como a fotografia entrou nesse circuito? Essas e outras questões serão discutidas neste capítulo.

Diversos movimentos artísticos do século XIX

Como vimos no capítulo anterior, no final do século XVIII e início do XIX, eclodiram revoluções, como a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, que alteraram o rumo tanto dos territórios europeus como das colônias americanas, que buscavam estabelecer sua identidade nacional por meio de lutas de independência. Dessas revoluções, surgiram mitos heroicos e a demarcação de territórios, com a criação de instituições, como bancos, imprensa, câmaras e bibliotecas.

Além disso, o desenvolvimento industrial e comercial possibilitou que novas tecnologias contribuíssem para que outras técnicas artísticas fossem experimentadas, como é o caso da fotografia, já que, antes da Revolução Industrial, a arte era basicamente uma atividade manual e artesanal.

Além de propiciar o advento da fotografia, tal cenário deu vazão a movimentos como o Neoclassicismo, estudado anteriormente, e ao Romantismo, Realismo, Impressionismo e Simbolismo, que serão estudados neste capítulo. Os movimentos que ocorreram na Europa também influenciaram artistas brasileiros.

Romantismo

O Romantismo é uma reação ao racionalismo, à objetividade e ao academicismo buscados pelos artistas do Neoclassicismo – aquele em prol de mais liberdade de expressão, com foco nas emoções, nos amores e nas tragédias, ou seja, na dramaticidade.

Além disso, como o período era de grande exaltação nacionalista, os artistas românticos também expressaram valorização de ideais patrióticos e utópicos, com certo pessimismo em relação à civilização que corrompe o desejo de retorno à pureza humana.

Nessa época, o conceito de belo se manifestou como algo passível de interpretação do sujeito, e o conceito de grotesco, que até então indicava seres fantásticos, passou a ter a equivalência estética de belo em seu sentido oposto, significando o ridículo, o deformado.

! Atenção

Durante o Romantismo, desenvolveu-se a ideia do gênio como um herói, o criador sobrenatural, que independe das regras e dos ensinamentos.

Na pintura, artistas como Caspar David Friedrich (1774-1840), Joseph Mallord William Turner (1775-1851), John Constable (1776-1837), Eugène Delacroix (1798-1863), Théodore Géricault (1791-1824) e Francisco José de Goya y Lucientes (1746-1828) exploraram muitas cores para garantir o tom dramático que desejavam. Além disso, buscaram temas contemporâneos a sua época e deram força a paisagens que refletiam as emoções humanas.

Como visto no capítulo 1, a pintura *Caminhante sobre o mar de névoa*, 1808, de Caspar David Friedrich, é um exemplo de belo romântico, na qual há um herói solitário e imponente, que busca, por meio da autorreflexão, seguir seu próprio caminho sem a imposição social.

Na pintura *A liberdade guiando o povo*, Eugène Delacroix celebra a Revolução de Julho de 1830. A Liberdade é uma figura alegórica representada pela deusa, que lidera corajosamente, descalça e de peito aberto ao que está por vir. A touca vermelha usada por ela é significativa, pois era comumente usada pelos republicanos franceses que lutaram pela Queda da Bastilha, um evento central da Revolução Francesa. Em torno da Liberdade, estão homens resolutos em lutar por seus ideais.



DELACROIX, Eugène. *A Liberdade guiando o povo*, 1830. Óleo sobre tela. Museu do Louvre, Paris, França.

Goya, outro pintor de destaque do período, pertencia à Corte espanhola e, embora tenha iniciado seus trabalhos com pinturas neoclássicas, foi um dos precursores do Romantismo na Espanha, com retratos e pinturas históricas que representavam o horror de guerras e conflitos sociais, em cenas que mesclam fatos históricos e elementos fantásticos, explorando o sublime e o grotesco. Um de seus quadros, *Três de maio de 1808*, retrata o momento em que Napoleão invadiu a Espanha e a Corte espanhola foi subjugada, gerando uma revolta popular que estourou nessa data e culminou na perseguição e fuzilamento de madrilenos.

GOYA, Francisco de. *Três de maio de 1808 em Madrid*, 1814. Óleo sobre tela. Museu do Prado, Madri, Espanha.



Museu do Prado, Madri, Foto: Granger/Shutterstock

Na dança, o balé romântico expressou a idealização do amor e da mulher, etérea e inacessível, com movimentos delicados e espírito elevado. Em geral, os espetáculos eram compostos de dois atos, o real e o espiritual, marcados pelos cenários e pelas vestimentas das bailarinas, que costumavam usar tutus (saías) mais longos e floridos, semelhantes aos de camponesas. Alguns balés do período são *Giselle* (Jean Coralli, Jules Perrot, 1841), *Coppélia* (Arthur Saint-Léon, 1870) e *La Sylphide* (Philippe Taglione, 1832).



Espetáculo de balé *Giselle*, criado em 1841, encenado pela companhia Mikhailovsky Ballet, de Londres, Reino Unido, em 2013.

O balé *Giselle* conta a história de uma jovem que morre com um problema cardíaco, após saber que é traída pelo amante, e que se descobre em um reino onde todos dançam ininterruptamente até a morte.

Na música e na ópera, os compositores se tornaram mais autênticos e independentes, sem a intervenção de nobres e da Igreja em suas criações. Em geral, houve maior

acessibilidade à música, já que, com a Revolução Industrial, os instrumentos ficaram mais baratos e as partituras eram impressas em grande escala.

Ludwig van Beethoven (1770-1827) consolidou os ideais de gênio do Romantismo, sendo considerado uma pessoa de inteligência e expressividade extraordinárias e inatas. Na ópera, Gioacchino Antonio Rossini (1792-1868), Giuseppe Verdi (1813-1901) e Richard Wagner (1813-1883) compuseram óperas com grandes orquestras e com destaque para instrumentos de metais.

Richard Wagner criou um ciclo de quatro óperas chamado *O anel do Nibelungo* (1876), uma adaptação da mitologia nórdica com elementos modernos que levou 26 anos para ficar pronta. O centro da história é um anel mágico forjado a partir de ouro roubado e pelo qual há uma disputa entre vários personagens. As óperas se chamam *O ouro do Reno*, *A valquíria*, *Siegfried* e *Crepúsculo dos deuses*.

Wagner inaugurou a técnica do *leitmotiv* (em alemão significa “fio condutor”) na música, que consiste em progressões e melodias harmônicas que se repetem e são relacionadas a temas específicos da ópera, como lugares, pessoas, momentos de aventura e de romance, aparição do herói etc. A técnica ajuda o público a identificar o personagem ou a ação e é bastante explorada atualmente nas produções audiovisuais.

Saiba mais

As grandes óperas do século XIX na Europa, sobretudo as realizadas na Ópera de Paris, fundada por Luís XIV e privatizada em 1850, integravam diversos elementos artísticos, como teatro, danças, balé, orquestras e cenários. Na segunda metade do século XIX, as inovadoras óperas de Wagner, ou os dramas musicais, consolidaram-se como o formato de mais interesse para o público e atingiram uma síntese da integração das artes. Wagner deu um tratamento dramático às suas composições e explorou momentos de crises do indivíduo.



Museu d'Orsay, Paris

COURBET, Gustave.
O ateliê do artista,
1855. Óleo sobre tela.
Museu d'Orsay, Paris.

Realismo

Paralelamente ao Romantismo no século XIX, surgiu o Realismo, que nas artes visuais buscava retratar pessoas comuns, como os trabalhadores, de forma mais politizada e objetiva, em paisagens realistas e cenas do cotidiano, sem a expressão de grandes emoções idealizadas ou seres mágicos, mas em pinturas de grande escala, o que até então era exclusivo da pintura religiosa ou histórica. As naturezas-mortas, que não eram valorizadas pelas academias de Arte, também fizeram parte desse movimento.

Na pintura, Gustave Courbet (1819-1877) e Jean-François Millet (1814-1875) se destacaram como pintores críticos da sociedade, enquanto Édouard Manet (1832-1883) se sobressaiu pelo uso excepcional da luminosidade e das cores.

Courbet, que presenciou a Revolução de 1848, na qual trabalhadores cobravam representatividade política, liderou o movimento Realista na França, sendo uma forte influência para os futuros pintores impressionistas e cubistas.

O ateliê do artista é uma obra relevante para o movimento realista e apresenta figuras que estão presentes na vida de Courbet. Ao centro, está Courbet pintando uma paisagem de costas para a “musa”, mulher idealizada no Neoclassicismo e no Romantismo. À sua esquerda, estão personagens que são alegorias de trabalhadores de diversos ofícios e níveis sociais, além de instrumentos musicais no chão. À sua direita, estão representados amigos de Courbet e representantes da elite, como o poeta simbolista Charles Baudelaire (1821-1867), o personagem no canto direito da obra, segurando um livro.

Édouard Manet era de uma família abastada e gerou muita polêmica em algumas de suas obras, embora alegasse apenas retratar seu próprio tempo por meio de um intenso trabalho com a luz e com os efeitos das cores, sendo por isso considerado o precursor do Impressionismo.

Na literatura, um dos grandes marcos do movimento é a publicação do livro *A comédia humana* (1830), de Honoré de Balzac (1799-1850), composta de mais de oitenta narrativas que retratam o cotidiano e os costumes da burguesia em um processo de mudança do Antigo Regime para a sociedade moderna burguesa. Na obra, são abordados assuntos como transporte público, início do jornalismo e dos escritórios de advocacia, cenas cotidianas da luta de classes.

Em relação à arquitetura, nesse período houve um processo de reurbanização de cidades, que agora precisavam se adaptar às fábricas e às vilas de operários, com galpões, escolas, lojas e moradias, dando uma nova configuração às cidades, mais adaptadas à vida burguesa, e não mais à vida palaciana ou à Igreja. Os engenheiros se voltam para os sistemas de abastecimento e de transporte, como pontes, viadutos e portos. O ferro fundido, geralmente manufaturado na Inglaterra, foi um dos elementos presentes em construções no mundo todo.

Na Inglaterra, o Palácio de Cristal, de Joseph Paxton (1803-1865), expressou a prosperidade da burguesia e da Revolução Industrial. Inaugurado em 1851, com diversas galerias que traziam elementos da ciência, das artes e da indústria expostos para atrair compradores de diferentes países, tornou-se um marco progressista do século XIX.



Philip Henry Delamotte/Smithsonian Libraries

Desenhado por Joseph Paxton e com estrutura em ferro fundido, o Palácio de Cristal foi inaugurado em 1851, em Londres.

Na escultura, Auguste Rodin (1840-1917) expressou movimentos corporais sem o recurso do detalhamento e do aspecto decorativo, que era comum até então, focando no essencial e buscando o realismo na modelagem dos corpos. Suas esculturas trazem temas alegóricos e mitológicos.

A escultora Camille Claudel (1864-1943), que trabalhou como assistente de Rodin, não teve seu trabalho reconhecido em vida. Suas obras em bronze refletem uma existência solitária e apaixonada.

Musée d'Orsay, Paris Foto: Gianni Dagli/Shutterstock



CLAUDEL, Camille. *A idade da maturidade* (c. 1902). Bronze. Musée D'Orsay, Paris.

Impressionismo e Simbolismo

O advento da fotografia no século XIX e sua difusão ao longo do século XX foram uma grande contribuição para o trabalho de pesquisa e experimentação em relação ao efeito da luz e das proporções desenvolvido por vários pintores que buscavam a retratação mais próxima possível da realidade.

Os artistas impressionistas, embarcando no estudo da luz e do ponto de vista individualizado, fizeram obras que puderam expressar um mesmo objeto ao longo do dia, representando os diversos pontos de luz que refletem em determinado momento devido às constantes alterações de cor que a natureza adquire no decorrer do dia. Para isso, utilizavam pinceladas curtas e rápidas, sem contornos nítidos, e formavam sombras com cores mescladas em vez de escuras. Os impressionistas não foram bem aceitos em sua época pelos salões e críticos de arte.

Alguns pintores do período são os franceses Pierre-Auguste Renoir (1841-1919), Claude Monet (1840-1926), Jacob Abraham Camille Pissarro (1830-1903), Edgar Degas (1834-1917), Berthe Morisot (1841-1895), Marie Bracquemond (1840-1916) e a norte-americana Mary Cassatt (1843-1926).

A pintura de Berthe Morisot trazia objetos do cotidiano, como cenas da família em espaços privados e íntimos, retratando a vida da mulher burguesa no século XIX, que não podia frequentar livremente os espaços públicos como os homens. Morisot, assim como Eugène Manet, com quem foi casada, e Edgar Degas exploraram a transparência do branco e a mistura de cores usando, em geral, tinta a óleo, tinta pastel e aquarela.

RODIN, Auguste. *O beijo*, 1888-1889. Mármore. Museu Rodin, Paris. A escultura, inspirada no relacionamento de Rodin com a também artista Camille Claudel, fez parte de um conjunto de esculturas criado por Rodin chamado *Os portões do Inferno*, que foi encomendado por um museu de arte de Paris.



Museu Rodin, Paris Foto: Tylwyth Eldar (CC BY-SA 4.0)

! Atenção

O peso social e o papel atribuído às mulheres, que eram muitas vezes impedidas de frequentar escolas de artes e ofícios e se desenvolver em profissões, fizeram com que as mulheres ficassem apagadas na história da arte durante centenas de anos. Muitas artistas eram casadas e produziram obras que eram assinadas pelos maridos. Felizmente, hoje em dia, a história tem sido revista e muitas artistas foram redescobertas, servindo de inspiração para novas gerações de mulheres artistas.



Coleção particular

MORISOT, Berthe. *Manet e sua filha no jardim*, 1883. Óleo sobre tela.

FRENTE ÚNICA

Na pintura *O almoço dos barqueiros*, Renoir mostra um grupo de amigos seus em um restaurante próximo ao rio Sena. A grade separa o grupo de pessoas e a paisagem. O espaço é aberto e há uma grande captação de luz que se reflete sobretudo nas áreas claras, como nas roupas, na toalha e nas águas, espalhando a luminosidade por toda a cena.

Nas duas últimas décadas do século XIX, um grupo de artistas franceses ligados às artes visuais, ao teatro e à literatura explorou a sinestesia, o misticismo e a subjetividade profunda por meio da arte – os simbolistas. Um de seus precursores, o poeta Charles Baudelaire, publicou as obras *As flores do mal* e *Paraísos artificiais*, que retrataram temas como satanismo, uso de drogas e sexualidade e foram censuradas no período.

Na pintura, os franceses Gustave Moreau (1826-1898), Odilon Redon (1840-1916) e Paul Gauguin (1848-1903) e o austríaco Gustav Klimt (1862-1918) produziram obras no estilo simbolista. O norueguês Edvard Munch (1863-1944) também se ligou ao movimento.

Os simbolistas criaram imagens fantasiosas e oníricas. Paul Gauguin trabalhou as cores de maneira arbitrária, ou seja, sem a preocupação de uma equivalência ao “real”, ao que era visto na natureza. As cores puras e sem gradação eram um elemento central na pintura. Ele fez parte do Nabis, grupo de artistas que pensavam a arte como uma filosofia de vida.

Odilon Redon rejeitou o Realismo e o Impressionismo e se aproximou dos manifestos do poeta Stéphane Mallarmé (1842-1898) e das estéticas romântica e surrealista pela abstração de suas obras e por considerar a imaginação superior ao detalhamento da natureza.



RENOIR, Pierre-Auguste. *O almoço dos barqueiros*, 1880-1881. Óleo sobre tela. Coleção Philips, Washington, D.C.

Coleção Philips, Washington, D.C. Foto: Granger/Shutterstock



GAUGUIN, Paul. *Autorretrato com auréola*, 1889. Óleo sobre tela.

National Gallery of Art, Washington, D.C. Foto: Everett Collection/Shutterstock.com



REDON, Odilon. *O olho como um estranho balão que se dirige ao infinito*, 1882. Litografia.

Rijksmuseum, Amsterdã

Os reflexos dos movimentos europeus no Brasil

No Brasil, a maior parte das produções artísticas próximas do período da Independência (1822) manifestou de modo idealizado o nacionalismo, o heroísmo e o historicismo. A pintura acadêmica da Academia Imperial de Belas Artes mesclou todo o rigor neoclássico a elementos românticos e realistas adaptados à realidade nacional.

Victor Meirelles e Pedro Américo, estudados no capítulo anterior, por exemplo, trouxeram aspectos do Neoclassicismo, do Romantismo e do Realismo em suas obras.

Meirelles expressou em suas obras a idealização tanto dos colonizadores, como heróis nacionais, quanto dos indígenas, geralmente retratados como puros e ingênuos. Na obra *Moema*, Meirelles transpôs para a pintura uma cena do poema épico *Caramuru* (1781), de frei José de Santa Rita Durão, no qual a indígena tupinambá Moema vive um romance com o português Diogo Álvares, que, após cumprir sua missão no Brasil, retorna a Portugal. Na tentativa de alcançar o navio, Moema se lança ao mar e morre. Tal obra, assim como pinturas de outros artistas, como Rodolfo Amoedo, são atreladas ao Indianismo, um forte movimento literário da época, que retratou o indígena de um modo divinizado dentro da construção do mito nacional, de forma

semelhante ao modo como o cavaleiro era representado nas histórias da Idade Média.

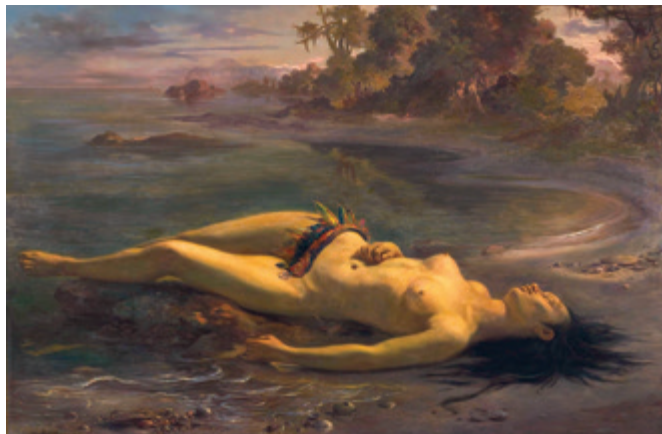
A partir da segunda metade do século XIX, os artistas brasileiros foram se dissociando do rigor acadêmico neoclássico e, ao entrar em contato com novas correntes artísticas europeias, permitiram-se inovar.

Belmiro Barbosa de Almeida (1858-1935), por exemplo, inspirou-se no Impressionismo, Pontilhismo e Futurismo. Sua obra *Os descobridores* (1899) aborda o tema da chegada dos portugueses de modo nada romantizado: dois homens cansados e pobres, aos pés de uma árvore com poucas folhas, dando a sensação de abandono, reforçada pela luminosidade uniforme e pela escolha da paleta de cores extremamente original para a época.

Georgina de Albuquerque (1885-1962), de forte influência impressionista, foi uma das primeiras mulheres brasileiras a ter reconhecimento internacional pela sua arte e a primeira diretora mulher da Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Suas obras incluem temas históricos, naturezas-mortas, retratos, nus e paisagens urbanas e rurais.

As cores em suas pinturas têm forte vibração cromática, apresentando, em geral, os efeitos da luz do sol sobre os corpos, com predominância de cores claras, além da falta de nitidez e de um contorno com pinceladas aparentes.

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand



MEIRELLES, Victor. *Moema*, 1866. Óleo sobre tela. MASP, São Paulo, Brasil.

Georgina de Albuquerque Foto: akg-images/Album/Fotorena



ALBUQUERQUE, Georgina de. *No cafezal*, c. 1930. Óleo sobre tela. Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Fundação Biennial de São Paulo



ALMEIDA, Belmiro de. *Os descobridores*, 1899. Óleo sobre tela. Fundação Biennial de São Paulo.

Fotografia e pintura

A invenção da fotografia que conhecemos hoje é resultado de séculos de pesquisa e desenvolvimento de processos em várias partes do mundo. Nicéphore Niépce (1765-1833) conseguiu registrar uma imagem em papel após várias horas de exposição ao sol e fixá-la com cloreto de prata. Louis-Jacques Mandé Daguerre (1787-1851) deu continuidade às pesquisas e desenvolveu o daguerreótipo. William Henry Fox Talbot (1800-1877) desenvolveu o negativo em chapa, que possibilitava a maior captação de luz e a realização de diversas cópias de uma imagem. Hercule Florence (1804-1879), um dos franceses que participou da expedição de Langsdorff no Brasil como desenhista, ao lado de Taunay, também teve papel relevante no processo de descoberta da fotografia. No Brasil, Florence fez retratos de políticos e diversos outros registros fotográficos. Em 1836, comprou uma tipografia para executar todas as encomendas que recebia e, pouco tempo depois, anunciou seu método, que possibilitava imprimir desenhos fotograficamente em grande quantidade.

A cianotipia, técnica descoberta em 1842 pela botânica e fotógrafa inglesa Anna Atkins (1799-1871) e pelo cientista John Herschel (1792-1871), que produz imagens em ciano, também foi um processo, entre muitos outros, que permitiu a impressão de imagens a um baixo custo.

Nesse período, a fotografia era vista como um aparato técnico de grande interesse da burguesia, que tinha a intenção de ter retratos familiares, e de alguns artistas, sobretudo os impressionistas, que buscavam aprimorar seu conhecimento de iluminação. Mas a fotografia em si não era vista como uma obra de arte. Apesar de rapidamente fotógrafos começarem a desenvolver técnicas estéticas que elevariam o patamar da fotografia, eles só viriam a ser reconhecidos como artistas muito tempo depois. É o caso de Julia Margaret Cameron (1815-1879), que buscava um foco suave, muitas vezes com pouca nitidez de contornos, e com cenas montadas, algo bem inovador para a fotografia da época.



CAMERON, Julia Margaret.
A passagem do Rei Arthur, 1874.
Fotografia para a obra *Idílios do rei*, de Alfred Tennyson.

Revisando

1. Qual era o cenário político-social entre o final do século XVIII e início do XIX para possibilitar tantos movimentos artísticos?
2. Sobre o Romantismo, podemos afirmar:
 - 01 Os conceitos de belo e grotesco foram explorados pelos artistas desse estilo.
 - 02 Os artistas buscaram um retorno à mitologia greco-romana e aos ideais estéticos renascentistas.
 - 04 Na pintura *A liberdade guiando o povo*, Eugène Delacroix se manifesta contra os ideais revolucionários e a Queda da Bastilha.
 - 08 Na música, os artistas do período passaram por um processo de independência da Igreja e da nobreza; além disso, os instrumentos se tornaram mais baratos devido a sua produção em grande escala.

Soma:

3. Observe as duas fotos a seguir. Cite elementos que indicam que se trata de um balé romântico.

Alastair Muir/Shutterstock



Alastair Muir/Shutterstock

Cenas do espetáculo de balé *Giselle*, criado em 1841, e encenado pelo *Mikhailovsky Ballet*, de Londres, Reino Unido, em 2013.

4. Na música, o que significa *leitmotiv*?
5. Podemos considerar como características do Realismo nas artes visuais:
- Assim como o Romantismo, o Realismo buscou construir imagens de uma identidade nacional heroica e idealizada.
 - Propôs uma valorização das paisagens e cenas do cotidiano, com destaque para a classe trabalhadora, geralmente com um viés politizado.
 - Propôs uma valorização da imaginação a despeito do que se via como realidade. Esse aspecto é notado sobretudo pela ousadia das cores e das sobreposição de imagens.
 - Assim como o Neoclassicismo, o Realismo tinha regras rígidas de simetria e harmonia.
6. Observe a imagem e assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as informações a seguir.

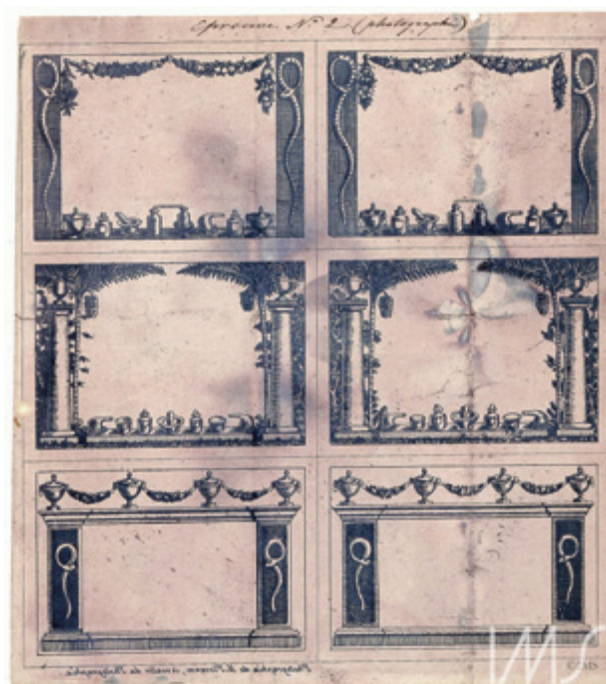


Museu d'Orsay, Paris

A obra *O ateliê do artista*, de Gustave Courbet:

- faz parte do movimento Impressionista.
 - mostra desinteresse pelas classes trabalhadoras e pelo Realismo.
 - apresenta personagens alegóricos da classe trabalhadora e intelectual de Paris, como o poeta Charles Baudelaire.
 - demonstra desprezo pelo ideal de beleza neoclássico, quando apresenta o pintor de costas para a musa.
7. Como a fotografia contribuiu para os movimentos artísticos dos séculos XIX e XX?
8. Sobre os impressionistas e simbolistas, assinale o que for verdadeiro:
- Ambos os movimentos pregavam a mesma estética, sem compromisso com a retratação do real, aproximando-se de um universo surrealista.
 - Os simbolistas não tinham uma preocupação com a retratação do real; davam mais importância à imaginação em suas pinturas.
 - Os impressionistas buscaram representar, por meio da luminosidade, da ausência de contornos nítidos e da presença de sombras mescladas ou sombras coloridas, a passagem da luz ao longo do dia.
 - Em nenhum dos movimentos houve a presença de mulheres artistas.

9. Observe a imagem a seguir, de um dos precursores da fotografia, Hercule Florence. Qual era o principal objetivo de Florence com seu invento?



10. Como os movimentos artísticos europeus se refletiram no Brasil no século XIX?

Exercícios propostos

1. **UEM/PAS-PR 2017** Assinale o que estiver correto.

- 01 No período romântico, houve uma ampliação do acesso de músicos das camadas sociais mais baixas às obras dos grandes compositores, pois, com o impulso do capitalismo, a publicação de partituras cresceu e seu preço caiu.
- 02 A expansão colonial exerceu profunda influência sobre a vida musical da Europa Ocidental, já que, ao baratear o custo de várias matérias-primas, como madeiras e marfim, permitiu a redução dos preços de vários instrumentos musicais.
- 04 Muitos adeptos do ideário romântico na Europa e nas Américas cultuavam o que entendiam por genialidade dos criadores artísticos e defendiam a ideia de que não seria possível transferir esse tipo de capacidade inata por meio do ensino.
- 08 Um aspecto da Época Moderna que a diferencia profundamente dos Tempos Antigos e Medievais é o desaparecimento das conexões entre artes e rituais, pois estes se tornaram cada vez menos presentes na vida social.
- 16 Ao contrário das demais artes, os espetáculos de dança de salão não incorporam recursos audiovisuais eletrônicos, pois sua ideia básica é valorizar apenas o desempenho individual dos bailarinos.

Soma:

2. **Enem 2018**

Texto I



MUYBRIDGE, E. **Cavalo em movimento**. Fotografia. Universidade de Texas, Austin, cerca de 1886. Disponível em: www.utexasaustin.edu. Acesso em: 31 ago. 2016 (adaptado).

Texto II



GÉRICAULT, T. **Corrida de cavalos ou O Derby de 1821 em Epsom**. Óleo sobre tela, 92 x 123 cm. Museu do Louvre, Paris. Disponível em: www.louvre.fr. Acesso em: 31 ago. 2016.

Texto III

A arte pode estar, às vezes, muito mais preparada do que a ciência para captar o devir e a fluidez do mundo, pois o artista não quer manipular, mas sim “habitar” as coisas. O famoso artista francês Rodin, no seu livro *L'Art (A Arte, 1911)*, comenta que a técnica de fotografia em série, mostrando todos os momentos do galope de um cavalo em diversos quadros, apesar de seu grande realismo, não é capaz de capturar o movimento. O corpo do animal é fotografado em diferentes posições, mas ele não parece estar galopando: “na imagem científica [fotográfica], o tempo é suspenso bruscamente”.

Para Rodin, um pintor é capaz, em única cena, de nos transmitir a experiência de ver um cavalo de corrida, e isso porque ele representa o animal em um movimento ambíguo, em que os membros traseiros e dianteiros parecem estar em instantes diferentes. Rodin diz que essa exposição talvez seja logicamente inconcebível, mas é paradoxalmente muito mais adequada à maneira como o movimento se dá: “o artista é verdadeiro e a fotografia mentirosa, pois na realidade o tempo não para”.

FEITOSA, C. **Explicando a filosofia com arte.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

Observando-se as imagens (Textos I e II), o paradoxo apontado por Rodin (Texto III) procede e cria uma maneira original de perceber a relação entre a arte e a técnica, porque o(a)

- a) fotografia é realista na captação da sensação do movimento.
- b) pintura explora os sentimentos do artista e não tem um caráter científico.
- c) fotógrafo faz um estudo sobre os movimentos e consegue captar a essência da sua representação.
- d) pintor representa de forma equivocada as patas dos cavalos, confundindo nossa noção de realidade.
- e) pintura inverte a lógica comumente aceita de que a fotografia faz um registro objetivo e fidedigno da realidade.

3. **FCMSCSP 2022** O _____ era a apoteose do sentimento; o _____ é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos – para nos conhecermos, para que saibamos se somos verdadeiros ou falsos, para condenar o que houve de mau na nossa sociedade.

(Eça de Queirós apud Domício Proença Filho. *Estilos de época na literatura*, 1978. Adaptado.)

As lacunas no texto devem ser preenchidas, respectivamente, por

- a) Romantismo e Realismo.
- b) Arcadismo e Romantismo.
- c) Naturalismo e Realismo.
- d) Arcadismo e Simbolismo.
- e) Romantismo e Parnasianismo.

Texto complementar

Fotógrafa pioneira, Anna Atkins passou mais de um século na obscuridade

Enquanto seus contemporâneos homens davam os primeiros passos na fotografia, a botânica Anna Atkins já estava na frente, pensando no potencial de compartilhamento e didatismo das imagens. Usando a cianotipia, uma antiga técnica fotográfica, ela criou e publicou o primeiro livro ilustrado com fotografias da história – um guia botânico que trazia imagens de algas que ela mesma coletava e fotografava.

Em dez anos de atuação, Atkins capturou mais de dez mil imagens sem sequer usar uma câmera, confiando apenas na própria intuição para controlar o tempo de exposição de suas criações. Por isso, a inglesa é considerada a primeira fotógrafa mulher do mundo – embora sua contribuição para a arte só tenha sido resgatada em 1970.

[...]

Nascida na Inglaterra pouco antes do início da Era Vitoriana, em 1799, Atkins foi uma mulher privilegiada: seu pai, o químico John George Children, acreditava que a filha fosse capaz de realizar qualquer atividade, independentemente do gênero.

Em 1842, Children apresentou a Atkins a cianotipia, um processo de captura de imagens que daria origem à fotografia moderna. Não é necessário o uso de câmeras: na cianotipia, espalha-se num papel alguns materiais sensíveis à luz, e coloca-se sobre a mistura o objeto a ser fotografado. Como resultado, as partes sem o objeto são sensibilizadas pela luz e tornam-se azuis, enquanto os locais do papel em que o objeto fez sombra permanecem brancos, capturando seu contorno.

Atkins aprendeu o método sozinha, e se tornou especialista em julgar a quantidade de luz necessária para fotografar algas e plantas que ela mesma colhia. Desapontada com a falta de ilustrações no maior guia de algas britânico publicado até então, ela percebeu que a técnica poderia servir à ciência, e passou o ano seguinte fotografando e catalogando todas as algas que o guia apresentava.

Por conta própria, ela publicou o livro *Photographs of British Algae: Cyanotype Impressions* (1843), um volume escrito à mão e ilustrado com 307 cianotipias das mais diversas algas britânicas, que acabou se tornando a primeira publicação do mundo ilustrada com fotografias.

[...]

DANGELO, Helô. Fotógrafa pioneira, Anna Atkins passou mais de um século na obscuridade. *Cult*, 28 jun. 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/anna-atkins-fotografa-pioneira>. Acesso em: 17 ago. 2021.



Chordaria flagelliformis, por Anna Atkins, 1843. Cianotipia. Biblioteca Digital da Biblioteca Pública de Nova York.

Biblioteca Pública de Nova York

FRENTE ÚNICA

Resumindo

Além do Neoclassicismo, estudado no capítulo passado, outras importantes correntes artísticas que surgiram na Europa no século XIX foram o Romantismo, o Realismo, o Impressionismo e o Simbolismo. No mesmo século também surgiu a fotografia, que contribuiu para o trabalho de pesquisa e experimentação de pintores em relação ao efeito da luz e da proporção.

No Romantismo, destacam-se os conceitos de gênio, belo romântico, sublime e grotesco e a idealização do herói. No Realismo, os artistas voltam o olhar para as pessoas comuns, entre elas os trabalhadores e os efeitos das revoluções na sociedade, tanto nas paisagens como nas cenas cotidianas. No Impressionismo, os artistas ampliam os estudos em relação aos efeitos da luz sobre um mesmo objeto ao longo do dia, inclusive por meio de câmeras. No Simbolismo, a imaginação é valorizada e não há uma cobrança para a aproximação do real. No Brasil, os movimentos se mesclam na produção artística local, que buscava forte inspiração na Europa. Paralelamente a esses movimentos, surge a fotografia como aparato técnico para registros e retratos de família, mas que logo começa a se manifestar em um viés artístico, que virá a ser reconhecido muito tempo depois.

Quer saber mais?



Podcast

Pergunte ao maestro, com João Mauricio Galindo. São Paulo: Cultura FM, 26 nov. 2021.

Disponível em: https://cultura.uol.com.br/radio/programas/pergunta-ao-maestro/2021/11/26/55_.html.

Acesso em: 10 ago. 2022.

Nesse *podcast*, produzido pela rádio Cultura FM, o maestro João Mauricio Galindo responde perguntas sobre a importância de Richard Wagner para a música, comentando as inovações que ele introduziu na produção da ópera, como uma proposta inovadora que mesclava literatura, música e artes visuais. O comentário sobre Richard Wagner começa a partir de 1min30s da gravação.

Exercícios complementares

1. Observe a pintura a seguir. A qual movimento ela alude? Justifique sua resposta.



ALBUQUERQUE, Georgina de. *Sessão de Conselho de Estado*, 1922. Óleo sobre tela. Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro.

2. **UPE** O Brasil da segunda metade do século XIX viveu um desenvolvimento urbano e econômico, que gerou reflexos na sua produção cultural. Espaço de surgimento e atuação de vários artistas e intelectuais, as cidades do Brasil Imperial foram o palco de uma efervescência artístico-cultural ímpar.

Sobre essa realidade, assinale a alternativa **CORRETA**.

- a) Machado de Assis, principal escritor do Modernismo brasileiro, foi autor de várias obras que tiveram ampla aceitação popular, o que lhe proporcionou, inclusive, fama no exterior.
- b) As pinturas de Pedro Américo refletiam um tom romântico e nacionalista, retratando, inclusive, acontecimentos históricos pátrios.
- c) Aluísio de Azevedo, grande expoente do romantismo literário no Brasil, sofreu com a censura imperial, em relação a sua obra.

- d) Castro Alves, grande símbolo do chamado 'mal do século', foi autor de poesias que tiveram ampla repercussão nacional.
- e) A produção teatral de Artur de Azevedo era marcada por uma dramaturgia de conotações trágicas.

3. **UFG-GO** Observe as imagens.



ECKHOUT, Albert. *Mulher Tapuia*, 1641. Museu Nacional de Copenhague. Disponível em: www.dezenovevinte.net/artigos. Acesso em: abr. 2010.



AMOEDO, Rodolpho. *O último tamoio*, 1883. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro. Disponível em: www.artenaescola.org.br/immediateca2/resultado.php?buscar=tapuia. Acesso em: abr. 2010.

As pinturas expressam olhares distintos sobre os nativos, da Colônia ao Império. Enquanto a primeira pintura, datada de 1641, foi feita pelo holandês Albert Eckhout, integrante da comitiva de artistas e cientistas trazidos para o Brasil por Maurício de Nassau, a segunda foi elaborada, em 1883, por Rodolpho Amoedo, pertencente à geração de pintores românticos. Considerando essas informações e a análise dos elementos compositivos das pinturas, explique a mudança ocorrida na representação do indígena.



FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

10

Modernismo e vanguardas europeias

Quais são os movimentos artísticos do início do século XX? O que eles propõem de novo em relação a tudo o que foi produzido antes na arte? Essas e outras questões serão discutidas neste capítulo.

Início do Modernismo

Podemos chamar de Modernismo os movimentos e estilos relacionados a todos os campos culturais, entre eles as artes visuais, a literatura, o *design*, o teatro, a música, a dança, que buscaram romper com suas formas tradicionais de organização, voltando-se para questões filosóficas, existenciais e materiais.

Entre o final do século XIX e o início do XX, período conhecido como *belle époque*, a crescente industrialização, as inovações tecnológicas, sobretudo no campo das mídias e da comunicação, e a prosperidade econômica possibilitaram o desenvolvimento de um cenário cultural diversificado, com o surgimento das linguagens do cinema e da fotografia, dos cabarés, do canção e dos movimentos impressionista (visto no capítulo anterior), pós-impressionista e *art nouveau*.

Após a Primeira Guerra Mundial, tiveram início dentro do Modernismo correntes artísticas mais radicais, chamadas de vanguardas. Neste capítulo, vamos estudar algumas delas, como o Expressionismo, o Fauvismo, o Cubismo, o Futurismo, o Dadaísmo, o Surrealismo e o Abstracionismo.

Estabelecendo relações

Em História, vemos que a *belle époque* foi um período de grande otimismo e crescimento econômico e tecnológico na Europa. Começou aproximadamente em 1871, com o fim da Guerra Franco-Prussiana, e durou até 1914, quando se iniciou a Primeira Guerra Mundial.

Pós-impressionismo e *art nouveau*

Vincent van Gogh (1853-1890), que no início se identificou com os impressionistas, ao longo de sua carreira buscou novas estéticas e, por isso, é comumente chamado de pós-impressionista.

Van Gogh transmitiu suas emoções por meio das cores intensas e arbitrarias e das largas pinceladas, apresentando cenas e objetos diversos, retratando desde o seu quarto até o trabalho de camponeses, moinhos, pontes, campos de flores, entre outros temas. O artista, que não foi reconhecido em vida, foi um dos pioneiros da Arte Moderna.



VAN GOGH, Vincent. *O sementeiro*, 1888. Óleo sobre tela. Museu Kröller-Müller, Otterlo, Holanda.

Atenção

Van Gogh também é considerado um artista expressionista, por externar as emoções em sua pintura, porém ele é anterior ao movimento expressionista, que ocorre logo após a Primeira Guerra Mundial.

Henri de Toulouse-Lautrec (1864-1901), em sua juventude, costumava frequentar cabarés, espaços que ofereciam entretenimento, por meio de música, dança, humor, apresentações, além de cassinos e restaurantes. O artista registrou, por meio de traços rápidos e poucas cores, cantoras, dançarinas, frequentadores dos cabarés, como o Moulin Rouge, e cenas circenses. Desenvolveu também cartazes publicitários atraentes, algo inovador para a época, já que até então os cartazes traziam apenas as informações necessárias. Desse modo, foi importante para a evolução do *design* gráfico para a *art nouveau*.



TOULOUSE-LAUTREC, Henri de. *No Circo Fernando*, 1888. Óleo sobre tela. Instituto de Arte de Chicago, EUA.

A *art nouveau* foi resultado da inserção de artistas na produção industrial, possibilitando o aprimoramento do *design* de produtos, como móveis, objetos decorativos, vitrais, materiais têxteis, além de construções. William Morris (1834-1896) foi um dos divulgadores da fusão entre artistas e produtores, renovando a concepção artesanal de arte para uma concepção industrial. Em geral, as produções do *art nouveau* exploravam linhas curvas e repentinas.



GAUDÍ, Antoni. Casa Batlló. Barcelona, Espanha. Gaudí realizou diversas obras dentro da estética modernista e *art nouveau*.

Vanguardas artísticas

Expressionismo

O Expressionismo se manifestou como expressão das emoções humanas na pintura, na dança, no cinema, na música e na poesia. Muitas das obras revelam a percepção dos artistas frente às mudanças políticas e aos horrores da Primeira Guerra Mundial, explicitando as angústias humanas por meio de imagens distorcidas, como pesadelos.

Uma das grandes inspirações para o movimento foi Edvard Munch (1863-1944), autor da obra *O grito*, na qual vemos um personagem fantasmagórico em primeiro plano e linhas distorcidas ao fundo, expressando os horrores vividos no período.

Nas artes visuais, o Expressionismo surgiu na Alemanha em 1904-1905. Alguns dos pintores expressionistas foram Erich Heckel (1883-1970), Emil Nolde (1867-1956), Ernst Ludwig Kirchner (1880-1938), Karl Schmidt-Rottluff (1884-1976) e Ernst Barlach (1870-1938). Estes transmitiram, após a derrota da Alemanha na Primeira Guerra, a sensação de destruição e decadência pela qual o resto do mundo via o país.

Pinakothek der Moderne, Munique



KIRCHNER, Ernst Ludwig. *Autorretrato como doente*, 1918. Óleo sobre tela. Bavarian State Painting Collection.

No cinema, o Expressionismo alemão, cujo auge se deu em Berlim em 1920, se tornou um dos estilos de filme mudo mais conhecidos. Com baixo orçamento, os filmes apresentavam cenários compostos de sombras, objetos e pinturas, sem a necessidade de apresentar verossimilhança com a realidade. Filmes como *O gabinete do Dr. Caligari*, 1920, de Robert Wiene; *O golem*, 1921, de Paul Wegener; e *Nosferatu*, 1922, de F. W. Murnau, com suas estéticas irregulares e de alto contraste, se tornaram ícones do Expressionismo, além de exercerem profunda influência nas produções hollywoodianas futuras.

Os pintores Franz Marc (1880-1916), Wassily Kandinsky (1866-1944) e Gabriele Münter (1877-1962) vivenciaram um desdobramento do Expressionismo e fundaram o grupo *Der blaue reiter* (O cavaleiro azul).



LACMA – Museu de Arte do Condado de Los Angeles

Cena do filme *O gabinete do Dr. Caligari*, 1920, de Robert Wiene, cuja estética fantasmagórica influenciou cineastas atuais, como Tim Burton e David Lynch.

Abstracionismo

O russo Wassily Kandinsky, considerado o pioneiro na arte moderna abstrata, apresentou formas simplificadas, sem relação imediata entre formas e cores com elementos externos à obra. Kandinsky não apresenta narrativas ou cenas históricas, apenas a própria obra em si, com suas cores, linhas e texturas, capazes de transmitir ideias e sentimentos por meio da forma.

Outros artistas russos que aderiram ao movimento foram Antoine Pevsner (1884-1962), Naum Gabo (1890-1977) e Vladimir Tatlin (1885-1956). Em pouco tempo, o estilo se espalhou por toda a Europa, com características informais (cores e formas criadas livremente) e geométricas (cores e formas organizadas geometricamente), como é o caso de muitas pinturas de Piet Mondrian (1872-1974).



Museu Nacional de Arte Moderna, Paris

KANDINSKY, Wassily. *Amarelo, vermelho, azul*, 1925. No lado esquerdo da obra, há cores vivas, enquanto, no direito, as cores são mais sombrias.

Fauvismo

O Fauvismo surgiu no mesmo ano que o Expressionismo, com um grupo de pintores franceses que, assim como os expressionistas, acreditavam na arte como expressão dos estados de espírito. No entanto, em vez de retratarem angústias, buscaram usar cores vívidas e personagens alegres. Alguns dos pintores fauvistas foram André Derain (1880-1954), Maurice de Vlaminck (1876-1958), Othon Friesz (1879-1949) e Henri Matisse (1869-1954).

FRENTE ÚNICA

Saiba mais

O termo “fauvismo” surgiu como um apelido pejorativo, “*fauves*”, que significa “feras”, em francês. Foi dado pelo influente e conservador crítico francês Louis Vauxcelles, no Salão de Outono de 1905, pelo fato de não haver sutileza e gradação de cores nas pinturas.

Na obra *A dança*, de Henri Matisse, observamos figuras nuas em formas simplificadas, mas com contornos sinuosos, em um ritmo constante e expressivo. Há uma energia passada ao espectador por meio da dança, sem o recurso da profundidade. Matisse utiliza poucas cores, mas com tons intensos.

© Succession H. Matisse/AUTVIS, Brasil, 2020.
Foto: © The State Hermitage Museum/Vladimir Terbenin



MATISSE, Henri. *A dança*, 1909-1910. Óleo sobre tela. Museu Hermitage, São Petersburgo, Rússia. A dança foi inspirada no balé moderno *A sacração da primavera*, coreografado por Vaslav Nijinsky e musicado por Igor Stravinsky.

Cubismo

Pablo Picasso (1881-1973), Georges Braque (1882-1963) e Paul Klee (1879-1940), entre outros, romperam com a noção tradicional, até então, de planos e perspectiva, e passaram a compor em um único plano frontal, por meio de formas geométricas, seguindo os caminhos de Paul Cézanne (1839-1906) e partindo de fragmentos que poderiam inclusive dar ao espectador a visão de várias perspectivas simultâneas do objeto retratado. Assim, dispensavam o jogo de luz e a sombra, e traziam uma nova proposta de tridimensionalidade na pintura, uma tridimensionalidade simultânea, dada em um único plano a partir dos fragmentos do objeto, sem distinção entre objeto e fundo.

Nesse sentido, a obra *Les demoiselles d'Avignon* (1907), de Picasso, é considerada um marco nesse estilo artístico. Alguns anos depois da realização dessa obra, Picasso e Braque, além da nova técnica visual, de cores e formas, trariam elementos externos às suas obras, como papéis com diferentes texturas e materiais relacionados ao seu cotidiano ou ao tema retratado, dando início à colagem na Arte.

Picasso, em sua série de colagens, na qual se inclui *Copo e garrafa de Suze*, demonstrou o interesse em trazer o tema a ser discutido como matéria-prima, utilizando, além de carvão e tinta guache, fragmentos de um jornal que discutia um conflito nos Bálcãs – assunto que ocupava as manchetes dos jornais da época. É curioso notar que Picasso trouxe elementos da esfera pública, como as

notícias de uma guerra iminente, publicadas em jornal, e privada, como o copo e a garrafa, em um mesmo plano, o que revela o processo de indissociação das esferas pública e privada e do acúmulo e vulgarização da informação como ramo do entretenimento.



© Succession Pablo Picasso/AUTVIS, Brasil, 2020

PICASSO, Pablo. *Copo e garrafa de Suze*, 1912. Carvão, colagem e guache sobre papel. Universidade de Washington, St. Louis.

Dadaísmo

O movimento Dadá surgiu após a Primeira Guerra Mundial, durou até cerca de 1945, quase simultaneamente em Nova York e Zurique, e pretendia romper com os valores da sociedade e da arte por meio de sua negação. Inicialmente fizeram parte desse movimento artistas como Marcel Duchamp (1887-1968), Francis Picabia (1879-1953), Man Ray (1890-1976) e Alfred Stieglitz (1864-1946), nos Estados Unidos; e Kurt Schwitters (1887-1948), Tristan Tzara (1893-1963), Hans Arp (1886-1966) e Hugo Ball (1886-1927), na Alemanha.

Quando Marcel Duchamp levou *A fonte* para a exposição dos Artistas Independentes de Nova York, em 1917, foi um marco para o processo de questionamento da arte e de sua função na sociedade, uma vez que tal obra tratava-se de um urinol industrializado, colocado na exposição de cabeça para baixo e com a assinatura de “R. Mutt”.

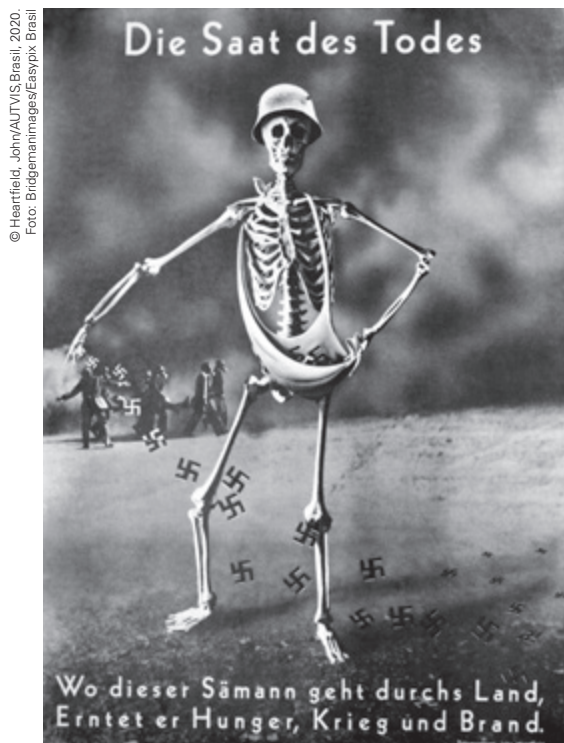


© Association Marcel Duchamp/AUTVIS, Brasil, 2020.
Foto: AKG-images/AlamyFotoarena

DUCHAMP, Marcel. *Fonte*, 1917-1964. Urinol de porcelana. Moderna Musset, Estocolmo.

Assim, Duchamp trazia o objeto industrializado, pronto, o *ready-made* ou *objet trouvé*, para a arte, rompendo naquele momento com a proposta de artesanato na ação artística e promovendo uma crise do conceito de “representação” na arte. Desse modo, abria-se o caminho para que os artistas olhassem os objetos ao seu redor, selecionassem os que lhes interessavam e extraíssem deles universos carregados de significados.

Em Berlim, a fotomontagem foi explorada como expressão artística dadaísta por artistas como Raoul Hausmann (1886-1971), John Heartfield (1891-1968), George Grosz (1893-1959), Hannah Höch (1889-1978) e Johannes Baader (1875-1955), que lutavam contra a imposição do nacionalismo irracional alemão que viria a culminar no nazismo e em outras correntes antidemocráticas.



© Heartfield, John/AUTV/S. Brasil, 2020. Foto: Bridgemanimages/Getty Images

HEARTFIELD, John. *As sementes da morte*, 1937. Nesta litogravura, Heartfield cria uma propaganda antinazista, retratando um esqueleto semeando suásticas, as sementes da fome, da guerra e do fogo.

Surrealismo

Quando o Surrealismo surgiu como movimento, na década de 1920, em seguida ao Dadaísmo, sua proposta foi de irracionalidade e busca do inconsciente. Um de seus precursores, o escritor André Breton (1896-1966), que também era psiquiatra e estudioso de Freud, publicou, em 1928, *Le Surréalisme et la peinture*, descrevendo uma estética surrealista. G. C. Argan, ao falar sobre o inconsciente no Surrealismo, define que:

[...] o inconsciente não é apenas uma dimensão psíquica explorada com maior facilidade pela arte, devido à sua familiaridade com a imagem, mas é a dimensão da existência estética e, portanto, a própria dimensão da arte.

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo, Companhia das Letras, 2016. p. 360.

Alguns artistas visuais que se destacaram no movimento são Joan Miró (1893-1983), Salvador Dalí (1904-1989), René Magritte (1898-1967), Dora Maar (1907-1997), Lee Miller (1907-1977), Man Ray, Max Ernst (1891-1976) e Frida Kahlo (1907-1954).



© Maar, Dora/AUTV/S. Brasil, 2020

MAAR, Dora. *Sem título (mão-concha)*, 1934. Museu Nacional de Arte Moderna do Reino Unido, Londres.

Futurismo

O marco inicial do movimento futurista foi a publicação do Manifesto Futurista, em 1909, de autoria do escritor e poeta italiano Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944), no jornal *Le Figaro*. No manifesto, Marinetti defendia o rompimento dos padrões clássicos e da arte renascentista, tão presente ainda em seu país, e clamava por novos valores mais próximos dos ideais da Revolução Industrial, como uso de máquinas e tecnologia para promover a velocidade. O pintor Giacomo Balla (1871-1958) e o escultor e pintor Umberto Boccioni (1882-1916) desenvolveram obras por meio de estudos científicos da luz e movimento.



EverettCollection/Shutterstock.com

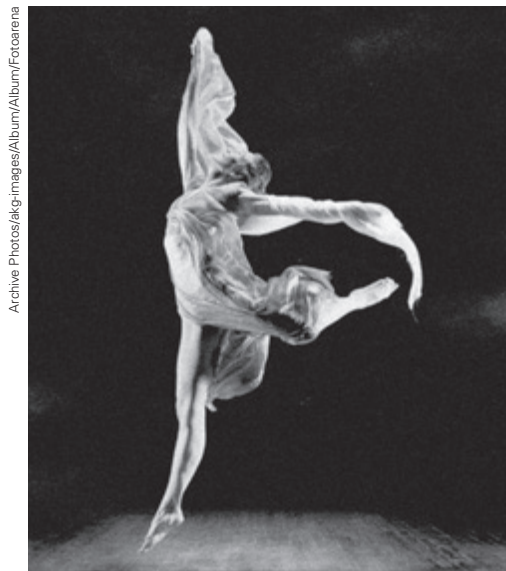
BOCCIONI, Umberto. *Formas únicas de continuidade no espaço*, 1913. Bronze, Museu Metropolitano de Arte, Nova York, Estados Unidos.

FRENTE ÚNICA

Modernismo na dança e na música

Assim como nas Artes Visuais, os artistas da dança e da música do século XX não estavam mais interessados em seguir o rigor técnico imposto pelas academias, mas, sim, em estabelecer um diálogo com o cotidiano das pessoas, de forma mais expressiva.

A dança moderna, por exemplo, rejeitou os movimentos do balé clássico e buscou uma arte mais expressiva. A coreógrafa Isadora Duncan (1877-1927) desenvolveu uma linguagem própria na dança, assim como Loïe Fuller (1862-1928), Ruth St. Dennis (1879-1968), Martha Graham (1894-1991), Emile Jacques Dalcroze (1865-1950), Mary Wigman (1886-1973) e Rudolf von Laban (1879-1958).



Archive Photos/Getty Images/Album/Fotoarena

Isadora Duncan, em *performance* realizada em 1918. Ela propunha movimentos mais livres em sua dança.

Rudolf Laban, considerado o criador da dança-teatro, é um dos maiores teóricos da dança e do movimento corporal do século XX. Ele desenvolveu o conceito de Kinesfera, que significa o espaço ao redor do corpo que possibilita nossas ações e movimentos dançados. De acordo com a teoria de Laban, os fatores do movimento são espaço, tempo, peso e fluência, aspectos que dão o sentido dos movimentos corporais. Cada um dos fatores do movimento pode ser realizado em maior ou menor grau. Por exemplo, em relação ao espaço, um movimento pode ser mais preciso ou oscilante; em relação ao tempo, pode ser mais rápido ou prolongado; em relação ao peso, pode ser mais leve ou firme; e em relação à fluência, pode ser mais ou menos fluido.

Quanto à música, vale ressaltar que no século XX se investiu no desenvolvimento da indústria fonográfica, criando diversos instrumentos e equipamentos que permitiram o acesso à fruição musical. Em relação às tendências musicais, podemos considerar que foi um período de experimentalismo, com a valorização de percepções abstratas e sensoriais. Alguns compositores considerados modernos são Gustav Mahler (1860-1911), Arnold Schoenberg (1874-1951), Béla Bartók (1881-1945), Igor Stravinsky, entre muitos outros.

Na obra *A sagração da primavera*, 1913, de Stravinsky, com coreografia de Vaslav Nijinski, o ritmo se destaca sobre os outros elementos; as estruturas rítmicas são complexas e há o uso de dissonâncias, em geral produzidas por sons desarmônicos ou desagradáveis, tornando a música assimétrica. Como a narrativa trata de um ritual pagão com o sacrifício de uma jovem que dança até a morte, sua coreografia apresentava aspectos violentos que horrorizaram a plateia da época.



Granger/Shutterstock

Cena de *A sagração da primavera*, 1913, de Igor Stravinsky, com coreografia de Vaslav Nijinski, em apresentação na Inglaterra. Sua primeira apresentação, organizada pela companhia de Ballets Russes, ocorreu em 1913, no Teatro dos Campos Elísios, Paris.

Revisando

1. Em relação ao Modernismo, um mesmo artista pode ser considerado pertencente a mais de um estilo artístico?
2. Que estilos artísticos são característicos da *belle époque*? Cite um aspecto que relaciona esses estilos ao contexto econômico do período.
3. O que são vanguardas artísticas?
4. De qual estilo artístico parece fazer parte a construção a seguir?



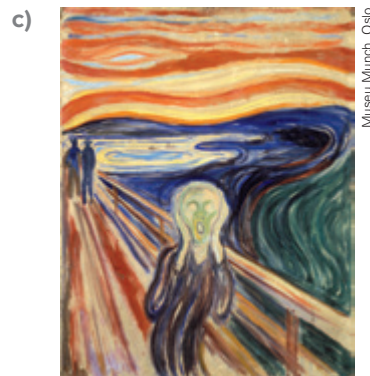
Luciano Mortula - LGW/Shutterstock.com

GAUDÍ, Antoni. Casa Batlló. Barcelona, Espanha.

5. Qual das obras a seguir foi uma grande inspiração para o Expressionismo?



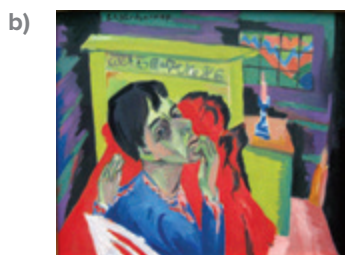
Museu Kröller-Müller, Otterlo, Holanda



Museu Munch, Oslo



S-F/Shutterstock.com



Pinakothek der Moderne, Munique

6. Quais são as principais características do Abstracionismo?
7. Por que os fauvistas receberam esse nome?
8. Quais são os principais objetivos dos artistas modernistas, seja nas artes visuais, na dança, na música ou no teatro?
9. Qual é a importância de Rudolf Laban e Isadora Duncan para a dança?
10. Sobre algumas vanguardas artísticas do século XX, podemos afirmar que:
 - Os artistas do Futurismo tiveram ideias inovadoras, mesclando o que foi produzido pelos artistas italianos renascentistas com equipamentos modernos e produzindo a sensação de movimento em suas obras.
 - Joan Miró, Salvador Dalí, Max Ernst, Man Ray, Lee Miller e Dora Maar são alguns dos artistas surrealistas que buscaram atingir a dimensão psíquica do inconsciente por meio da arte.
 - O Dadaísmo foi um movimento de longa duração que se expandiu para vários lugares da Europa e levantou a questão “O que é arte?”.
 - Os dadaístas que se destacaram em Berlim, como Hannah Höch, John Heartfield e George Grosz, trabalharam com fotomontagens que apoiavam o regime que se erguia na Alemanha, dando origem ao nazismo.

Exercícios propostos

1. Enem 2019

1. Nós queremos cantar o amor ao perigo, o hábito da energia e da temeridade.
2. A coragem, a audácia, a rebelião serão elementos essenciais de nossa poesia.
3. A literatura exaltou até hoje a imobilidade pensativa, o êxtase, o sono. Nós queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, o passo de corrida, o salto mortal, o bofetão e o soco.
4. Nós afirmamos que a magnificência do mundo enriqueceu-se de uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um automóvel de corrida com seu cofre enfeitado com tubos grossos, semelhantes a serpentes de hálito explosivo... um automóvel rugidor, que parece correr sobre a metralha, é mais bonito que a Vitória de Samotrácia.
5. Nós queremos entoar hinos ao homem que segura o volante, cuja haste ideal atravessa a Terra, lançada também numa corrida sobre o circuito da sua órbita.
6. É preciso que o poeta prodigalize com ardor, fausto e munificência, para aumentar o entusiástico fervor dos elementos primordiais.

MARINETTI, F. T. Manifesto futurista. In: TELES, G. M. *Vanguardas europeias e Modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

O documento de Marinetti, de 1909, propõe os referenciais estéticos do Futurismo, que valorizam a

- a) composição estática.
- b) inovação tecnológica.
- c) suspensão do tempo.
- d) retomada do helenismo.
- e) manutenção das tradições.

2. Enem 2019



PICASSO, P. *Cabeça de touro*. Bronze, 33,5 cm x 43,5 cm x 19 cm. Musée Picasso, Paris. França, 1945.

JANSON, H. W. *Iniciação à história da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Na obra *Cabeça de touro*, o material descartado torna-se objeto de arte por meio da

- a) reciclagem da matéria-prima original.
 - b) complexidade da combinação de formas abstratas.
 - c) perenidade dos elementos que constituem a escultura.
 - d) mudança da funcionalidade pela integração dos objetos.
 - e) fragmentação da imagem no uso de elementos diversificados.
3. UEM-PR 2018 Sobre a pintura cubista, assinale o que for correto.
- 01 Dois artistas reconhecidos desse movimento são Picasso e Renoir.
 - 02 Nas pinturas, é comum a tentativa de se criar um espaço tridimensional e apresentar um tema de todos os lados simultaneamente.
 - 04 Em suas telas cubistas, Delacroix e Monet perseguiram diferentes pontos de vista para que as imagens tivessem múltiplos entendimentos.
 - 08 A criação de ilusão espacial é uma característica da pintura cubista, quebrando a rigidez da perspectiva tradicional.
 - 16 Há pinturas que fragmentaram as imagens a tal ponto que tornaram irreconhecíveis as figuras que as inspiraram.

Soma:

Texto complementar

O Modernismo

Sob o termo genérico Modernismo resumem-se as correntes artísticas que, na última década do século XIX e na primeira do século XX, propõem-se a interpretar, apoiar e acompanhar o esforço progressista, econômico-tecnológico, da civilização industrial. São comuns às tendências modernistas: 1) a deliberação de fazer uma arte em conformidade com sua época e a renúncia à invocação de modelos clássicos, tanto na temática como no estilo; 2) o desejo de diminuir a distância entre as artes “maiores” (arquitetura, pintura e escultura) e as “aplicações” aos diversos campos da produção econômica (construção civil corrente, decoração, vestuário etc.); 3) a busca de uma funcionalidade decorativa; 4) a aspiração a um estilo ou linguagem internacional ou europeia; 5) o esforço em interpretar a espiritualidade que se dizia (com um pouco de ingenuidade e um pouco de hipocrisia) inspirar e redimir o industrialismo. Por isso, mesclam-se nas correntes modernistas, muitas vezes de maneira confusa, motivos materialistas e espiritualistas, técnico-científicos e alegórico-poéticos, humanitários e sociais. Por volta de 1910, quando ao entusiasmo pelo progresso industrial sucede-se a consciência da transformação em curso nas próprias estruturas da vida e da atividade social, formar-se-ão no interior do Modernismo as vanguardas artísticas preocupadas não mais apenas em modernizar ou atualizar, e sim em revolucionar radicalmente as modalidades e finalidades da arte.

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 185.

Resumindo

O Modernismo se relaciona a todos os campos artísticos e culturais, a fim de romper suas formas tradicionais de organização e apresentação.

Durante a *belle époque*, há um enriquecimento da Europa, que permite uma vida cultural abundante, com desenvolvimento de novas linguagens, como a fotografia e o cinema. Nesse cenário, Impressionismo, Pós-impressionismo e *art nouveau* se destacam. Quando ocorre a Primeira Guerra Mundial, as vanguardas artísticas, como Expressionismo, Fauvismo, Cubismo, Futurismo, Dadaísmo, Surrealismo e Abstracionismo, buscam compreender esse novo cenário, questionando, por meio da arte, os rumos da humanidade.

Quer saber mais?



Filme

Um cão andaluz. Direção: Luis Buñuel e Salvador Dalí. 1928.

Trata-se de um filme lançado em 1928, na França, escrito e dirigido por Luis Buñuel e Salvador Dalí, o qual explicita o universo surrealista, embasado na psicanálise de Freud, cheio de metáforas e fantasias. Classificação indicativa: 14 anos.

Exercícios complementares

1. Uerj 2022



PICASSO, P. *Guernica*, 1937. Óleo sobre tela. museoreinasofia.es. Acesso em: 10 ago. 2022.

Pintada em 1937 para a Exposição Internacional de Paris, a tela de Picasso é um registro e um protesto diante da Guerra Civil Espanhola (1936-1939).

Para as sociedades europeias, esse conflito está vinculado ao seguinte processo político:

- expansão de regimes fascistas.
- projeção de grupos socialistas.
- militarização das lutas partidárias.
- repressão de movimentos camponeses.

2. Fuvest-SP 2019



Lasar Segall, *Navio de Emigrantes*, 1939-41. Óleo com areia sobre tela.

Essa imagem é a reprodução de

- a) uma pintura impressionista, marcada por pinceladas soltas e pela temática da emigração americana para o continente europeu.
- b) um mosaico cubista, caracterizado pelas formas geométricas que procuram salientar a esperança daqueles que os dirigem para terras estrangeiras.
- c) uma pintura expressionista, que reforça o sofrimento dos que se deslocavam em um contexto de perseguições e intolerâncias.
- d) um painel surrealista, que procurava destacar o subconsciente atormentado daqueles que deixavam seus locais de origem.
- e) uma pintura futurista, influenciada pelas referências de modernização tecnológica características da primeira metade do século XX.

3. **UEM-PR 2018** O período da virada do século XIX para o século XX foi um momento de intensas transformações sociais no mundo, assinalando o fim de uma era e o começo de outra (...). Inúmeros avanços tecnológicos, como a invenção do automóvel, do avião, do telefone e do cinematógrafo, tornavam a vida da elite econômica mais confortável e agradável. Por todas essas razões, esse período é normalmente chamado de *Belle Époque*.

(ALVES, A; OLIVEIRA, L. F. *Conexões com a História*. São Paulo: Moderna, 2010, p. 540).

Sobre esse período nas Artes, assinale o que for **correto**.

- 01 As transformações científicas e sociais influenciaram os artistas do Impressionismo, pois alteraram o modo como eles viam o mundo.
- 02 As composições ao ar livre do Impressionismo buscavam capturar a paisagem efêmera ocasionada pela incidência solar em diversos períodos do dia.
- 04 Algumas obras do Expressionismo procuraram retratar a natureza psíquica do ser humano, e os estudos de Sigmund Freud influenciaram alguns artistas do período
- 08 A produção de obras do Art Nouveau, movimento que envolveu principalmente os objetos ornamentais e a arquitetura, foi possível graças aos avanços industriais.
- 16 O Barroco brasileiro teve influências dos movimentos artísticos desse período, e é comum encontrar exemplares da pintura impressionista nas igrejas mineiras.

Soma:

BNCC em foco

EM13LGG604

1. Durante o século XX, na Europa, diversos movimentos artísticos surgiram, hoje chamados de vanguardas.
- a) O que possibilitou o surgimento dessas vanguardas?
 - b) O que a maioria das vanguardas tinha em comum?

Native Life (Vida de nativo), Fotografia.
Nessa composição, um homem branco
usa trajes do povo Xhosa, da África do
Sul, enquanto um negro traja um terno.



Andrew Putter, 2009 Foto: Tony Meinjies; flovie/Shutterstock.com

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

11

Arte africana e afro-brasileira

Alguma vez você já se viu diante da necessidade de utilizar a expressão “arte americana” para se referir às produções artísticas brasileiras ou argentinas? Já se referiu a movimentos como Impressionismo ou Cubismo como períodos da “arte europeia”? Essas construções parecem pouco usuais, mas, apesar disso, é muito comum ouvir falar de “arte africana”. Neste capítulo, você vai discutir essa denominação e conhecer melhor a produção que ela designa.

A invenção da África

Para compreender a arte africana, é importante investigar como essa denominação surgiu ao longo do tempo, ou seja, sua historicidade. Você sabe que, a partir do século XVI, alguns países europeus como Espanha, Itália, Portugal, Holanda, Inglaterra, Alemanha, Bélgica e França se lançaram em empreendimentos coloniais, navegando por mares e ocupando áreas em continentes distantes. Durante séculos, esses países conservaram colônias em todos os continentes. Ao longo do século XIX, quase todas as colônias americanas conquistaram suas independências. Nessa época, então, os países europeus voltaram-se novamente para a África, a Ásia e a Oceania, buscando novas fontes de riquezas naturais e de matérias-primas para as indústrias. Por meio de diversos tratados, conferências e negociações internacionais, essas potências europeias realizaram uma divisão política de praticamente todo o continente africano, em uma espécie de “partilha” que começou a vigorar na virada do século XIX para o XX.

Durante a partilha da África, o continente foi quase todo dividido de forma que muitas dessas possessões de nações africanas ficaram sob controle das potências europeias. A disputa era muito grande. Países que mantinham regiões de domínio na África desde o século XVI, como Portugal, reclamavam o direito histórico de colonização de suas terras, no entanto foi consagrado o direito de ocupação efetiva nas conferências de partilha, ou seja, os países precisariam comprovar uma efetiva colonização dos territórios que desejassem possuir, sob o risco de perdê-los para outras potências. Por isso, os europeus precisaram dominar efetivamente as terras mais remotas de suas posses com exércitos e empreendimentos comerciais (de exploração, em sua maioria), efetivando, assim, a ocupação europeia.



Universal History Archive/UIG/Shutterstock

Ilustração da Conferência de Berlim (ou Conferência do Congo), de autoria de Adalbert von Rösler, ocorrida na Alemanha entre 1884 e 1885. Ela se tornou uma das conferências mais conhecidas durante a partilha da África. Observe os diplomatas sentados à mesa e, ao fundo, o mapa do continente africano sendo dividido.

Um dos modos pelos quais as potências europeias podiam comprovar ocupação efetiva era por meio do conhecimento e da descrição de todos os aspectos de suas terras. Nesse período, muitos cientistas foram enviados para o continente para realizar expedições e explorações, que resultavam em trabalhos de geografia, documentando como eram a vegetação, o relevo, a topografia e a hidrografia das terras africanas. Mas essas terras não estavam abandonadas: havia inúmeras populações nativas que desenvolviam suas próprias culturas, línguas, sociedades e organizações de Estado. É nesse ambiente que surgem e se desenvolvem ciências como a Antropologia, a Etnografia e a Linguística. Conhecer as populações era outro meio de dominá-las para explorar suas riquezas. Ao lado de canhões e espingardas dos exércitos europeus, essas ciências serviram para que o continente africano fosse invadido e saqueado, suas estruturas sociais fossem desfeitas e as populações locais escravizadas.

Os acervos europeus de arte africana

Nessa época, as teorias do evolucionismo e do positivismo estavam em evidência na Europa. Essas ideias forneceram as bases para um tipo de racismo que funcionou historicamente como justificativa para a barbárie que os europeus executavam na África: os negros eram vistos como seres inferiores aos europeus. Por isso, toda a autonomia de suas culturas e sociedades foi negada – elas eram vistas como “usos e costumes” de povos primitivos. O colonialismo era divulgado como uma amostra da “bondade” europeia, uma vez que, por meio do trabalho forçado e do aniquilamento de suas culturas, os negros poderiam, assim, alcançar um patamar equivalente ao da civilização europeia. Ao mesmo tempo, os dados de suas culturas eram considerados elementos exóticos, dignos do espanto e da admiração dos europeus.

Pictures From History/Alamy/Imagens/Album/Fotoarena



Membros das forças armadas britânicas posam diante dos objetos saqueados durante a Expedição Punitiva de 1897, responsável por dominar o antigo Reino do Benin, situado onde hoje é a Nigéria. As peças saqueadas naquela expedição se encontram atualmente no Museu Britânico de Londres, Inglaterra.

Nessa época, diversos objetos, tecidos e construções africanos começaram a ser saqueados e comercializados na Europa com alto valor no mercado de arte e em exposições. Intensificaram-se os gabinetes de curiosidade e surgiram os acervos etnográficos para conservar e expor essas chamadas “maravilhas” do mundo primitivo. Esses objetos, com múltiplos significados e funções em suas comunidades de origem, eram expostos sob a denominação de “arte africana”. Considerados objetos utilitários e inferiores, eles nunca foram tidos como parte do desenvolvimento da arte, mas como uma produção amorfa, sem estilo nem historicidade. As chamadas exposições universais promoviam verdadeiros zoológicos humanos para que as potências europeias competissem na exibição do mundo “exótico” que dominavam. Durante esse período, grandes museus europeus, como o Museu Britânico, em Londres, na Inglaterra, o antigo Museu do Homem (incorporado agora ao Museu do Quai Branly), em Paris, na França, e o Museu Real da África Central, de Tervuren, na Bélgica, enriqueceram muito com gigantescas coleções de objetos trazidos da África.

Esse período de exibição do poder imperialista coincidiu com a profusão de vanguardas artísticas na Europa. Em busca de novas soluções estéticas, os artistas entravam em contato com a arte africana. Ao observar essa vasta produção, percebiam princípios de abstração e redução das formas, contraposição de perspectivas, fragmentação, pigmentação e significação nunca vistos nas artes europeias. Eles passaram, então, a incorporar muitos procedimentos africanos à sua produção, destacando o valor estético que tinham, mas, ao mesmo tempo, sem deixar de considerar essa produção como “primitiva”. Muitas vezes, essas culturas eram buscadas como um modo idealista de fugir das opressões e do absurdo da vida moderna, em favor de um tipo de vida supostamente mais natural e mais instintivo. A esse interesse artístico pelas culturas colonizadas deu-se o nome de Primitivismo, e ele afetou intensamente a produção de artistas como Pablo Picasso, Constantin Brancusi, Amedeo Modigliani, entre outros.



Reconstrução de vila senegalesa na Exposição Universal de 1905, em Liège, na Bélgica (cartão postal, heliotipia, 1905). As exposições universais promoviam verdadeiros zoológicos humanos diante do olhar exotocista europeu sobre os africanos.

Fine Art Images/Album/Imagens/Album/Fotoarena

Os múltiplos significados da cultura na África

Os objetos levados para compor acervos e coleções europeias de arte africana estão deslocados de seus contextos de origem e, por isso, muitas vezes o significado e a função que tinham naquelas sociedades podem se perder. Nos gabinetes e museus, os objetos estão apenas para serem olhados; mas ao se analisar bem, esses itens ainda carregam características de seus ambientes originais. É por meio da pesquisa e do conhecimento dessas peças que se descortinam diante do observador os múltiplos sentidos que elas tiveram para as comunidades que as produziram.



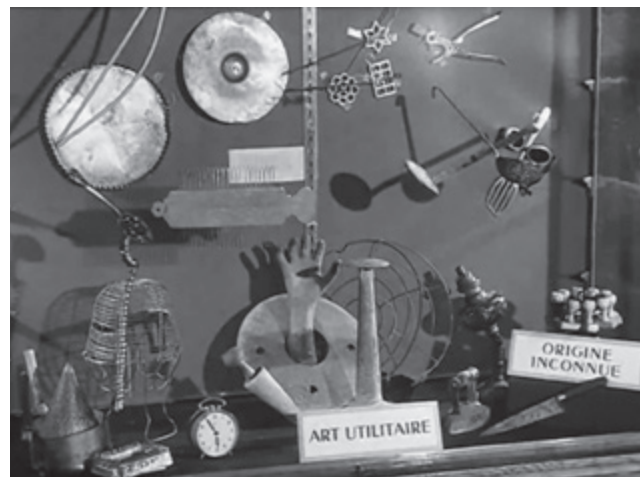
© Clément Philippe/AGE Fotostock/EasyPixBrasil

Objetos de arte africana no Museu Real da África Central, em Tervuren, Bélgica.

Nas culturas ocidentais, há um conceito estético ligado a certa ideia de belo e de contemplação. Os objetos de arte ocidentais são admirados, geralmente a distância, e apenas após as vanguardas artísticas do século XX novas formas de arte participativa foram apresentadas. É fundamental relativizar esse conceito de estética para conhecer as culturas africanas e sua produção material porque ele é alheio às circunstâncias de criação desta. Nesses contextos, a cultura material dos objetos está ligada a uma diversidade cultural imaterial, a modos de fazer e de expor, a celebrações em que se envolvem muitas linguagens e modos de expressão próprios. Muitas vezes, o belo e o admirável estão ligados a diversos outros campos da vida humana, como a função social, a utilidade dos objetos, sua relação com o sagrado, com a transmissão do conhecimento ou o registro de discursos. Em alguns casos, esses objetos eram tão sagrados em seu contexto original que sequer poderiam ser vistos senão por um número muito restrito de pessoas preparadas para isso.

! Atenção

Não se deve criar generalizações acerca do continente africano, uma vez que ele é muito grande e diverso. Para conhecer os muitos significados estéticos e sociais dos objetos de arte africana, é preciso investigar cada contexto cultural de produção. Além disso, o conceito estético ocidental de “belo” também está presente na África atualmente, assim como na América do Sul e nos outros continentes.



Tadé-Cinema Production, France

Frame do filme-ensaio *Les statues meurent aussi* (As estátuas também morrem), de Alain Resnais, Chris Marker e Ghislain Cloquet (França, *Présence Africaine*, 1953, 30 min). Nesta cena, o filme constrói uma ironia ao exibir objetos europeus como carimbos, alicates e talheres em vitrines de um museu com placas indicando “arte utilitária” e “origem desconhecida”, subvertendo a apropriação ocidental da arte africana.

Por causa dessa diferença entre as culturas, muitas vezes, as produções da arte africana não foram compreendidas; pelo contrário, suas artes eram, inclusive, menosprezadas. Mas os conceitos de belo e de admirável não são completamente estranhos a diversas culturas africanas. Muitas vezes, essa dimensão de significado existia de certo modo em algumas culturas ou elas passaram a dialogar com os conceitos ocidentais que também circulavam no continente.

Cultura e cosmologia

Você já parou para pensar por que está vivo, por que tudo existe e qual é a razão de fazer tudo o que faz? Você provavelmente tem explicações pessoais para essas perguntas, mas elas podem fazer referência a outras explicações prontas, que já foram dadas por pessoas que viveram antes de você.

Isso ocorre porque toda a comunidade humana compartilha de uma cosmologia, ou seja, um modo de compreender e explicar o mundo que nos cerca. Essa cosmologia define o modo como as pessoas se entendem como indivíduos, como parte de um coletivo de pessoas e como parte do mundo. As cosmologias constroem narrativas simbólicas, por meio das quais é possível que cada indivíduo entenda o sentido de sua própria vida e da existência da coletividade. Nas sociedades ocidentais, muitas vezes, as cosmologias foram divididas entre grandes campos do saber, como a Filosofia, a Ciência e a Religião. Mas, em muitas sociedades africanas, esses campos do saber não estão divididos e não podem ser compreendidos separadamente.

! Atenção

Os significados dos objetos de arte africana têm relação com a cosmologia das culturas que os produziram. Por isso, é errado dizer que a arte africana é sempre religiosa e utilitária.

Nessas narrativas simbólicas, há explicações ligadas à origem do universo, a divindades, à sacralidade do mundo e ao significado da vida e da morte. Há também explicações ligadas à organização da sociedade: as profissões que existem; como as pessoas se relacionam; como elas têm filhos e como estes são criados; como as pessoas crescem, envelhecem e morrem. Diversos aspectos dessas narrativas estão frequentemente expressados no modo como os objetos africanos são feitos, no material utilizado e na sua decoração.



Liszt Collection/Alamy/Album/Album/Fotorena

Máscara-capacete *mapiko*, do povo Makonde, norte de Moçambique, 1958 (madeira, cera e cabelo humano, 28 cm × 21 cm × 30 cm, Museu Britânico, Londres, Inglaterra).

Observe a máscara-capacete *mapiko*, produzida pelo povo Makonde, que vive entre o norte de Moçambique e o sul da Tanzânia. A palavra “*mapiko*” designa ao mesmo tempo o objeto, o ritual de que ele faz parte, a música e a dança executadas enquanto ele é usado. A máscara é produzida com uma madeira leve, geralmente a sumaúma (*Ceiba pentandra guineensis*), para que ela possa ser usada no topo da cabeça (por isso se diz que é também um capacete). O *mapiko* celebra o fim do ritual de iniciação que marca a entrada do rapaz na vida adulta. Nessa ocasião, o jovem (*lipiko*) dança diante da comunidade com uma vestimenta que cobre todo o seu rosto – ele não pode ser reconhecido. A máscara-capacete é feita com cabelo humano natural e registra as marcas de **escarificação**, que são muito comuns entre os Makonde.



Alamy/Fotorena

Cena de *mapiko*, em que o jovem (*lipiko*) se exhibe diante da comunidade trajando a máscara e dançando.

escarificação: prática em que são feitos pequenos arranhões na pele com o objetivo de marcar grafismos ou outros símbolos com a cicatrização. As escarificações têm significados distintos entre algumas sociedades africanas e estão presentes em culturas de todo o mundo (a tatuagem também pode ser entendida como um tipo de escarificação).

Espiritualidade e a ordem social

A arte africana muitas vezes se relaciona com a espiritualidade, mas não no sentido de representar um espírito ou uma divindade, e, sim, de materializá-los por meio do processo de fabricação dos objetos. Os povos Congo, Vili e lombe fazem parte de um complexo cultural com muitas intersecções e semelhanças; eles vivem em uma região

que compreende hoje a República do Congo (ou Congo-Brazzaville, ex-colônia francesa), a República Democrática do Congo (antiga República do Zaire, ex-colônia belga) e Angola. Entre eles, há o culto de *nkisi* (plural *minkisi*). Trata-se de um objeto focal com poder sagrado. Ele é cuidadosamente preparado por escultores especializados e recebe em seu interior um material chamado *bilongo*, feito de pós especiais, folhas maceradas, resinas, palha, pedras e outros ingredientes. O responsável por administrar o *bilongo* e inseri-lo ritualmente nos locais específicos do *nkisi* é um sacerdote chamado *nganga*. É nesse ritual de inserção do *bilongo* que o *nkisi* se sacraliza e se torna foco do poder espiritual.

! Atenção

Muitas vezes, espíritos e divindades não estão representados nos objetos de arte africana, mas materializados: os próprios objetos são a divindade ou fazem parte dela.



Cartão postal do antigo Congo Francês (atual República do Congo), mostrando um *nganga* diante de seus *minkisi*, na região do rio Cullo, c. 1906-1910 (cartão impresso, 9 cm x 14 cm, Museu Nacional de Arte Africana, Washington, Estados Unidos).

Há uma quantidade muito grande de *minkisi* com diversas funções sociais: desde a proteção de casas e vilas até a cura e cuidados com a saúde. Os *minkisi* assumem formas muito distintas, podendo ser desde um pequeno saco amarrado até complexas esculturas antropomórficas. O *nkisi* nunca deixa, entretanto, de servir de receptáculo para o *bilongo*.

Entre os *minkisi* mais conhecidos estão os chamados *nkondi*, ou “de ataque”. São *minkisi* ligados à defesa, jurisprudência e à proteção, por isso assumem figuras antropomórficas ameaçadoras – era relegado a eles o poder de estabelecer a ordem social em eventuais momentos de ruptura. Observe na sequência o *nkisi nkondi Mangaaka*: trata-se de uma figura antropomórfica em posição corporal de enfrentamento; ele usa um *mpu*, um chapéu que distinguia chefes e sacerdotes. Os muitos pregos, navalhas e outros metais cravados em seu corpo são típicos de *nkisi nkondi*; cada um deles revela um pedido e um voto por justiça ou proteção.



Nkisi nkondi Mangaaka, do povo lombe/Congo, República Democrática do Congo/Angola, século XIX (madeira, metal, resina, cerâmica, fibra vegetal, tecido e pigmentos, 118 cm x 49,5 cm x 39,4 cm. Museu Metropolitano de Nova York, Estados Unidos).

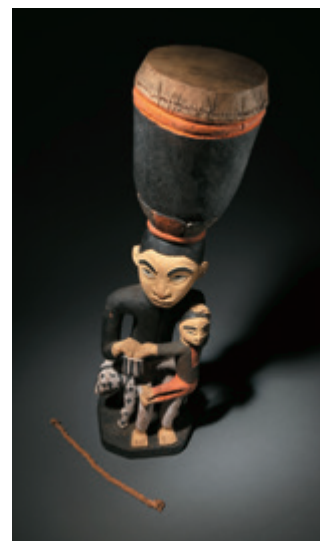
💡 Saiba mais

Você conhece o romance *Mayombe* (1980), do escritor angolano Pepetela? Ele se passa na floresta do Mayombe, no enclave de Cabinda, território de Angola, justamente um lugar onde historicamente vivem as populações Congo/lombe. No romance de Pepetela, um grupo de guerrilheiros encontra-se na luta contra o exército colonial português pela independência de Angola entre 1970 e 1971. A floresta é o espaço metafórico que abriga as diversidades e contradições da nova sociedade angolana, emergida após a independência.

Integração de linguagens

Como estudamos no caso do *mapiko*, dos Makonde, muitas vezes as produções estéticas dos povos africanos não estão dissociadas de uma ocasião em que elas surgem diante do público, envolvendo, portanto, diversas formas de linguagens artísticas, como o teatro, a dança, a música e as artes visuais dos objetos. Do mesmo modo, para que o *nkisi* dos Congo se torne um objeto sagrado, ele precisa ser investido de um poder mágico, ministrado pelo *nganga* em situações que também envolvem música. Observe a seguir a *n'goma*, um tambor sagrado do povo lombe. A *n'goma* tem uma forma antropomórfica, que representa uma mulher segurando uma criança. A *n'goma* era utilizada na música do culto dos *minkisi* e conserva semelhanças estéticas com a figura do *Mangaaka*.

N'goma, instrumento de percussão do povo lombe, da região do Loango, República Democrática do Congo, século XIX (madeira, fibras e vidro; 78 cm x 24 cm x 17,2 cm. Museu Metropolitano de Nova York, Estados Unidos).



Saiba mais

A palavra “*n’goma*” ocorre em muitos idiomas africanos da família banto, sempre designando instrumentos de percussão semelhantes a tambores. Entre os Tumbuka, que vivem entre o Malawi, a Zâmbia e a Tanzânia, há um ritual chamado *Vimbuzo*, em que o *n’goma* se transforma em um instrumento de cura. Essa palavra também foi trazida para o Brasil e, no contexto dos chamados candomblés de nação Angola, significa atabaques responsáveis por invocar os *minkisi*.

Entre os povos Mande, da África Ocidental, há os *dieli*: trata-se de um ofício ligado à conservação de grandes textos narrativos de caráter épico que contam a história de povos e Estados. O ofício dos *dieli* é um fenômeno recorrente entre muitos povos da África Ocidental, como os Bamana, os Malinke, os Fula, os Hausa, os Songhai, os Mossi, os Wolof, entre outros grupos e subgrupos. Cada grupo, entretanto, tem seu próprio modo de denominar o ofício e compreender suas especificidades. Entre os Mande, cabe ao *dieli* aprender e transmitir as epopeias de seu povo por via oral, geralmente acompanhados de instrumentos como a *kora*, um instrumento de cordas com uma caixa de ressonância que produz sons com uma vasta amplitude de notas.



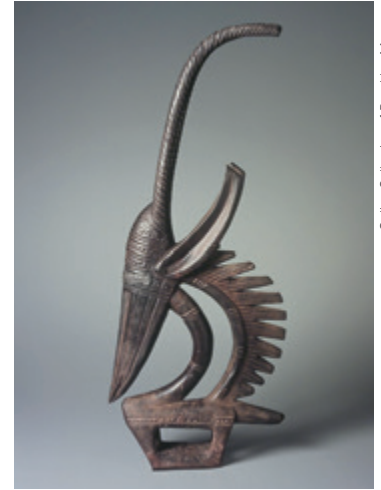
Kora, instrumento de cordas com uma caixa de ressonância que produz sons.



Fotografia de um *dieli* do Senegal, África ocidental, tocando uma *kora*.

Trabalho e tecnologia

Os objetos de arte africana muitas vezes estão profundamente relacionados com o mundo do trabalho e com as bases econômicas das sociedades. É o caso das máscaras *tshi wara* (“animal selvagem”), do povo Bamana, que vive no Mali. A base da economia desse povo é a agricultura, e, para que tenham boa safra, eles celebram um ritual em que dançarinos trajam uma veste cujo topo da cabeça termina com a figura *tshi wara*. A dança sempre se faz aos pares, mas a *tshi wara* mais conhecida tem a forma de um antílope: segundo a cosmologia desse povo, o animal sagrado teria ensinado o cultivo do solo para a humanidade. A forma arredondada do corpo da escultura e os traços em zigue-zague mostram que o animal está relacionado ao sol e aos raios solares.



Cimo de cabeça *tshi wara*, do povo Bamana, Mali, final do século XIX. Madeira, metal e pregos, 72,4 cm × 30,5 cm × 7 cm. Museu do Brooklyn, Nova York, Estados Unidos.



Mascaras portando as *tshi wara*, Bamako, Mali, 1971 (Museu Nacional de Arte Africana, Washington, Estados Unidos).

Online Collection of Brooklyn Museum

National Museum of African Art, Eliot Elisofon Photographic Archives National

Muitos objetos de arte africana, mesmo não tendo uma simbologia ou função ligados ao mundo do trabalho, como é o caso da *tshi wara*, são frutos de um elaborado processo que envolve tecnologias muito específicas. A Expedição Punitiva de 1897 foi o desfecho de uma guerra entre os britânicos e o antigo Reino do Benin, formado pelo povo Edo, fundado no século XIII onde hoje fica o sul da Nigéria. A capital desse reino, a cidade do Benin, foi completamente devastada. No palácio real, havia uma grande quantidade de objetos de bronze que registravam a narrativa de fundação do reino e a história de todos os *oba*, os soberanos. Esses objetos foram levados para Londres e hoje compõem o acervo do Museu Britânico, mas a perda da sequência correta de disposição deles fez desaparecer muito dos seus significados originais.

Entre os bronzes do Benin, destacam-se as cabeças, itens cerimoniais que celebravam os *oba* e membros da corte real. Há também as conhecidas placas de bronze que registravam cenas da vida na corte. Esses objetos em bronze eram fundidos por meio da técnica da cera perdida, que consiste em revestir um molde de cera de barro e levá-lo ao forno. O calor faz com que a cera derreta e esorra, restando um objeto de barro oco. No interior do barro é então injetado o bronze fundido, que assume a forma final da escultura. Essa tecnologia de metalurgia é muito usada por diversos povos africanos, como os Akan, que produzem pesos de ouro nos quais registram provérbios.



Rainha Idia, mãe de Esigie, *oba* do Benin, do povo Edo, Nigéria, c. 1504-1550. Bronze e ferro, 41 cm x 15,5 cm x 17,5 cm. Museu Britânico, Londres, Inglaterra.



Ferreiros trabalhando em moldes de barro para produzir peças metálicas utilizando a técnica da cera perdida.

Arte africana contemporânea

O imperialismo europeu na África fez circular no interior do continente as formas artísticas ocidentais, divididas em linguagens, como o teatro, a dança, as artes visuais, a música, a performance etc. Não tardou para que os próprios africanos passassem a se apropriar desses modos de fazer arte e desenvolvessem suas próprias linguagens estéticas.

A situação colonial criou, portanto, grandes segmentos culturais que viveram lado a lado:

- as culturas coloniais: desenvolvidas por europeus no continente africano;
- as culturas endógenas: desenvolvidas por todas as sociedades africanas, que já existiam antes da partilha da África e continuaram existindo, com suas dinâmicas, mudanças e atualizações;
- as culturas locais autônomas: desenvolvidas por africanos que se apropriaram de modos europeus e africanos a um só tempo, criando novas artes e linguagens emancipadas.

As artes desenvolvidas no terceiro segmento muitas vezes se articulam em sistemas nacionais de arte; por exemplo: por mais que uma escultura seja feita por um indivíduo dos Congo, ela não se identifica mais como uma arte Congo, mas como uma arte angolana, dialogando com as artes de Angola como um país.

A arte produzida nos países africanos atualmente compõe os muitos significados globais da arte contemporânea. Do mesmo modo, eventos organizados no próprio continente estão integrados às dinâmicas globais da arte, como é o caso da Dak'art (Bienal de Arte de Dakar), no Senegal; da Joburg Art Fair (Feira de Arte Contemporânea de Johannesburg), na África do Sul; da Biennale Regard Benin (Bienal do Benim); entre outros.

Veja a seguir obras de dois artistas moçambicanos: Reinata Sadimba (c. 1945) e Malangatana Ngwenya (1936-2011). Reinata é Makonde, e sua escultura dialoga intimamente com as características estéticas que você pôde observar na *mapiko*. Malangatana, por sua vez, compõe grandes painéis com coletividades, uma profusão de rostos, cores e cenas, dialogando com o esforço pela construção de uma sociedade moçambicana independente. Já Cyprien Tokoudagba (1939-), da República do Benim, incorpora em suas telas a linguagem visual praticada desde o antigo Reino do Daomé; por meio delas, mostra os *voduns*, divindades do culto Egbé-Fon que também são cultuadas no Brasil.



Cortesia Galeria Piasa, Paris

Peça em cerâmica datada de 1945, de Reinata Makonde.



Rostos, mural de autoria de Malangatana Valente Ngwenya (1936-2011), no jardim do Museu de História Natural de Maputo, Moçambique.

Malangatana Valente Ngwenya. Foto: S. Vainini/De Agostini/Alamy/Photobeta



Courtesy of Galerie Degbomey

Pintura acrílica de Cyprien Tokoudagba (1939-2012), 2007, coleção particular.

Arte afro-brasileira

Cosmologias e cultura material

Com o tráfico humano, milhares de africanos foram escravizados e trazidos ao Brasil para o trabalho compulsório em setores como a agricultura, a pecuária, a metalurgia, a mineração e a construção civil. O conhecimento que tinham de tecnologias ligadas a esses ofícios foi aproveitado para a colonização do Brasil. Hoje em dia, há estudos que apontam que o desenvolvimento de produções agrárias, mineiras e metalúrgicas em larga escala no Brasil só foi possível devido ao conhecimento africano aproveitado na colônia portuguesa.

Na arte brasileira, a “mão afro-brasileira”, na expressão do artista e curador Emanuel Araújo, sempre se fez sentir nas artes visuais e na arquitetura. Grande parte dos nomes ligados ao Barroco era de afrodescendentes, como o Mestre Manuel da Costa Ataíde (1762-1830), Mestre Valentim da Fonseca (1744-1813), Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (c. 1738-1814), e Joaquim Pinto de Oliveira, o Tebas (1721-1811). Eles imprimiram marcas que permitem caracterizar suas obras, por exemplo, a pintura de Mestre Ataíde que mostra uma mulher negra como Nossa Senhora da Porciúncula, cercada de anjinhos negros, no teto da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto (MG).

Mas as pessoas escravizadas na África conservaram no Brasil aspectos de sua cosmologia e de sua organização social, de novos modos, de acordo com as possibilidades de reconstrução facultadas pela nova terra e pelo trabalho compulsório. As práticas ligadas às espiritualidades se transformaram em religiões no país, conhecidas como “de matrizes africanas”. Os candomblés, umbandas, xambás, xangôs, tambores de mina e capoeiras conservam aspectos e traços estéticos que permitem hoje rastrear suas origens nas muitas culturas africanas. Destacam-se, nesse sentido, reiteradas práticas que fazem referência aos universos Kimbundo e Kikongo, de Angola, aos iorubás, da Nigéria, aos Egbé-Fon, do Benim, aos Changana e Ronga, de Moçambique.

Em alguns contextos, os negros conseguiram organizar novas comunidades autônomas, nas quais conservaram práticas sociais que faziam referência às antigas cosmologias africanas ou às novas cosmologias afro-brasileiras. É o que ocorre na **comunidade quilombola** do Açude, na Serra do Cipó. Anualmente, pratica-se na comunidade o

candombe, uma celebração em louvor de Nossa Senhora do Rosário. O candombe envolve um cortejo, rezas, cantos e danças ao som dos *tambus*, atabaques que, segundo conta a história oral, foram feitos em 1813 pelos escravizados com a madeira da saboeira (*Sapindus saponaria*).



Leandro Couri/EMD.A Press.

Tambus feitos em 1813, ainda em uso no candombe celebrado na comunidade quilombola do Açude, na Serra do Cipó (MG). Para afiná-los, é preciso aproximá-los do fogo para que o couro tensione.



Leandro Couri/EMD.A Press.

Celebração do candombe na comunidade quilombola do Açude, na Serra do Cipó (MG). Os *tambus* com mais de 200 anos acompanham os cortejos, as rezas, os cantos e as danças.

comunidade quilombola: muitos quilombos nasceram reunindo pessoas que conseguiam escapar da condição de escravizados em fazendas, no período colonial, e se reorganizavam em comunidades autônomas, nas quais viviam negros, indígenas e brancos marginalizados. Atualmente, o conceito antropológico de comunidade quilombola compreende a formação de uma comunidade autônoma por negros, mesmo que posteriormente à abolição, mas que compartilhem de normas comuns para compreensão do pertencimento e que estejam ligados à territorialidade, ou seja, que essa pertença esteja ligada ao local onde vivem.

FRENTE ÚNICA

Uma arte empenhada

Há uma produção de arte afro-brasileira que se articula em torno de uma reflexão acerca do negro no Brasil e da busca por uma estética capaz de se comunicar com a população negra e em nome dessa população. Esse foi o empenho de artistas que surgiram ao longo do século XX, que problematizaram a exclusão do negro no cânone das artes. Cada um a seu modo, esses artistas propunham o negro não como objeto do primitivismo exotista dos brancos, mas como sujeito de sua própria arte e história. Muitos deles ligados a instituições do movimento negro, esses artistas foram responsáveis por criar uma arte negra diferente da arte sagrada das cosmologias afro-brasileiras – sem deixar de dialogar com essas culturas, entretanto. É o caso de nomes como Pedro Paulo Leal (1894-1968), Heitor dos Prazeres (1898-1966), Agnaldo Manuel dos Santos (1926-1962), Wilson Tibério (1920-2005) José de Dome (1921-1982) e Rubem Valentim (1922-1991).

Observe a escultura *Ôpa Nlîé Ceptro da terra*, de Mestre Didi (1917-2013). O xaxará (*sasará*, na escrita britânica) e o ibiri são uma espécie de cetros de Obaluaïé e Nanã Buruku, orixás do candomblé de nação Ketu, divindades ligadas à terra. São sinais de realeza, mas também ferramentas de cura, funcionando como vassouras repelentes de maus espíritos, que fogem ao poder da palha de dendezeiro. Mestre Didi aproveita a estrutura básica desse objeto sagrado (a justaposição das fibras num feixe), mas recria livremente suas formas, construindo um novo símbolo livre das implicações rituais mas capaz de traduzir seu sagrado para pessoas que não conheçam os códigos do ritual.

Abdias do Nascimento (1914-2011), em *Okê Oxóssi*, também se apropria de um símbolo sagrado do candomblé de nação Ketu, e o reconstrói livremente atribuindo novos significados. Ele utiliza o ofá, o arco e a flecha do orixá Oxóssi, o caçador dono da fartura e do alimento. Na pintura, o ofá está justaposto sobre a bandeira brasileira: a faixa, anteriormente preenchida com a frase “Ordem e progresso”, traz agora quatro vezes a inscrição “okê”, palavra com a qual se saúda o orixá nas cerimônias. Sua obra subverte o caráter elitista e positivista que marca a bandeira nacional e imprime sobre ela a marca do sagrado negro, ao mesmo tempo que aproveita sua estrutura básica e suas cores, que também são próprias do orixá invocado. A obra de Abdias do Nascimento mostra como a articulação dos símbolos oficiais e símbolos historicamente marginalizados pela história brasileira são disputas com implicações no próprio conceito de nação e de Brasil.

Rosana Paulino (1962-) faz parte de um grupo de artistas que evidenciam que o cânone brasileiro não é apenas etnocêntrico, mas também predominantemente masculino. Ao lado de artistas como Angélica Dass (1979-), Sônia Gomes (1948-), Renata Felinto (1974-) e Aline Motta (1974-), entre muitas outras, Rosana Paulino tem contribuído para trazer a reflexão da mulher negra ao sistema das artes. Na obra *A permanência das estruturas*, a técnica da *assemblage* justapõe materiais distintos, ligados a períodos históricos diferentes, levando a refletir a respeito de como características do Brasil arcaico permanecem na contemporaneidade num entrelaçamento conflituoso de narrativas que se opõem. A desigualdade e a segregação dos negros no Brasil (sobretudo das mulheres negras) acentuam-se no país, apesar de mais de dois séculos da abolição, revelando estruturas que persistem, assim como em uma *assemblage* histórica.



Mestre Didi. *Ôpa Nlîé Ceptro da terra*, 1997. Escultura em resina poliéster orfólica e fibra de vidro. Museu de Arte Moderna da Bahia.



A permanência das estruturas, 2017. *Assemblage*, impressão digital sobre tecidos, recorte e costura. Museu de Arte de São Paulo, SP.

Revisando

1. O que significa a expressão “arte africana” e o que ela designa?
2. Sobre as características da arte africana, marque V (verdadeiro) ou F (falso).
 - A arte africana é primitiva e revela métodos artesanais de feitura.
 - Porque não tinham tecnologias e métodos sofisticados, os africanos usavam apenas palha e madeira em seus objetos de arte.
 - Os objetos de arte africana são muito diversos e têm significados distintos, de acordo com a cultura que os produziu.
 - A arte africana se caracteriza por ser religiosa e utilitária, servindo a espíritos e ao uso cotidiano.
3. De que modo a história da Europa e a da África estão ligadas à arte africana?
4. Podemos dizer em relação à arte africana:
 - a) Como os objetos de arte foram tirados de seus contextos originais, perderam definitivamente seu significado original.
 - b) Conserva apenas o valor estético para a pesquisa visual, revelando formas exóticas e grotescas.
 - c) Como os objetos de arte foram tirados de seus contextos originais, é preciso pesquisar para compreender o que significam.
 - d) É primitivista, revelando uma arte inocente e instintiva de povos que já não existem mais.
5. O que é cosmologia? Como isso se relaciona com a arte africana?
6. Sobre a arte afro-brasileira, é **incorreto** afirmar:
 - a) A arte afro-brasileira mostra o aniquilamento das culturas africanas e a assimilação completa dos afrodescendentes à cultura colonial.
 - b) A arte afro-brasileira revela a permanência de traços estéticos africanos ressignificados no Brasil.
 - c) Artistas afro-brasileiros desenvolveram formas ocidentais de arte no Barroco, imprimindo características próprias.
 - d) A colonização do Brasil integrou o conhecimento e as tecnologias africanas de agropecuária e metalurgia.
7. O que são as artes africanas contemporâneas?
8. Como são as relações entre arte e espiritualidade na arte africana? Responda com base nos *maskisi* da cultura Congo.
9. O que é primitivismo e como ele se relacionou com a arte africana?
10. Qual é a relação entre os artistas afro-brasileiros com as cosmologias das religiões de matrizes africanas?

Exercícios propostos

1. **Enem 2021** No seio de diversos povos africanos, nomeadamente no antigo Reino do Congo, existem testemunhos gráficos de que a escrita tomava várias formas. Exemplo disso são as tampas de panela esculpidas em baixo-relevo do povo Woyo (região de Cabinda), com cenas e provérbios do cotidiano, desenhos na terra ou areia, imagens gravadas ou inscritas nos bastões de chefe ou em pedras sagradas, mas, sobretudo, movimentos do corpo humano inscritos num gestual familiar. Entre os Woyo existia o costume de os pais oferecerem aos filhos testos ou tampas de panelas entalhados, transmitindo uma espécie de recado, com signos codificados que traduziam orientações para conseguir uma boa relação conjugal, ter sensatez na escolha do cônjuge e estar alerta para as dificuldades do casamento.

RODRIGUES, M. R. A. M.; TAVARES, A. C. P. Singularidades museológicas de uma tábua com esculturas em diálogo: do alambamento ao casamento em Cabinda (Angola). *Anais do Museu Paulista*, n. 2, maio-ago. 2017 (adaptado).

Para o povo Woyo, os artefatos culturais mencionados no texto cumprem a função de uma

- a) pedagogia dos costumes sociais.
- b) imposição das formas de comunicação.
- c) desvalorização dos comportamentos da juventude.
- d) destituição dos valores do matrimônio.
- e) etnografia das celebrações religiosas.

2. **Enem 2020** A arte pré-histórica africana foi incontestavelmente um veículo de mensagens pedagógicas e sociais. Os San, que constituem hoje o povo mais próximo da realidade das representações rupestres, afirmam que seus antepassados lhes explicaram sua visão do mundo a partir desse gigantesco livro de imagens que são as galerias. A educação dos povos que desconhecem a escrita está baseada sobretudo na imagem e no som, no audiovisual.

KI-ZERBO, J. A arte pré-histórica africana. In: KI-ZERBO, J. (Org.) *História geral da África, I: metodologia e pré-história da África*. Brasília: Unesco, 2010.

De acordo com o texto, a arte mencionada é importante para os povos que a cultivam por colaborar para o(a)

- a) transmissão dos saberes acumulados.
- b) expansão da propriedade individual.
- c) ruptura da disciplina hierárquica.
- d) surgimento dos laços familiares.
- e) rejeição de práticas exógenas.

3. Enem 2021

Texto I



Reprodução

HAZOUMÉ, R. *Nanawax*. Plástico e tecido. Galerie Gagosian, 2009. Disponível em: actuar.org. Acesso em: 19 jun. 2019.

Texto II

As máscaras não foram feitas para serem usadas; elas se concentram apenas nas possibilidades antropomórficas dos recipientes plásticos descartados e, ao mesmo tempo, chamam a atenção para a quantidade de lixo que se acumula em quase todas as cidades ou aldeias africanas.

FARTHING, S. *Tudo sobre arte*. Rio de Janeiro: Sextante, 2011 (adaptado).

Romuald Hazoumé costuma dizer que sua obra apenas manda de volta ao oeste o refugo de uma sociedade de consumo cada vez mais invasiva. A obra desse artista africano que vive no Benin denota o(a)

- a) empobrecimento do valor artístico pela combinação de diferentes matérias-primas.
- b) reposicionamento estético de objetos por meio da mudança de função.
- c) convite aos espectadores para interagir e complementar obras inacabadas.
- d) militância com temas da ecologia que marcam o continente africano.
- e) realidade precária de suas condições de produção artística.

Texto complementar

Arte afro-brasileira (uma “pré”-história do conceito)

[...] a questão do surgimento de uma arte dita “negra” ou “afro-brasileira” pode ser avaliada desde que se estude a África, sua arte e sua história relacionada à exportação de artefatos que desenvolveram novos modelos influenciados em algum nível com sua própria base materna e seus subsídios miscigenados aos ibéricos e indígenas, grupo com os quais estes artefatos reformularam o *design*, a arte e a tecnologia do Brasil em construção. Por outro lado, essa realidade construtiva de um Brasil a ser desbravado foi iniciada pelo processo não artístico da exploração capitalista e da colonização de tipo extrativista, não cultural e devastadora na qual se retirava recursos sem sustentabilidade, transmissão tecnológica ou mesmo sem uma tentativa de criação de uma sociabilidade que abrisse espaço para manifestações artísticas-culturais, como ocorreria em qualquer sociedade organizada. Essa realidade começou a ser modificada, entretanto, com o crescimento econômico fornecido pela extração e o processamento da cana-de-açúcar no nordeste brasileiro. Pode-se dizer, por isso, que a “cultura do açúcar” ou a cultura criada no Brasil em torno dos canais em meados do séc. XVI, com aprofundamento no séc. XVII pavimentou o surgimento de uma arte popular afro-brasileira no Nordeste justificando, em partes, o conceito de “pré”-história da arte afro-brasileira, no sentido daquelas elaborações visuais produzidas por africanos e descendentes e que vieram antes do surgimento dos museus de arte no país.

[...] podemos destacar três momentos para uma possível “pré-história” da arte afro-brasileira: 1) momento inaugural: surgimento e desenvolvimento das formas populares de manifestações afro-brasileiras do período colonial; 2) momento intermediário: surgimento e desenvolvimento dos artefatos da Igreja do período barroco até o séc. XIX e XX. 3) momento atual: finalmente com o surgimento e desenvolvimento do conceito de “arte afro-brasileira” nos sécs. XX e XXI, seguindo os novos padrões acadêmicos ou os dos museus de arte moderna e contemporâneas.

Uma questão fundamental ainda persiste. O que é hoje chamado arte afro-brasileira não tem nada a ver com os maracatus, nem com o barroco, nem com a “pura” arte ritual; refere-se estritamente a objetos artísticos produzidos no circuito dos museus de arte. Sendo assim, a antiga terminologia que buscava a generalidade de um “museu de arte negra” teve de ser refeita na modernidade, abrindo espaço para além das esferas etnológicas da cultura material e imaterial africana no Brasil reconstruindo e “modernizando”, por assim dizer, os sentidos do ser afro-brasileiro e de sua arte. O contínuo desenvolvimento do conceito de “arte afro-brasileira” demonstrou ser por isso mesmo perpétuo. Enquanto a divisibilidade entre o “nós e eles” for o combustível que assegura postos e descarta concorrências, reforçada pelos melindres mercadológicos do mundo artístico e profissional, o “ser negro” dentro do que é “ser brasileiro” mal conseguirá sentir a força de sua própria identidade. Portanto, aquilo que for a nossa “pré-história” seja a da arte afro-brasileira, seja a da herança negra no Brasil, seja a da própria identidade negra de todos nós brasileiros elas conseguiram nos deixar algumas pistas nas quais poderemos nos guiar; todavia, para quaisquer lados que se olhe desse esforço, a única certeza que se têm é que essa história mesma ainda está para ser escrita.

ARTE afro-brasileira (uma “pré”-história do conceito). *Museu Afro-Brasil*.

Disponível em: www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/movimentosesteticos/arte-afro-brasileira. Acesso em: 16 ago. 2021.

Resumindo

A arte africana é um modo de compreender os objetos ligados às culturas materiais e imateriais de diversos povos africanos. Levados para salas de museus, esses objetos foram deslocados de seus contextos de origem. O significado dessas obras deve ser compreendido por meio da pesquisa, da observação e do conhecimento das muitas culturas africanas.

O colonialismo e o imperialismo fizeram circular no continente africano formas europeias de arte. Artistas africanos produzem obras de arte contemporânea, articulados em sistemas nacionais de artes, mas exprimindo características de seus povos e culturas.

O tráfico humano trouxe para o Brasil cosmologias e culturas africanas que se recriaram aqui com novas características e símbolos e podem ser encontradas em práticas e produções materiais.

A partir do século XX, vários artistas passaram a buscar uma arte negra diferente da arte sagrada das cosmologias afro-brasileiras, sem deixar de dialogar com elas. Para isso, apropriaram-se de símbolos sagrados que recriaram com intensa liberdade estética. Mais recentemente, várias mulheres artistas trouxeram a reflexão do predomínio branco e masculino nas artes brasileiras.

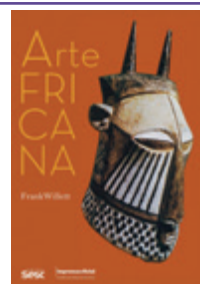
Quer saber mais?



Livro

Arte africana, de Frank Willet. São Paulo: Sesc; Imprensa Oficial, 2009.

Com uma linguagem acessível, o livro de Frank Willet é uma das mais reconhecidas introduções à produção artística do continente, abrangendo questões teóricas e históricas do estudo e a produção desde a pré-história até a contemporaneidade.



Reprodução

Exercícios complementares

1. **UEM-PR 2018** Acerca do tema “etnocentrismo”, assinale o que for correto.
- 01 O avanço da globalização diminuiu a manifestação do etnocentrismo no mundo.
 - 02 A xenofobia se configura como uma das consequências práticas do etnocentrismo no dia a dia.
 - 04 O etnocentrismo é uma expressão característica de culturas orientais, que tendem a desprezar as influências vindas do ocidente.
 - 08 A posição etnocêntrica toma a cultura a que se pertence como medida de julgamento e de análise do mundo.
 - 16 Muitos processos de genocídio e de extermínio de populações étnicas foram justificados, ao longo da história, como imposição e conquista de uma cultura supostamente mais forte sobre outra, mais débil e fraca.

Soma:

2. **UEG-GO** As nações imperialistas tiveram enormes lucros na expansão colonialista do século XIX, solucionando parcialmente suas crises de mercado e de superpopulação, e propiciando a intensificação de seu desenvolvimento. Nesse processo, acirraram-se as divergências e disputas entre as potências coloniais, estimulando o armamentismo e a formação de blocos de países rivais, o que resultou numa conjuntura propícia à confrontação em larga escala. Em relação ao imperialismo, assinale a alternativa CORRETA:
- a) A política imperialista era justificada com base na ideia de que os europeus levavam o progresso e, consequentemente, melhores condições de vida para onde se dirigiam. Nesse sentido, o ideal de expansão da fé cristã do século XVI foi substituído pela ideia de “missão civilizadora” do século XIX.
 - b) Para as regiões colonizadas, o imperialismo representou a sua desestruturação política e cultural e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento socioeconômico expressado na educação e industrialização.
 - c) A dominação imperialista era realizada de forma direta, com a ocupação dos principais cargos governamentais por agentes metropolitanos que deveriam respeitar as tradições locais. Dessa forma, verificaram-se avanços sociais nos países coloniais.
 - d) A unificação da Alemanha e da Itália favoreceu um relativo equilíbrio nas disputas imperiais, uma vez que alemães e italianos propunham a incorporação efetiva dos nativos das colônias como cidadãos plenos.
 - e) De forma semelhante ao colonialismo do século XVI, o imperialismo do século XIX tinha como meta a abertura de novos mercados consumidores através da difusão do trabalho assalariado e das práticas mercantilistas.

3. Uerj 2022

O zoológico humano de Tervuren, na Bélgica

Para a Exposição Internacional de Bruxelas, que ocorreu em 1897, o Rei Leopoldo II mandou construir o Palácio Colonial, atual Palácio da África, em Tervuren. As salas de exposição do Palácio abrigaram animais, objetos etnográficos e artísticos congolezes, além de produtos econômicos congolezes e europeus. Outras atrações também foram instaladas em Tervuren: um monotrilha, um hipódromo, um velódromo e um campo de esportes. Três aldeias cercadas foram criadas na cidade, duas Bangala e uma Mayombe. Um total de 267 homens, mulheres e crianças congolezes foram forçados a ocupar essas aldeias. Havia uma quarta aldeia, a vila de Gijzegem, em homenagem à localidade onde o abade Van Impe educou jovens congolezes. Esse abade queria mostrar e divulgar sua obra, provando que era possível educar os colonizados.



Algumas crianças da vila de Gijzegem, em Tervuren. Adaptado de africamuseum.be.

Na Exposição Internacional de Bruxelas, foram apresentados os resultados das ações imperialistas do governo belga na região do Congo, no decorrer da segunda metade do século XIX.

A partir da análise do texto e da fotografia, a concepção que orientou essas ações e um de seus efeitos para as populações congolezas da época estão indicados, respectivamente, em:

- a) globalismo – discriminação
- b) etnocentrismo – aculturação
- c) colaborativismo – racialização
- d) evolucionismo – miscigenação



FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

12

Indústria cultural e *pop art*

O que significa a expressão “indústria cultural”? Qual é o papel dos artistas nessa indústria? Que reflexões a *pop art* trouxe em relação a esse novo lugar da arte na sociedade? Essas e outras questões serão debatidas neste capítulo.

Indústria cultural

No campo da comunicação, ainda na primeira metade do século XX, o cinema, a fotografia, o rádio, a televisão e o jornal tornaram-se mídias de entretenimento e de divulgação propagandística em grande escala.

Após a Primeira Guerra Mundial, nos Estados Unidos, embora o país tenha atingido um crescimento econômico entre 1918 e 1920, este foi sucedido de uma severa recessão, culminando na quebra da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929. Em um período marcado pela desigualdade social, a indústria do entretenimento exerceu um papel fundamental em manter a população “sob controle”, criando um cenário de *american dream*, que existia apenas para uma faixa da população.

Nos territórios com graves crises econômicas decorrentes da guerra, como a ainda recente União Soviética, a Alemanha e a Itália, instauraram-se regimes totalitários, de múltiplas vertentes políticas, que também se utilizaram das mídias para propagar suas ideias e obter apoio popular.

Diante desse contexto, os artistas passaram a integrar-se de modo mais consolidado no circuito comercial e profissional, seja na indústria cinematográfica e fonográfica, seja no *design*, nas artes gráficas (como história em quadrinhos), na publicidade etc., tornando-se de certa forma produtores não mais de obras únicas, mas de produtos que seriam reproduzidos o maior número de vezes possível, a fim de gerar mais lucro ou obter maior alcance popular.

Enquanto muito do que era produzido estava a favor da manutenção do *status quo* social, como a maior parte dos filmes hollywoodianos, ou do engajamento social desejado pelos governantes, como é o caso de filmes propagandísticos realizados em regimes totalitários, artistas notáveis aproveitavam a expansão cultural promovida por tal industrialização para propor denúncias e reflexões críticas sobre o que viviam.

Theodor Adorno, Max Horkheimer e Walter Benjamin, filósofos da Escola de Frankfurt, são os principais nomes que nos ajudam a entender esse processo cultural e suas consequências na Arte e na sociedade. Segundo Adorno e Horkheimer, o consumo de tais produções, em vez de promoverem uma reflexão crítica, empobreciam a experiência estética. Os autores afirmam em “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”, texto de *Dialética do esclarecimento*, originalmente publicado em 1944:

O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 130.

Já Benjamin, ao final de suas considerações, acreditava que os recursos técnicos, a capacidade de reprodução e distribuição das obras possibilitariam a democratização da

arte, e uma vez que eram produzidos dentro da lógica da reproduzibilidade, ganhavam novas funções políticas na sociedade.

! Atenção

A expressão “indústria cultural” foi desenvolvida por Adorno e Horkheimer no período em que a Alemanha vivenciava o nazismo. Nos Estados Unidos, o termo é aplicado mais em relação ao entretenimento, e é utilizado até os dias de hoje.

Música

A possibilidade de gravação e distribuição de áudios alterou o conceito de fruição musical que se tinha até então. Se antes estar em uma ópera ou em um concerto era uma experiência única, em um tempo e em um local específicos e predeterminados, agora a experiência se ampliava. Uma mesma música gravada em estúdio poderia ser levada a qualquer lugar do mundo e reproduzida diversas vezes no rádio, em gramofones e em aparelhos eletrônicos e digitais, como conhecemos hoje. Assim, a popularidade, o sucesso comercial e o retorno financeiro passaram a fazer parte da vida dos músicos, que agora eram uma parte da indústria fonográfica.

Seguindo a lógica do capitalismo, as músicas tornavam-se produtos padronizados, capazes de agradar e, também, de serem consumidas pelo maior público possível, gerando lucros inéditos para o setor.

Com essa nova estrutura, novos estilos e formas musicais surgiram, em grande parte nos Estados Unidos; eram elas o *jazz*, o *country* e o *blues*, que posteriormente dariam origem ao *rock 'n' roll*.



O trompetista Louis Armstrong (o quarto da esquerda para a direita), com seu grupo de jazz Hot Five, em fotografia de 1926.

Cinema

O surgimento de Hollywood



O letreiro de Hollywood, ponto turístico localizado no pico Mount Lee, na cadeia de montanhas de Santa Monica, Califórnia (EUA). Hollywood, um distrito de Los Angeles, tornou-se a maior indústria cinematográfica dos Estados Unidos.

A produção cinematográfica teve início na França, com os irmãos Auguste (1862-1954) e Louis Lumière (1864-1948), que projetaram fotos sequenciais por meio de um cinematógrafo. A primeira exibição foi em 1895. O cinema se desenvolveu em vários países, como Itália e Alemanha. Em 1896, o francês Georges Méliès (1861-1938) também entrou no ramo do cinema, preferindo filmar cenas fantasiosas e repletas de ilusões de óptica, como *Viagem à Lua* (1902), considerado o primeiro filme de ficção científica da história. Nesse momento, ainda não havia um equipamento capaz de captar e reproduzir o som e a imagem simultaneamente; por isso, os filmes eram mudos, com letreiros explicativos, e eventualmente acompanhados por orquestras.



A cena mais famosa de *Viagem à Lua*, filme dirigido por Georges Méliès, em 1902.

Em 1910, D. W. Griffith (David Llewelyn Wark Griffith, 1875-1948), então com uma carreira consolidada com mais de cem títulos, fez o primeiro filme em Hollywood, um curta-metragem mudo intitulado *In Old California* (1910), com duração de 17 minutos. O curta, de gênero drama e faroeste, conta a história de um jovem espanhol que vai ao Novo Mundo em busca de aventura e se apaixona por uma jovem que está interessada em outro rapaz – que, por sua vez, aparenta ser

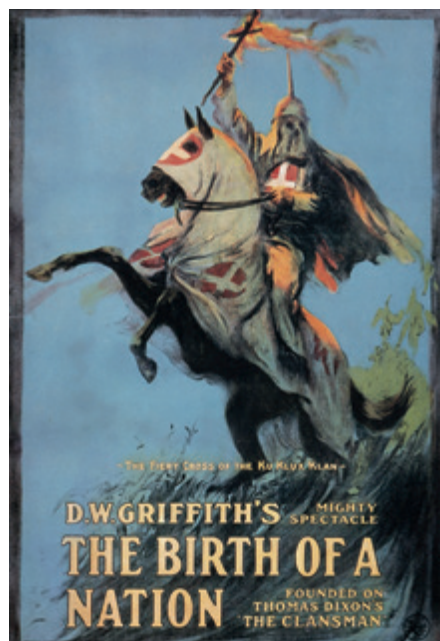
alguém diferente do que realmente é... O pano de fundo da narrativa é a Califórnia, ainda colônia espanhola, no século XIX, antes da Guerra Mexicano-Americana (1846-1848).



Cena do curta *In Old California* (1910), de D. W. Griffith.

Após a Primeira Guerra Mundial, com a Europa devastada, os Estados Unidos passam a se destacar nessa linguagem, cuja produção concentrou-se em Hollywood, um distrito de Los Angeles, Califórnia, que se tornou um ícone da indústria do entretenimento, com poderosas empresas cinematográficas instaladas na cidade.

Em 1915, D. W. Griffith fez *O nascimento de uma nação*, sobre a Guerra Civil Americana, pelo qual foi acusado de disseminar estereótipos raciais e valorizar a Ku Klux Klan, o que levou o filme a ser banido em diversas cidades. Em 1916, dirigiu *Intolerância*, com duração de três horas e meia, com quatro histórias de redenção emaranhadas, na qual muitos críticos consideram ser uma resposta às críticas sofridas em seu filme anterior.



Cartaz do filme *O nascimento de uma nação*, 1915, de D. W. Griffith.

O cinema dessa época estava no cerne da formação identitária estadunidense, influenciando e também refletindo em muitos casos um pensamento conservador e estereotipado.

Em 1930, Hollywood já produzia 600 filmes por ano e era chamada de “fábrica dos sonhos”. Nesses filmes trabalhavam não apenas estadunidenses, mas imigrantes, que muitas vezes nem sequer falavam inglês. No entanto, com exceção da indústria do cinema, entre o final de 1920 até o fim da Segunda Guerra Mundial (1945), o país viveu uma grave recessão econômica, com altas taxas de desemprego e miséria.

Nesse cenário, o inglês Charlie Chaplin (1889-1977) trabalhou como ator, diretor, roteirista e musicista, em filmes mudos e falados, geralmente comédias românticas ou farsas domésticas, como *O imigrante* (1917), *Luzes da cidade* (1931), *Tempos modernos* (1936), *O grande ditador* (1940), entre muitos outros, no qual pôde expressar humor e drama por meio da pantomima e da mímica. Um de seus personagens mais famosos é o *The little tramp* (em português, Carlitos, ou Vagabundo), um sujeito extremamente pobre, porém de traços nobres e gentis, além de atrapalhado.



United Artists/Kobal/Shutterstock

Cena do filme *O grande ditador*, o primeiro filme falado de Chaplin, que satiriza ditadores como Adolf Hitler e Benito Mussolini.

Adorno e Horkheimer, em “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”, parte da obra *Dialética do esclarecimento* (1944), avaliaram que o cinema estadunidense teve um papel fundamental em desviar o olhar da população para o que acontecia nos anos 1930.

Cinema, publicidade e política na União Soviética e na Alemanha

Sergei Eisenstein (1898-1948) participou da Revolução Russa, de 1917, e foi um dos mais importantes cineastas e **filmólogos** soviéticos das vanguardas russas, com filmes clássicos como *A greve* (1924) e *O Encouraçado Potemkin* (1925), um marco na montagem cinematográfica.

filmólogo: estudioso da influência dos filmes na população e sua relação com a sociedade em geral.

Estabelecendo relações

Em História, vemos que a Revolução Russa de 1917 foi uma das grandes manifestações dos operários e camponeses, que clamavam pelo fim do regime czarista e início de um governo mais democrático, com o fim, por exemplo, do sistema de servidão agrária. Essa revolução foi um marco para o início de um Estado socialista. Em 1922, Vladimir Lenin, liderando os bolcheviques, derrubou o governo provisório que havia se instalado desde a queda do czar.

Atenção

As vanguardas russas, assim como as vanguardas europeias, propuseram novas estéticas e novas formas de vivenciar as artes, dentro de um contexto de descontentamento com os modelos sociais e políticos impostos e guiados por ideais revolucionários.



Goskino/Kobal/Shutterstock

Cena de *O Encouraçado Potemkin*, de 1925. Baseado em um evento histórico, o filme conta sobre uma rebelião no navio de guerra Potemkin, depois de os marujos serem servidos com carne podre.

A Revolução Russa (ou Revolução Bolchevique) abriu espaço para que os bolcheviques, liderados por Vladimir Lenin, dessem início à União Soviética (1922-1991). Lenin governou de 1922 a 1924, e, após sua morte, Josef Stalin (1878-1953) assumiu o poder, tornando-se um ditador de fato na década de 1930.

Como Eisenstein enfrentava problemas com o governo stalinista, que impunha limitações temáticas e estéticas aos artistas da época, aceitou o convite para dirigir filmes na MGM, em Hollywood, mas não obteve sucesso. Retornando a seu país, foi contratado pelo governo para dirigir o filme

Alexander Nevsky, em 1938. O filme conta a história do príncipe que liderou o exército russo contra os cavaleiros teutônicos (medievo alemão). O propósito de Stalin com esse filme era realizar uma campanha antigermânica, quando Hitler organizava exércitos para tomar o leste europeu.

Os cartazes e as fotografias dos construtivistas russos Aleksander Rodchenko (1891-1956) e Valentina Kulagina (1902-1987), assim como os filmes de Eisenstein, se relacionavam com as transformações pelas quais o país passava, e serviam como meio para comunicar ideais revolucionários. Ambos os artistas produziram inúmeras capas de revistas, livros, divulgação de filmes, entre outros, que influenciaram o *Design Gráfico* até hoje.

Valentina Kulagina utilizava fotomontagens, desenho, litografia e tipografia em seus trabalhos, que, em geral, eram encomendados pela agência de publicidade do Estado, a pedido de Stalin.



Cartaz sobre o Dia Internacional da Mulher Trabalhadora, de autoria de Valentina Kulagina.

Na Alemanha, a controversa cineasta Leni Riefenstahl (1902-2003), em 1932, dirigiu *A luz azul* e atuou nesse filme de perspectiva sensível e avançada para a época em relação ao papel da mulher na sociedade, além de abordar o tema da morte, de modo simbólico e onírico, como um escape para um ambiente opressor. Nesse filme, a artista já demonstrava a força de sua fotografia, carregada de sentidos dúbios e metafóricos.



Cena de *A luz azul*, dirigido e estrelado por Leni Riefenstahl, 1932.

Depois do sucesso de *A luz azul*, Riefenstahl foi chamada pelo partido nazista para produzir curtas, longas-metragens e documentários com finalidade propagandística, a serviço do partido. Uma de suas obras mais conhecidas dessa fase é *O triunfo da vontade*, lançado em 1935, que mostra o 6º Congresso do Partido Nacional-Socialista, realizado em Nuremberg. As técnicas criadas por Riefenstahl, como enquadramentos, ângulos, movimentação de grupos de pessoas, influenciaram a produção de documentários, propagandas políticas e filmes posteriores. Após o final da Segunda Guerra Mundial, Riefenstahl foi detida e permaneceu na prisão durante quatro anos. Ao ser absolvida, tentou retornar para o cinema, mas foi rechaçada por ter contribuído para a difusão do nazismo. A artista então se voltou para a fotografia, publicando livros sobre a tribo Nuba, do Sudão, e, por fim, passou a produzir fotos e vídeos subaquáticos.

Pop art

Se a indústria cultural permitiu que a arte fosse inserida de vez nos circuitos comerciais como um produto, o movimento artístico da *pop art* se valeu disso para ironizar tal estrutura, entre os anos 1950 e 1960. Dando continuidade ao caminho aberto por Duchamp, os artistas da *pop art* discutiram forma, conteúdo e processo artístico, transformando tudo em linguagem artística.

A *pop art* teve sua origem na Inglaterra; o artista britânico Richard Hamilton (1922-2011) produziu a colagem *Just what is it that makes today's homes so different, so appealing?* (*O que torna os lares de hoje tão diferentes, tão atraentes?*, 1965), considerada um dos primeiros trabalhos desse movimento.



HAMILTON, Richard. *O que torna os lares de hoje tão diferentes, tão atraentes?*, 1965. Colagem sobre papel, 26 cm × 125 cm. Museu de Arte de Tubinga, Alemanha.

Embora tenha surgido na Inglaterra, o movimento foi de fato difundido nos Estados Unidos por artistas como Andy Warhol (1928-1987), Roy Lichtenstein (1923-1997), Claes Oldenburg (1929-2022), Tom Wesselman (1931-2004), Jasper Johns (1930-), entre outros.

Andy Warhol explorou a ideia de excesso de produtos e imagens no mundo, que geram uma quantidade inesgotável de lixo, tornando-se matéria-prima para a produção de suas obras.

Entre diversos outros trabalhos conhecidos, Warhol coletou de 1950 a 1987 cartões, *flyers*, fotografias, pedaços de jornal etc., o que resultou em 610 “cápsulas” (caixas de papelão nas quais armazenou seus objetos), formando um verdadeiro acervo de memórias. Warhol percebeu que a ideia do acúmulo e do consumo não era uma exclusividade de objetos físicos, mas também de imagens consumidas pelo público por meio da mídia e da publicidade em geral. Aliás, um dos temas abordados com recorrência em seus trabalhos foi a utilização de imagens relacionadas a celebridades e pessoas públicas, como Marilyn Monroe, Jackie Kennedy, Elvis Presley e até mesmo Che Guevara. O artista também tratou do tema da violência, presente na casa das pessoas por meio de filmes, telejornais e outros programas.

© 2020 - The Andy Warhol Foundation for the Visual Arts, Inc. / Licensed by AUTVIS, Brasil. Foto: Oronoz/Album/Fotorena.



WARHOL, Andy. *Nine Jackies*, 1964. Quando John F. Kennedy foi assassinado, em 22 de novembro de 1963, a televisão e o rádio exploraram exaustivamente o assunto. Nesse trabalho, Warhol chama a atenção para o modo como as mídias dirigem o olhar da população para determinados temas.



© Estate of Roy Lichtenstein / AUTVIS, Brasil, 2020

LICHTENSTEIN, Roy. *M-Maybe*, 1965. Óleo sobre tela, 152,4 cm x 152,4 cm.

Roy Lichtenstein, ilustrador, cineasta e artista gráfico, inspirou-se na estética das HQs e de imagens publicitárias, de textos clichês e de peças de divulgação para produzir suas obras, que, em geral, tinham cores fortes e vibrantes e utilizavam diversas técnicas, como tinta a óleo e acrílica imitando serigrafia e recursos gráficos. Para simular os pontos reticulados das HQs, por exemplo, Lichtenstein criou uma técnica de pontilhismo – os pontos *ben-day* –, que imitavam perfeitamente o material industrial. Desse modo, o artista propôs uma reflexão sobre a linguagem artística e sua reproduzibilidade e função.

Revisando

1. O que significa a expressão “indústria cultural”?
2. Todos os filósofos da Escola de Frankfurt tinham a mesma opinião sobre a indústria cultural?
3. Como o cinema se relaciona com o *american dream*?
4. Em relação à música, com o surgimento da indústria fonográfica, houve mudanças na experiência dos artistas e do público?
5. Cite alguns gêneros musicais que surgiram nos Estados Unidos entre os anos 1920 e 1930.
6. Quem foi D. W. Griffith?
7. Cite um dos principais filmes de Sergei Eisenstein.
8. Por que Leni Riefenstahl é considerada uma figura controversa?
9. **Unioeste-PR 2017** O ensaio “Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”, de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, publicado originalmente em 1947, é considerado um dos textos essenciais do século XX que explicam o fenômeno da cultura de massa e da indústria do entretenimento. É uma das várias contribuições para o pensamento contemporâneo do Instituto de Pesquisa Social fundado na década de 1920, em Frankfurt, na Alemanha. Um ponto decisivo para a compreensão do conceito de “Indústria Cultural” é a questão da autonomia do artista em relação ao mercado. Assim, sobre o conceito de “Indústria Cultural” é CORRETO afirmar.
 - a) A arte não se confunde com mercadoria, e não necessita da mídia e nem de campanhas publicitárias para ser divulgada para o público.
 - b) Não há uniformização artística, pois, toda cultura de massa se caracteriza por criações complexas e diversidade cultural.

- c) A cultura é independente em relação aos mecanismos de reprodução material da sociedade.
- d) A obra de arte se identifica com a lógica de reprodução cultural e econômica da sociedade.
- e) Um pressuposto básico é que a arte nunca se transforma em artigo de consumo.

10. **UEM-PR 2018** Em relação à *pop art*, assinale o que for **correto**.

- 01 Surgiu no início dos anos 50 do século XX na Inglaterra; era a arte produzida para o consumo em massa.
- 02 Richard Hamilton e Andy Warhol estavam entre seus artistas mais expressivos.
- 04 Tinha, como principais fontes de inspiração, símbolos da cultura erudita, a exemplo de temas da vida aristocrática, sobretudo os ligados aos meios de transporte e à sociedade civil.
- 08 Utilizava variadas técnicas, tais como fotografia, serigrafia, colagem, pintura, escultura dentre outras, a fim de obter seus resultados.
- 16 A colagem é uma técnica que consiste na junção de materiais diversos, de textura diferente ou não, lado a lado ou uns sobre os outros, em uma superfície plana, formando uma nova imagem ou motivo.

Soma:

Exercícios propostos

1. **UEM-PR** O cinema nasceu mudo, porém a música sempre esteve presente durante exibição dos filmes. A participação de um músico, ou de mais de um, era fundamental nas projeções; em certos casos existiam orquestras contratadas para acompanhar o filme. A propósito, assinale o que for **correto**:

- 01 Charles Chaplin foi um dos primeiros e dos mais conhecidos diretores a compor música para seus filmes.
- 02 Com a criação do filme sonoro, ou seja, do cinema falado, muitos atores e atrizes perderam o emprego, pois somente dominavam a arte de se expressar por meio do corpo. Muitos não falavam nem a língua do país em que trabalhavam.
- 04 A tradição brasileira na produção de novelas deve-se à inspiração no cinema mudo.
- 08 Na televisão, o tratamento sonoro seguiu as ideias do cinema, porém dificilmente são produzidas trilhas sonoras com o mesmo cuidado. A velocidade com que a televisão precisa produzir imagem para o consumo do público é um dos fatores que impossibilita a criação de trilhas com o mesmo cuidado artístico do cinema.
- 16 O videoclipe é uma manifestação artística que surgiu simultaneamente ao cinema mudo, e é uma importante forma de união de imagens e sons.

Soma:

2. **ESPM-SP** Com o final da I Guerra Mundial a derrota do império alemão e a abdicação do kaiser Guilherme II, foi proclamada a República na Alemanha. Em 1919 foi promulgada a Constituição da República de Weimar.

A vida intelectual da República de Weimar foi de uma riqueza excepcional.

(Claude Klein. *Weimar*)

As alternativas a seguir elencam algumas das manifestações culturais que floresceram sob a República de Weimar, uma verdadeira vanguarda. Assinale a alternativa que apresente uma manifestação cultural produzida fora do período de vigência da chamada República de Weimar:

- a) nascimento do Expressionismo alemão com o filme “O Gabinete do Doutor Caligari”;
- b) filmagem de “Metrópolis”, de Fritz Lang;
- c) nascimento da arquitetura moderna com o movimento Bauhaus;
- d) florescimento do teatro político em que sobressaiu, entre seus autores, Bertolt Brecht;
- e) filmagem de “O Triunfo da Vontade”, de Leni Riefenstahl.

3. **UEPG-PR 2020** Charles Spencer Chaplin, (1889-1977), mais conhecido como Charlie Chaplin, foi ator, diretor, bailarino, músico, roteirista, e teve como uma das suas principais marcas artísticas a expressividade gestual presente principalmente na sua linguagem corporal e cênica. Com relação à história do Teatro e suas relações com os elementos das ações Dramáticas, assinale o que for correto.

- 01 Charlie Chaplin é um dos representantes do cinema mudo, o personagem Carlitos, reconhecido principalmente por seus gestos e expressões fisionômicas, tornou-se um dos principais personagens criados por Chaplin.
- 02 O mímico é um ator que usa mímica como forma de expressão no teatro.
- 04 O improviso é uma ferramenta técnica teatral oportuna para a preparação do ator, construção dos personagens, elaboração de texto e criação de cenas.
- 08 A mímica é uma forma de expressão baseada em gestos, movimentos corporais e fisionômicos com objetivo de representar ideias e pensamentos sem a utilização da fala.

Soma:

Texto complementar

A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica

[...]

Ritual e política

A unicidade da obra de arte é idêntica à sua inserção no contexto da tradição. Sem dúvida, essa tradição é algo de vivo, de extraordinariamente variável. Uma antiga estátua de Vênus, por exemplo, estava inscrita numa certa tradição entre os gregos, que faziam dela um objeto de culto, e em outra tradição na Idade Média, quando os doutores da Igreja viam nela um ídolo malfazejo. O que era comum às duas tradições, contudo, era a unicidade da obra ou, em outras palavras, sua aura. A forma mais primitiva de sua inserção da obra de arte no contexto da tradição se exprimia no culto. As mais antigas obras de arte, como sabemos, surgiram a serviço de um ritual, inicialmente mágico, e depois religioso. O que é de importância decisiva é que esse modo de ser aurático da obra de arte nunca se destaca completamente de sua função ritual. Em outras palavras: o valor único da obra de arte “autêntica” tem sempre um fundamento teológico, por mais remoto que seja: ele pode ser reconhecido, como ritual secularizado, mesmo nas formas mais profanas do culto do Belo. Essas formas profanas do culto do Belo, surgidas na Renascença e vigentes durante três séculos, deixaram manifesto esse fundamento quando sofreram seu primeiro abalo grave. Com efeito, quando o advento da primeira técnica de reprodução verdadeiramente revolucionária – a fotografia, contemporânea do início do socialismo – levou a arte a pressentir a proximidade de uma crise, que só fez aprofundar-se nos cem anos seguintes, ela reagiu ao perigo iminente com a doutrina da arte pela arte, que é no fundo uma teologia da arte. Dela resultou a teologia negativa da arte, sob a forma de uma arte pura, que não rejeita apenas toda função social, mas também qualquer determinação objetiva. (Na literatura, foi Mallarmé o primeiro a alcançar esse estágio.) É indispensável levar em conta essas relações em um estudo que se propõe estudar a arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Porque elas preparam o caminho para a descoberta decisiva: com a reprodutibilidade técnica, a obra de arte se emancipa, pela primeira vez na história, de sua existência parasitária, destacando-se do ritual: a obra de arte reproduzida é cada vez mais a reprodução de uma obra de arte criada para ser reproduzida. A chapa fotográfica, por exemplo, permite uma grande variedade de cópias; a questão da autenticidade das cópias não tem nenhum sentido. Mas, no momento em que o critério da autenticidade deixa de aplicar-se à produção artística, toda a função social da arte se transforma. Em vez de fundar-se no ritual, ela passa a fundar-se em outra práxis: a política.

Nas obras cinematográficas, a reprodutibilidade técnica do produto não é, como no caso da literatura ou da pintura, uma condição externa para sua difusão maciça. A reprodutibilidade técnica do filme tem seu fundamento imediato na técnica de sua produção. Esta não apenas permite, da forma mais imediata, a difusão em massa da obra cinematográfica, como a torna obrigatória. A difusão se torna obrigatória, porque a produção de um filme é tão cara que um consumidor, que poderia, por exemplo, pagar um quadro, não pode mais pagar um filme. O filme é uma criação da coletividade. [...]

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de suas técnicas de reprodução.
In: *Os pensadores*. Tradução de José Lino Grünnewald et al. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

Resumindo

“Indústria cultural” é uma expressão criada por Theodor Adorno e Max Horkheimer para se referir às transformações vivenciadas no começo do século XX, quando as produções artísticas passam a ser incorporadas pela indústria e comercializadas como produtos, alterando a noção de obra artística única. Walter Benjamin considerou que esse processo, embora reduzisse a experiência artística por um lado, por outro, abria espaço para um papel político da arte.

Nos anos 1920 e 1930, o cinema, assim como o rádio, a TV, as revistas e os jornais, recebeu um grande incentivo dos governos para propagar seus ideais, seja como esvaziamento político, como é o caso dos filmes hollywoodianos, seja como proposta de engajamento, como se deu na Alemanha nazista e na União Soviética.

Nos anos 1950 e 1960, artistas da *pop art*, como Andy Warhol e Roy Lichtenstein, discutiram novamente o papel da produção artística, do artista e da reprodutibilidade, a partir dos produtos prontos e dos excessos da sociedade de consumo em que viviam.

Quer saber mais?



Documentário

Andy Warhol: The Complete Picture. Direção: Chris Rodley. 2001. Classificação indicativa: 14 anos.

O documentário, dirigido por Chris Rodley, aborda o trabalho de um dos artistas mais enigmáticos do século XX. Com mais de 60 entrevistas, entre filósofos, celebridades, familiares e colaboradores, essa obra mostra em profundidade quem foi Andy Warhol e o que ele buscava em sua produção artística.

Exercícios complementares

1. Unicamp-SP



© 2020 - The Andy Warhol Foundation for the Visual Arts, Inc., Licensed by AUTVIS, Brasil

(Andy Warhol. Che Guevara, 1968.)

(Em: http://www.mosesschwartz.com/images/che_original.jpg)

A imagem apresentada, obra de Andy Warhol, pertence a uma série que faz referência a outros ícones do século XX. Sobre o artista e a obra é correto afirmar que:

- a) Che Guevara, Pelé e Marilyn Monroe são referências em suas áreas de atuação e foram retratados por Warhol porque o artista queria que os jovens os imitassem.
- b) O artista denunciava as ações do regime cubano, por meio da imagem de Che Guevara, ao mesmo tempo em que criticava o predomínio cultural americano, ao fazer trabalho semelhante com Marilyn Monroe.
- c) A *Pop Art*, na qual se insere Andy Warhol, é um movimento de valorização da cultura midiática, daí sua predileção por representantes de esquerda e de minorias, como mulheres e negros.
- d) A proliferação de imagens produzidas pela publicidade, cinema, TV e jornais estimulou uma pintura que trouxe para a tela, com a *Pop Art*, referências conhecidas.

2. UEM-PR 2018 Sobre o cinema, assinale o que for **correto**.

- 01 Foi criado pelos irmãos Louis e Auguste Lumière no fim do século XIX.
- 02 As trilhas sonoras foram desenvolvidas a partir do final da segunda década do século XX.
- 04 Quando surgiu, o cinema não possuía som, e eram contratados músicos para acompanhar os filmes.
- 08 Charles Chaplin compôs músicas para seus filmes.
- 16 “Fantasia”, de Walt Disney, foi o primeiro filme mudo da história.

Soma:

3. UPE Observe a imagem a seguir:



(Disponível em: <http://metropolis1927.com/>)

Ela retrata uma das mais destacadas produções do expressionismo alemão nas primeiras décadas do século XX. Sobre esse movimento artístico, **NÃO** é correto afirmar que

- a) ele foi um movimento de vanguarda surgido na primeira década do século XX.
- b) teve como principal influência o movimento operário, tomando como base o cinema soviético de David W. Griffith.
- c) se manifestou basicamente na pintura, na literatura e no teatro.
- d) no cinema, suas principais preocupações foram o indivíduo, suas inquietações pessoais e o drama de uma sociedade devastada pela guerra.
- e) suas mais destacadas produções no cinema foram *Gabinete do Dr. Caligari*, *Nosferatu* e *Metrópolis*.

BNCC em foco

EM13LGG202, EM13LGG601 e EM13LGG602

1. A *pop art* carrega em si muitos paradoxos. A capa do álbum *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, dos Beatles, exibida ao lado, é um exemplo disso. Explique tais paradoxos, de acordo com seus conhecimentos.

EM13LGG202, EM13LGG601 e EM13LGG602

2. Andy Warhol, um dos ícones da *pop art*, criou diversas obras explorando imagens de celebridades e de figuras que transitavam no mundo televisivo, como as personagens da Disney. Com base nessa informação, estabeleça uma relação entre os conceitos de indústria cultural e *pop art*.



Reprodução

Instalações do Memorial da Resistência, museu montado no prédio onde funcionava o Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops), no bairro da Luz, em São Paulo. Pessoas críticas ao governo sofreram torturas nesse local, durante o período da ditadura civil-militar no Brasil, de 1964 a 1985.

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

13

Modernismo, contracultura e festivais no Brasil e na América Latina

Como as artes reagiram às grandes transformações que se desenrolaram no início do século XX, como a chegada de novas tecnologias, as mudanças de comportamento e as novas ideias? Qual foi o impacto da ascensão da ditadura civil-militar no Brasil para as artes? Que estratégias os artistas brasileiros utilizaram para driblar a censura? Essas são algumas das questões que serão tratadas neste capítulo.

Um Brasil moderno

No início do século XX, o Brasil passou por grandes transformações. As cidades cresceram, o país se industrializou, e o cotidiano das pessoas passou a incorporar novos modos de vida. Pela primeira vez, as mulheres passaram a usar cabelos curtos e roupas leves, que permitiam maior liberdade de movimento. Acompanhando esse cenário de mudanças, as artes brasileiras também apresentaram grandes novidades. Firmou-se uma arte que visava dialogar com as mais modernas tendências que se viam na Europa, ao mesmo tempo que se voltava para as questões internas do país, na busca de uma arte genuinamente brasileira.

Os artistas que iniciaram esse movimento foram conhecidos como modernistas, e algumas de suas ideias tiveram influência profunda nos mais diversos campos da arte brasileira ao longo do século XX. Retornando da Europa, onde muitos foram estudar, esses artistas pretendiam renovar a arte brasileira, rejeitando a estética naturalista vigente, que ainda era muito apreciada pelas elites locais.

As próprias cidades brasileiras apresentaram mudanças significativas no início do século XX. A então capital, Rio de Janeiro, foi reformulada, teve suas ruas ampliadas e assistiu à construção de novas praças. Datam dessa época alguns dos prédios mais importantes da cidade, que podem ser visitados até hoje, como o Theatro Municipal, o Museu Nacional de Belas Artes e a Biblioteca Nacional. A arquitetura modernista brasileira é um dos mais importantes movimentos de arquitetura do país e o primeiro a ganhar fama internacional. Fazem parte desse movimento arquitetos como Lúcio Costa (1902-1998), Oscar Niemeyer (1907-2012), Burle Marx (1909-1994) e Lina Bo Bardi (1914-1992), esta última mais conhecida por ter projetado o Museu de Arte de São Paulo (Masp).



Palácio Capanema, no Rio de Janeiro, exemplo de arquitetura modernista. O prédio foi projetado por Lúcio Costa, Carlos Leão, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Ernani Vasconcellos e Jorge Machado Moreira. O jardim-terraço é de Burle Marx.

Em 1911 foi inaugurado, em São Paulo, o Theatro Municipal, projeto de Ramos de Azevedo, que até hoje se mantém como um centro cultural. Em 1922, o teatro recebeu a Semana de Arte Moderna de São Paulo, considerado o evento mais marcante do Modernismo no Brasil.

A Semana de 22

A Semana de Arte Moderna, historicamente conhecida como Semana de 22, foi um marco de renovação na arte brasileira. Ocorreu entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922, no Theatro Municipal de São Paulo, com apresentações de pintura, escultura, poesia, literatura e música.

Muitos artistas que participaram do evento tiveram marcante influência no Modernismo brasileiro, como Anita Malfatti (1889-1964), Di Cavalcanti (1897-1976), Victor Brecheret (1894-1955), Vicente do Rego Monteiro (1889-1970), Mário de Andrade (1893-1945), Oswald de Andrade (1890-1954), Plínio Salgado (1895-1975), Menotti Del Picchia (1892-1988), Guilherme de Almeida (1890-1969), Sérgio Milliet (1898-1966), Heitor Villa-Lobos (1887-1959) e Tácioto de Almeida (1889-1940).

Os modernistas rejeitaram o conservadorismo da época, ainda que seus membros fossem oriundos da elite do país. Cosmopolitas, defendiam integrar o Brasil às vanguardas europeias sem, no entanto, recusar o caráter nacional das produções artísticas. A busca por uma arte genuinamente nacional deveria se dar pela absorção das mais diversas influências, que seriam transformadas, resultando em uma arte nacional integrada às vanguardas da época.

Saiba mais

Entre dezembro de 1917 e janeiro de 1918 ocorreu a primeira exposição de arte moderna de uma artista brasileira, a “Exposição de Pintura Moderna – Anita Malfatti”, em São Paulo. As obras, com seus tons vibrantes e liberdade de composição, causaram impacto no público, acostumados aos padrões clássicos de beleza. Alguns artistas conservadores criticaram a exposição. A crítica mais contundente foi a do escritor Monteiro Lobato, que chegou a comparar a arte de Anita Malfatti com a realizada nos manicômios.

A única diferença reside em que nos manicômios esta arte é sincera, produto ilógico de cérebros transtornados pelas mais estranhas psicoses; e fora deles, nas exposições públicas, zabumbadas pela imprensa e absorvidas por americanos malucos, não há sinceridade nenhuma, nem nenhuma lógica, sendo mistificação pura. [...] Estas considerações são provocadas pela exposição da Sra. Malfatti, onde se notam acentuadíssimas tendências para uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso e companhia.

A PROPÓSITO da exposição Malfatti, Monteiro Lobato. *Estadão*, 20 dez. 2017. Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,a-proposito-da-exposicao-malfatti-monteiro-lobato,13042,0.htm>. Acesso em: 18 ago. 2021.

Por outro lado, a pintora foi defendida por Mário de Andrade (1893-1945) e por Oswald de Andrade (1890-1954), que viriam a organizar a Semana de 22.



MALFATTI, Anita. *O homem amarelo*, 1915-1916. Óleo sobre tela, 61 cm x 51 cm.. Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Na obra, é possível notar influências do Expressionismo.

A antropofagia: digerindo o estrangeiro

Tarsila do Amaral (1886-1973) foi uma das notáveis artistas do Modernismo brasileiro, ainda que não tenha participado da Semana de Arte Moderna de 1922. Uma de suas obras mais conhecidas é o quadro *Abaporu*, pintado em 1928. O quadro foi oferecido como presente de aniversário para seu então marido, o poeta modernista Oswald de Andrade.



AMARAL, Tarsila do. *Abaporu*, 1928. Óleo sobre tela, 85 cm x 72 cm.. Acervo do Museu de Arte Latino-Americano, de Buenos Aires. *Abaporu* é a mais famosa pintura do Modernismo brasileiro.

O nome *Abaporu* significa “gente que come gente” em tupi, remetendo ao canibalismo, ou antropofagia, de alguns povos nativos do Brasil. Nascia então o movimento antropofágico, que tinha como objetivo absorver, digerir as influências culturais estrangeiras, incorporando-as para gerar uma nova cultura brasileira, que fosse ao mesmo tempo genuinamente nacional e moderna.

! Atenção

O movimento antropofágico, ou antropofagia, é uma característica do Modernismo brasileiro, não um movimento separado.

O foco do quadro é a figura humana, com pés e mãos desproporcionalmente grandes e cabeça pequena, sentado ao lado de um cacto e um sol amarelo. Enquanto a cabeça pequena simboliza a falta de pensamento, os pés e mãos grandes simbolizam o trabalho braçal, predominante no Brasil da época. As cores utilizadas no quadro, com destaque para o azul, o amarelo e o verde, remetem à bandeira brasileira.

O empresário argentino Eduardo Costantini adquiriu a obra por 1,5 milhão de dólares, o maior valor já pago por um quadro brasileiro até 1995, e a doou para o museu que ele criou, o Museu de Arte Latino-Americano, o Malba, em Buenos Aires, onde está exposta hoje. A obra retornou ao Brasil para diversas exposições. Em 2008, foi exibida na Pinacoteca do Estado de São Paulo; em 2011, no Palácio do Planalto, em Brasília; e em abril de 2019, no Museu de Arte de São Paulo, na exposição “Tarsila Popular”.

A Semana de Arte Moderna e o Modernismo brasileiro apresentaram obras com influências de matizes nacionais indígenas e africanas, que até então eram pouco exploradas pelos artistas, o que contribuiu para a valorização da identidade nacional e o fortalecimento das diversas ramificações da cultura brasileira.

Contracultura e política na América Latina

Em meados do século XX, o mundo assistiu a novas formas de expressão artística, assim como a um maior posicionamento político e social dos artistas. Surgiram diversos movimentos culturais que questionavam os valores vigentes à época, e por isso ficaram conhecidos como **contracultura**.



Manifestantes pedem o fim da ditadura civil-militar.

contracultura: movimentos culturais que se posicionam como antissistema, contestando valores políticos, econômicos ou sociais vigentes naquela sociedade.

No Brasil e nos demais países da América Latina, a contracultura esteve bastante associada aos movimentos de resistência aos governos militares que ascenderam ao poder, sobretudo das décadas de 1950 e 1960 em diante, resultando em uma arte que se apresentava como resistência à opressão dos regimes e muitas vezes colocou questões sociais no centro de seus temas. Além desses temas, os artistas latino-americanos também questionaram os processos de aculturação, principalmente vindos da indústria cultural dos Estados Unidos. O teatro mostrou-se particularmente combativo na América Latina, aproximando-se da população mais pobre e concentrando-se em temas sociais.

Na Argentina, foi criado o Teatro Abierto, enfrentando o regime militar que vigorou de 1976 a 1983. O grupo encenou várias obras de temática política e social, contrapondo-se abertamente ao regime vigente. Realizaram o seu primeiro ciclo de apresentações em 1981, na periferia de Buenos Aires, atraindo grande público. Uma semana após o início das apresentações, os militares não só censuraram a peça como também incendiaram o local. As apresentações só foram retomadas, em outro local, devido ao apoio da população e de artistas e intelectuais argentinos.

No México, o Teatro Campesino foi criado em 1965 por um grupo de trabalhadores rurais e apresentou-se no estado americano da Califórnia, em parceria com o Sindicato União dos Trabalhadores do Campo. Apresentavam cenas políticas, misturando a cultura estadunidense com mitologias indígenas mexicanas, contendo críticas sociais e políticas.

Jeremy Hogan/Alamy/Fotorena



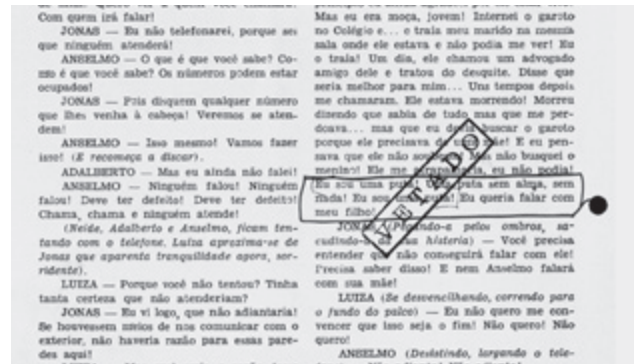
Artistas do Teatro Campesino fazem protesto em San Jose, na Califórnia, EUA.

Ditadura no Brasil

O Brasil, assim como muitos dos países latino-americanos, também passou por um regime ditatorial. Os militares chegaram ao poder por meio de um golpe no ano de 1964, contando com apoio de parte significativa da população. Suprimiram as liberdades individuais, colocaram partidos políticos na ilegalidade e perseguiram opositores do regime. Em 1968, o regime civil-militar promulgou o Ato Institucional número 5 (AI-5), que suspendeu quaisquer garantias constitucionais em vigor.

Durante esse período, prisões ilegais, desaparecimentos, tortura e assassinatos foram usados como instrumento do Estado para reprimir seus opositores, especialmente

grupos políticos que defendiam os direitos humanos e dos trabalhadores. Em reação, surgiram grupos, alguns armados, que realizaram atos de desobediência civil, como protestos, ocupações públicas e até mesmo sequestro de personalidades ligadas ao regime militar. Os artistas tiveram que conviver com a censura na música, no cinema, no teatro, na televisão e em toda a imprensa, mesmo por motivos vagos, como subversão da moral ou dos bons costumes.



Peça de teatro com trecho vetado pela censura.

Estabelecendo relações

Em História, aprendemos que a promulgação do AI-5 representou um endurecimento do regime civil-militar brasileiro e levou muitos artistas e intelectuais a deixarem o país. Caetano Veloso e Gilberto Gil foram presos em 1968, acusados de terem desrespeitado o hino nacional e a bandeira do Brasil. Partiram para Londres em 1969. Chico Buarque de Holanda foi detido por “atividades subversivas”. Em 1969, foi à França para uma apresentação e se exilou na Itália. O arquiteto Oscar Niemeyer foi perseguido após o golpe de 1964, por ser membro do Partido Comunista Brasileiro. Foi para França em 1967, onde recebeu autorização do presidente Charles de Gaulle para exercer sua profissão no país. O cineasta Glauber Rocha partiu para o exílio em 1971, ficando cinco anos fora do Brasil. Durante esse período, continuou realizando uma série de projetos cinematográficos. O dramaturgo Augusto Boal deixou o país após a promulgação do mesmo ato, partindo, com o Teatro de Arena, em uma excursão por Estados Unidos, México, Argentina e Peru. Quando retornou ao Brasil, foi preso e torturado. Em seguida, exilou-se na Argentina.

A lista de obras censuradas parcial ou completamente pela ditadura civil-militar é grande e inclui o jornal *O Pasquim*, do Rio de Janeiro, que começou como uma publicação humorística e aos poucos ficou mais politizado, tornando-se um porta-voz da indignação social brasileira. No ano de 1970, grande parte de seus integrantes foi presa, mas o jornal continuou a operar sob direção de Millôr Fernandes (1923-2012) com a ajuda de intelectuais cariocas. Millôr também teve uma de suas peças, *O elefante no caos*, censurada. O livro *Feliz ano novo*, de Rubem Fonseca (1925-2020), outro colaborador de *O Pasquim*, também foi censurado em 1976, por “atentar contra a moral e os bons costumes”. O filme *Pra frente, Brasil*, de Roberto Farias (1932-2018), foi um dos primeiros a tratar abertamente a repressão da ditadura civil-militar brasileira, incluindo a prática de tortura, e foi censurado no ano de 1982.



Capa do álbum *Joia*, de 1975. Nesse original, Caetano Veloso aparece nu com a mulher e o filho, tendo somente pombas cobrindo parte do corpo. A censura só liberou a arte da capa com as pombas em um fundo branco.

O teatro brasileiro: resistência e perseguição

Assim como em outros países da América Latina, o teatro brasileiro ganhou fortes contornos sociais e políticos nessa época. Desde os anos 1950 surgiram grupos importantes como o Teatro de Arena, que realizava apresentações em clubes, fábricas e salões. Participaram do grupo artistas como Augusto Boal (1931-2009), Gianfrancesco Guarnieri (1934-2006), Oduvaldo Vianna Filho (1936-1974) e Milton Gonçalves (1933-2022). Outro grupo importante foi o Centro Popular de Cultura (CPC), ligado à União Nacional dos Estudantes (UNE), criado em 1961 por membros que se desligaram do Teatro de Arena.

Diante da repressão após o golpe de 1964, as companhias tiveram que adotar estratégias criativas para escapar da censura. O Teatro de Arena, por exemplo, encenou a peça *Arena conta Zumbi*, em 1965, escrita por Boal e Guarnieri, que trata da resistência nos quilombos no Brasil Colônia e mostra como construir uma realidade mais justa e igualitária, uma alusão aos tempos difíceis da ditadura civil-militar.



O Teatro de Arena em apresentação da peça *Arena conta Zumbi*, em 1965.

Com o golpe de 1964, o CPC foi considerado ilegal e alguns de seus membros fundaram o Grupo Opinião, no Rio de Janeiro, que rapidamente se tornou um centro de resistência e protestos, reunindo diversos artistas ligados aos movimentos de arte popular, o que culminou na criação do Teatro Opinião.

Outro grupo importante do teatro brasileiro criado nessa época foi o Teatro Oficina, liderado por José Celso Martinez Corrêa, em atividade até os dias de hoje. Em 1967, pouco antes da decretação do AI-5, o grupo encenou *O rei da vela*, peça escrita pelo modernista Oswald de Andrade em 1933. A encenação, com inspiração antropofágica, tornou-se um símbolo da contracultura brasileira e ressoaria na criação do Tropicalismo. O enredo, acerca de um fabricante de velas e seu credor, serviu para colocar em cena as condições de subdesenvolvimento do Brasil e seu regime autoritário.

Tropicalismo

Na música, o maior movimento de contestação dos valores da época foi o Tropicalismo, representado por músicos como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Tom Zé e pelo grupo Os Mutantes. Os artistas ligados ao Tropicalismo articularam uma nova forma de pensar a cultura brasileira, principalmente em suas relações com as influências estrangeiras. Sua proposta era fazer um tipo de arte que incorporasse elementos de diferentes culturas e registros: nacionais, estrangeiros, antigos, modernos, sofisticados ou populares.

Saiba mais

O álbum *Tropicália ou Paris et circencis*, de 1968, é considerado um marco do movimento tropicalista. Participaram das gravações Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Nara Leão, Os Mutantes, Tom Zé, Capinan, Torquato Neto e Rogério Duprat. Além das novidades musicais das gravações, a própria capa do álbum, criada por Rubens Gerchman, se tornou icônica e uma referência do movimento. Nela, aparecem ao fundo o grupo *Os Mutantes* (Rita Lee, Arnaldo Baptista e Sérgio Dias). Tom Zé tem uma mala na mão, simbolizando as trocas culturais. Rogério Duprat e Caetano Veloso estão no centro, com um retrato de Nara Leão, em uma referência a fotos de grupos de artistas dadaístas de 1921, enquanto Gilberto Gil está sentado no chão, com um retrato do poeta Capinan, na mesma pose de Oswald de Andrade em um retrato dos modernistas de 1922.



Alguns dos artistas da Semana de 1922, com Oswald de Andrade ao centro sentado no chão, à frente.

Surgida antes do golpe de 1964, a Bossa Nova não apresentou contestações sociais, porém inovou nos ritmos e na harmonia. Influenciada pelo *jazz*, mas com características marcadamente brasileiras, teve o violão como seu principal instrumento musical. Alguns de seus principais representantes foram Tom Jobim, Nara Leão e João Gilberto.



Reprodução

Capa do disco *Tropicália ou Panis et circencis*, de 1968, com artistas do movimento tropicalista. Ao centro, Gilberto Gil retoma a posição de Oswald de Andrade.

Os artistas do Tropicalismo propuseram uma renovação na arte brasileira, mas frequentemente também abordaram questões sociais e políticas, criticando a ditadura civil-militar brasileira. Com isso, foram submetidos à censura, à perseguição política e, algumas vezes, até a prisão e tortura.

Embora o Tropicalismo tenha ficado mais conhecido pela música, a origem do nome está nas artes visuais. O artista Hélio Oiticica buscou a superação da noção de objeto de arte como era tradicionalmente definido pelas artes plásticas até então, criando obras em que o público participava da exposição. Em 1967, o artista apresentou a obra *Tropicália* ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, recriando a arquitetura das favelas. Foi essa obra que deu origem ao nome *Tropicalismo*. A obra possui o que o autor chamou de “penetráveis”, o que hoje é chamado de instalação, ou seja, espaços em que o espectador pode entrar e experimentar a obra com todos os seus sentidos. A obra de arte deixou de ser um objeto apenas observado.



César Oiticica Filho

OITICICA, Hélio. *Tropicália*, 1967. Instalação construída com arquitetura semelhante às favelas, em que o público caminhava descalço, pisando em areia, brita e água.

Os festivais: músicas e protestos

O Festival de Música Popular Brasileira foi um concurso de canções realizado todos os anos por diferentes redes de televisão do país. O primeiro foi em 1965, e, embora os festivais tenham se prolongado em diferentes formatos até os anos 1980, a promulgação do AI-5 e a forte censura que acometeu as artes brasileiras derrubaram a qualidade das obras apresentadas. A chamada “Era dos Festivais” durou apenas três anos, mas revelou muitos artistas, tanto compositores quanto intérpretes, tais como Elis Regina, Elizeth Cardoso, Jair Rodrigues, Chico Buarque de Holanda e Roberto Carlos.

Os festivais eram apresentados na forma de concurso, no qual o público ou um júri votava nas suas canções favoritas até que se chegasse a um vencedor. Embora já houvesse censura desde o início, muitas canções inicialmente passaram despercebidas pelos censores, mas logo ficou evidente que refletiam a situação política e social vivida na época.



Arquivo O Globo

Festival Internacional da Canção Popular de 1966.

No festival de 1967, por exemplo, Caetano Veloso driblou a censura e inseriu no evento uma canção de protesto, *Alegria, alegria*, com críticas veladas ao regime civil-militar. Os festivais demonstraram o poder de mobilização em torno da música, o que fez a censura se tornar mais rígida. Os artistas tiveram que recorrer a recursos linguísticos elaborados, como ironias, metáforas e antíteses, para dificultar a ação dos censores.

Assim, os festivais foram usados não só como palco para o público expressar suas preferências pelos artistas, mas também como manifestação de protesto contra o regime civil-militar. O público universitário era especialmente ativo e tendia a apoiar as canções de protesto dos artistas chamados de “engajados” em detrimento dos demais, chamados de “alienados”.



Acervo Última Hora/Folhapress



Acervo Iconographia

Acima, Gilberto Gil canta “Domingo no parque”, em 1967, com Arnaldo Baptista e Rita Lee (de Os Mutantes, ao fundo). Abaixo, Caetano Veloso canta “Alegria, alegria”, em 1967, acompanhado do grupo argentino Beat Boys.

Assim, embora a música de protesto tenha sido central nos festivais, havia também canções que tratavam de outros temas, como amor, ciúme, praias e demais temas relacionados à juventude. A Jovem Guarda, grupo liderado por Roberto Carlos, era considerado um subproduto do

rock estadunidense. Na Bossa Nova, predominavam letras que abordavam o universo da classe média carioca, e seu requinte estava na sofisticação musical das composições.

Em 1968, o cantor e compositor Geraldo Vandré apresentou a canção “Pra não dizer que não falei das flores”, que rapidamente se tornou uma espécie de hino da resistência ao regime ditatorial. A canção ficou em segundo lugar no festival, o que causou revolta do público. Alguns estudiosos apontam que a escolha foi feita para que não houvesse conflito com o regime civil-militar, embora outros afirmem que os jurados não sofreram pressão. De qualquer forma, Geraldo Vandré foi preso e exilado, e sua canção ficou proibida no país até 1979.

Cinema Novo

O Cinema Novo foi outro movimento da contracultura brasileira ligado ao Tropicalismo. Assim como nas demais artes, os cineastas do Cinema Novo almejavam construir um cinema genuinamente brasileiro, desvencilhando-se das influências do cinema estadunidense.

Alguns filmes produzidos pelo Cinema Novo foram *Assalto ao trem pagador* (1962), de Roberto Farias, e *Rio, 40 Graus* (1955), de Nelson Pereira dos Santos. O maior nome do Cinema Novo foi Glauber Rocha, que dirigiu filmes como *Deus e o Diabo na terra do Sol* (1964) e *Terra em transe* (1967). Os filmes de Glauber Rocha têm marcante temática social, com críticas ao regime ditatorial brasileiro e às questões sociais enfrentadas pelo país. *Terra em transe* se passa em um país fictício, chamado Eldorado, durante a ascensão de um regime autoritário conservador. O filme, no entanto, não limita suas críticas aos militares no poder do país fictício, mas estende-as a todas as diferentes correntes ideológicas em luta e pode ser visto como uma parábola do Brasil durante os anos 1960.



Acervo Iconographia

Cena do filme *Terra em transe*, de Glauber Rocha, 1967.

Assim como outros artistas de sua época, Glauber Rocha se exilou do Brasil com a radicalização do regime, em 1971, e só retornou em 1976.

O Tropicalismo e os movimentos da contracultura em geral deixaram suas marcas na cultura brasileira. Os artistas do movimento são até hoje bastante conhecidos pelo grande público, além de influenciarem a música, as artes visuais, o teatro, o cinema e as novas formas de expressão que surgiram no país na segunda metade do século XX. Os novos artistas muitas vezes estabeleceram diálogos com as obras criadas no Tropicalismo para repensar o lugar da arte brasileira.


Revisando

1. Cite algumas das principais mudanças ocorridas no Brasil no início do século XX.
2. Qual foi a reação inicial às obras modernistas no Brasil?
3. Sobre a Semana de Arte Moderna de 1922, é correto afirmar que reuniu:
 - a) apenas escritores, interessados em renovar a poesia brasileira.
 - b) apresentações de pintura, escultura, poesia, literatura e música e visava renovar a arte brasileira.
 - c) artistas de diversas áreas e seu objetivo era reforçar os valores vigentes da época.
 - d) apenas artistas populares, construindo uma arte que se opunha àquela apresentada pela elite brasileira.
4. O que foi a antropofagia no Modernismo brasileiro?
5. Comente o que você entende do conceito de contracultura.
6. Qual é a relação entre a contracultura e a ditadura civil-militar no Brasil?
7. Sobre o Tropicalismo, é correto afirmar que:
 - a) foi um movimento musical em sintonia com a Bossa Nova, ambos caracterizados pelas inovações estéticas, deixando de lado questões políticas e sociais.
 - b) seus artistas possuíam fortes vínculos com o governo e foram frequentemente usados para realização de propaganda política do regime.
 - c) foi um movimento que atingiu vários campos da arte brasileira, com destaque para a música, caracterizado por renovação da arte brasileira e abordagem de temas políticos e sociais, o que frequentemente resultou em conflitos com o regime ditatorial brasileiro.
 - d) foi um movimento musical cuja principal bandeira era a exaltação do clima tropical brasileiro e a atração de turistas para o país.
8. Com qual desses movimentos o Tropicalismo estabeleceu diálogos mais evidentes?
 - a) Parnasianismo.
 - b) Futurismo.
 - c) Classicismo.
 - d) Modernismo.
9. Qual foi a importância dos festivais de música ocorridos nos anos 1960 no Brasil?
10. Por que é possível dizer que o Cinema Novo foi um movimento ligado ao Tropicalismo?

Exercícios propostos

1. **UFJF-MG 2020** Sobre a Semana de Arte Moderna, ocorrida em São Paulo em 1922, é CORRETO afirmar:
 - a) Foi um movimento que criticava a influência estrangeira na cultura brasileira, rejeitando o “colonialismo mental”, defendendo a cultura nacional.
 - b) O movimento foi exclusividade dos poetas homens, excluindo o talento das escritoras mulheres consideradas muito radicais, uma vez que defendiam o fim do conservadorismo.
 - c) O movimento ocorreu por ocasião do centenário da independência do Brasil, com o objetivo de reforçar o espírito conservador do país e valorizar a cultura estrangeira moderna e suas inovações.
 - d) O movimento atingiu todo o Brasil e todas as classes sociais, se mostrando extremamente democrático, rompendo com a desigualdade de classes.
 - e) Foi um movimento conservador que redescobriu a identidade brasileira como não miscigenada, de tradição rural-agrária, recusando o desenvolvimento cosmopolita.
2. **Unesp 2020** Observe a charge de Belmonte, publicada na primeira página da *Folha da Noite*, em 20 de fevereiro de 1922.

“SEMANA DE ARTE MODERNA”



Reprodução

— Estás vendo, minha filha, aqueles é que são os artistas!
Coitados, não? Tão moços...!

(<https://fotografia.folha.uol.com.br>, 25.02.2021.)

Ao representar a Semana de Arte Moderna, a charge ironiza

- a) o descompasso entre as propostas renovadoras da vanguarda e o gosto tradicional do público.
- b) a formação técnica limitada dos artistas, que não conseguiam obter efeitos realistas.
- c) o atraso da arte brasileira em relação ao que era produzido no resto do Ocidente.
- d) a inexistência de preocupações, entre os artistas da vanguarda, com a cultura popular.
- e) a irracionalidade que caracterizava a produção dos participantes da vanguarda.

3. **Fuvest-SP 2022** Martín Fierro acredita na importância da contribuição intelectual da América, prévia tesourada a todo cordão umbilical. Acentuar e generalizar para as demais manifestações intelectuais o movimento de independência iniciado, no idioma, por Ruben Darío, não significa, entretanto, que haveremos de renunciar, nem muito menos que finjamos desconhecer que todas as manhãs nos servimos de um creme dental sueco, de umas toalhas francesas e de um sabonete inglês.

Martín Fierro tem fé em nossa fonética, em nossa visão, em nossas maneiras, em nosso ouvido, em nossa capacidade digestiva e de assimilação.

“Manifesto Martín Fierro”, de Oliverio Gironde, 15/5/1924. In: Jorge Schwartz, *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: EDUSP; Iluminuras; FAPESP, 1995, p. 116.

A revista de vanguarda literária Martín Fierro foi fundada em Buenos Aires, na Argentina, em 1924. O “Manifesto”, publicado no seu nº 4, apresentava sintonias com o movimento modernista paulistano, ao

- a) propor a ruptura com tradições estéticas e valorizar a autonomia criativa local, sem desprezar os intercâmbios com a Europa.
- b) defender a obediência aos modelos artísticos da França e da Inglaterra, reconhecendo sua contribuição intelectual.
- c) repudiar o movimento de independência iniciado, na língua espanhola, pelo poeta nicaraguense Ruben Darío.
- d) buscar inspiração nos modos de expressão popular e artística originários da América e revolucionar os hábitos de consumo.
- e) condenar a inquietação intelectual e a experimentação literária em favor da cultura de massas e do conformismo.

Texto complementar

Mulheres modernistas (ou como foi a participação das mulheres no Modernismo brasileiro)

[...] Por muito tempo acreditou-se que a diferença entre homens e mulheres derivava de uma natureza assimétrica ou era fruto de uma escolha divina, o que era um modo de naturalizar o que evidentemente é uma construção histórica e social. Em especial, como e quando e por que as diferenças se tornam desigualdades é evidentemente um processo histórico, cultural e social. Mas é fato que, ao menos desde o século 19, diversas figuras femininas vêm questionando tanto a naturalização da diferença, e especialmente a transformação da diferença em desigualdade, e isso tomou força a partir de autoras como Simone de Beauvoir e, pouco depois, com a “explosão” feminista a partir dos anos 1960, a qual teve suas “ondas”, mas com impactos claros no Brasil nas últimas décadas.

Dito isso, diversas mulheres participaram dos circuitos modernistas internacionais, mas no Brasil, de um modo singular, elas tiveram bastante centralidade já reconhecida por seus pares em momentos iniciais de suas trajetórias. Ou seja, elas não foram alçadas à centralidade em função do revisionismo histórico feminista (tal como é o caso de Frida Kahlo, por exemplo). Não se pode negar a importância da exposição de Anita Malfatti em 1917, tanto pelas obras que trouxe quanto pelo debate em torno dela e da célebre crítica de Lobato na imprensa da época. Assim como não se pode negar que, na Semana de 1922, a presença feminina era clara: Anita, Zina Aita, Regina Graz e Guiomar Novaes, que não era uma musicista modernista necessariamente, mas uma intérprete muito importante, de renome internacional, que atraiu um público para vê-la e ouvi-la. Pouco depois, desponta Tarsila como uma artista capaz de sintetizar em suas obras dos anos 20 a plataforma de uma geração, de realização de uma produção internacional-nacional, ou seja, um modernismo “nacional” em diálogo com as vanguardas especialmente francesas. [...]

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Como foi a participação das mulheres no Modernismo brasileiro. *Jornal da USP*, São Paulo, 9 fev. 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/como-foi-a-participacao-das-mulheres-na-semana-de-arte-moderna/>. Acesso em: 16 jun. 2022.

Resumindo

Neste capítulo, estudamos o Modernismo brasileiro e suas propostas de renovação na arte brasileira, com valorização da cultura nacional e absorção das influências estrangeiras; bem como as reações, nem sempre positivas, às inovações dos modernistas. Também estudamos a contracultura no Brasil e na América Latina, como forma de resistência das artes à ditadura civil-militar brasileira (1964-1985); e as estratégias para escapar da censura que ela estabeleceu no país. Vimos o Tropicalismo, com sua valorização da cultura brasileira ao mesmo tempo que absorvia inovações vindas do exterior, como fizeram os modernistas. Também vimos outras manifestações da contracultura, como o Cinema Novo e os diversos grupos de teatro.

Quer saber mais?



Vídeo

Como “Terra em transe” ainda é atual, de *Nexo Jornal*. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/Y7ZqwzbdHkM>. Acesso em: 18 ago. 2021.

O vídeo do jornal *Nexo* aborda a importância do filme *Terra em transe*, de Glauber Rocha, destacando suas ligações com os artistas e movimentos da época, como o Tropicalismo. Também aponta as reações dos diversos grupos políticos ao filme.

Exercícios complementares

- UEPG-PR 2020** A respeito da Semana de Arte Moderna de 1922, evento que marcou a vida cultural, intelectual e estética brasileira ao longo de todo século XX, assinale o que for correto.
 - 01 Os modernistas de 1922 buscaram romper com os padrões estéticos europeus que então predominavam nas artes plásticas, na arquitetura, na música e na literatura brasileira.
 - 02 Apesar de reunir um número expressivo de artistas e intelectuais, a Semana de Arte Moderna sofreu forte oposição por parte de figuras de peso no campo cultural, como o do maestro Heitor Villa-Lobos e do escritor Monteiro Lobato.
 - 04 Os Manifestos Nhengaçu e Pau-Brasil, publicados na década de 1920, expressaram os posicionamentos dos principais grupos de modernistas que participaram da Semana de Arte Moderna.
 - 08 A Semana de Arte Moderna contou com o apoio e o patrocínio do governo do presidente Epitácio Pessoa, um dos grandes incentivadores dos valores da cultura nacional em oposição às matrizes europeias.

Soma:

2. Enem 2019

Irerê, meu passarinho do sertão do Cariri, Irerê, meu companheiro,
Cadê viola? Cadê meu bem? Cadê Maria? Ai triste sorte a do violeiro cantadô!
Ah! Sem a viola em que cantava o seu amô, Ah! Seu assobio é tua flauta de irerê:
Que tua flauta do sertão quando assobia, Ah! A gente sofre sem querê!
Ah! Teu canto chega lá no fundo do sertão, Ah! Como uma brisa amolecendo o coração, Ah!
Ah!
Irerê, solta teu canto!
Canta mais! Canta mais! Prá alembá o Cariri!

VILLA-LOBOS, H. *Bachianas Brasileiras* n. 5 para soprano e oito violoncelos (1938-1945). Disponível em: <http://euterpe.blog.br>. Acesso em: 23 abr. 2019.

Nesses versos, há uma exaltação ao sertão do Cariri em uma ambientação linguisticamente apoiada no(a)

- a) uso recorrente de pronomes.
 - b) variedade popular da língua portuguesa.
 - c) referência ao conjunto da fauna nordestina.
 - d) exploração de instrumentos musicais eruditos.
 - e) predomínio de regionalismos lexicais nordestinos.
- Unicamp-SP 2020** A partir da segunda metade da década de 1960, a produção de um gênero cinematográfico extravagante ganha força no Brasil: a pornochanchada. Num primeiro momento esta se mostrou como uma comédia leve, apesar de algumas cenas de nudez parcial, mas logo evoluiu para o que já era praticado pelo resto do mundo: a exploração do erotismo e da sensualidade no Cinema para atender a um crescente mercado de consumo.

(Adaptado de Ildembergue Leite de Souza e André Luiz Maranhão de Souza Leão, *A transposição de mitos na intertextualidade entre Cinema e Publicidade*. Intercom, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 242-262, dez. 2014.)

Sobre a vida cultural no Brasil das décadas de 1960 e 1970, é correto afirmar que:

- a) O período ficou marcado pelo esvaziamento da cena cultural, com baixo dinamismo nos campos da produção teatral, musical e cinematográfica. Apenas os gêneros ligados ao erotismo se expandiram, por não serem considerados transgressores.
- b) A pornochanchada foi financiada pelo capital estrangeiro no Brasil durante o regime militar, pois a indústria cinematográfica, em razão dos seus altos custos, passou a ser fomentada sobretudo por empresas norte-americanas.
- c) O gênero pornochanchada pode ser considerado um movimento de contracultura por seu caráter de contestação política, através da linguagem chula, e por suas estreitas conexões com produtores culturais ligados à Tropicália.
- d) A explosão dos filmes do ciclo da pornochanchada e seu sucesso de público ocorreram em um contexto marcado, de um lado, pela revolução sexual, e, de outro, pela censura ao conteúdo veiculado no cinema e na TV.



FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

14

Novas artes

Quais foram os movimentos de arte que surgiram em meados dos anos 1960? Que novas formas de fazer arte foram propostas? E quais questões a respeito do papel do público foram levantadas a partir dessas novas experiências artísticas? Esses assuntos serão discutidos neste capítulo.

Repensando a arte nos anos 1960

A partir dos anos 1960, a arte passou por grandes transformações. O processo de criação se tornou tão importante quanto o objeto de arte final e algumas vezes o próprio processo ganhou mais destaque. Os artistas também deram maior atenção a meios e suportes artísticos inusitados, muitas vezes misturando diferentes linguagens. O próprio corpo do artista e seus movimentos passaram a ser objeto de arte e de reflexão.

Nasciam as instalações, as intervenções artísticas, as *performances*, o *happening*, a *land art*, a arte conceitual e uma profusão de novas formas de fazer artístico que ecoam nas artes até os dias de hoje.

© Beuys, Joseph/AUTVIS, Brasil, 2020
Foto: Tony Kyrnacou/Shutterstock



BEUYS, Joseph. *A matilha*, 1969. Instalação com uma Kombi Volkswagen e 24 trenós de madeira contendo feltro, lanternas e gordura.

Expressionismo Abstrato

O Expressionismo Abstrato foi a primeira escola de arte de repercussão internacional que nasceu nos Estados Unidos. Esse movimento surgiu entre os anos de 1940 e 1960 e tem esse nome porque tomou dos expressionistas as fortes expressões emocionais e, do abstracionismo, a ausência de identificação com o mundo figurativo.

Um de seus representantes é o pintor Jackson Pollock (1912-1956), mais conhecido por sua técnica de

action painting (pintura de ação). O método consiste em pintar com a tela no chão, em posição horizontal. Assim, o pintor caminha sobre a tela enquanto goteja ou espirra tinta nessa superfície. O objetivo é concretizar a emoção do momento, de modo que o espectador possa ver na obra os movimentos do artista.



POLLOCK, Jackson. *One: Number 31*. Óleo e esmalte sobre tela. Museu de Arte Moderna (MoMA), Nova York, Estados Unidos.

Em algumas exposições de Pollock, eram exibidas filmagens mostrando o seu processo de criação. Assim, o próprio processo criativo se tornava parte da obra.

Performance

A *performance art*, ou *performance*, surgiu com o objetivo de colocar a ação corporal cotidiana como elemento artístico. Apesar de ter um sentido amplo, de modo geral, pode-se dizer que um dos elementos centrais da *performance* são questões culturais relacionadas ao corpo e à maneira como a sociedade o tem abordado social e historicamente. As *performances* colocam em debate o corpo e sua relação com a arte, o cotidiano, as convenções sociais e a mídia, por exemplo. Dessa forma, uma *performance* pode agregar várias linguagens artísticas, como as artes visuais, as artes cênicas, a música e a dança. Também pode ou não apresentar linguagem verbal. Devido a seu caráter híbrido e experimental, as *performances* englobam trabalhos e artistas muito diferentes.

Marina Abramović

Uma das artistas mais representativas dessa linguagem é Marina Abramović (1946-). Em sua *performance* chamada *Ritmo 0*, realizada em 1974, na cidade de Nápoles, na Itália, a artista permaneceu imóvel durante seis horas em um quarto, no qual havia 72 itens que o público poderia usar para interagir com ela, como penas, flores, água, facas, correntes e uma pistola. Inicialmente o público participante foi tímido, mas depois mudou a posição do corpo da artista, acorrentou suas mãos e jogou água em seu corpo. Posteriormente, algumas pessoas rasgaram as roupas da artista e feriram sua pele, além de cometer outras agressões. Após as seis horas previstas, a artista voltou a se mover, mas aqueles que estavam presentes simplesmente se retiraram, incapazes de encará-la como uma pessoa após ela ter sido usada como um objeto.

© The Pollock-Krasner Foundation/AUTVIS, Brasil, 2020
Foto: Museu de Arte Moderna, Nova York



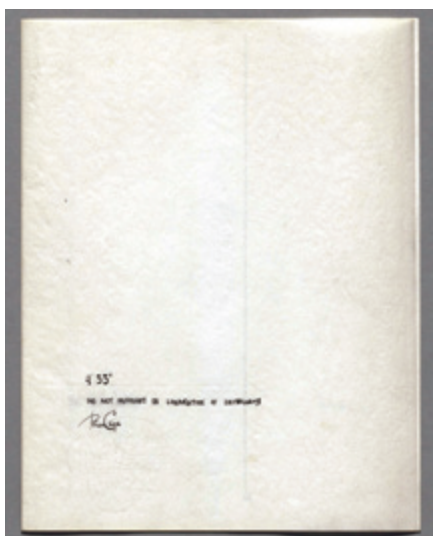
© Abramovic, Marina/AUTVIS, Brasil, 2020
Foto: Museu de Arte Moderna, Nova York

ABRAMOVIC, Marina. *Ritmo 0*, 1974. Performance. Morra Arte Studio, Nápoles, Itália. Durante sua performance, a artista Marina Abramovic foi acorrentada, pintada e teve suas roupas cortadas e sua pele ferida.

John Cage

John Cage (1912-1992) foi um músico estadunidense que uniu *performance* e música. Muitas de suas apresentações eram improvisadas, com a utilização de diversos elementos não convencionais para produzir os sons, a chamada música aleatória. Um dos instrumentos utilizados pelo artista foi o que ele denominou piano preparado, com o qual distorcia os sons do instrumento ao colocar uma série de objetos entre as cordas.

Sua obra mais conhecida é *4'33"*, composta em 1951. Nela, o intérprete não toca nenhuma nota musical durante 4 minutos e 33 segundos. A obra, portanto, consiste em todos os sons produzidos durante esse tempo, como o barulho da plateia, os sons vindos da rua ou a arrumação dos objetos. Trata-se de uma obra provocativa, conceitual, que visa destacar a impossibilidade do silêncio absoluto. Além disso, toda a produção da obra está na interação entre ela e o público, e cada apresentação é completamente diferente das demais.



Digital image/Scala, Florence

CAGE, John. *4'33"*, 1951. Museu de Arte Moderna, Nova York, Estados Unidos. Na impressão lê-se: "para qualquer instrumento ou combinação de instrumentos".

Happening ou acontecimento artístico

A ideia do *happening*, ou acontecimento artístico, é produzir arte por meio de ações que não sigam um roteiro preestabelecido. De modo geral, o *happening* se diferencia da *performance* por incorporar a ação do público, fazendo com que ele se torne participante do evento artístico, embora a diferença entre a *performance* e o *happening* seja tênue. O *happening* se ampara no imprevisível, muitas vezes com apresentações únicas e efêmeras, que não podem ser reproduzidas. É comum que *happenings* ocorram em espaços públicos e frequentemente são confundidos com acontecimentos da vida diária, diluindo a separação entre vida e arte.



Maijalen/Shutterstock.com

O grupo LJUD realiza um *happening* nas ruas de Liubliana, Eslovênia, simulando alienígenas pacíficos vestidos de rosa, 2011.

Allan Kaprow

O artista estadunidense Allan Kaprow (1927-2006) foi o criador do termo *happening* e estava interessado nas possibilidades de expressão artística em comportamentos do cotidiano e pela aproximação entre vida e arte. Sua arte foi profundamente experimental, e o artista entendia que os espectadores eram parte dos elementos que compunham a obra, por isso denominava o público de participante da criação.

No obra *Fluids (Fluidos)*, o artista convocou, por meio de cartazes, pessoas para empilhar blocos de gelo na cidade de Beverly Hills, na Califórnia, Estados Unidos, apenas para que derretessem posteriormente. Durante três dias os participantes construíram uma estrutura retangular com cerca de 9 metros de comprimento, 3 metros de largura e 2,5 metros de altura. Para Kaprow, mais importante que a utilidade dos objetos é a capacidade da arte como meio de conectar pessoas.

Instalações

Assim como outras modalidades que nasceram a partir dos anos 1960, as instalações artísticas trouxeram mudanças no suporte utilizado para fazer arte. Elas criam um cenário ou ambiente imersivo em que, muitas vezes, a intenção do artista está tanto na obra quanto na sua interação com o público. Além disso, permitem diálogos com outras formas de fazer artístico, como vídeo, sons e artes visuais. É comum que instalações sejam realizadas em locais públicos, fazendo das pessoas que circulam no cotidiano seu público principal.

Land art

A *land art*, ou arte ambiental, é um tipo de obra em que os artistas se voltam para os espaços que os cercam, apropriando-se de ambientes naturais (florestas, lagos, montanhas, desertos, entre outros) para a criação de seus trabalhos artísticos. A *land art* funde natureza e obra e, desse modo, coloca a relação com o espaço como central em suas obras.

Como é realizado em espaços naturais, esse tipo de arte normalmente não é encontrado em museus ou galerias, a não ser em registros, como fotografias ou vídeos.

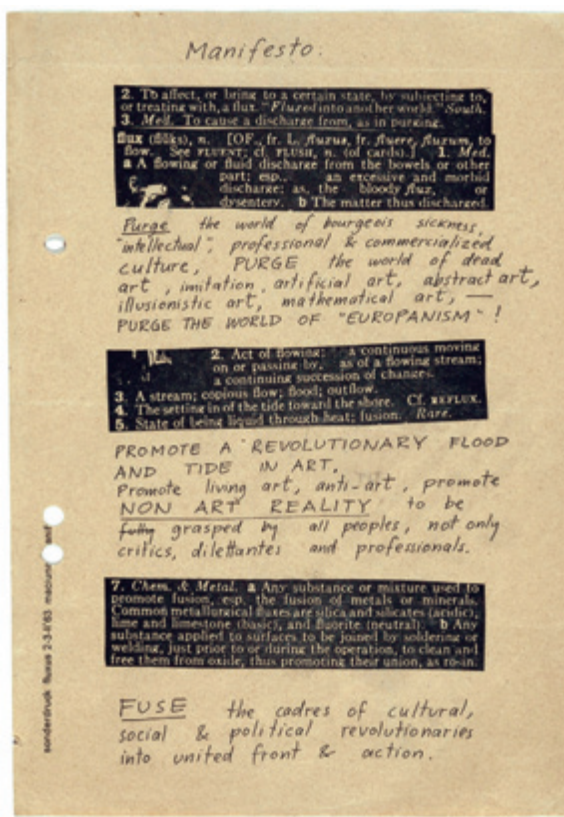


SMITHSON, Robert, *Spiral jetty*, 1970. Salt Lake City, Estados Unidos.

Grupo Fluxus

O Grupo Fluxus foi um movimento artístico que utilizava uma série de diferentes linguagens para criar *performances*, apresentações musicais, obras, poesias virtuais, entre outras manifestações artísticas. O grupo surgiu na Alemanha, em torno do artista lituano George Maciunas (1931-1978), com o lançamento da revista *Fluxus*, em 1961, mas rapidamente se expandiu para a Europa, os Estados Unidos e o Japão.

O Fluxus se apropriava de elementos e situações do cotidiano para criar suas obras, defendendo que qualquer iniciativa poderia ser considerada arte e que qualquer pessoa poderia ser artista. Foram associados ao grupo artistas como os estadunidenses George Brecht (1926-2008) e John Cage (1912-1992), a japonesa Yoko Ono (1933-), o sul-coreano Nam June Paik (1932-2006) e o alemão Joseph Beuys (1921-1986).



MACIUNAS, George. *Manifesto Fluxus*, 1963. O próprio formato do manifesto, com colagens e mistura de textos recortados de jornais e escritos à mão, reforça o caráter libertário do movimento.

Saiba mais

O Grupo Fluxus apresentou seus trabalhos no Brasil na 17ª Bienal de São Paulo, em 1983. O evento contou com uma ala inteira dedicada às produções do grupo.

Arte conceitual

A arte conceitual surgiu com maior força na Europa e nos Estados Unidos, em meados dos anos 1960. O movimento rompeu com o formalismo, centrando a criação artística em trabalhos que priorizavam o pensamento e as ideias. Dessa forma, os efeitos e as reflexões que a obra produz em uma sociedade são mais importantes do que os materiais ou a técnica utilizados.

Atenção

Embora Marcel Duchamp tenha iniciado discussões sobre a natureza da arte entre os anos 1910 e 1920 e utilizando objetos do cotidiano em suas obras, normalmente o termo *arte conceitual* é usado para se referir a trabalhos realizados a partir dos anos 1960.

A expressão *arte conceitual* foi utilizada pela primeira vez pelo estadunidense Henry Flynt (1940-), no ano de 1961, em um de seus textos sobre as atividades do grupo Fluxus. Esse artista afirmava que, nesse tipo de arte, os conceitos envolvidos eram mais importantes que a execução da obra, de modo que o trabalho físico poderia mesmo ser delegado a outra pessoa.

Joseph Kosuth

O artista estadunidense Joseph Kosuth (1945-) começou a produzir arte conceitual em meados dos anos 1960. Além de escrever artigos sobre o tema, seu interesse estava em discutir o sentido das convenções e a estrutura da arte.

Seus trabalhos mais conhecidos são conjuntos em que o artista justapõe três versões do mesmo objeto. Na obra *Uma e três cadeiras*, por exemplo, ele apresenta o objeto cadeira, uma foto da mesma cadeira e um verbete de dicionário da palavra *cadeira* impresso sobre papel. Assim, o artista questiona a produção de significados com base em imagens e palavras. Essa obra também pode ser reproduzida em diferentes contextos e com diferentes objetos, pois o mais importante é o conceito que orienta sua execução, não a materialidade.

Estabelecendo relações

A arte conceitual estabelece diálogos amplos com a epistemologia, que é a área da Filosofia que estuda o conhecimento humano, uma vez que questiona a natureza dos objetos, os limites de nosso conhecimento sobre o mundo e a linguagem como intermediária entre os seres humanos e o conhecimento.

KOSUTH, Joseph. *Uma e três cadeiras*, 1965. Cadeira dobrável de madeira, fotografia montada de uma cadeira e ampliação fotográfica da definição de *cadeira*; cadeira (82 cm × 37,8 cm × 53 cm), painel fotográfico (91,5 cm × 61,1 cm), painel de texto (61 cm × 76,2 cm). Museu de Arte Moderna, Nova York, Estados Unidos.

Nam June Paik

O artista sul-coreano Nam June Paik (1932-2006) foi um dos primeiros a incorporar a videoarte em suas obras. Interessava-se pela interação entre diferentes linguagens, principalmente entre as artes visuais e a música, e compôs algumas obras com outros artistas do grupo Fluxus. Em 1961, ele criou a obra *Magnet TV (TV magnética)*, em que utilizou ímãs em cima dos diversos aparelhos de televisão, espalhados pela exposição para distorcer as imagens.



© Nam June Paik Estate. Foto: © 2020. Digital image Whitney Museum of American Art / Licensed by Scala

PAIK, Nam June. *Magnet TV*, 1965. Televisor e ímãs, 98,4 cm × 48,9 cm × 62,23 cm. Museu Whitney de Arte Americana, Nova York, Estados Unidos.



© Kosuth, Joseph / AUVVIS, Brasil, 2020
Foto: Museu de Arte Moderna, Nova York

A dança e sua interação com outras artes

A relação entre dança e novas tecnologias foi explorada desde o início do século XX. O bailarino estadunidense Merce Cunningham (1919-2009) foi um dos grandes inovadores da dança contemporânea. Defendia uma dança que não estivesse subordinada às narrativas, ao cenário e à música.

A coreografia da obra *Variations V*, de 1965, de Merce Cunningham, foi realizada em parceria com o compositor John Cage e fazia uso de imagens de vídeo distorcidas, criadas por Nam June Paik. Sistemas eletrônicos permitiam que os movimentos dos bailarinos interferissem nos sons criados pelos músicos por meio de uma série de antenas que foram instaladas no palco, enquanto hastes de metal foram afixadas nos corpos dos bailarinos. À medida que os dançarinos se aproximavam das hastes, os sons eram distorcidos. Dessa maneira, a obra tornou os dançarinos criadores tanto da dança como da música.

Colette Masson/Roger-Viellet/Glow Images



Variations V. Companhia de Dança Merce Cunningham, Théâtre des Champs-Élysées, Paris, França, 1966.

Pina Bausch

A alemã Pina Bausch (1940-2009) foi outro grande nome da dança contemporânea. A artista é conhecida por contar histórias por meio da dança, e suas coreografias eram feitas em conjunto, com base nas experiências de vida dos bailarinos.

Seu trabalho mais conhecido é a coreografia da música *A sagração da primavera*, de Igor Stravinsky, realizada em 1975. A coreografia de Pina Bausch foi uma retomada de outra coreografia da mesma peça, realizada por Vaslav Nijinsky (1889-1950) no ano de 1913, na estreia da música, e que é considerada um marco na história da dança. Na coreografia de Pina Bausch, os dançarinos se contorcem, tremem em espasmos no palco e golpeiam o solo com os pés. O palco está coberto de lama, que lentamente suja os pés descalços dos dançarinos. Na cena final, a dançarina gira em torno de si mesma, acelera seus movimentos até a convulsão, quando cai, simbolizando a morte da personagem.



Philippe Gras/Alamy
StockPhoto/Fotorena

BAUSCH, Pina. *A sagração da primavera*, 2013. Apresentação realizada no Théâtre des Champs-Élysées, Paris, França.

As novas artes no Brasil

A arte brasileira também passou por grandes transformações a partir dos anos 1960. Assim como em outras partes do mundo, os artistas brasileiros passaram a experimentar diferentes suportes para os objetos artísticos e a pensar em qual era o papel do público nas obras.

Concretismo e neoconcretismo

A expressão “arte concreta” foi utilizada pelo artista suíço Max Bill (1908-1994) para designar uma arte construída objetivamente e com estreita ligação com a Matemática. Max Bill veio ao Brasil para participar da 1ª Bienal de São Paulo, em 1951, o que impulsionou o movimento concretista brasileiro.

No ano de 1959, os artistas Franz Weissmann (1911-2005), Lygia Clark (1920-1988), Lygia Pape (1927-2004), e Amilcar de Castro (1920-2002) e os poetas Ferreira Gullar (1930-2016) e Reynaldo Jardim (1926-2011) se reuniram para lançar o *Manifesto Neoconcreto*, em que defendiam a liberdade de experimentação e a valorização da subjetividade na produção artística.

Hélio Oiticica (visto no Capítulo 13) e Lygia Clark foram dois artistas que tiveram grande influência na renovação das artes brasileiras. Uma das obras mais conhecidas de Lygia Clark é a série *Bichos*, de 1960. Ela produziu objetos metálicos articulados que podiam ser manipulados pelo espectador, exigindo a coparticipação do público para a plena realização da obra.

A artista também realizou instalações, como a obra *A casa é o corpo: labirinto*, montada para a Bienal de Veneza de 1968. Nessa obra, o visitante penetra em uma estrutura de 8 metros de comprimento e passa por vários ambientes, chamados de *penetração*, *ovulação*, *germinação* e *expulsão*, até finalmente sair pelo lado oposto.

Hélio Oiticica deu origem ao termo “Tropicália”, como vimos anteriormente, além de realizar grandes discussões acerca do papel da arte brasileira. Um texto fundamental da arte brasileira é *A Declaração de Princípios Básicos da Nova Vanguarda*, que acompanhou a exposição realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 1967. A exposição e o texto foram assinados por Hélio Oiticica e outros artistas.

O *Parangolé*, criado no final dos anos 1960, reunia estandartes, bandeiras e capas feitas para os espectadores vestirem. Dessa forma, além da participação do público, a obra reunia elementos diversos, como cor, dança, poesia e música.



OITICICA, Hélio. *Parangolé P4*, Capa 1, 1964.

Arte cinética

O artista brasileiro Abraham Palatnik (1928-2020) participou do grupo dos neoconcretistas antes de ser o principal divulgador da arte cinética no Brasil. O objetivo dessa vertente, surgida na França nos anos 1950, era apresentar trabalhos em movimento. Na série *Objetos*

Cinéticos, de 1964, o artista criou esculturas de arame, com formas coloridas e fios que se movem por motores e ímãs, estabelecendo uma relação entre arte, máquina e tecnologia.

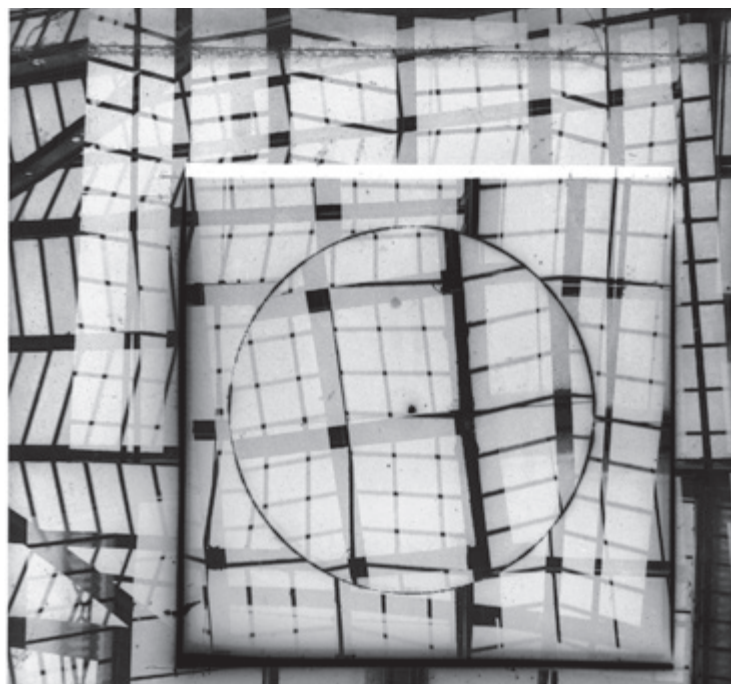


PALATNIK, Abraham. *Objeto cinético CK-8*, 1966-2005. 1/7 sequência, aço, latão, madeira pintada e motores; 115,6 cm x 40 cm x 40 cm. Coleção particular.

Fotografia

O fotógrafo e pintor Geraldo de Barros (1923-1998) foi um dos principais expoentes da **fotografia experimental** no Brasil. Sua obra é marcada pelo efêmero, pelo fragmento e pelo descontínuo, pois abandona a fotografia como representação da realidade e a apresenta como uma nova linguagem artística. Além da fotografia e da pintura, ele realizou trabalhos de gravura, artes gráficas e desenho industrial.

fotografia experimental: centra-se na experiência do fazer e nos procedimentos utilizados pelo artista, deixando de lado a ideia de representação precisa da realidade.



BARROS, Geraldo de. *Fotoformas*, 1949. Fotografia (cópia de negativo recortado e prensado entre duas placas de vidro), 30,5 cm x 40 cm. Instituto Moreira Salles.

Revisando

1. Cite duas novas formas de arte que surgiram a partir dos anos 1960.
2. A que estilo artístico pertence o quadro a seguir?



© The Pollock-Krasner Foundation/AUTVIS, Brasil, 2020
Foto: Museu Hirshhorn, Washington, D.C.

POLLOCK, Jackson. Number 3, 1949. Óleo, esmalte, esmalte metálico e fragmento de cigarro em tela montada em papelão; 157,5 cm x 94,6 cm. Museu Hirshhorn, Washington, D.C., Estados Unidos.

- a) Fauvismo.
 - b) Expressionismo abstrato.
 - c) *Happening*.
 - d) *Land art*.
 - e) Expressionismo experimental.
3. O que são *performances*?
 4. Você já participou de um *happening* ou presenciou essa expressão artística sendo apresentada? Qual foi a sua reação? E a das pessoas ao redor?
 5. Quais são as principais características do Grupo Fluxus?
 6. O que é arte conceitual?
 7. Cite uma característica da dança proposta por Merce Cunningham e Pina Bausch que se diferencia da dança tradicional.
 8. Sobre a renovação das artes no Brasil nos anos 1960, assinale com V (verdadeiro) ou F (falso).
 - Hélio Oiticica e Lygia Clark foram dois importantes artistas que propuseram novas formas para a arte brasileira.
 - Hélio Oiticica e Lygia Clark foram dois importantes artistas que participaram da Semana de Arte Moderna de 1922 e fundaram o Movimento Antropofágico.
 - O *Manifesto Neoconcreto* reuniu artistas de diferentes áreas e defendia a liberdade de experimentação nas artes brasileiras.
 - A arte dos anos 1960 foi marcada pela separação rígida entre as diferentes linguagens, de modo a se explorar a perfeição técnica por meio da especialização.
 9. De que forma a fotografia experimental se diferencia da fotografia tradicional?
 10. Vimos diversas formas de arte neste capítulo. Qual delas mais chamou a sua atenção? Por quê?

Exercícios propostos

1. **UEM-PR 2018** Sobre as linguagens e sobre as leituras da arte contemporânea, assinale o que for correto.
- 01 Apesar de os Estados Unidos e a Europa manterem sua hegemonia como centros produtores de arte, a América Latina, a África e a Ásia articularam-se como espaços importantes de criação e de discussão.
 - 02 As instalações fazem parte de um gênero de arte que consiste na organização de objetos, de natureza variável, em um determinado espaço.
 - 04 A modalidade artística conhecida como *performance* agrega às artes visuais elementos de diversas manifestações artísticas, como do teatro, da dança, da música e da expressão corporal.
 - 08 Manifestações artísticas, como as *performances*, expressam, entre outras ideias, preocupações com a identidade étnica e cultural de artistas oriundos de países pobres.
 - 16 É comum afirmar que o Modernismo, no Brasil, iniciou-se na Semana de Arte Moderna de 1922, quando esteve presente um novo estilo de arte, que patrocinava modalidades como a *performance*, as instalações e o *body art*.

Soma:

2. **Enem PPL 2018** Muitos trabalhos recentes de arte digital não consistem mais em objetos puros e simples, que se devem admirar ou analisar, mas em campos de possibilidades, programas geradores de experiências estéticas potenciais. Se já era difícil decidir sobre a paternidade de um produto da cultura técnica, visto que ela oscilava entre a máquina e os vários sujeitos que a manipulam, a tarefa agora torna-se ainda mais complexa.

Se quisermos complicar ainda mais o esquema da criação nos objetos artísticos produzidos com meios tecnológicos, poderíamos incluir também aquele que está na ponta final do processo e que foi conhecido pelos nomes (hoje inteiramente inapropriados) de espectadores, ouvintes ou leitores: numa palavra, os receptores de produtos culturais.

MACHADO, A. Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas. São Paulo: Edusp, 1993 (adaptado).

O autor demonstra a crise que os meios digitais trazem para questões tradicionais da criação artística, particularmente, para a autoria. Essa crise acontece porque, atualmente, além de clicar e navegar, o público

- a) analisa o objeto artístico.
- b) anula a proposta do autor.
- c) assume a criação da obra.
- d) interfere no trabalho de arte.
- e) impede a atribuição de autoria.



Textos para a questão 3.

Texto I

Cinema Novo

O filme quis dizer: "Eu sou o samba"
A voz do morro rasgou a tela do cinema
E começaram a se configurar
Visões das coisas grandes e pequenas
Que nos formaram e estão a nos formar
Todas e muitas: Deus e o diabo, vidas secas, os fuzis,
Os cafajestes, o padre e a moça, a grande feira, o desafio
Outras conversas, outras conversas sobre os jeitos do Brasil

VELOSO, C.; GIL, G. In: **Tropicalia 2**. Rio de Janeiro: Polygram, 1993 (fragmento).

Texto II

O cinema brasileiro partiu da consciência do subdesenvolvimento e da necessidade de superá-lo de maneira total, em sentido estético, filosófico, econômico: superar o subdesenvolvimento com os meios do subdesenvolvimento. Tropicalismo é o nome dessa operação; por isso existe um cinema antes e depois do Tropicalismo. Agora nós não temos mais medo de afrontar a realidade brasileira, a nossa realidade, em todos os sentidos e a todas as profundidades.

ROCHA, G. Tropicalismo, antropologia, mito, ideograma. In: **Revolução do Cinema Novo**. Rio de Janeiro: Alhambra; Embrafilme, 1981 (adaptado).

3. **Enem Digital 2021** Uma das aspirações do Cinema Novo, movimento cinematográfico brasileiro dos anos 1960, incorporadas pela letra da canção e detectáveis no texto de Glauber Rocha, está na
- a) retomada das aspirações antropofágicas pela prática intertextual.
 - b) problematização do conceito de arte provocada pela geração tropicalista.
 - c) materialização do passado como instrumento de percepção do contemporâneo.
 - d) síntese da cultura popular em sintonia com as manifestações artísticas da época.
 - e) formulação de uma identidade brasileira calcada na tradição cultural e na crítica social.

Texto complementar

No ano de 1969, o artista Sol LeWitt publicou o texto *Sentenças sobre Arte Conceitual*, contendo 33 frases sobre o tema, e popularizou o termo arte conceitual:

1. Artistas conceituais são mais propriamente místicos do que racionalistas. Eles chegam a conclusões que a lógica não pode alcançar.
2. Julgamentos racionais repetem julgamentos racionais.
3. Julgamentos ilógicos levam para uma nova experiência.
4. A arte formal é essencialmente racional.
5. Pensamentos irracionais deveriam ser seguidos absoluta e logicamente.
6. Se o artista muda de opinião no meio do caminho, durante a execução da peça, ele compromete o resultado e repete resultados passados.
7. A vontade do artista é secundária em relação ao processo que ele inicia, da ideia à conclusão do trabalho. Sua obstinação pode ser apenas ego.
8. Quando palavras como “pintura” e “escultura” são usadas, elas conotam toda uma tradição e em consequência implicam uma aceitação dessa tradição, impondo assim limitações ao artista, que relutaria em fazer uma arte que fosse além das limitações.

[...]

25. O artista não necessariamente entende sua própria arte. Sua percepção não é melhor nem pior do que a de outros.

[...]

35. Essas sentenças comentam a arte, mas não são arte.

LEWITT, Sol. *Sentenças sobre arte conceitual*, 1969. In: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (org.). *Escritos de artistas: anos 60/70*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 206-207.

Resumindo

As artes passaram por grandes transformações nos anos 1960, abrindo caminho para muitas das manifestações que vemos até os dias de hoje. Surgiram as instalações, as *performances*, o *happening*, a arte conceitual, a *land art*, a *videoarte*, entre outras manifestações artísticas.

A integração entre diversas formas de manifestação artística passou a ser mais explorada. Dança, teatro, música, artes cênicas, artes visuais, poesia, fotografia, vídeos etc., todas essas manifestações podem ser utilizadas em conjunto para a criação de obras de arte. O público também passou a ter papel central nas produções, tornando-se muito mais participante que mero espectador.

Quer saber mais?



Vídeo

“A sacração da primavera”, por Pina Bausch. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nd_ZCuqYdVE. Acesso em: 18 ago. 2021.

Pina Bausch criou, em 1975, uma coreografia para a música *A sacração da primavera*, de Igor Stravinsky. Nesse vídeo, é possível ver a apresentação da coreografia, realizada em São Paulo (SP) no ano de 2009, poucos meses após a morte da coreógrafa.



Filme

***Espaço além – Marina Abramović e o Brasil*. Direção: Marco Del Fiol. 2016.**

Nesse documentário, Marina Abramović faz uma viagem pelo Brasil para conhecer pessoas e comunidades espirituais, como o espiritismo, o xamanismo e o candomblé, convidando o espectador a conhecer seu processo criativo e sua apropriação artística e humana.



Sites

Fluxus. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3652/fluxus>. Acesso em: 18 ago. 2021.

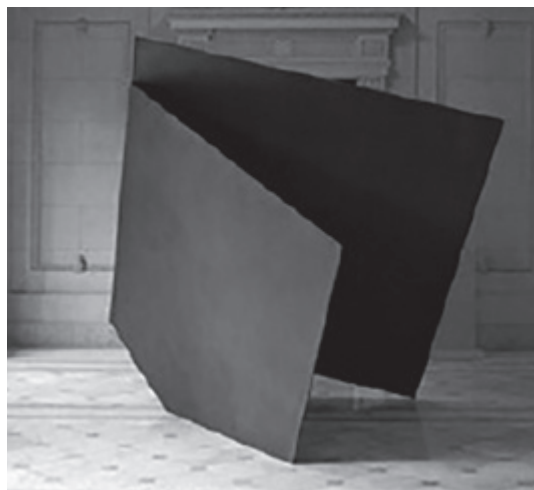
No site Enciclopédia Itaú Cultural, é possível conhecer mais detalhes do Fluxus, seu espírito anárquico e as influências que esse grupo recebeu de movimentos como o Dadaísmo, o *action painting*, as *performances* e os *happenings*.

Lygia Clark. Disponível em: <https://mam.rio/artistas/lygia-clark/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

Conheça um pouco mais as características e os trabalhos da “não artista” Lygia Clark – como ela se referia a si mesma. Vinte e três obras da artista fazem parte do acervo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio). No site do museu, é possível reproduzir o vídeo de um artista manipulando uma tira elástica similar à utilizada por Clark na peça *Diálogo de mãos*, de 1966.

Exercícios complementares

1. UEL-PR 2020 Analise as imagens a seguir.



CASTRO, A. de. Sem título, 1999. Aço. 280 cm x 360 cm x 260 cm. Coleção Márcio Teixeira.

Com base nas imagens e nos conhecimentos sobre Neoconcretismo Brasileiro, cite e descreva três elementos que caracterizem a produção do artista Amilcar de Castro.

2. Enem 2019

TEXTO I



Fotografia de Jackson Pollock pintando em seu ateliê, realizada por Hans Namuth em 1951. CHIPP, H. *Teorias da arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

TEXTO II

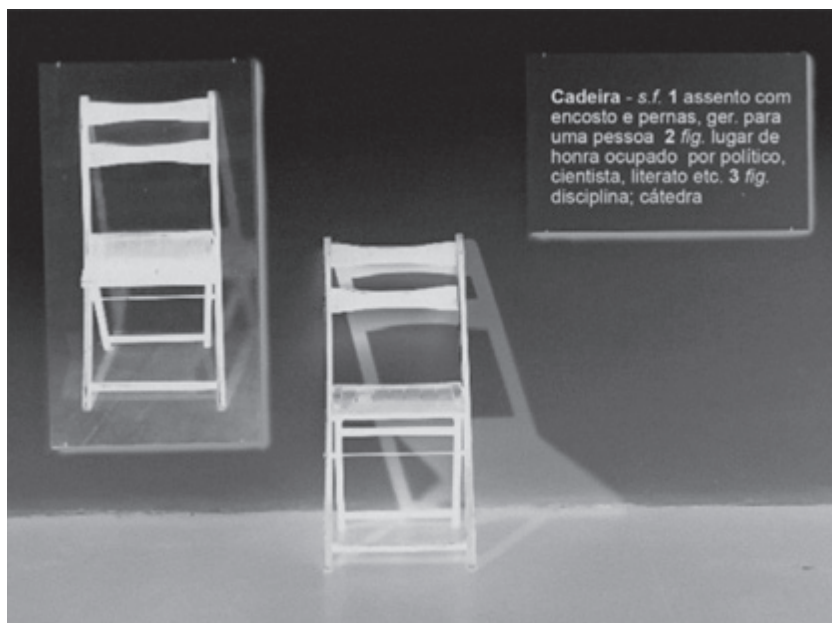


MUNIZ, V. *Action Photo* (segundo Hans Namuth, em *Pictures in Chocolate*). Impressão fotográfica, 152,4 cm x 121,92 cm, The Museum of Modern Art, Nova Iorque, 1977. NEVES, A. *História da arte 4*. Vitória: Ufes – Nead, 2011.

Utilizando chocolate derretido como matéria-prima, essa obra de Vick Muniz reproduz a célebre fotografia do processo de criação de Jackson Pollock. A originalidade dessa releitura reside na

- apropriação parodística das técnicas e materiais utilizados.
- reflexão acerca dos sistemas de circulação da arte.
- simplificação dos traços da composição pictórica.
- contraposição de linguagens artísticas distintas.
- crítica ao advento do abstracionismo.

3. Enem 2019



KOSUTH, J. *One and Three Chairs*. Museu Reina Sofia, Espanha, 1965. Disponível em: www.museoreinasofia.es. Acesso em: 4 jun. 2018 (adaptado).

A obra de Joseph Kosuth data de 1965 e se constitui por uma fotografia de cadeira, uma cadeira exposta e um quadro com o verbete “Cadeira”. Trata-se de um exemplo de arte conceitual que revela o paradoxo entre verdade e imitação, já que a arte

- a) não é a realidade, mas uma representação dela.
- b) fundamenta-se na repetição, construindo variações.
- c) não se define, pois depende da interpretação do fruidor.
- d) resiste ao tempo, beneficiada por múltiplas formas de registro.
- e) redesenha a verdade, aproximando-se das definições lexicais.

BNCC em foco

EM13LGG601, EM13LGG602 e EM13LGG604

- Leia o texto a seguir, extraído do *site* do coletivo artístico Opavivará, que conta sobre um de seus projetos, o Transnomaden.

Transnomaden foi um projeto realizado no Mousonturm, em Frankfurt, na Alemanha, dentro do festival Projeto Brasil. Uma colagem trans pop nômade que se apropria de dispositivos móveis do nosso dia a dia e transforma seus usos comuns, criando uma atmosfera de familiaridade e estranhamento simultaneamente. Os dispositivos ficam à disposição do público para serem ativados: Babybarbecue é um carrinho de bebê churrasqueira, Frank’n’roll é uma cadeira de rodas karaokê, Fraufruit é um carrinho de supermercado, bar de sucos e drinks e Rollingwater é um andador para idosos, fonte de água e pia. Nos caminhos dos andarilhos, dos refugiados, dos nômades, gambiarras que proporcionam um pouco do mais essencial à vida, desde a água até a camada indispensável do prazer!

TRANSNOMADEN. *Opavivará!*. Disponível em: <http://opavivara.com.br/p/transnomaden/transnomaden>. Acesso em: 30 jun. 2021.

Como a arte contemporânea se relaciona com a vida e o cotidiano das pessoas?



FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

15

Arte em nossos tempos

Quais são as manifestações artísticas que continuam a reverberar até hoje? Quais são os caminhos das artes nos nossos dias? Quais são as principais questões propostas pelos artistas dos nossos tempos? Essas questões serão discutidas neste capítulo.

A democratização da arte

No capítulo anterior, estudamos uma profusão de novas formas de arte que surgiram a partir dos anos 1960. Muitas dessas manifestações artísticas estão presentes até os dias de hoje.

A arte teve muitas funções no passado, inclusive o papel de estratificadora social, diferenciando grupos privilegiados de outros com menos acesso à cultura erudita e à riqueza material em determinadas sociedades. Assim como no passado, a arte de nossos tempos também reflete os valores da sociedade e a diversidade cultural presentes no nosso cotidiano. Apesar da dificuldade de classificar a arte produzida atualmente, podemos afirmar que há um amplo esforço para democratizá-la e fazê-la atingir todos os públicos.

Não por acaso, a arte tem se voltado cada vez mais para espaços públicos, como as ruas, os murais, as praças e as periferias das grandes cidades, sendo produzida em qualquer lugar. Do mesmo modo, ela também passou a abordar com mais vigor questões sociais, como a desigualdade, a política e as questões de identidade, discutindo abertamente o papel das mulheres, dos negros, dos povos indígenas e de outros grupos em nossa sociedade. Além disso, muitas técnicas e linguagens diferentes foram e continuam sendo incorporadas à arte, que pode ser agradável, inusitada, estranha ou mesmo incômoda.

Saiba mais

Uma das características de nosso tempo é o papel central das imagens, o que ganhou forte impulso com as novas tecnologias e seu acesso por uma parcela mais ampla da população. Dessa percepção surgiu o conceito de cultura visual, o campo de estudo que aborda o papel das imagens em determinado contexto como fonte de transmissão cultural.

Entre os estudos que tratam da cultura visual contemporânea, destacam-se os de cinema, televisão, HQ, publicidade, internet e videogame.

Arte nas ruas

As manifestações artísticas em espaços públicos existem há muito tempo, mas a expressão “arte de rua” foi usada após experiências realizadas a partir dos anos 1970. Sua principal característica é a vontade de democratizar a arte, trazendo para a rua obras que geralmente se restringiriam a museus e outros espaços mais elitizados, entre elas, esculturas, *performances*, apresentações de música e de dança, estátuas e grafites.

Algumas esculturas de Tomie Ohtake (1913-2015) são exemplo de obras contemporâneas feitas para ocupar os espaços públicos. A artista nasceu no Japão e veio para o Brasil quando jovem, onde experimentou diversos estilos artísticos, explorando formas abstratas, linhas curvas, formas orgânicas e cores. Muitas de suas obras estão em conhecidos espaços públicos de São Paulo, como os mosaicos nas linhas do metrô e a escultura para celebrar os 80 anos da imigração japonesa no Brasil.



Arquivo Instituto Tomie Ohtake

OHTAKE, Tomie. *80 anos da imigração japonesa*. 1988. São Paulo, Brasil. A escultura fica em frente ao Centro Cultural São Paulo, com o qual estabelece um diálogo, e em meio a duas pistas por onde passam automóveis.

Teatro de rua

Assim como outras manifestações de arte de rua, o teatro de rua é antigo. Remonta, pelo menos, à Antiguidade Clássica. Atualmente, é comum encontrar teatros de rua em que os atores utilizam seu corpo e sua voz na construção estética, com pouco ou nenhum elemento cênico, e que pode apresentar elementos da arte circense. O teatro de rua brasileiro foi muitas vezes usado como veículo de conscientização social, trazendo para um público mais amplo discussões acerca da opressão social.

Cortesia Cia Novelo



A Cia. do Novelo, uma companhia de teatro de rua, interpreta a peça *Sonho de uma noite de verão*, de William Shakespeare (1564-1616) em um parque para crianças, em 2015.

Estabelecendo relações

Como vimos em História, o Renascimento foi marcado por um ressurgimento das cidades e teve as cidades italianas como principal centro disseminador de cultura. Nesse contexto, surgiram os primeiros edifícios permanentes para apresentações de teatro, voltados para um público mais elitizado, e, por isso, essa forma de apresentação ficou conhecida como palco italiano. O teatro popular, por outro lado, continuou sendo apresentado na rua, muitas vezes por companhias itinerantes, voltado para a comédia e marcado pelo improviso. Recebeu o nome de *commedia dell'arte*, que se utilizava de personagens caricatos, que podiam ser facilmente compreendidos pelo público, como o Arlequim e a Colombina. A *commedia dell'arte* continua sendo uma inspiração para as companhias de teatro de rua.

Dança de rua

A dança de rua também existe há muito tempo e, como outras manifestações artísticas, ganhou novos contornos no século XX. O *break* é um estilo de dança associado à cultura do *hip-hop* dos Estados Unidos da década de 1970. Consiste em movimentos quebrados contrapondo-se aos movimentos fluidos da dança tradicional, além de improvisações e exigência de grande habilidade técnica.



Eugenio Marongiu/Shutterstock.com

O *break* é marcado pelos movimentos quebrados, com utilização das mãos como apoios.

Saiba mais

O *hip-hop* é um movimento cultural que surgiu nos bairros periféricos de Nova York (EUA), habitado majoritariamente por uma população de origem latina ou afro-americana. Há alguns elementos centrais do *hip-hop*: o *break*, o MC (mestre de cerimônias), o DJ (*disc jockey*), o *rap* e o grafite.

A dança de rua possui hoje diversas vertentes. Em comum, há a batida forte que marca os passos e a utilização dos espaços públicos como palco.

MC: abreviação de mestre de cerimônia, que é o indivíduo que canta *rap*. O termo *rap* vem do inglês *rhythm and poetry* (ritmo e poesia) por causa da forma falada de cantar utilizada pelo MC.

Grafite

O grafite é uma das manifestações de arte mais populares do mundo. Inicialmente, essa expressão artística estava ligada ao *hip-hop* e aos movimentos afro-americanos dos Estados Unidos, mas adquiriu características próprias, expandindo-se para diversos contextos e espaços do mundo. O grafite é geralmente realizado em espaços públicos, rompendo a ideia de um espaço dedicado exclusivamente à arte.

Um dos primeiros artistas ligados ao grafite a ganhar destaque foi o estadunidense Keith Haring (1958-1990), pelos trabalhos que fazia em giz nas paredes do metrô de Nova York. Outro nome de destaque é Banksy, pseudônimo de um artista britânico cuja verdadeira identidade é desconhecida. É recorrente em seus trabalhos a contestação do capitalismo, da opressão, do poder e da guerra.

Atenção

Embora tenham origens similares, o grafite e a pichação são manifestações diferentes.

São Paulo é considerada por muitos uma das principais cidades do mundo para se admirar o grafite. O Museu Aberto de Arte Urbana de São Paulo (MAAU), constituído de um conjunto de 66 painéis de grafite instalados nos pilares que sustentam um trecho elevado do metrô, na zona norte da cidade, foi o primeiro museu aberto de arte urbana do mundo. O chamado Beco do Batman, na zona oeste da cidade, é um tradicional endereço do grafite: uma pequena travessa que se tornou atração turística pelas dezenas de grafites pintados em seus muros.

Alf Ribeiro/Shutterstock.com



O Beco do Batman é uma pequena travessa com muitos grafites que se tornou uma atração turística na cidade de São Paulo.

No ano de 2019, realizou-se na cidade de São Paulo o projeto *Tarsila Inspira*. Seis artistas contemporâneas foram convidadas para criar cinco murais de diferentes linguagens espalhados pela cidade com base na obra de Tarsila do Amaral (1886 - 1973). O projeto é um exemplo de como as novas artes podem se inspirar na tradição e dialogar com ela sem perder o caráter de novidade. A artista Crica Monteiro (1983-) inspirou-se no quadro *A negra* (1923), de Tarsila do Amaral, para criar o seu mural *Preta Rainha*, no qual retoma a escravidão, um triste momento da nossa história, e ressignifica-o trazendo uma proposta de empoderamento feminino.



Crica Monteiro

MONTEIRO, Crica. *Preta Rainha*, 2019. São Paulo, Brasil. O mural é uma homenagem a Tarsila do Amaral ao mesmo tempo que evidencia a necessidade de se discutir o papel da mulher negra na sociedade atual.

Os irmãos Gustavo e Otávio Pandolfo (1974-), que assinam suas obras como OSGEMEOS, são nomes conhecidos no grafite brasileiro. Eles começaram pintando muros na cidade de São Paulo e hoje têm suas obras espalhadas pelo mundo. Outro destaque é Eduardo Kobra (1975-), artista paulistano autodidata que abraçou a técnica de arte tridimensional para retratar celebridades históricas e que tem obras em prédios do mundo inteiro.



© KOBRA, Eduardo/AUTVIS, Brasil, 2020
Foto: catwalker/Shutterstock.com

KOBRA, Eduardo. *Lute pela arte de rua*, 2014. Nova York. Esse mural, feito pelo artista brasileiro, traz as imagens de Andy Warhol e Jean-Michel Basquiat, artistas estadunidenses.

Embora hoje o grafite esteja associado ao ambiente urbano, a ideia de pintar uma imagem em uma parede é bastante antiga: é possível relacioná-la às pinturas rupestres da Pré-História, os mais antigos desenhos conhecidos pela humanidade.

CARLOS SANTOS RODRIGUES/Shutterstock.com



Pintura rupestre no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí, Brasil. Há pelo menos 12 mil anos, os habitantes da América já faziam desenhos em paredes.

Rap

O *rap* é outra expressão artística muito associada ao ambiente urbano. O estilo surgiu na Jamaica e foi popularizado pelas comunidades afrodescendentes da periferia dos Estados Unidos nos anos 1970. Ele mistura a cadência da voz falada com a batida de tempo rápido. Nas músicas, a letra é mais importante do que a linha melódica ou a parte harmônica. Questões sociais problemáticas são temas frequentes nas músicas de *rap*, que são conduzidas pelo MC.

No Brasil, o estilo ganhou força nos anos 1980. Um dos principais grupos de *rap* do país é o Racionais MC's, com letras que abordam as dificuldades da vida nas periferias, o racismo, a violência, a criminalidade e a má distribuição de renda.

Renata Armelin



Slam

Com influência da poesia e do improviso do *rap*, o *slam* é uma manifestação artística que consiste em uma batalha de poesia. Nele, os autores declamam apenas poesias autorais, bem curtas, sem utilização de instrumento musical. Ao final, um júri, normalmente escolhido de forma aleatória na plateia, dá nota aos participantes.

Arte engajada

Muitos artistas contemporâneos posicionam-se em relação a causas políticas ou sociais e fazem com que suas obras reflitam esse posicionamento. A relação entre arte e ativismo não é um traço apenas da arte contemporânea, mas ganhou força e aparece frequentemente nas obras de nossos tempos.

Os artistas que fazem arte engajada são muito diversos e podem estar associados a mais de uma causa ou de um movimento social. Não é raro as questões de identidade e pertencimento se misturarem e se entrelaçarem, sem contornos claros. A arte engajada não aborda apenas os problemas sociais atuais, mas também se propõe a rediscutir o próprio cânone artístico do passado, seus modelos, as obras presentes e, principalmente, aqueles que estão ausentes do cânone e os motivos para isso.

Arissana Pataxó

Como seu próprio nome diz, Arissana Pataxó Braz (1983-) é uma artista visual da etnia pataxó, um povo que hoje ocupa territórios no sul da Bahia e norte de Minas Gerais. Muito de seu trabalho está voltado para a arte-educação, área em que ministra oficinas e produz material didático para o povo pataxó.

Arissana Pataxó tem uma produção com diversas técnicas, abordando a temática indígena como parte do mundo contemporâneo e visando destruir o mito do indígena isolado vivendo em tribos. Na obra a seguir, um índio pataxó, usando o tradicional cocar, aponta uma câmera para o ponto de vista do observador, como se o fotografasse.



Arissana Pataxó

PATAXÓ, Arissana. *Indígenas em foco*, 2016. Acrílico sobre tela. 80 cm x 60 cm. Tradição e modernidade se encontram nos trabalhos da artista.

Apresentação do Slam das Minas, grupo de *slam*, em São Paulo.

Jaider Esbell

O artista Jaider Esbell (1979-) pertence à etnia macuxi e nasceu em Normandia, no estado de Roraima, onde hoje é a Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Suas obras abarcam o universo da Amazônia, a política global, o xamanismo e a memória, abrindo-se para diversas influências e, muitas vezes, utilizando comunicação verbal.

A obra a seguir fez parte da exposição *It was Amazon/ Era uma vez Amazônia*, que reuniu 16 obras do artista sobre a realidade amazônica e passou por diversos estados brasileiros no ano de 2016. Todos os quadros são em preto e branco, contrastando com o imaginário de uma floresta amazônica verde e exuberante, e chamam a atenção para problemas centrais em torno da floresta, como a sustentabilidade e sua relação com os índios, seus saberes e suas expectativas.



ESBELL, Jaider. *It was Amazon/Era uma vez Amazônia*, 2016. O artista utilizou o preto e o branco para abordar o lado mais trágico da Amazônia.

Angélica Dass

A artista Angélica Dass (1979-) cria obras que colocam em questão as relações entre política, sociedade, cor da pele e etnia. Seu trabalho mais conhecido é o projeto *Humanae*, no qual cataloga diferentes tons de pele humana por todo o mundo por meio de retratos fotográficos. Após realizar os retratos, ela usa um computador para detectar a cor predominante em uma amostra de 11×11 pixels, retirada do nariz da pessoa fotografada, e a utiliza no fundo do retrato. Por fim, classifica a cor predominante na escala Pantone, que é uma tradicional organização para os diversos tons de cores, utilizada nas indústrias gráfica e têxtil.

O projeto se iniciou em 2012 e continua em andamento, com mais de 4 mil retratos realizados em 18 países diferentes. De maneira simples e direta, a artista evidencia a imensa pluralidade de tons de pele nos seres humanos, questiona os estereótipos relacionados à cor da pele, à sua singularidade e à sua pluralidade e induz os espectadores à reflexão.



DASS, Angélica. *Humanae*, 2012. Fotografias. A artista coloca em destaque a profusão de tons de pele nos seres humanos.

Estabelecendo relações

Como vimos no capítulo 11, há uma profusão de arte afro-brasileira que se articula em torno da reflexão acerca do negro no Brasil, que busca uma estética capaz de se comunicar com a população negra e em nome dessa população, tratando-a como sujeito de sua própria arte e história e superando o estereótipo de primitivismo que perdurou durante séculos. Alguns nomes representativos dos primeiros trabalhos com essa vertente no Brasil são Pedro Paulo Leal (1894-c. 1968), Heitor dos Prazeres (1898-1966), Agnaldo Manuel dos Santos (1926-1962), Wilson Tibério (1920-2005), José de Dome (1921-1982) e Rubem Valentim (1922-1991).

Jaime Lauriano

O artista Jaime Lauriano (1985-) produz vídeos, objetos, desenhos e textos. Entre seus temas centrais estão as relações de poder existentes na sociedade brasileira desde a colonização.

Filipe Berndt/NEOARTE



LAURIANO, Jaime. *Pedras portuguesas* #2, 2017. Caixa de ferro e cimento.

A obra *Pedras portuguesas* consiste em três peças, todas formadas com a técnica de calçamento português e cada uma delas com o nome de um porto de onde partiam os navios negreiros da África: Angola, Costa da Mina e Moçambique. Era comum que a mão de obra utilizada para pavimentar o calçamento fosse escravizada. Dessa forma, de maneira sintética, o autor chama a atenção para o peso do tráfico de pessoas escravizadas na construção das nações e propõe um debate acerca dos africanos retirados de sua terra e aliados de sua cultura.

Ilú Obá de Min

O grupo Ilú Obá de Min reúne mulheres negras para promover as culturas de matriz africana e afro-brasileira e o fortalecimento dessas mulheres. O nome “Ilú Obá de Min” significa “mãos femininas que tocam tambor para Xangô”. O projeto mais conhecido do grupo é o Bloco Afro, o qual conta com uma bateria formada exclusivamente por mulheres que promove a cultura negra e destaca a participação e o protagonismo feminino.

Rogério Cavalheiro/Futura Press



O grupo Ilú Obá de Min retoma as tradições da cultura de matriz africana no Brasil.

Arte digital

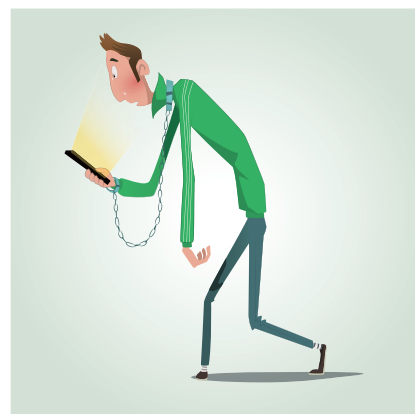
A arte digital, como o nome sugere, é produzida a partir de tecnologias digitais. É comum que novas tecnologias afetem a forma de se fazer arte, como a invenção da fotografia, que teve grande impacto na pintura da época. Da mesma maneira, a digitalização e a internet vêm afetando a forma como os artistas se expressam. Inicialmente, houve a exploração da relação entre arte e tecnologia, mas, com o passar do tempo, os artistas começaram a questionar os impactos na sociedade causados pela presença constante de tecnologia e muitas vezes tomaram posições críticas em relação a ela.



Rejane Cantoni e Leonardo Crescenti

CANTONI, Rejane; CRESCENTI, Leonardo. *Tube*, 2018. Madeira, espelhos, tela de projeção e projetor.

Mais recentemente, a internet tornou-se outro tema central das artes digitais, principalmente pela sua capacidade de conectar artistas e espectadores e, ao mesmo tempo, permitir a criação de obras que não existem no mundo físico. O tema da efemeridade na contemporaneidade é bastante recorrente nos trabalhos de arte digital.



Ridkous Mykhail/Shutterstock.com

A charge mostra a dependência de internet que as pessoas acabaram desenvolvendo nos dias atuais.

A arte sempre reagiu às transformações sociais. O forte impacto das novas tecnologias nas sociedades também atinge os artistas, que incorporam novas técnicas em suas obras ao mesmo tempo que buscam refletir sobre como somos afetados pelo mundo em transformação ao nosso redor. O artista britânico Steve Cutts (1995-) é conhecido por fazer críticas à sociedade capitalista e ao excesso de dependência da internet em nossos dias.

Revisando

1. Quais são as características da arte de nossos tempos?
2. O que é cultura visual?
3. As obras que não estão em museus e galerias podem ser consideradas arte?
4. Existem esculturas contemporâneas na sua cidade? O que elas representam? O que você acha delas?
5. O que diferencia o teatro de rua do teatro tradicional?
6. Assinale V para verdadeiro e F para falso.
 - Os museus e as galerias são os espaços privilegiados dos grafites, uma vez que estes substituíram os tradicionais quadros de óleo sobre tela.
 - Uma das características do grafite é que os artistas usam a própria cidade como suporte para criação de suas obras, interagindo com o meio urbano.
 - Sendo uma arte nova, não há diálogo entre o grafite realizado em nossos dias e as formas anteriores de arte.
 - O grafite tem grandes diálogos com formas de arte anteriores, uma vez que o costume de pintar paredes é antigo, ainda que haja novas técnicas e novas expressões em nossos dias.
7. De que forma o *rap* e o *slam* se relacionam?
8. É possível dizer que, em geral, o objetivo das artes indígenas da atualidade é preservar os costumes antigos, isolando os indígenas do mundo moderno?
9. O que é arte engajada?
10. Você acha que a internet está afetando a arte produzida hoje em dia? Explique sua resposta.

Exercícios propostos

1. **Enem** Quatro olhos, quatro mãos e duas cabeças formam a dupla de grafiteiros “Osgemeos”. Eles cresceram pintando muros do bairro Cambuci, em São Paulo, e agora têm suas obras expostas na conceituada Deitch Gallery, em Nova Iorque, prova de que o grafite feito no Brasil é apreciado por outras culturas. Muitos lugares abandonados e sem manutenção pelas prefeituras das cidades tornam-se mais agradáveis e humanos com os grafites pintados nos muros. Atualmente, instituições públicas educativas recorrem ao grafite como forma de expressão artística, o que propicia a inclusão social de adolescentes carentes, demonstrando que o grafite é considerado uma categoria de arte aceita e reconhecida pelo campo da cultura e pela sociedade local e internacional.

Disponível em: <http://www.flickr.com>. Acesso em: 10 set. 2008 (adaptado).

No processo social de reconhecimento de valores culturais, considera-se que

- a) grafite é o mesmo que pichação e suja a cidade, sendo diferente da obra dos artistas.
 - b) a população das grandes metrópoles depara-se com muitos problemas sociais, como os grafites e as pichações.
 - c) atualmente, a arte não pode ser usada para inclusão social, ao contrário do grafite.
 - d) os grafiteiros podem conseguir projeção internacional, demonstrando que a arte do grafite não tem fronteiras culturais.
 - e) lugares abandonados e sem manutenção tornam-se ainda mais desagradáveis com a aplicação do grafite.
2. **Enem PPL** O *rap* constitui-se em uma expressão artística por meio da qual os MCs relatam poeticamente a condição social em que vivem e retratam suas experiências cotidianas.

SOUZA, J.; FIALHO, V. M.; ARALDI, J. *Hip hop: da rua para a escola*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

O “relato poético” é uma característica fundamental desse gênero musical, em que o

- a) MC canta de forma melodiosa as letras, que retratam a complexa realidade em que se encontra.
- b) *rap* se limita a usar sons eletrônicos nas músicas, que seriam responsáveis por retratar a realidade da periferia.
- c) *rap* se caracteriza pela proximidade das notas na melodia, em que a letra é mais recitada do que cantada, como em uma poesia.
- d) MC canta enquanto outros músicos o acompanham com instrumentos, tais como o contrabaixo elétrico e o teclado.
- e) MC canta poemas amplamente conhecidos, fundamentando sua atuação na memorização de suas letras.

3. Enem 2018

Texto I



BRACCO, A; LOSCHI, M. Quando rotas se tornam arte. **Retratos:** a revista do IBGE. Rio de Janeiro, n. 3, set. 2017 (adaptado).

Texto II

Stephen Lund, artista canadense, morador em Victoria, capital da Colúmbia Britânica (Canadá), transformou-se em fenômeno mundial produzindo obras de arte virtuais pedalando sua *bike*. Seguindo rotas traçadas com o auxílio de um dispositivo de GPS, ele calcula ter percorrido mais de 10 mil quilômetros.

Disponível em: www.booooooom.com. Acesso em: 9 dez. 2017 (adaptado)

Os textos destacam a inovação artística proposta por Stephen Lund a partir do(a)

- a) deslocamento das tecnologias de suas funções habituais.
- b) perspectiva de funcionamento do dispositivo de GPS.
- c) ato de guiar sua bicicleta pelas ruas da cidade.
- d) análise dos problemas de mobilidade urbana.
- e) foco na promoção cultural da sua cidade.

Texto complementar

Arte nos dias atuais

Quem examinar com atenção as artes dos dias atuais será confrontado com uma desconcertante profusão de estilos, formas, plásticas e programas. De início, parece que, quanto mais olhamos, menos certeza podemos ter quanto àquilo [que], afinal, permita que as obras sejam qualificadas como “arte”, pelo menos de um ponto de vista tradicional. Por outro lado, não parece mais haver nenhum material particular que desfrute do privilégio de ser imediatamente reconhecível como material da arte. A arte recente tem utilizado não somente tinta, metal e pedra, mas também ar, luz, som, palavras, pessoas, comida e muitas outras coisas.

Hoje existem poucas técnicas e métodos de trabalho, se é que existem, que podem garantir ao objeto acabado a sua aceitação como arte. Inversamente, parece, com frequência, que pouco se pode fazer para impedir que mesmo o resultado das atividades mais mundanas seja erroneamente compreendido como arte. Embora a pintura possa continuar sendo importante para muitos, ao lado dos artistas tradicionais há aqueles que utilizam fotografia, vídeo, e outros que se engajam em atividades tão variadas como caminhadas, apertos de mão ou o cultivo de plantas.

ARCHER, Michael. *Arte contemporânea: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p. IX.

Resumindo

A arte de nossos tempos reflete os valores de nossa sociedade. Dessa forma, os artistas têm realizado grande esforço para democratizar a arte, utilizando espaços públicos para a criação e apresentação de suas obras, muitas vezes modificando a paisagem urbana.

Questões políticas, como identidade, etnia, preconceitos e conflitos sociais, também ganharam espaço na arte contemporânea, com artistas que buscam refletir tanto sobre a sociedade atual quanto sobre os próprios padrões da arte, de agora e do passado. As novas tecnologias abriram espaço para outras possibilidades do fazer artístico. Ao mesmo tempo, os artistas também questionam seus impactos na sociedade, muitas vezes tomando posições críticas.

Quer saber mais?



Livro

O que é arte contemporânea?, de Jacky Klein e Suzy Klein. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Com uma linguagem simples e clara, as autoras discutem os principais temas da arte contemporânea por meio da análise das obras de mais de 70 artistas de diferentes partes do planeta, com informações sobre cada um deles, indicando como os trabalhos foram feitos e esclarecendo o significado de termos importantes.



Exercícios complementares

1. Enem 2019



"Nossa cultura não cabe nos seus museus".

TOLENTINO, A. B. Patrimônio cultural e discursos museológicos. *Midas*, n. 6, 2016.

Produzida no Chile, no final da década de 1970, a imagem expressa um conflito entre culturas e sua presença em museus decorrente da

- valorização do mercado das obras de arte.
- definição dos critérios de criação de acervos.
- ampliação da rede de instituições de memória.
- burocratização do acesso dos espaços expositivos.
- fragmentação dos territórios das comunidades representadas.

2. UEPG-PR 2020 Gabriel o Pensador, músico, compositor e escritor, tem sua arte marcada pela crítica e criatividade na maneira de expressão sobre assuntos polêmicos como por exemplo a política, a economia, a educação entre outros. Ele se destaca, desde a década de 1990, como um dos mais populares músicos do Rap que, assim como a linguagem do grafite, está ligado à cultura Hip Hop. Sobre a cultura Hip Hop, assinale o que for correto.

- 01** O Rap é um gênero musical que mistura sons e poesia, palavras ritmadas em sons que dão pausas e marcas sonoras repetidas.
- 02** A cultura Hip Hop é um fenômeno tipicamente brasileiro com influências exclusivas da produção musical europeia e sem a interferência da cultura afrodescendente da Jamaica e dos Estados Unidos.

- 04** O *beatbox* termo que significa “caixa de batida” é utilizado para especificar uma técnica de percussão vocal da cultura Hip Hop, imitando os sons produzidos pelo DJ ou acrescentando outros sons.
- 08** As danças de movimento improvisados, como o *breakdance* e o *street dance*, fazem parte da cultura Hip Hop.

Soma:

3. Enem 2020 *Slam* do Corpo é um encontro pensado para surdos e ouvintes, existente desde 2014, em São Paulo. Uma iniciativa pioneira do grupo *Corposinalizante*, criado em 2008. (Antes de seguirmos, vale a explicação: o termo *slam* vem do inglês e significa – numa nova acepção para o verbo geralmente utilizado para dizer “bater com força” – a “poesia falada nos ritmos das palavras e da cidade”). Nos *saraus*, o primeiro objetivo foi o de botar os poemas em Libras na roda, colocar os surdos para circular e entender esse encontro entre a poesia e a língua de sinais, compreender o encontro dessas duas línguas. Poemas de autoria própria, três minutos, um microfone. Sem figurino, nem adereços, nem acompanhamento musical. O que vale é modular a voz e o corpo, um trabalho artesanal de tornar a palavra “visível”, numa arena cujo objetivo maior é o de emocionar a plateia, tirar o público da passividade, seja pelo humor, horror, caos, doçura e outras tantas sensações.

NOVELLI, G. Poesia incorporada. *Revista Continente*, n. 189, set. 2016 (adaptado).

Na prática artística mencionada no texto, o corpo assume papel de destaque ao articular diferentes linguagens com o intuito de

- imprimir ritmo e visibilidade à expressão poética.
- redefinir o espaço de circulação da poesia urbana.
- estimular produções autorais de usuários de Libras.
- traduzir expressões verbais para a língua de sinais.
- proporcionar performances estéticas de pessoas surdas.

Frente Única

Capítulo 1 – Múltiplas artes

Revisando

- Em geral, podemos considerar a Arte como um campo de manifestações desenvolvidas pelos seres humanos, ao longo dos tempos, que se relacionam com a estética e que fazem parte da cultura.
- V; V; F; F
- Porque constituem manifestações artísticas que mesclam linguagens, como é o caso do cinema, das artes circenses, de *performances* e instalações, entre outras.
- A
- Para Platão, o belo era uma verdade imutável, alcançada por uma experiência subjetiva. Já para Aristóteles, a beleza era algo objetivo e racional. Dessas ideias, surgiram os conceitos de belo clássico, com o ideal de harmonia, presente nas obras do Renascimento, por exemplo, e do belo romântico, subjetivo e condicionado ao seu período histórico.
- C
- Duchamp propôs uma mudança radical no entendimento da arte em geral.
- Algumas influências de Duchamp nas gerações seguintes foram: apropriação de objetos e ideias, formas de arte cada vez mais conceituais, com a apresentação de ideias críticas ao sistema da arte e à sociedade, uso de materiais, suportes, técnicas e espaços não convencionais, entre outras.
- As criações de Warhol estavam relacionadas a mídias e produtos voltados para as massas, como a publicidade, os noticiários e a reprodução de produtos comercializados em grande escala, entre outros.
- Sim, porque o artista fez uma travessia durante meses e conheceu novos lugares e pessoas com quem realizou trocas culturais, com base nas quais construiu sua poética.

Exercícios propostos

- Soma: $01 + 02 + 08 = 11$
- A
- D

Exercícios complementares

- A
- C
- B

Capítulo 2 – Arte da Pré-História

Revisando

- Fazem parte da Arte Pré-histórica artefatos de ossos, pinturas e gravuras rupestres e esculturas de pedras e metais, entre outros.
- Pinturas e gravuras pré-históricas de rituais e vestígios de instrumentos e máscaras.
- A prática de rituais.
- A preservação das cavernas originais.
- As imagens se tornaram mais esquemáticas e organizadas.

- O desenvolvimento da cerâmica, da tecelagem e de ferramentas de metal permitiu a criação de grandes monumentos, além do desenvolvimento de instrumentos musicais, entre outros.
- Grandes montes resultantes de descarte de alimentos e artefatos de povos indígenas sambaquieiros.
- C
- A
- Iphan significa Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Sua finalidade é preservar e promover o patrimônio arqueológico brasileiro.

Exercícios propostos

- E
- D
- C

Exercícios complementares

- C
- A
- A

BNCC em foco

- Resposta possível: Os sítios arqueológicos apresentam, além de formações naturais muitas vezes raras, pinturas rupestres e artefatos pré-históricos, que fazem parte do nosso patrimônio cultural. Mantê-los significa garantir registros históricos e culturais, e possibilitar novos estudos e descobertas sobre produções ainda não decifradas. A pichação sobre os paredões pode ser uma forma de expressar desprezo ou confrontar valores sociais.

Capítulo 3 – Arte na Antiguidade: Egito e Mesopotâmia

Revisando

- Grupos de pessoas formaram nomos próximos ao rio Nilo, os quais por sua vez formaram reinos do Alto e Baixo Egito, e, com sua unificação, a Dinastia faraônica.
- B
- Soma: $01 + 04 = 05$
- Homenagear o morto e lembrá-lo de sua vida terrena, para quando regressasse.
- Vale dos Reis é um complexo funerário situado em Luxor (antiga Tebas). Ele foi construído pelo Faraó Tutmés I, de modo sigiloso, a fim de evitar saques.
- Os rios possibilitavam a sobrevivência dos grupos humanos, que podiam pescar, usar a água para beber, criar animais, plantar, manter a higiene e transportar mercadorias, entre outros.
- Os mais conhecidos são os sumérios, os amoritas ou babilônios, os assírios e os caldeus.
- Os zigurates eram edificações com patamares sobrepostos, feitos de tijolo de barro, construídos para a adoração dos deuses.
- Adorar os deuses e glorificar suas vitórias, além da organização e manutenção da sociedade.
- Os povos egípcios desenvolviam manifestações relacionadas à vida eterna, enquanto os mesopotâmicos usavam a arte como meio simbólico para a manutenção da sociedade. Os egípcios construíram pirâmides de pedra, enquanto os mesopotâmicos construíram templos usando o barro.

Exercícios propostos

- C
- E
- A

Exercícios complementares

- A
- A escrita nas sociedades antigas era restrita a um grupo favorecido da sociedade e uma forma de controle e demonstração de conhecimento superior e de poder sobre as demais classes, como camponeses e escravos.
- A

Capítulo 4 – Antiguidade greco-romana e oriental

Revisando

- V; V; F; V
- Soma: $04 + 08 = 12$
- Porque havia um número menor de atores em relação às personagens em cena. Além disso, ela permitia uma identificação mais imediata do público em relação à personagem, ou ao sentimento representado, e potencializava a voz dos atores.
- Os gregos, assim como os egípcios e mesopotâmicos, construíram templos de adoração aos deuses, além de realizar pinturas e demais manifestações artísticas. Gregos e egípcios prezavam pela simetria. Os deuses e heróis da Grécia e da Mesopotâmia, diferentemente dos egípcios, não tinham características animais. Gregos e mesopotâmicos também não praticavam a arte mortuária como os egípcios, que acreditavam na vida após a morte.
- V; F; F; V
- No Período Clássico, a escultura grega buscava apresentar uma ideia, uma beleza idealizada; no Período Helenístico, a expressão de sentimentos. Já a escultura romana aproxima-se da arte retratística, em que é possível identificar a pessoa retratada.
- V; F; V; F; F
- O Império Romano adotou o politeísmo grego e o Império Bizantino adotou o cristianismo como religião, diferenciando o foco da arte deste. Deixou-se de se produzir estátuas ou templos em homenagem a deuses e passou-se a construir igrejas e basílicas cristãs, decoradas com afrescos, mosaicos coloridos e pinturas, em que os imperadores eram representados como santos, e os santos, como imperadores.
- Havia, na arte bizantina, na pintura e nos mosaicos, uma rigidez em sua produção. As personagens, os gestos, as ações e até as cores usadas eram convencionados e tinham significados próprios. As personagens eram representadas em outro plano, passando a impressão de superioridade, proteção e respeito. Na arquitetura, as construções religiosas eram monumentais e decoradas com afrescos, mosaicos e pinturas.
- A Muralha da China foi feita de tijolos e pedras compactadas, entre outros materiais. Os tijolos também eram comuns na Mesopotâmia, e, na Roma antiga, na Grécia e no Egito também eram usadas pedras. Os *Guerreiros de Xi'an* foram feitos de terracota, assim como diversos vasos gregos.

Exercícios propostos

1. B
2. Soma: $02 + 04 + 08 = 14$
3. Soma: $01 + 02 + 08 = 11$

Exercícios complementares

1. C
2. Soma: $01 + 08 + 16 = 27$
3. B

BNCC em foco

1. Resposta possível: Os romanos mesclaram figuras idealizadas de heróis e deuses gregos com traços de pessoas reconhecíveis, como os imperadores, sendo fundamentais na tradição da produção de retratos.
2. Resposta possível: Wes Anderson privilegia em seus planos o equilíbrio, a proporcionalidade e a simetria, conceitos constituídos na Grécia antiga.

Capítulo 5 – Arte na Idade Média

Revisando

1. A pintura românica tinha uma finalidade religiosa e didática e, assim como a arte egípcia, preocupava-se mais em ser entendida do que expressar o belo, como buscavam os gregos, ou retratar pessoas reconhecíveis, como fizeram os romanos.
2. Qualquer manifestação que não expressasse os valores da Igreja católica ou que fizesse críticas a ela.
3. Além do caráter didático-religioso, as artes eram usadas como modo de ostentação do poder e controle da Igreja.
4. Iluminuras, também chamadas de miniaturas, são grásmos ou desenhos de cenas que ilustram os manuscritos medievais, como os códices.
5. As oficinas artísticas promovidas por Carlos Magno no século VIII, que buscaram resgatar aspectos da arte greco-romana, foram cruciais para o desenvolvimento da arquitetura românica.
6. Porque não havia uma concepção de indivíduo, e tudo o que era produzido era considerado parte de algo maior, criado por Deus.
7. Os trovadores, em geral, eram pessoas da nobreza e compunham os poemas, as trovas e as canções, e também as declamavam; já os menestréis, em geral, eram pessoas de classes mais baixas que atuavam como intérpretes das canções e participavam de festivais em espaços públicos atuando, fazendo malabarismo, entre outras atrações.
8. Carola, *tripudium*, *estampie*, *saltarello*, *branle*, *tarantela*, dança macabra.
9. Porque a dança é a arte da expressividade corporal, o que era considerado impuro pela Igreja.
10. Porque isso facilitava o objetivo da maioria das peças, que era o de transmitir uma moral, um ensinamento.

Exercícios propostos

1. E 2. C
3. A verticalidade das igrejas góticas e a monumentalidade das catedrais criavam a sensação de superioridade sobre os fiéis. O efeito dos vitrais dava um caráter místico e contemplativo a elas. Além disso, as catedrais góticas, assim como as românicas, tinham a função pedagógica de ensinar os fiéis por meio de pinturas e esculturas, já que a grande maioria da população era analfabeta.

Exercícios complementares

1. Soma: $02 + 04 + 08 = 14$
2. D 3. D

Capítulo 6 – Renascimento na Europa e na América pré-colombiana

Revisando

1. Os principais polos produtores de arte no *Trecento* foram Florença e Veneza, e no *Cinquecento*, Roma.
2. Nas pinturas da Idade Média, o principal objetivo era representar narrativas bíblicas e sagradas, de modo didático, uma vez que a maioria da população era analfabeta. Não havia proporção entre as pessoas e as partes do corpo; assim, as figuras santas eram maiores que as humanas e as mãos também poderiam ser maiores para dar ênfase ao gesto da bênção. Já no Renascimento, os artistas voltaram a estudar o corpo humano e aprimoraram a pintura do corpo das pessoas, com o auxílio da Geometria Euclidiana, dando perspectiva e volume às imagens. Durante a maior parte da Idade Média, os artistas também não costumavam assinar suas obras, pois não havia essa noção de individualidade, e toda a produção artística era considerada de uma obra maior, divina.
3. B
4. Alguns importantes artistas da Alemanha, Áustria e Países Baixos tiveram contato com as ideias que se desenvolviam na Península Itálica e ficaram fascinados com elas, como a valorização do período greco-romano, o Humanismo, a valorização do racional e do indivíduo, a exploração da perspectiva geométrica, o estudo aprofundado do corpo humano e a busca do belo.
5. A referência ao universo lúdico, infantil, e a melancolia na expressão facial dos personagens.
6. F; V; F; V
7. Durante o Renascimento, foram criadas companhias e escolas de dança; os bailarinos puderam ser reconhecidos como profissionais; foi criado o primeiro sistema de notação coreográfica, que seria a base para a criação teórica da dança.
8. O estilo de coral polifônico.
9. F; V; F; V
10. Porque, apesar da violência e do extermínio de muitas populações indígenas, os sobreviventes realizaram trocas culturais com os colonizadores. Enquanto os indígenas assimilavam valores, crenças e preceitos europeus, os europeus aprendiam tecnologias e costumes indígenas que possibilitavam sobreviver em um ambiente tão diferente do qual estavam acostumados.

Exercícios propostos

1. C 2. C 3. C

Exercícios complementares

1. E
2. a) O Império Espanhol era marcado pelos valores absolutistas, sendo o rei Felipe II, que protagoniza a pintura, ungido pela aliança com a Igreja católica e encarado por ela como um aliado na expansão da fé cristã em escala internacional.
b) Pode-se afirmar que o Império Espanhol mantinha uma política expansionista marcada pela imposição da fé cristã e pelo domínio de novas terras. A pintura expressa o primeiro aspecto ao representar a unção de Felipe II após a vitória sobre o Império Turco, em 1571. Quanto ao segundo aspecto, ele pode ser caracterizado pela anexação do reino de Portugal após a morte de D. Sebastião e que deu início à chamada União Ibérica (1580-1640), garantindo à Espanha projeção mundial.

- c) O papel da religião cristã no processo de colonização da América pode ser lido em diferentes dimensões. Em primeiro, ela contribuiu para o entendimento do Novo Mundo como um lugar “edênico”, isto é, uma região que carecia de cristianização. Também pode-se afirmar que a religião alimentou intensos debates teóricos sobre a “natureza” dos indígenas. Por fim, a religião fundamentou a noção de “guerra justa”, que, apesar de ter origens na sociedade romana, sofreu inflexões a partir de Agostinho de Hipona (354-430), chegando a legitimar os decretos reais emitidos a partir de 1570 que justificavam a catequização e o extermínio dos indígenas resistentes a ela.

3. A

BNCC em foco

1. Alguns aspectos comuns a essas duas manifestações artísticas são o fazer artístico improvisado, o humor, a hibridização com a dança, a música e movimentos acrobáticos e, sobretudo, uma forma de arte mais livre em relação às tradições artísticas.
2. V; F; V; F; V

Capítulo 7 – Barroco e Rococó na Europa e no Brasil

Revisando

1. A *última ceia*, de Da Vinci, é representativa do Renascimento e apresenta seus paradigmas, como simetria, equilíbrio e alinhamento, cores mais claras, com menos contraste, valorização do personagem sagrado, que está ao centro de tudo e uso do *chiaroscuro* de modo suave. Já *A última ceia* de Tintoretto apresenta as características da pintura barroca na Itália, como alto contraste entre luz e sombra, cores vibrantes e gestos e expressões faciais expressivos criando efeitos dramáticos.
2. No desenho da planta, é possível notar algumas peculiaridades da arquitetura barroca aplicadas às igrejas, como: nave central oblonga, sem corredores, com o espaço destacado para o altar-mor, e, atrás deste, a abside arredondada, além das capelas individuais reservadas nas laterais.
3. D
4. Na obra *A leiteira*, podemos destacar dois pontos principais: trata-se de uma temática cotidiana e não religiosa, diferente da maioria das pinturas barrocas feitas na Península Itálica e na Espanha; e há a exploração das cores luminosas, característica de Vermeer.
5. No Barroco, houve o desenvolvimento da voz cantada, do *bel canto*, da ópera e da música de orquestra, sem vozes e com aprimoramento de instrumentos que transmitem afetividade, como o cravo e o alaúde.
6. Diferentemente dos personagens-tipo, executados por Molière e na *commedia dell'arte*, os personagens do teatro barroco são contraditórios e manifestam diversos aspectos de sua personalidade.
7. Não. Na Europa, o Rococó buscou temáticas não religiosas; no Brasil, ele se fundiu ao Barroco em relação à temática religiosa.
8. C
9. Soma: $02 + 04 + 08 + 16 = 30$
10. C

11. Exercícios propostos

1. E
2. Soma: $02 + 04 + 08 = 14$

Exercícios complementares

1. A pintura barroca apresenta um forte contraste entre luz e sombra e explora os movimentos dos personagens de modo expansivo e com expressões marcantes.
2. E
3. Soma: $01 + 02 + 08 = 11$
4. Soma: $01 + 02 + 04 + 16 = 23$

Capítulo 8 – Neoclassicismo na Europa e suas influências no Brasil

Revisando

1. Porque eles representavam a força da aristocracia e da Igreja católica, que estavam em um processo de derrocada no século XVIII.
2. Ressaltar ideais patrióticos e cívicos, por meio de uma estética que remetesse ao passado greco-romano e ao Renascimento italiano.
3. C 4. F; V; F; V
5. Franz Joseph Haydn, Ludwig van Beethoven e Wolfgang Amadeus Mozart.
6. As composições partiam de motivos desenvolvidos por meio de melodias e buscavam uma ordenação clara e previsível, equilibrando sentimentalismo e racionalismo.
7. No século XX.
8. A revalorização da poesia e o retorno da tragédia e da comédia, gêneros famosos na Antiguidade greco-romana.
9. A 10. F; V; V; F

Exercícios propostos

1. Soma: $01 + 04 + 08 + 16 = 29$
2. Soma: $01 + 02 + 04 + 16 = 23$
3. Soma: $01 + 16 = 17$

Exercícios complementares

1. Porque ele é carregado de uma simbologia iluminista, de valorização dos direitos humanos, da liberdade, da ciência, da arte, além da grandiosidade das construções, buscada por muitos governos.
2. Não. Uma possibilidade de resposta é considerar que, enquanto nas artes visuais e no teatro se desenvolviam o Neoclassicismo, a música e a dança viviam o processo do Classicismo.
3. Victor Meirelles escolheu um tema de interesse oficial tanto do governo quanto da Igreja católica, ao mostrar uma missa idealizada, realizada de forma pacífica, na qual os portugueses ocupam e dominam o território, como um mito de fundação da nação.

BNCC em foco

1. Na imagem, temos dois dançarinos em um movimento de desequilíbrio e o foco está no corpo deles, e não em suas vestimentas, aspectos que foram explorados no Neoclassicismo, já que no Classicismo prezava-se por equilíbrio, harmonia, delicadeza e primor das vestimentas.
2. Resposta possível: As academias de arte acabaram por impor os padrões europeus à arte brasileira, ainda tímida. Por outro lado, promoveram o ensino das artes e permitiram que

os artistas se profissionalizassem. Como país colonizado, ainda seguimos padrões europeus, mas infelizmente a difusão de academias não foi o suficiente para garantir a presença e a valorização das artes no Brasil como ocorre em outros países.

Capítulo 9 – Romantismo, Realismo, Impressionismo e Simbolismo

Revisando

1. Entre o final do século XVIII e o início do XIX, eclodiram revoluções na Europa, como a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, sinais de mudanças estruturais na sociedade como um todo. As colônias também lutavam para se tornar independentes.
2. Soma: $01 + 08 = 09$
3. Na primeira cena, que remete a um mundo real, os bailarinos estão vestidos como camponeses, e as saias das bailarinas são longas e floridas; na segunda cena, há um movimento etéreo que parece remeter a um mundo espiritual, cujos traços são característicos do balé romântico.
4. *Leitmotiv* são as progressões harmônicas e melódicas executadas especificamente para caracterizar personagens, lugares ou eventos em uma ópera ou filme.
5. B 6. F; F; V; V
7. A fotografia permitiu que os artistas fizessem estudos e experimentos relacionados à luz e às proporções, entre outros.
8. F; V; V; F
9. Florence buscava um método de fazer impressões em grandes quantidades.
10. No Brasil, desde a chegada da Missão Artística Francesa, seguida da vinda de diversos artistas, a arte seguiu padrões acadêmicos rígidos que, em geral, mesclavam os princípios neoclássicos com traços românticos e realistas, e que, aos poucos, foram sofrendo alterações, pendendo também para o Impressionismo e Simbolismo.

Exercícios propostos

1. Soma: $01 + 02 + 04 = 07$
2. E
3. Soma: $01 + 04 + 08 + 16 = 29$

Exercícios complementares

1. A pintura se aproxima do movimento Impressionista. É possível notar pelas pinceladas curtas e rápidas e pela iluminação peculiar que se reflete nos tons mais claros da tela.
2. B
3. Na pintura *Mulher tapuia*, de Eckhout, temos a representação de uma indígena selvagem. Sua nudez a distancia da civilização europeia, e os pedaços humanos em sua tapuia e em sua mão denotam canibalismo. Já na pintura *O último tamoio*, de Amoedo, temos uma cena romantizada de um indígena puro e fragilizado auxiliado por um jesuíta.

Capítulo 10 – Modernismo e vanguardas europeias

Revisando

1. Sim. À medida que os artistas tinham acesso a novas correntes e novos pensamentos, era comum que fossem influenciados e incorporassem novos estilos artísticos.

2. Podemos relacionar o Impressionismo, o Pós-Impressionismo e a *art nouveau* com a *belle époque*, pois são movimentos ligados à prosperidade e às inovações culturais e tecnológicas da época.
3. São correntes ou estilos artísticos que fizeram parte do Modernismo.
4. A Casa Batlló, de Antoni Gaudí, é um exemplo do Modernismo ou, mais especificamente, *art nouveau*.
5. C
6. As pinturas abstratas não apresentam figuras, narrativas ou cenas. Elas são compostas de linhas, texturas, cores e formas que constituem o todo da obra.
7. A princípio, tratou-se de um nome pejorativo, já que os fauvistas usavam tons intensos, sem gradação nas cores e com contornos sinuosos.
8. Romper com os padrões e o rigor técnico acadêmicos, criando diálogos mais vivos com o cotidiano.
9. Rudolf Laban foi um dos maiores teóricos da dança no século XX, criando métodos e estudos sobre o movimento dançado utilizados até hoje. Isadora Duncan criou uma linguagem própria na dança, propondo mais liberdade e autenticidade em seus movimentos.
10. F; V; V; F

Exercícios propostos

1. B
2. D
3. Soma: $02 + 08 + 16 = 26$

Exercícios complementares

1. A 2. C
3. Soma: $01 + 02 + 04 + 08 = 15$

BNCC em foco

- a) Resposta possível: Durante o século XX, os meios de comunicação e transporte já estavam bem desenvolvidos, o que possibilitou a formação de grupos artísticos diversos.
- b) Resposta possível: Em geral, as vanguardas se relacionavam às duas guerras mundiais.

Capítulo 11 – Arte africana e afro-brasileira

Revisando

1. "Arte africana" é uma expressão criada pelos europeus para designar objetos de cultura material das muitas sociedades africanas. Muitos desses objetos foram levados para a Europa depois da partilha da África.
2. F; F; V; F
3. A partilha da África, no final do século XIX, dividiu o continente entre possessões das potências europeias de então. Nessa época, conhecer o continente, estudar as culturas dos povos dominados e divulgá-las na Europa era um meio de mostrar capacidade de colonização efetiva dos territórios em disputa.
4. C
5. Cosmologia é o modo como as sociedades explicam a existência e o sentido do mundo e das pessoas por meio de narrativas míticas. Os objetos de arte africana registram por meio de formas visuais as cosmologias nas quais foram feitos.
6. A



- São artes criadas por artistas africanos, articuladas não apenas em função de suas culturas endógenas, mas, muitas vezes, em sistemas nacionais. Elas incorporam técnicas e linguagens ocidentais para produzir novos significados.
- A espiritualidade na arte africana não se encontra representada, mas materializada durante o processo de fabricação dos objetos. Os *minkisi* da cultura kongo são pontos focais dos espíritos invocados e se sacralizam por meio da inserção do *bilongo* pelo *nganga*.
- Primitivismo foi o interesse estético de artistas europeus pela produção artística de países colonizados. Eles reconheciam a sofisticação formal de obras africanas, adotando soluções estéticas inspiradas nelas, mas, ao mesmo tempo, ainda viam essa produção como “primitiva”, de um ponto de vista idealista e generalizador.
- Os artistas afro-brasileiros, a partir do século XX, criaram uma arte negra diferente da arte sagrada das cosmologias afro-brasileiras – sem deixar de dialogar com essas culturas. Portanto, apropriaram-se de símbolos sagrados e os recriaram com intensa liberdade.

Exercícios propostos

- A
- A
- B

Exercícios complementares

- Soma: $02 + 08 + 16 = 26$
- A
- B

Capítulo 12 – Indústria cultural e pop art

Revisando

- A expressão “indústria cultural” é um conceito que mostra a transformação de obras em produtos comerciais padronizados.
- Não tinham a mesma opinião. Dentre os filósofos, vamos citar três: Adorno e Horkheimer, que acreditavam que a fusão entre arte e indústria seria um processo de empobrecimento estético, e Benjamin, que acreditava que essa nova arte poderia exercer uma função política importante para a sociedade.
- O cinema foi um importante difusor de ideais, entre eles o de uma prosperidade econômica e social estadunidense, correspondente ao *american dream*.
- Os artistas passaram a gravar suas músicas em estúdios; assim, não era mais necessária a presença dos artistas diante do público. As músicas passaram a ser consumidas em qualquer ambiente.
- Jazz, country e blues*.
- Foi um dos primeiros cineastas estadunidenses. Ele dirigiu o curta *In Old California* (1910) e o longa-metragem *O nascimento de uma nação* (1915).
- Um de seus filmes mais conhecidos é *O Encouraçado Potemkin*, de 1925.
- Leni Riefenstahl é uma notável cineasta alemã; no entanto, por ter feito filmes para o partido nazista, foi banida da indústria cinematográfica.
- D
- Soma: $01 + 02 + 08 + 16 = 27$

Exercícios propostos

- Soma: $01 + 02 + 08 = 11$
- E
- Soma: $01 + 02 + 04 + 08 = 15$

Exercícios complementares

- D
- Soma: $01 + 02 + 04 + 08 = 15$

3. B

BNCC em foco

- A *pop art* faz uma crítica ao sistema de utilizando de seus próprios meios. Dessa forma, a apresentação de figuras famosas, por exemplo, pode parecer apenas uma apologia a elas e não uma crítica estrutural.
- O conceito de indústria cultural criado por Theodor Adorno e Max Horkheimer se refere à uma produção artística voltada para o consumo em massa, visando ao lucro. Nesse sentido, a Disney é um símbolo desse tipo de produção cultural. Andy Warhol se apropria desse produto para fazer sua obra, promovendo uma reflexão sobre arte e mercado.

Capítulo 13 – Modernismo, contracultura e festivais no Brasil e na América Latina

Revisando

- Algumas mudanças incluem crescimento das cidades, industrialização e incorporação de novas tecnologias no cotidiano das pessoas. Houve mudanças também no comportamento das mulheres, com a adoção de cabelos curtos e roupas que permitiam maior liberdade de movimentos.
- Muitos conservadores, como Monteiro Lobato, criticaram as obras modernistas, pois desafiavam as noções tradicionais da arte. Também houve entusiasmo por parte de setores mais progressistas da sociedade.
- B
- O objetivo da Antropofagia ou Movimento Antropofágico era absorver influências culturais estrangeiras, incorporando-as para criar uma nova arte, genuinamente brasileira, que fosse ao mesmo tempo nacional e moderna.
- A contracultura diz respeito a movimentos culturais que se posicionam como antissistema, em confronto com os valores vigentes, sejam eles econômicos, sociais ou políticos.
- No Brasil, a contracultura esteve muito associada à contestação dos valores políticos da época, uma vez que o Brasil vivia uma ditadura civil-militar, com censura dos discursos considerados inadequados, incluindo muitas obras de arte.
- C
- D
- Os festivais foram usados como palco não só para o público expressar suas preferências pelos artistas, mas também como manifestação de protesto contra o regime civil-militar. Além disso, os festivais revelaram alguns dos principais músicos brasileiros da época.
- Assim como o Tropicalismo, o Cinema Novo buscava construir uma cultura genuinamente brasileira. O Cinema Novo também abordou questões políticas e sociais, entrando em confronto com a censura da ditadura civil-militar.

Exercícios propostos

- A
- A

Exercícios complementares

- Soma: $01 + 04 = 05$
- B
- D

Capítulo 14 – Novas artes

Revisando

- Expressionismo abstrato, instalações, intervenções artísticas, *performances*, *happening*, *land art*, arte conceitual e fotografia experimental.
- B

- São manifestações artísticas que podem fazer uso de muitos meios e normalmente colocam questões relacionadas ao corpo como um elemento central.
- Resposta pessoal.
- Apropriar-se de elementos do cotidiano para fazer arte, defendendo que qualquer iniciativa pode ser considerada arte e qualquer pessoa pode ser artista.
- A arte conceitual apresenta obras nas quais os conceitos e as ideias são mais importantes do que a técnica ou a materialidade da obra.
- O diálogo com outras artes, a realização de movimentos abruptos e não graciosos, e a autonomia da dança, deixando de ser subordinada à música ou à narrativa.
- V; F; V; F
- A fotografia experimental centra-se na experimentação do artista e nos procedimentos utilizados, enquanto a fotografia tradicional está mais ligada ao registro da realidade.
- Resposta pessoal.

Exercícios propostos

- Soma: $01 + 02 + 04 + 08 = 15$
- A
- A

Exercícios complementares

- Resposta possível: Linguagem em três dimensões, base geométrica, escultura feita de aço, técnica de corte e dobra para tornar a escultura tridimensional.
- D
- A

BNCC em foco

- Uma das principais características da arte contemporânea é se relacionar com o cotidiano das pessoas, promovendo ações coletivas e interativas.

Capítulo 15 – Arte em nossos tempos

Revisando

- Algumas das características são democratização da arte, utilização de novas tecnologias e uso de espaços públicos.
- É o campo de estudo que aborda o papel das imagens em determinada cultura.
- Sim; é comum que a arte contemporânea se volte para espaços públicos, como as ruas.
- Resposta pessoal.
- O teatro de rua é marcado pela utilização de pouco ou nenhum elemento cênico.
- F; V; F; V
- Ambos se aproximam da poesia e tratam de problemas sociais.
- Resposta pessoal. A arte indígena contemporânea no Brasil é marcada pelo diálogo com a modernidade, não pelo isolamento dos povos nativos.
- Arte engajada não é uma vertente, mas uma tendência da arte contemporânea, com ênfase em um ativismo que aponta para alguma causa política ou social.
- Resposta pessoal. A internet afeta a arte produzida de muitas maneiras. Enquanto alguns artistas se apropriam das novas técnicas para aproximar-se do público, outros destacam os impactos negativos da internet na sociedade contemporânea.

Exercícios propostos

- D
- C
- A

Exercícios complementares

- B
- Soma: $01 + 04 + 08 = 13$
- A

